

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Edilma de Paula Carrijo Oliveira

**“COMO OVELHAS QUE NÃO TÊM PASTOR”**  
O OLHAR DA SOCIOLOGIA PARA A SOLIDÃO DO  
LÍDER ECLESIAÍSTICO

Dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pela  
Professora Doutora Paula Abreu e apresentada à Faculdade de  
Economia da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020



FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE  
**COIMBRA**

Edilma da Paula Carrijo Oliveira

**“Como Ovelhas que não têm Pastor”**  
O olhar da Sociologia para a solidão do líder  
eclesiástico

Dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pela  
Professora Doutora Paula Abreu e apresentada à Faculdade de Economia  
da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, “*Seu Jales*”, como era conhecido. De hábitos simples, porém honrado e muito dedicado à família e ao trabalho. A leitura era uma companheira de todos os dias. E nunca mediu esforços e nem recursos para nos oferecer boa educação e instrução. Este trabalho é fruto do seu esforço. Infelizmente não viveu tempo suficiente para vê-lo concluído. Mas o meu coração será eternamente grato por sua vida! Muito obrigado, pai, por ter acreditado na minha loucura de atravessar o atlântico para realizar um sonho. Te amo!

## AGRADECIMENTOS

“Há um tempo certo para cada coisa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: tempo para plantar e tempo para colher”. (Eclesiastes 3:1; 2b)

Esse é o tempo de colher o que eu plantei, de celebrar a conclusão deste trabalho. Agradeço primeiramente à Deus, Autor e Consumador da minha fé. Sem Ele tudo isso seria “apenas vaidade e correr atrás do vento”.

Em segundo, agradeço aos pastores e à pastora, que emprestaram as suas vozes e suas histórias para dar forma a esta pesquisa. Meu respeito e admiração pela dedicação e sentido de missão divina. Este trabalho é, também, por e para vocês.

Agradeço à Professora Doutora Paula Abreu, que orientou esta dissertação com muito carinho, dedicação, disponibilidade e generosidade. Nossas conversas foram tão intensas, que acabei por perceber que eu não tinha “noção” do que é a Sociologia. Descobrir a Sociologia com a Doutora foi e tem sido a melhor das experiências acadêmicas que eu poderia desejar. Como tenho aprendido! Minha eterna gratidão, respeito e admiração, Doutora!

Agradeço à minha mãe, pela vida, pelo exemplo e por escolher viver, à despeito da dor pela perda de seu companheiro de jornada. Foram 54 anos de cumplicidade e companheirismo. Não tem sido fácil! Nem sou capaz de dimensionar. És uma mulher incrível! Aos meus irmãos, cunhadas e cunhado, muito obrigado pelo apoio incondicional.

Aos amigos e amigas que tenho pelo Brasil, e no “além-mar”, muito obrigado, pelas palavras de encorajamento, de ânimo, pelas orações e por tantas demonstrações de amor e carinho. Não vou arriscar em citar nomes. Os versos da canção “*Trem-bala*” falam por mim.

*“Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si  
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti  
(...)  
É saber sonhar*

*E então fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar  
Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu  
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu  
É sobre ser abrigo e também morada em outros corações  
E assim ter amigos contigo em todas as situações  
A gente não pode ter tudo  
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?  
Por isso, eu prefiro sorrisos  
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim  
Não é sobre tudo que o dinheiro é capaz de comprar  
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar  
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais  
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás  
Segura teu filho no colo  
Sorria e abrace seus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem-bala, parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir”*

*(Trem-bala, Canção de Ana Vilela e Luan Santana).*

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e investimento do meu esposo, Wilmar Júnior, que decidiu abrir mão de estar comigo e com as nossas filhas para que o meu sonho se tornasse realidade. Pagamos o preço do distanciamento físico, mas nossa cumplicidade e amor foram, e são, a base desta conquista. Obrigado, por me amar tanto assim! Deixo registrado aqui a minha eterna gratidão. Ter a companhia das nossas filhas tornou a jornada mais leve.

Uma palavra especial para as minhas filhas, Júlia e Clara: eu escolhi romper com uma tradição familiar em que as mulheres eram impedidas de estudar e decidi escrever um novo tempo na minha geração. Faço o que faço, também, por e para vocês. Convido-as para o desafio de ir mais além do que ainda pretendo chegar. Amo vocês.

## RESUMO

A pesquisa que dá origem a esta dissertação pretende ser um contributo para a discussão sobre a produção de cuidado aos pastores em situação de crise. Em específico, procura-se refletir sobre a forma como se articulam a vocação e a função pastoral no atual contexto de mudanças no campo religioso e organizacional no Brasil, a partir das influências do neopentecostalismo e suas possíveis interferências na identidade do pastor protestante. O processo de secularização promoveu a desvinculação religiosa e o crescimento do individualismo, com um ascendente trânsito religioso dentro do próprio cristianismo protestante. Como reflexo da contemporaneidade, e por influência das disputas por “almas” dentro do cenário dos novos movimentos religiosos e, em especial, do crescimento do pluralismo religioso no Brasil, potenciou-se uma tensão no exercício da função pastoral, nomeadamente dos herdeiros da reforma protestante.

Para efeito de discussão, o texto considera que o neopentecostalismo e os novos movimentos religiosos trouxeram novos desafios para o exercício do pastorado e o dilema da confrontação entre teoria e prática, perguntando-se, então, quais são os impactos dos modos de organização das igrejas no exercício do pastorado. A formação rápida e acelerada dos novos pastores e o crescente investimento no evangelismo eletrônico como estratégia expansionista, a redefinição das fronteiras de atuação dos pastores através da introdução de novas atribuições e a sobreposição de funções, estando estes inseridos numa estrutura funcional que implica certo isolamento, além do controle disciplinar exercido por parte dos membros das comunidades, criam condições para uma crise de identidade àqueles que se reconhecem vocacionados ao chamado pastoral.

O cenário atual traz relatos de casos de suicídios de pastores, além do número crescente de pastores que são diagnosticados com depressão e *Síndrome de Burnout*. Encontrando-se em crise, com quem esses pastores podem efetivamente contar como rede de apoio? Quais mecanismos de suporte são disponibilizados a eles? O presente trabalho procura refletir sobre este fenômeno, num diálogo interdisciplinar entre a Sociologia, a Psicologia e a Teologia Pastoral, com base em entrevistas semiestruturadas a pastores nas cidades do Rio de Janeiro e Goiânia, cidades estas que foram berço das principais igrejas neopentecostais da atualidade.

A investigação permitiu revelar alguns esforços em andamento, mostrando relações de cuidado por parte de igrejas e organizações inderdenominacionais na promoção de cuidado e apoio, mas que há ainda um longo caminho a se percorrer no sentido de construir modelos de cuidado e apoio aos líderes religiosos que lhe ofereçam um potencial emancipatório para todos os intervenientes nas relações entre pastores-comunidades-Estado.

**Palavras-chave:** Neopentecostalismo; Identidade; *Síndrome de Burnout*, Suicídio.

## ABSTRACT

The research that inspires this dissertation intends to be a contribution to the discussion about the production of care for pastors in crisis situations. In particular, it seeks to reflect on the way in which the vocation and the pastoral function are articulated in the current context of changes in the religious and organizational field in Brazil, based on the influences of neopentecostalism and its possible interference in the identity of the protestant pastor. The secularization process promoted religious untying and the growth of individualism, with an increasing religious traffic influence inside the protestant christianity itself. As a reflection of contemporaneity, and due to the influence of the disputes for “souls” within the new religious movements scene and, in particular, the growth of religious pluralism in Brazil, a tension was increased in the exercise of the pastoral function, namely of the heirs of the protestant reform.

For the purposes of discussion, this dissertation considers that neopentecostalism and the new religious movements brought new challenges to the exercise of the pastorate and the dilemma of the confrontation between theory and practice, wondering, then, what are the impacts of the ways of organization of the churches in the exercise of the pastorate. The fast and accelerated training of the new pastors and the growing investment in electronic evangelism as an expansionist strategy, the redefinition of the atuation boundaries of the pastors through the introduction of new assignments and the overlapping of functions, these being inserted in a functional structure that implies a certain isolation, in addition to the disciplinary control exerted by the members of the communities, create conditions for an identity crisis for those who recognize themselves as dedicated to the pastoral call.

The current scenario brings case reports of suicide by pastors, in addition to the growing number of pastors who are diagnosed with depression and Burnout Syndrome. Finding themselves in crisis, who can these pastors effectively count on as a support network? What support mechanisms are available to them? The present work sought to reflect on this phenomenon, in an interdisciplinary dialogue between Sociology, Psychology and Pastoral Theology, based on semi-structured interviews with pastors in the cities of Rio de Janeiro and Goiânia, cities that were the birthplace of the main neo-Pentecostal churches of the actuality.

The investigation allowed to reveal some ongoing efforts, showing relations of care by the churches and interdenominational organizations in the promotion of care and support, but that there is still a long way to go in order to build models of care and support for religious leaders that offer an emancipatory potential for all those involved in the relationship between pastors-communities-state.

**Keywords:** Neopentecostalism; Identity; *Burnout Syndrome*; suicide.

## LISTA DE SIGLAS

ADVEC - Assembleia de Deus Vitória em Cristo

ASTE- Associativismo e Sindicalismo dos/as Trabalhadores em Educação

CBB - Convenção Batista Brasileira

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CID - Classificação Internacional de Doenças

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID-19 - Coronavírus 19

FECOMERCIO - Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHU - Instituto Humanitas Unisinos

INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social

ISER - Instituto de Estudos da Religião

ISMA - *International Stress Management Association*

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

NMR - Novos Movimentos Religiosos

NVI - Nova Versão Internacional

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial da Saúde

OPBB - Ordem dos Pastores Batistas do Brasil

PIB - Primeira Igreja Batista

PIB - Produto Interno Bruto

PL - Projeto de Lei

PR1 - Pastor Entrevistado nº 1

PR2 - Pastor Entrevistado nº 2

PR3 - Pastor Entrevistado nº 3

PR4 - Pastor Entrevistado nº 4

PUC - Pontifícia Universidade Católica

REVER - Revista de Estudos da Religião

SEPAL - Servindo Pastores e Líderes

SUS - Sistema Único de Saúde

TCE - Trauma crânio-encefálico

TOPIC - *Trainers of Pastors International Coalition*

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP - Universidade de São Paulo

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Números absolutos do panorama religioso do Brasil, 2010.....	57
Tabela 2 - Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões,.....	58
Tabela 3 - Dados da população evangélica desde 1890.....	60
Tabela 4 - Desempenho religioso das igrejas evangélicas entre 2000 e 2010.....	61
Tabela 5 - Caracterização geral da amostra .....	89

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual da população residente, por grupos de religião ..... 54

Gráfico 2 - Percentual da população residente, segundo os grupos de religião ..... 55

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – OS MODELOS DE COMUNIDADES</b> .....	<b>35</b>
1.1 – Breve histórico do surgimento do protestantismo no Brasil.....	37
1.2 – As Igrejas Tradicionais.....	40
1.3 - Igrejas Mercantilizadas e Mdiatizadas.....	44
1.4 – Censo Demográfico e as mudanças no campo .....	51
<b>CAPÍTULO 2 – A FUNÇÃO PASTORAL</b> .....	<b>63</b>
2.1 – Vocação, Profissão e Cuidado .....	64
2.2 – As especificidades da Função Pastoral .....	73
2.2.1 – Enquanto doutor-teólogo: um agente religioso .....	74
2.2.2 – Enquanto gestor: um empregado denominacional .....	77
2.2.3 – Enquanto cuidador: um pastor-coach.....	79
2.3 – A Identidade do Pastor Batista .....	82
<b>CAPÍTULO 3 – O PASTOR BATISTA E A CONTEMPORANEIDADE: TEMOS UMA SOCIOLOGIA PASTORAL?</b> .....	<b>85</b>
3.1 – As histórias de cada um: percurso religioso e motivações.....	90
3.2 – A relação com a comunidade.....	94
3.3 – Os desafios e dificuldades no ministério pastoral .....	100
3.4 – Aspectos Psicológicos: temos uma crise de identidade?.....	110
3.5 – Diálogo entre a Teologia Pastoral e a Sociologia .....	116
<b>CAPÍTULO 4 – MECANISMOS DE SUPORTE E CUIDADO AO PASTOR EM CRISE</b> .....	<b>119</b>
4.1 – Evidências da necessidade de cuidados aos pastores e pastoras .....	119
4.2 – A Teoria das Redes .....	124
4.3 – Mecanismos de suporte e apoio individual e coletivo: o que temos? O que falta? .....	135
4.4 – A Sociologia Pastoral como uma mais-valia.....	155
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>170</b>
<b>APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA</b> .....	<b>188</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO</b> .....	<b>191</b>
<b>APÊNDICE C - ANÁLISE DE PERFIL – PR1</b> .....	<b>192</b>

<b>APÊNDICE D – ANÁLISE DE PERFIL – PR2.....</b>	<b>198</b>
<b>APÊNDICE E – ANÁLISE DE PERFIL – PR3 .....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICE F – ANÁLISE DE PERFIL – PR4 .....</b>	<b>211</b>

## **INTRODUÇÃO**

“Todo sumo-sacerdote é escolhido dentre os homens e designado para representá-los em questões relacionadas com Deus e apresentar ofertas e sacrifícios pelos pecados. Ele é capaz de se compadecer dos que não têm conhecimento e se desviam, visto que ele próprio está sujeito à fraqueza. Por isso ele precisa oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, bem como pelos pecados do povo. Ninguém toma essa honra para si mesmo, mas deve ser chamado por Deus, como de fato o foi Arão”. (Bíblia Sagrada, Hebreus, 5.1-4, NVI).

A questão do cuidado aos pastores tem sido objeto de estudos recentes. Como cuidadores vocacionados, muitas vezes são vistos como semideuses, incansáveis e sempre disponíveis para apresentar ofertas e sacrifícios pelos pecados dos outros perante Deus. Sendo uma teóloga por formação e cuidadora por vocação, tive a oportunidade de cuidar de pessoas em uma instituição religiosa e ser também cuidada por uma pastora. Esta experiência intermédia entre o cuidar e o ser cuidada proporcionou experiências tanto de prazer como de sofrimento. Como o pastor-cuidador lida com sua própria condição de ovelha, “visto que ele próprio está sujeito à fraqueza”?

Pode o pastor de ovelhas ser ele próprio uma ovelha sem pastor? Como é possível promover cuidado e apoio às pessoas se o pastor está doente e precisando de cuidados? Que tipos de tensões ele enfrenta no ministério do cuidado? Como pode ele se manter fiel à vocação e firme no ministério pastoral sem negligenciar os cuidados de si mesmo? Com quem esses pastores podem efetivamente contar como rede de apoio em situações de crise? Esta pesquisa surgiu a partir desses questionamentos e como reflexão da minha própria condição de cuidadora vocacionada.

## **QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Há muito que se houve dizer que a depressão é a doença do século. Sua relação com o suicídio é muito estreita e há uma grande quantidade de material bibliográfico que aponta vários dos sintomas da depressão e sua vinculação ao desfecho suicida. Na Psicologia já é reconhecido se tratar de um grave problema de saúde pública e isso vem sendo silenciado, e ignorado, pela sociedade ao longo dos anos.

Em um artigo publicado pela Revista Brasileira de Psicologia Hospitalar em 2011, Fabiana Barbosa, Paula Macedo e Rosa Maria da Silveira divulgaram dados alarmantes sobre esta doença e sua relação com o suicídio. O artigo diz que,

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que em 2020, aproximadamente 1,53 milhão de pessoas no mundo morrerão por suicídio. Um número dez a vinte vezes maior de pessoas tentará suicídio. Isso representa um caso de morte por suicídio a cada 20 segundos e uma tentativa de suicídio a cada 1 a 2 segundos (BARBOSA, MACEDO, SILVEIRA, 2011: 238).

Na continuidade da exposição dos dados sobre o suicídio, as autoras fazem um alerta sobre o aumento dos casos, destacando que “a mortalidade em termos globais por suicídio aumentou em 60% nos últimos 45 anos, especialmente entre adultos jovens. Hoje o suicídio já ocupa a terceira causa de morte entre pessoas de 15 a 44 anos” (Barbosa, Macedo, Silveira, 2011: 238).

Mesmo com estatísticas tão altas, reconhecemos que estes dados podem não contemplar toda a realidade, uma vez que muitos países não divulgam suas estatísticas de morte por suicídio. E há aqueles países em que o controle e registro de mortes por suicídio são confundidos ou “mascarados” com outros índices, o que prejudica sua veracidade. E, para além desses fatores, deve-se considerar que esses dados já estão desfasados se considerarmos a questão temporal.

Ao olharmos mais atentamente para o cenário atual, onde as novas demandas que a pós modernidade tem imposto aos indivíduos nas suas relações com as pessoas e com as instituições, com a invasão das tecnologias nas casas e nos ambientes de trabalho, vamos encontrar pessoas isoladas em meio às grandes multidões. Pessoas que seguem suas rotinas numa dinâmica mecanizada. É o que Georg Simmel chama de indivíduo *blasé*, e Helena Vilaça define como “um indivíduo exausto que só sobrevive se for suficientemente indiferente à multiplicidade de estímulos que recebe” (Simmel, 1971a, *apud* Vilaça, 2017:15). Jovens, adultos e até mesmo crianças já seguem nessa dinâmica e estão dominados pelos jogos eletrônicos e pelas redes sociais, e tudo isso disponível em pequenos aparelhos de telemóvel.

A revolução tecnológica trouxe grandes avanços em várias áreas. Por outro lado, trouxe um mundo particular, sombrio, onde muitos se escondem e se fecham para não ter

que se relacionar com outras pessoas. Aqui o conceito durkheimiano de anomia<sup>1</sup> se torna relevante se considerarmos o modo de vida urbano contemporâneo, especialmente quando olhamos para as cidades modernas e percebemos a desvinculação social nas relações quotidianas. Pessoas cada vez mais isoladas em seus mundos particulares, vivendo seus desafios, frustrações e angústias solitários, disfarçando suas dores através de fantasias criadas com personagens nos *chats* de jogos, de relacionamentos e criando e imaginando mundos perfeitos no ambiente virtual.

### **Colocando o Problema**

Considerando este prognóstico, e sabendo que a depressão é uma doença que age muitas vezes no silencioso, misturada com sensações de cansaço, fadiga, alterações de humor repentino, isolamentos, dentre outros, há de se reconhecer a necessidade de olhar para o indivíduo, para os profissionais, para os estudantes e perceber que há um clamor que não tem encontrado eco nesta sociedade fluída e tecnológica (Bauman, 2007)<sup>2</sup>. Ao trazer este olhar para grupos mais específicos de profissionais, deparamo-nos com quadros bem preocupantes. É o caso de pastores e líderes eclesiais.

Foi feito um estudo entre janeiro de 2015 e julho de 2016, envolvendo 8.150 participantes que trabalhavam como pastores seniores em tempo integral ou como pastores, como um associado, em instituições religiosas protestantes. O estudo foi

---

<sup>1</sup> O conceito de anomia foi desenvolvido por Émile Durkheim em suas obras *“Da divisão do trabalho social”* (1893) e *“Suicídio”* (1897), e posteriormente na obra *“A Educação Moral”* (1902). O conceito de anomia é reconhecido pela Sociologia como um comportamento social de enfraquecimento dos vínculos sociais pelo indivíduo e consequente perda da capacidade de se relacionar e criar vínculos, seja com outras pessoas ou mesmo com as instituições. Em contextos em que as transformações sociais acontecem de forma mais acelerada, pode promover perda da fé e das tradições que regiam determinada sociedade. Isso pode levar o indivíduo a uma desvinculação total àquilo que antes lhe servia de referência e, em casos mais extremos, pode levá-lo ao comportamento suicida. É como se a anomia fosse considerada uma característica comum das sociedades modernas. Rubem Alves, numa reflexão sobre o protestantismo enquanto responsável por “fenômenos monstruosos dos tempos modernos”, na sua obra *Dogmatismo e Tolerância* (1982), reforça esta compreensão do conceito de anomia ao dizer que enquanto responsável pela secularização do mundo, não sendo mais o mundo construído sobre o sagrado, tudo então torna-se apenas matéria-prima para a atividade humana, útil apenas para um fim específico. Afirma que “o mundo não se constrói sobre o sagrado. Ele é fruto do utilitarismo. E com o utilitarismo surge a possibilidade permanente da anomia. E isto porque num mundo em que todas as coisas são medidas em termos de utilidade, o próprio homem se sente sempre na iminência de perder-se, com a perda de sua utilidade” (Alves, 1982:86-87).

<sup>2</sup> O livro *Tempos Líquidos*, de Zygmunt Bauman (2007), tem como tema principal a insegurança que as grandes metrópolis globalizadas costuma provocar nos indivíduos, transformando o cenário num verdadeiro campo de batalha, onde poderes globais se chocam com identidades locais. Esta batalha promove uma eclosão de violência e insegurança.

realizado pelo Instituto Schaeffer<sup>3</sup> (2016) e teve um olhar centrado para ministros ordenados que se consideravam evangélicos ou reformados. Os participantes foram selecionados de forma aleatória e a pesquisa trouxe dados importantes sobre a realidade deste grupo.

Segundo a pesquisa, 52% dos pastores entrevistados sentem que estão sobrecarregados de trabalho e não conseguem satisfazer às expectativas irreais da sua igreja; 58% dos pastores sentem que não tem bons amigos verdadeiros; 34% consideram o desânimo como uma batalha regular para um pastor. 35% dos pastores responderam que lutam contra a depressão por medo de inadequação à sua igreja; outros 27% dos pastores declararam não ter ninguém a quem recorrer se estiverem enfrentando crise; e 63% das esposas dos pastores inquiridos sentem que as finanças são uma fonte primordial de estresse dentro do ambiente familiar (Schaeffer, 2016).

O estudo envolveu vários meios de coleta das informações, como entrevistas, sondagens no *Facebook*, pesquisas enviadas por correio eletrônico, todas elas com o objetivo de verificar a validade e testar os resultados de diferentes amostras. Conforme o relatório final, “a exatidão, relevância e solidez desses estudos permaneceram verdadeiras e são adequadas para apontar as linhas de base do que as igrejas e pastores precisam conhecer” (Schaeffer, 2016: 16).

Para além de simplesmente perceber essa realidade, reconhecer sua vulnerabilidade diante desse cenário é fundamental para que pastores e igrejas desenvolvam estratégias de enfrentamento de situações desafiadoras, porque retrata uma verdade sobre o *stress* que o envolvimento nas atividades religiosas pode proporcionar (Baptista, 2014). Dentre fatores como depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia e o abuso ou dependência de álcool ou drogas psicoativas e que levam, muitas vezes ao suicídio, os transtornos psiquiátricos podem ser percebidos por pessoas que estão mais próximas e, em casos específicos, podem ser detetados através de estudos como este que o Instituto Schaeffer realizou.

Em um cenário com tantas categorias profissionais que poderiam ser pesquisadas e que fazem parte do grupo de risco para depressão e suicídio, vem o questionamento: por

---

<sup>3</sup> Para conhecer mais sobre a pesquisa recomendamos uma visita ao endereço eletrônico [www.churchleadership.org](http://www.churchleadership.org) onde encontramos o arquivo completo para download. (Acesso em 01/03/2019).

que estudar as lideranças religiosas? Por que não abordar líderes de grandes corporações, que trabalham com liderança de equipes de vários segmentos profissionais? Por outro lado, se o estudo vai tratar de pessoas que cuidam de outras pessoas, por que não considerar, por exemplo, os enfermeiros, ou os médicos, ou mesmo os cuidadores informais?

Evidentemente que este tema tem ressonâncias pessoais. Como teóloga de formação e cuidadora por vocação, vivenciei o ambiente de cuidado com líderes de grupos de apoio em uma comunidade religiosa e também era cuidada por uma líder, uma pastora evangélica de uma grande igreja no Rio de Janeiro, no Brasil. Ao experimentar esse ambiente de igreja, de grupos de apoio, de partilha de atenção, afeto e até mesmo de recursos materiais, em que as pessoas recorrem normalmente para serem ajudadas nas suas crises porque professam da mesma fé e convicções, e onde a escuta terapêutica é uma ferramenta necessária, pude perceber que há um grupo de cuidadores que se doam para o bem do outro mas que muitas vezes (na maioria das vezes), não tem a quem recorrer quando se vêem em situações semelhantes.

O líder religioso normalmente é considerado aquele que tem uma relação mais íntima com Deus, e é tido como um “intercessor”, como aquele que leva as “nossas súplicas a Deus”. Costuma ser considerado alguém que tem sempre uma palavra de consolo e de apoio e é capaz de ter “respostas bíblicas” para as angústias da alma.

A congregação costuma ver o líder como alguém que tem uma palavra de sabedoria, que consegue relacionar os sofrimentos desta vida com os propósitos divinos. Aquele que está sempre disposto e disponível caso alguém necessite. Celebra casamentos num dia, consagra crianças noutro, leva uma palavra de consolo aos familiares num velório e depois segue a visitar um enfermo no leito do hospital. Momentos de alegria e euforia que são abafados pelas lágrimas dos que choram a morte repentina. Aos domingos tem que pregar uma mensagem que seja ao mesmo tempo instrutiva, orientadora e motivadora à comunidade que ele pastoreia. Pouco importa se as responsabilidades ministeriais tomou-lhe demasiado tempo, se está cansado, ou se tem problemas em casa. Compete-lhe seguir com as suas atribuições.

Num artigo que aborda a questão do sofrimento enfrentado por pastores e líderes eclesiásticos, Buhr salienta que

poucos imaginam o que se passa nos “bastidores”, na vida privada e familiar dos líderes. Parece que o pastor não enfrenta as mesmas dificuldades que afetam os membros. Ou se passa por problemas, eles não o abalam, afinal de contas o pastor está mais próximo de Deus e treinado para superar qualquer obstáculo que apareça em sua caminhada. Todavia, a realidade não é tão bonita como parece. Assim como médicos precisam de médicos, pastores também precisam de pastores que cuidem deles, que os escutem e entendam. Pastores estão sofrendo, muitos deles calados, enquanto tentam ajudar as pessoas necessitadas à sua volta (BUHR, 2013:106).

Ainda são poucos os estudos e pesquisas sobre o assunto no Brasil, porém, algumas igrejas estão sendo despertadas para a temática, realmente percebendo que algo está errado e que a profissão do pastor está a enfrentar grandes desafios nos últimos tempos.

Por outro lado, de acordo com estudos promovidos no contexto da sociologia das religiões e na sociologia das profissões (Silveira, 2005; Mendes & Silva, 2006; Gonçalves, 2010; Küçüksüleymanoğlu, 2012), parte das crises que assolam os pastores estão relacionadas ao crescimento do movimento neopentecostal dos últimos 100 anos e com o acelerado processo de secularização que a religião e as igrejas tradicionais enfrentam.

#### Segundo Berger

a ‘crise de credibilidade’ na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum. [...] Objetivamente, ele é assediado por uma vasta gama de tentativas de definição da realidade, religiosas ou não, que competem por obter sua adesão ou, pelo menos, sua atenção, embora nenhuma delas possa obrigá-lo a tanto. Em outras palavras, o fenômeno do ‘pluralismo’ é um correlato socioestrutural de secularização da consciência (BERGER, 1985: 139).

Esse pluralismo de que Berger fala tem contribuído para o descrédito das igrejas tradicionais que, a partir das transformações que o neopentecostalismo tem provocado no campo religioso, com suas mensagens recheadas de jargões motivacionais e reuniões de culto que lembram a grandes espetáculos, alterou o ambiente com modelos de lideranças e ambientes físicos que mais parecem empresas. Algumas dessas ações performativas assemelham-se a palestras motivacionais ou a uma representação de teatro “tornando mais uma ferramenta de manipulação do poder”, segundo Sennett (2013:133), e excelente oportunidade para atrair mais seguidores para seus cultos/*shows*.

O líder religioso atualmente, em grande medida, está ligado a uma igreja institucionalizada (senão empresarial). Dessa forma, enfrenta desafios que um líder de uma grande empresa enfrenta: cobrança por resultados; cumprimento de metas; sobreposição de cargos (acúmulo de várias funções) e exigências por novas demandas internas; postura performativa na partilha das mensagens. A remuneração nem sempre é boa e compatível

com o que a instituição espera dele. Eis uma grande questão enfrentada por muitos deles: crescer a organização ou contribuir para o fortalecimento da comunidade (Mendes & Silva, 2006)?

Estamos diante de uma redefinição de fronteiras de atuação dos pastores e líderes para aumentar suas responsabilidades na gestão dessas instituições, sendo este um próximo passo para reconfigurar e trazer nova significação, já que se trata de uma profissão desgastada pela secularização de que nos fala Berger? (Berger, 1985; Caria, 2005; Carvalho, 2010)

A função pastoral tem um viés de cuidado, de ensino dos princípios e doutrinas bíblicas e fortalecimento da fé na caminhada para uma melhor espiritualidade. Ao introduzir responsabilidades de gestão e organização administrativa nas suas atribuições enquanto líder espiritual, contribui-se para uma nova estereotipação desta função a ponto de promover uma subordinação da sua vocação primária de cuidado (Buhr, 2016)?

É colocado sobre o pastor mais responsabilidades burocráticas, sobreposição de funções à do pastoreio, tirando-lhe tempo para estudo e preparação de sermões e estudos bíblicos, tempo de qualidade com a sua família e para os cuidados com a saúde. Surge a exigência de capacitação técnica nessas novas atribuições para alcançar as novas metas, sem oferecer remunerações que sejam compatíveis.

Num estudo realizado sobre a profissionalização na enfermagem, em Portugal, e considerando os discursos dominantes dentro de um contexto institucional, Teresa Carvalho (2010) apresenta uma reflexão interessante sobre as mudanças que aconteceram nas políticas de saúde, em Portugal, e o impacto que estas alterações promoveram no processo de profissionalização da enfermagem. Sua pesquisa permitiu identificar três “ideologias profissionais”, sendo estas desenvolvidas por vários autores apresentados por ela e que foram designadas de “ideologia da vocação”, “ideologia profissional” e “ideologia *managerialista* ou de gestão” (Carvalho, 2010: 30-1).

Ao apresentar os resultados das entrevistas e sua articulação com os conceitos estudados, Teresa Carvalho (2010) dá maior ênfase na abordagem da “ideologia profissional” por esta ter sido mais percebida nas respostas fornecidas pelos entrevistados e que são apresentados a seguir.

Conforme a autora,

os elementos essenciais que parecem ser mais estruturantes para a formação da ideologia profissional da enfermagem situam-se, basicamente, em torno do conceito de cuidar e do conhecimento científico. O conceito de cuidar ocupa um lugar central no projecto de profissionalização, porque é eleito como a actividade que permite distinguir o trabalho dos profissionais de enfermagem de outros grupos (CARVALHO, 2010:34).

Na realidade da profissão de enfermagem, o cuidado tem maior relevância na realização das atividades por parte dos profissionais, uma vez que estes consideram ser importante perceber o paciente, ser sensível às suas necessidades, olhar para ele e ouvi-lo com atenção, especialmente quando este se encontra em momentos de fragilidade e vulnerabilidade.

Por outro lado, de acordo com a pesquisa, a autora destaca a importância do conhecimento científico como argumento legitimador do “monopólio das atividades de cuidar pelos enfermeiros na divisão social do trabalho” (Carvalho, 2010:34) e que permite diferencia-los dos demais profissionais, como o caso dos médicos.

Tal argumentação, de certa forma, poder-se-á aplicar aos pastores nas atribuições da função pastoral junto à comunidade? Tendo como prerrogativa a formação acadêmica através do seminário teológico e a ordenação que as convenções das igrejas tradicionais normalmente determinam, esta exigência, não promove alguma tensão naqueles que se reconhecem como vocacionados ao cuidado mas que não são portadores da tal formação acadêmica? Até que ponto a formação acadêmica capacita-o a cumprir com sua vocação e chamado para cuidar de almas?

Além de que, ainda segundo Carvalho (2010), é reconhecida certa dificuldade quanto à definição para o conceito de cuidado, uma vez que este termo remete, normalmente, ao contexto familiar, na subjetividade que esta conceitualização traz consigo, e também na persistência de estender este conceito ao trabalho feminino. Tudo isso em contraponto com a objetividade que o conhecimento científico já tem incorporado e da racionalidade que a formação profissional legitima.

Será que a ênfase no conhecimento teológico-doutrinal como prerrogativa para o exercício da função pastoral tira do pastor a sensibilidade na questão do cuidado com o indivíduo e sua comunidade, ou não o capacita? O dilema da confrontação entre teoria e prática que Teresa Carvalho trabalha na sua pesquisa com os enfermeiros pode acontecer no contexto eclesial, na rigidez da transferência da doutrina e na compreensão dos ensinamentos bíblicos, sem considerar a falibilidade da natureza humana na articulação de

novos ensinamentos para sua vida, bem como os desafios que os indivíduos enfrentam para abandonar práticas reconhecidas pela doutrina como pecaminosas mas que já estão incutidas no comportamento do indivíduo há longos anos?

Por outro lado, destaca a autora que “tal não significa, necessariamente, que esta crítica se traduza na defesa de um processo de profissionalização alternativo, que ignore o conhecimento científico, como é aliás sustentado por alguns teóricos” (Carvalho, 2010:38) e também por alguns líderes de igrejas neopentecostais, que acreditam que a ‘experiência’ do batismo no Espírito Santo, por exemplo, já é por si a confirmação divina do chamamento ao pastoreio, e que a formação acadêmica e conhecimento bíblico são irrelevantes (Campos, 1997, 1999).

Por fim, uma questão que tem chamado a atenção para esta atividade profissional e que mostra a relevância deste estudo, é o crescimento do número de suicídios de pastores e a quantidade de líderes que têm sido diagnosticados com a *Síndrome de Burnout*<sup>4</sup>. Para a psicóloga Roseli M. Kuhnrich de Oliveira (2004), a *Síndrome de Burnout* hoje está correlacionada com a atividade pastoral. Segundo a autora,

confundida normalmente com o estresse, a síndrome é uma doença ainda pouco conhecida que provoca esgotamento físico e mental e atinge profissionais que trabalham diretamente com situações de conflito, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação, e com pessoas em sofrimento. Os fatores desencadeantes são em geral, sobrecarga de trabalho e, ou, frustração por não atingir as metas propostas, dedicação excessiva ao trabalho (com dificuldade para ter um lazer ou ócio e estar com a família), e falta de autonomia em situações de grande responsabilidade (OLIVEIRA, 2004:77).

Quando comparamos essa análise com os estudos do Instituto Schaeffer, já apresentados anteriormente, percebemos que algo está acontecendo no contexto da

---

<sup>4</sup> A *Síndrome de Burnout*, que traduzido do inglês significa “queimar-se” (ou combustão completa), está diretamente relacionada ao esgotamento e se caracteriza “como um distúrbio de caráter depressivo, acompanhado de extremo cansaço físico e mental”. Tem sua origem nas constantes pressões emocionais que a atividade laboral intensa e por longo período de tempo propicia. Segundo Piccinato, em 2019 a OMS (Organização Mundial da Saúde) “definiu o *burnout* como uma síndrome resultante de estresse crônico no trabalho”. É uma decisão que torna-se relevante nos tempos atuais porque abrirá caminho para novos estudos e discussões sobre o tema. Inicialmente relacionada ao ambiente dos esportes, referia-se aos atletas que já tinham chegado ao seu limite e não conseguiam evoluir e manter seus desempenhos. Os primeiros estudos foram desenvolvidos pelo psicólogo alemão radicado nos Estados Unidos Herbert J. Freudenberg, ainda nos anos 1970. O transtorno está registrado atualmente na categoria “Problemas associados ao emprego ou ao desemprego” na 11ª *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID-11). A título de conhecimento, de acordo com uma pesquisa realizada pela *International Stress Management Association* (ISMA) em 2018, 30% dos mais de 100 milhões de trabalhadores brasileiros sofrem com o problema (PICCINATO, 2019:20-22).

atividade profissional dos pastores. Em se tratando do ambiente de trabalho, a autora explica que

na Síndrome de Burnout, há um componente relacionado com o ambiente de trabalho, pois o fator gerador da síndrome está não apenas no volume, mas principalmente no ambiente de trabalho. Assim, o paciente que tem o estresse clássico pode se recuperar depois de um período de férias, mas não o portador de Burnout, porque os problemas voltam quando ele retorna ao trabalho (OLIVEIRA, 2004: 77).

Este cenário se encaixa com o perfil do líder, pastor, cuidador e pregador, que tem sobre seus ombros um volume de responsabilidades que muitas vezes não é compatível com sua remuneração, com o reconhecimento perante a comunidade e, em muitos casos, até mesmo pelos familiares. Além de enfrentarem traições ministeriais, a falta de amigos em tempos de crises, precisam ainda saber administrar as pressões que sofrem quanto às expectativas de serem pessoas-modelo perante a comunidade que fazem parte.

Na perspectiva de Quivy & Campenhoudt (2017) sobre o tema do suicídio estudado por Émile Durkheim (2000) em *O Suicídio: Estudo de Sociologia*, e considerando a pesquisa de Oliveira (2004) sobre a questão do cuidado aos cuidadores correlacionado com a depressão, enquanto os vários estudos apontavam os resultados dos suicídios como “um processo de desestruturação psicológica, que pode estar ligado a um sentimento opressivo de culpa, vê Durkheim o sintoma e o produto de um enfraquecimento da coesão da sociedade, cujos membros se tornaram menos solidários e mais individualistas” (Quivy & Campenhoudt, 2017:90-1).

Poderíamos, então, considerar os recentes suicídios de pastores e líderes religiosos como um “facto social”, tendo o “estado da sociedade atual, cuja coesão é influenciada pelo sistema religioso que a anima, como substrato social profundo” (Quivy & Campenhoudt, 2017:90-1), por conta do isolamento a que muitos pastores são submetidos?

Nesse processo de secularização, pluralismo religioso e conseqüente enfraquecimento da coesão social, aumento do individualismo e despersonalização das relações sociais, podemos concordar com Enrique Rojas (Rojas, s/d:10), que afirmou estarmos vivendo “na era do plástico, o novo sinal dos tempos”? Enrique Rojas nos leva a refletir sobre esses “sinais dos tempos”, quando traz uma outra reflexão: “se tudo se vai envolvendo num paulatino cepticismo e, concomitantemente num individualismo de

morte, o que é que ainda pode surpreender ou escandalizar? Este desabamento axiológico produz vidas vazias” (*idem*, s/d:15).

Deparamo-nos, então, com líderes solitários, que enfrentam perturbações angustiantes nas suas limitações e desafios vocacionais, apoiando-se muitas vezes numa rede social restrita e normalmente limitada ao círculo familiar, ou talvez nem assim. Pode a análise de Durkheim, dessa forma, contribuir para se compreender o fenómeno dos suicídios de pastores e líderes religiosos, numa perspectiva sociológica enquanto “facto social”?

### **O objetivo da pesquisa**

Tendo em atenção as questões de fundo que foram apresentadas até aqui e que nortearam a presente pesquisa, o estudo em que esta pesquisa se baseou elegeu como campo de análise a liderança pastoral que tem sido largamente desafiada por novas questões teológicas, psicológicas e sociais, e outros apresentados anteriormente.

O objetivo principal da pesquisa é promover uma reflexão sobre a forma como se articulam a vocação e a função pastoral com o desempenho dos pastores nas comunidades, no contexto atual das diversas mudanças no campo religioso, discutindo como esta articulação cria pontos de tensão que podem conduzir a problemas de equilíbrio na gestão pessoal, e como a evolução dessas duas tornou-se complexa a ponto de gerar desgastes na saúde física, mental e espiritual do líder-pastor.

A pergunta de partida para a nossa pesquisa teve a seguinte reflexão: **Quais são os impactos dos modos de organização das igrejas no exercício do pastorado?** Como desdobramento da pergunta de partida, podemos pensar: como os modelos de organização das igrejas interferem na identidade do vocacionado? Pode o modelo de organização contemporâneo de algumas igrejas evangélicas criar pontos de constrangimento entre a vocação e a função pastoral a ponto de interferir na sua identidade enquanto cuidador vocacionado por Deus (Mariano, 2003, 2008)?

Ou ainda, a forma como se articulam a vocação e a função pastoral com o desempenho dos pastores nas comunidades num contexto de grandes mudanças, tanto religiosas quanto no modelo de organização, podem criar tensões entre estes dois? Como enfrentar esses pontos de tensão entre vocação e o exercício da função sem negligenciar o cuidado do pastor-líder com sua saúde física, emocional e espiritual? Como estes líderes-

pastores enfrentam situações de crise? Quais mecanismos de suporte lhes são ofertados pelas instituições e pela própria comunidade a que fazem parte? Com quem efetivamente podem contar quando estão enfrentando tais constrangimentos? São algumas das perguntas que a pesquisa procurou desenvolver, num diálogo interdisciplinar com a Sociologia, a Psicologia e a Teologia Pastoral.

Quanto ao campo empírico, a investigação envolveu o contexto das igrejas batistas, sendo estas provenientes do protestantismo histórico (também chamado de protestantismo de missão) e foram selecionadas como unidades sociais de análise duas igrejas tradicionais e pouco inseridas na mídia e duas igrejas “renovadas” e que estão inseridas nos vários canais midiáticos.

Para melhor compreensão do impacto da contemporaneidade nas instituições pesquisadas, bem como das interferências que os novos movimentos religiosos têm produzido para os estudos das religiões, e como oportunidade de compreender dois cenários distintos dentro de um país tão plural como o Brasil, escolhemos duas igrejas na cidade do Rio de Janeiro, no Sudeste do País, e outras duas em Goiânia, na região Centro-Oeste. Os motivos da escolha destas cidades são explicitadas a seguir.

### **Dois cenários, duas realidades**

Como o presente trabalho tem como campo de pesquisa as cidades de Goiânia, na Região Centro-Oeste do país, e o Rio de Janeiro, na Região Sudeste, o argumento que justifica tal escolha é o fato de serem regiões onde nasceram algumas das principais igrejas neopentecostais no Brasil, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no Rio de Janeiro, e a Sara Nossa Terra, Luz Para os Povos, ou a Videira, em Goiânia.

Por outro lado, todas essas igrejas fazem parte do chamado grupo de igrejas evangélicas neopentecostais e não se enquadram no perfil do objeto da pesquisa. Mas chama-nos a atenção para essas duas regiões o fato de ambas oferecerem uma diversidade não só denominacional, mas também da presença de outras formas de religiosidade. Simultaneamente, a decisão da escolha esteve também relacionada ao critério de acessibilidade por parte da investigadora ao objeto.

O Brasil teve um acréscimo de quase 23 milhões de habitantes urbanos de 2000 para 2010, segundo o IBGE<sup>5</sup>, o que

resultou no aumento do grau de urbanização, que passou de 81,2% em 2000, para 84,4% em 2010. Esse incremento foi causado pelo próprio crescimento vegetativo nas áreas urbanas, além das migrações com destino urbano. A Região Sudeste [onde encontra-se localizado o Rio de Janeiro] continua sendo a mais urbanizada do Brasil, apresentando um grau de urbanização de 92,9%. [...] [e o] Centro-Oeste [...], 88,8% (IBGE, 2012: s/n).

Em se tratando de características demográficas, o Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Censo Demográfico 2010, ocupa uma área geográfica de 43.780,2 km<sup>2</sup>, composto por 92 municípios e 293 distritos, e tem população totalizando 15.989.929 de habitantes. Desses, apenas 3,3% do total (525.690) estão localizadas na região rural.

A cidade do Rio de Janeiro tem população de 6.320.446 habitantes. O Rio de Janeiro apresentou uma taxa geométrica de crescimento anual da população residente, em termos percentuais, entre 2000 e 2010, de 1,06% (em número absoluto corresponde a 1.598.647 pessoas). A densidade demográfica está em 365,23 habitantes por km<sup>2</sup>.

Já o Estado de Goiás, segundo o Censo Demográfico 2010, ocupa uma área geográfica total de 340.103,5 km<sup>2</sup> e é composto por 246 municípios e 317 distritos. A população total é de 6.003.788, e apenas 9,9% está concentrada na área rural (583.074 habitantes).

O crescimento anual, conforme taxa geométrica, em termos percentuais, corresponde a 1,84% (em número absoluto corresponde a 1.000.560) de um crescimento total de 12,3% para o Brasil. Quanto à densidade demográfica, esta é de 17,65 habitantes por km<sup>2</sup>.

Referindo-se à predominância de sexo,

O Censo Demográfico 2010 evidenciou, para o total do País, uma relação de 96,0 homens para cada 100 mulheres, como resultado de um excedente de 3 941 819 mulheres em relação ao número total de homens. Com este resultado, acentuou-se a tendência histórica de predominância feminina na composição por sexo da população do Brasil, já que em 2000 esse indicador era de 96,9 homens para cada 100 mulheres (IBGE, 2012).

Alguns estudiosos consideram que esses dados caracterizam a religião evangélica com predominância feminina, especialmente se considerarmos as denominações evangélicas neopentecostais. Nas igrejas protestantes históricas a predominância acaba

---

<sup>5</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Censo Demográfico 2010, 2012.

por ser feminina também, e o exercício do pastorado é um pouco mais tímido que o contexto neopentecostal. Segundo Mariz<sup>6</sup>,

há, de fato, mais mulheres nas igrejas pentecostais do que homens. A afinidade da mulher com essas igrejas tem sido muito apontada e discutida. Uma das explicações seria o fato das igrejas valorizarem e, mais do que isso, apoiarem de fato com várias práticas e rituais a mulher sem companheiro, bem como também aquelas que se dedicam a cuidar da família e filhos (MARIZ, 2012:23).

Considerando os contextos das igrejas neopentecostais e protestantes, é possível perceber que muitas delas aceitam que as mulheres exerçam atividades pastorais, muitas são ordenadas pastoras, podendo até mesmo alcançar o cargo de bispo, que normalmente é um cargo com perfil masculino. Há também alguns casos de denominações neopentecostais que foram fundadas por mulheres. No contexto da Igreja Católica o sacerdócio só é permitido a celibatários, e as atividades de liderança feminina são restritas e limitadas ao ensino e educação religiosa (Mariz, 2012).

O Brasil tem, ao todo, 608 municípios com mais de 50 mil habitantes e, na classificação geral, o Rio de Janeiro está em 2º lugar com maior população residente, e Goiânia está em 12º lugar. Um outro dado interessante, a título de curiosidade, é que ambas apresentam população feminina maior que a masculina, sendo que o Estado do Rio de Janeiro tem 8.364.250 mulheres (52,3% da população do Estado) e 7.625.679 homens (correspondendo a 47,7% do total da população do Estado); em Goiás são 3.022.161 mulheres e 2.981.627 homens, correspondendo a 50,3% e 49,7% da população total do estado, respectivamente.

Com uma população total estimada em 190.755.799 habitantes, segundo dados do IBGE, os que se declararam do grupo de religião “evangélica” somam 42.275.440. Desse total de evangélicos, ainda segundo o Censo Demográfico 2010, os que identificaram como pertencentes à Igreja Evangélica Batista são 3.723.853.

No Rio de Janeiro os evangélicos Batistas estão em 567.113. Já em Goiânia, foram identificados 69.273 evangélicos Batista. Estes dados estão explorados de forma detalhada no primeiro capítulo.

---

<sup>6</sup> Cecília Loreto Mariz é docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, é uma das organizadoras de Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno (Aparecida: Ideias & Letras, 2009). Possui mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e é Ph.D em Sociology of Culture and Religion pela Boston University. Mais informações sobre esse tema pode ser lido na revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – edição 400, São Leopoldo, 27 de agosto de 2012.

## **O objeto de pesquisa**

No que se refere ao processo de escolha das unidades sociais pesquisadas, bem como sobre os critérios de escolha das cidades onde a pesquisa aconteceu, vale a pena mencionar que por ter a investigadora uma relação de proximidade com as duas cidades, utilizou-se do critério de acessibilidade e de oportunidade na seleção.

Por ter nascido na cidade de Goiânia e ter vivido lá por vários anos, teve a investigadora um breve contato com uma das instituições selecionadas. A partir dessa conexão, mesmo que um pouco distante, fez contato com o pastor presidente via correio eletrônico, expondo os motivos e o tema da pesquisa, acompanhado de convite para participação. Este prontamente aceitou o convite e se mostrou muito disposto a contribuir no que fosse realmente necessário. O que de fato aconteceu.

Já se tratando da escolha da outra instituição, esta foi selecionada a partir de uma pesquisa nos sítios eletrônicos, seguido de contato via correio eletrônico com um breve relato das intenções e convite para participação da instituição na pesquisa. Relevante informar que foram feitas tentativas com outras três instituições, escolhidas de forma aleatória. Apenas uma retornou o contato com a permissão para a pesquisa.

No contexto do Rio de Janeiro, tendo a investigadora já morado lá desde o ano de 2008 até sua ida para Portugal, em 2017, era esta membro-frequentadora de uma das unidades sociais selecionadas, e mantinha uma relação de estreita proximidade com um dos pastores que compõe o corpo clerical. Serviu-se desse laço para realizar ali sua pesquisa. Tratava-se de uma pastora.

Valendo-se de sua rede de contatos dentro desta primeira instituição, obteve acesso ao pastor presidente da segunda instituição selecionada. Foi feito o convite, este formalizado em correio eletrônico com breve relato das intenções da pesquisa, seguido de aceitação por parte do então pastor presidente.

Ao valer-se da rede de contatos (*network*) e das redes sociais (*internet*) para ter acesso ao objeto da pesquisa e seus entrevistados, foi possível perceber, como sugere Burgess (1997), as particularidades que envolvem a seleção das pessoas que vão fazer parte de um estudo e que terão sua participação como entrevistados e/ou informantes privilegiados:

a selecção das pessoas nas pesquisas de terreno é [...] uma coisa diferente dos processos de selecção associados à amostragem estatística num inquérito por questionário. Porque na investigação de terreno os informantes são

seleccionados pelo seu conhecimento de um contexto particular que pode complementar as observações do investigador e apontar para outras investigações que necessita, de ser feitas por fora a compreender contextos sociais, estruturas sociais e processos sociais (BURGESS, 1997:81).

A partir dessa contribuição de Burgess, e tendo em conta que dentro da pesquisa sociológica há também a possibilidade de se realizar a investigação através do “trabalho intensivo com informantes” (Conklin, 1968:172, *apud* Burgess, 1997:79), bem como o uso de um “estilo de entrevista informal, não estruturada ou semiestruturada” (Burgess, 1997:112), ficou definido que, para cada unidade social investigada, seria realizada uma entrevista semiestruturada com o pastor titular da respectiva instituição, excetuando uma das unidades do Rio de Janeiro que, como já mencionado, foi feita a pesquisa com um dos pastores que compõe o *staff* da mesma.

Num primeiro momento, foi realizado um levantamento documental junto às instituições, e recolha de informações através de leituras exploratórias no ambiente eletrônico. Inicialmente as informações foram solicitadas via correio eletrônico e, posteriormente, durante a entrevista que se realizou em dia, hora e local estabelecido. Foi feito também, concomitante à visita nas instituições em horários de celebrações cúlticas, o uso da técnica de Observação Não-Participativa, com o objetivo de perceber como a comunidade reagia e se comportava diante das interpelações de seu líder/pastor e as reações diante do evento-culto.

Segundo Zweig (1948), citado por Burgess (1997:113), uma observação por parte do investigador antes de se ter uma conversa informal e mais detalhada é importante e “essencial antes que as questões possam ser formuladas e antes que as pessoas estejam preparadas para dar informações acerca do seu modo de vida”. Sua afirmação se baseia no argumento de que é possível obter informações relevantes e aprofundadas relativamente ao modo de vida do entrevistado a partir dessa observação prévia, além da oportunidade de se desenvolver um “clima de confiança” entre investigador e investigado (Burgess, 1997).

Dessa forma, a observação consistiu na deslocação da investigadora aos espaços de culto das comunidades investigadas, conforme horário das reuniões coletivas, em cada cidade, durante o período de permanência da investigadora na cidade. Oportunidade em que a investigadora pôde observar a forma como a comunidade se portava e reagia frente

às várias mensagens e interpelações de seus líderes, percebendo a atmosfera do ambiente, e ter ali suas próprias impressões e percepções.

### **Modelo Conceptual**

De acordo com Quivy & Campenhoudt (2017), o modelo de análise numa investigação é a etapa que procura operacionalizar os marcos e as possíveis ideias que poderão orientar o trabalho do investigador na sua observação de análise. É uma etapa que procura

alargar a perspectiva de análise, travar conhecimento com o pensamento de autores cujas investigações e reflexões podem inspirar as do investigador, revelar facetas dos problemas nas quais não teria certamente pensado por si próprio e, por fim, optar por uma problemática apropriada (QUIVY & CAMPENHOUDT 2017:109).

Ou seja, transformar essas novas ideias numa linguagem que permita conduzir a pesquisa de forma sistematizada, a análise dos dados levantados pelo pesquisador, permitindo conectar toda a sua problemática com o seu trabalho empírico, formando um quadro de análise que seja coerente. É justamente nesta etapa que as hipóteses são elaboradas e que dão sentido e direção para as próximas ações do investigador.

**Hipótese Geral:** O neopentecostalismo trouxe novos desafios para o exercício do pastorado.

De fato, é com o neopentecostalismo e seus desdobramentos ao longo dos últimos 50, 60 anos que os desafios para o exercício do pastorado têm-se evidenciado (Mariano, 2008), especialmente quando consideramos: o processo de secularização; a crescente desvinculação religiosa e o aumento do individualismo (Vilaça, 2017); o trânsito religioso (Pierucci, 1997; Berger, 1985) dentro do próprio cristianismo protestante, como reflexo da contemporaneidade e por influência das disputas por “almas” dentro do cenário dos novos movimentos religiosos (Silveira, 2005) e, em especial, com o crescimento do pluralismo religioso no Brasil (Censo 2010, IBGE).

O propósito desta hipótese passa por perceber quais são esses desafios numa compreensão mais alargada e a forma como esses desafios são impostos aos pastores no exercício de suas responsabilidades junto à comunidade.

**Hipótese 1:** Há pontos de tensão no exercício da função pastoral.

O propósito desta hipótese trata de perceber os pontos de tensão no exercício da função pastoral, com o aumento de responsabilidades que tem sido transferidas aos pastores na gestão e administração das igrejas (Berger, 1985); no aumento do número de reuniões de planejamento estratégico para melhorar/aumentar o público, desencadeando ações de competição dentro do cenário religioso do país (Silveira, 2005; Berger, 1985). Na dimensão organizacional, considera-se que há concentração do poder eclesiástico e das finanças e gestão num modelo empresarial (Berger, 1985); além do desafio de conviver com uma religião que muitas vezes se mistura com entretenimento (Silveira, 2005).

**Hipótese 2:** A introdução de novas atribuições cria uma estereotipação da função pastoral.

É importante conhecer as causas dessa introdução de novas atribuições para os pastores, em especial quando consideramos os desafios que os novos movimentos religiosos têm trazido para o campo religioso, provocando um dilema da confrontação entre teoria e prática. Com a formação rápida e acelerada de novos pastores e um crescente investimento no evangelismo eletrônico como estratégia expansionista, a redefinição das fronteiras de atuação dos pastores, a introdução de novas atribuições (Silveira, 2005; Campos, 2012; Caria, 2005) e a sobreposição de funções, este corre o risco de afastar-se da sua vocação primária de cuidado e pastoreio (Carvalho, 2010; Lopes, 2001).

O propósito desta hipótese trata de perceber até que ponto o crescimento de responsabilidades na gestão das igrejas incorre numa supervalorização de um clero academicamente preparado em detrimento de um pastoreio “meia boca” (Mendonça, 1984).

**Hipótese 3:** As estruturas funcionais das igrejas promovem certo isolamento dos líderes.

Esta hipótese coloca em questão o papel que as relações de trabalho entre os pastores têm de proporcionar competição e isolamento. Num ambiente em que a prestação de contas ao conselho administrativo é exigente quanto ao cumprimento de metas e se encontra associada a um ambiente de competição interna por resultados, concorre-se para uma desunião da classe pastoral (Silveira, 2005; Baptista, 2014), além de revelar uma relação formal e distante com as Convenções (Brasileira e Regional). A

ausência de colegialismo torna-se evidente, especialmente quando o pastor se vê em situação de crise, que poderá levá-lo até mesmo a uma crise ideológica.

**Hipótese 4:** Os Pastores estão enfrentando uma crise de identidade.

De fato, uma das componentes importantes para a pesquisa refere-se à situação de crise de identidade que tem acometido os pastores. O número crescente de suicídios de pastores nos últimos anos, no Brasil, de pastores diagnosticados com depressão e afastados por atestado médico, além do diagnóstico crescente de *Burnout* e enquadramento da função pastoral como uma das que mais promove a síndrome são alguns dos indicadores que esta hipótese pretende considerar (Oliveira, 2004; Silva, 2004; Mendes & Silva, 2006; Buhr, 2013; Baptista, 2014; Campos, 2018).

**Hipótese 5:** Os pastores sofrem pressão quanto às expectativas de serem pessoas-modelo.

Outra hipótese que pretende abordar a crise de identidade a que os pastores têm enfrentado está relacionada às exigências que lhes são impostas quanto a ser pessoa-modelo, de ter uma família modelo e referência de perfeição para os membros. Além da exigência dos membros quanto à sua disponibilidade para atender às necessidades dos fiéis quando requisitado, esperando que o pastor esteja em todos os lugares e participe de todos os eventos.

Os pastores e seus familiares muitas vezes são alvos privilegiados de controle disciplinar por parte dos membros e do conselho da igreja, esbarrando, muitas vezes, numa crise do seu próprio sistema de sentido (Silveira, 2005; Baptista, 2014).

**Hipótese 6:** Há limites nos mecanismos de apoio aos pastores que estão em crise.

Pastores também são humanos e enfrentam os mesmos desafios da vida moderna que qualquer outro indivíduo. Encontrando-se em crise, com quem esses pastores podem efetivamente contar como rede de apoio? Quais mecanismos de suporte são disponibilizados a eles? Esta hipótese procura refletir sobre as redes de apoio e suporte, tendo como estratégia de pesquisa o estudo sobre as “redes” (*network*). O conceito de “redes” foi bem explorado por Sílvia Portugal (2006) na sua tese de doutoramento sobre as redes sociais na produção de bem-estar social, em estudo de caso sobre as famílias

portuguesas. Tal conceito contribuiu de forma significativa para fundamentar a análise dessa hipótese (Portugal, 2006, 2014; Noronha, 2015).

### **Apresentação dos Capítulos**

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. Partimos de uma visão macro dos modelos de comunidades, com um breve esboço histórico do protestantismo e sua chegada no Brasil, seguindo para uma apresentação das igrejas tradicionais que se instalaram no país a partir de então, também conhecidas como igrejas protestantes do Evangelho de Missão; seguindo para a caracterização das igrejas pentecostais e neopentecostais, conhecidas nos meios acadêmicos de igrejas mercantilizadas e midiáticas. Os aspectos que permitem perceber a evolução e crescimento dos pentecostais e neopentecostais são apresentados com os dados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2010 e publicado em 2012.

Caminhando para nosso objeto de pesquisa, apresentamos no capítulo dois a função pastoral, trazendo como chaves de leitura os conceitos de vocação, profissão e cuidado nas perspectivas da Psicologia, Sociologia e da Teologia, para então apontar as especificidades que a função pastoral traz consigo e articulando com os tipos de ideologias dominantes nos discursos dos entrevistados na pesquisa de Teresa Carvalho sobre a profissionalização na enfermagem em Portugal (Carvalho, 2010). Dentre as múltiplas atividades exercidas pelo pastor, as que são reconhecidas como de maior relevância para a comunidade envolvem o ensino da doutrina, a administração da paróquia e o cuidado dos membros.

No capítulo três apresentamos o pastor batista à partir das vozes dos entrevistados, conhecendo suas histórias, os percursos acadêmicos e religiosos e as motivações para o ministério pastoral, suas relações com as comunidades, os desafios e dificuldades que estão enfrentando no exercício das suas atribuições, assim como alguns dos aspectos psicológicos, para então apontarmos evidências de que estamos diante de uma crise de identidade no pastorado batista.

Ao reconhecer que existe uma crise de identidade na atividade pastoral, e que muitos líderes tem adoecido e/ou abandonado sua vocação porque encontram-se doentes ou em processo de adoecimento psicológico, abordaremos no capítulo quatro a questão

dos mecanismos de suporte e apoio ao pastor em crise. Conhecer aspectos importantes das relações sociais no cuidado e prevenção de situações de crise, num diálogo com a Teoria das Redes (*network*), contribui na identificação dos mecanismos de apoio já existentes e como estes podem ser importantes para que os novos vocacionados sejam alertados e estimulados a prevenir possíveis desgastes da função pastoral.

Portanto, sabemos que nesta pesquisa não há a possibilidade de esgotar o assunto nem tratá-lo de forma exaustiva, pois não caberiam nestas páginas. Não temos a intenção de apresentar o pastor como uma vítima da pós modernidade, nem abordar questões mais amplas como ortodoxia cristã e soteriologia (salvação). Objetiva-se trazer uma reflexão e conscientização sobre a importância e necessidade de se construir pontes a partir de um diálogo interdisciplinar e assim contribuir para a prevenção aos novos vocacionados e também o apoio efetivo aos pastores que se encontram em risco iminente.

## CAPÍTULO I – OS MODELOS DE COMUNIDADES

A Sociologia, enquanto ciência que estuda o indivíduo nas suas relações com a sociedade e as instituições que a compõe, tem um papel relevante sobre as questões que envolvem o pastor e sua comunidade, especialmente quando consideramos a religião enquanto instituição, constituída por e pelo homem. Antônio Gouvêa Mendonça considera que

se a teologia com a sua linguagem própria, expressa essa dialética da relação entre o homem e o mundo a partir da qual a religião pode ser vista como uma empresa construtora de mundos, justifica-se o esforço para aclarar os seus meandros e descobrir as ações e reações entre a religião e a sociedade. Esta é uma tarefa da sociologia [...] (MENDONÇA, 1984: 11).

É pertinente essa consideração que o autor faz em relação à religião no seu diálogo com o indivíduo e a sociedade à qual pertence e que, ao mesmo tempo, constrói, pois reforça as intenções deste trabalho. E, enquanto teóloga, reconheço a importância da Sociologia para compreender essa relação do homem com o mundo, bem como a religião "como uma empresa construtora de mundos" (Mendonça, 1984). No caso deste trabalho, vamos considerar a relação do pastor e a sua comunidade no seu diálogo com a contemporaneidade, no contexto da forma de organização das comunidades eclesiais.

A aproximação sociológica para analisar criticamente as ações e reações que envolvem a relação pastor-comunidade, as identidades que este incorpora em cada atividade desempenhada dentro da instituição e que estruturam a pertença à profissão de pastor protestante contribuirá para uma melhor compreensão dos caminhos que serão traçados para os vocacionados que ainda estão por vir (Carapinheiro, 2006; Lopes, 2001).

A relevância dessa aproximação se dá especialmente porque, quando olhamos para a profissão do líder-pastor, percebemos o quanto, ao longo dos últimos 40, 50 anos, esta vem enfrentando grandes mudanças, tanto no âmbito social, quanto político e ideológico, a ponto de interferir na sua identidade enquanto cuidador vocacionado a tal ofício.

Para uma melhor compreensão da escolha do tema e das instituições pesquisadas, partimos de uma breve abordagem histórica do movimento protestante quando da sua chegada ao Brasil, seguido por uma caracterização da Igreja Batista, enquanto objeto da presente pesquisa, considerando-a desde a sua chegada ao Brasil, seu avanço em todo o território nacional, sua evolução e adaptação no processo de pentecostalização e seus

desdobramentos. Este processo aconteceu a partir da década de 70 e 80 e, posteriormente, com o neopentecostalismo, por volta dos anos de 1990.

De seguida, passamos à caracterização, através dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, das cidades em que a pesquisa foi realizada e a justificativa da escolha do Rio de Janeiro e Goiânia como campo de pesquisa. É nesta fase que o conceito de “campo”<sup>7</sup> de Pierre Bourdieu (2003) nos ajuda a compreender os movimentos do campo religioso no Brasil e no mundo e que, segundo Campos (1999:17), “deixou para trás, de uma forma definitiva, os períodos relativamente estáveis dos monopólios e de coexistência pacífica entre os grupos e instituições, predominando agora, nesse cenário, um clima de turbulência, pluralismo e realinhamento organizacional”.

Ao considerar este quadro social de mudanças, em que surgem condições que proporcionam novas estratégias profissionais e que, enquanto tal, fundamentam a pertinência da abordagem sociológica deste campo, destacamos: as mudanças ao nível de gestão eclesiástica, a crescente incorporação da inovação tecnológica nos processos de trabalho, com o requisito de uma crescente especialização e formação acadêmica; não menos relevante é a visibilidade social que vem adquirindo a crescente participação/presença das igrejas nos média e nos grandes eventos e *shows*, em espaços públicos com grandes aglomerações de espectadores; e, as mudanças ao nível da formação profissional do líder-pastor, nomeadamente o progressivo aumento da escolaridade básica obrigatória exigida por certas denominações religiosas, a progressiva exigência de conhecimentos e comprovação de experiências em gestão.

---

<sup>7</sup> De acordo com Pierre Bourdieu, o espaço social é formado por uma pluralidade de campos sociais sendo que “os campos apresentam-se à apreensão sincrónica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes [...] [e] para que um campo funcione, é necessário que haja paradas em jogo e pessoas prontas a jogar esse jogo, dotadas de *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas em jogo, etc.” (Bourdieu, 2003:119-120, grifo do autor). Então, para manter suas posições nesses espaços, os indivíduos (ou as instituições) agem e lutam para adquiri-las ou conservá-las. Dessa forma, os jogadores precisam acreditar no jogo e ter interesse em realizar as apostas no jogo de forma a ganhar nova posição dentro deste. Ainda segundo o autor, “a estrutura do campo é um *estado* da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores” (*idem*, 2003:120, grifo do autor). É, então, de posse deste capital específico que determinará a posição dos agentes ou as instituições no interior do campo. Conclui-se, então, que as lutas pela aquisição ou pela conservação do capital específico tornar-se-ão, posteriormente, em regras e práticas para a perpetuação do campo, até que nova luta seja travada na intenção de tentar desafiar seus limites e elevar suas posições (Jourdain & Naulin, 2017).

## 1.1 – Breve histórico do surgimento do protestantismo no Brasil

Segundo Mendonça (1984:18), durante o Brasil colônia, “a mais séria e duradoura tentativa de implantar uma civilização protestante no Brasil foi no Período Holandês, quando reformados se estabeleceram no Nordeste com toda a sua organização eclesiástica à moda genebrina”. Não foi uma conquista definitiva, uma vez que os holandeses estavam mais interessados no comércio do açúcar e não especificamente em estabelecer sua religião. Provavelmente, tal justifica o fato do Brasil ter permanecido católico.

Mas, em 1649, com a restauração portuguesa no país, não se via mais os vestígios do cristianismo reformado no Brasil. De acordo com Mendonça,

com a profunda modificação política ocorrida com a presença de D. João VI, [...] é que protestantes anglo-saxões começam a chegar e se estabelecer no Brasil, com relativa liberdade para suas práticas religiosas (MENDONÇA, 1984: 20).

Durante o Brasil império, a questão da liberdade religiosa foi muito debatida, nomeadamente a propósito da Constituinte de 1823. Esta, finalmente reconheceu o Brasil como nação cristã e estendeu os direitos políticos a todas as religiões, desde que fosse respeitada a religião oficial, vetando, assim, toda e qualquer perseguição por questão de religião. É claro que na prática esses direitos foram conquistados gradativamente e com vários embates.

Segundo Wanderley P. Rosa, como resultado dos grandes movimentos de avivamento que estavam em curso na Europa e também nos Estados Unidos, já no século XIX, as obras missionárias que chegaram no Brasil foram

desdobramento[s] dos chamados avivamentos ou despertamentos espirituais cujos centros eram o movimento metodista inglês e as várias denominações evangélicas norte-americanas que, sob forte influência desse metodismo, viam na evangelização dos povos a necessária preparação para a segunda volta de Cristo. Todos esses protestantes, embora militando em denominações diferentes, irmanavam-se nos ideais que marcavam esses movimentos avivamentistas: conversionismo, santidade, separação do mundo, ortodoxia etc. (ROSA, 2017:180).

Como o clima de tolerância religiosa perseverou, ao final do século XIX o protestantismo conseguiu se implementar no Brasil. Este período marca a implantação de todas as “denominações clássicas<sup>8</sup>” do protestantismo histórico, abrindo caminho para a chegada também da igreja batista.

---

<sup>8</sup> Segundo Rosa (2017:185), “em 1836, o pastor metodista Justus Spaulding organizou no Rio de Janeiro uma igreja com 40 membros, todos estrangeiros”. Esta organização permitiu que novos movimentos chegassem ao país, a maioria deles protestantes de matriz puritano-pietista. Ainda segundo o autor, “estes receberam

Mendonça (1984) considera a data de “10 de setembro de 1871” como a data de criação da primeira igreja de confissão batista, no Brasil, fundada, segundo o autor, “provavelmente pelo Pastor Richard Ratcliff”. E, para a Convenção Batista Brasileira<sup>9</sup>, as mesmas igrejas de que Mendonça fala, estavam localizadas em Santa Bárbara do D’Oeste e em Americana, ambas no Estado de São Paulo.

Seguiu-se, posteriormente, para a Bahia, onde foi estabelecida a base missionária entre os brasileiros, com a fundação da Primeira Igreja Batista nacional (PIB), em “15 de outubro de 1882”. Segundo relato da Convenção Batista Brasileira (CBB),

os casais de missionários Batistas norte-americanos, recém-chegados ao Brasil, Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, os pioneiros, e Zacharias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford, auxiliados pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, batizado em Santa Bárbara D’Oeste, decidiram iniciar sua missão na cidade de Salvador, na Bahia, com 250.000 habitantes. Ali chegaram no dia 31 de agosto de 1882 e no dia 15 de outubro, organizaram a PIB do Brasil com 5 membros: os dois casais de missionários e o ex-padre Antônio Teixeira. (CBB, 2019).

O trabalho pioneiro de Bagby e Taylor nos primeiros 25 anos de sua chegada no Brasil promoveu, com auxílio de outros missionários, a organização de 83 igrejas que contavam com aproximadamente 4.200 membros (CBB, 2019).

Quando falamos das raízes do protestantismo que se instalou no Brasil encontramos no “sistema de governo eclesiástico dos calvinistas puritanos” a influência para os batistas, na sua expansão e no estabelecimento do sistema de governo para as

---

dos historiadores a alcunha de “protestantismo de missão” em função, obviamente, de suas declaradas intenções proselitistas, em que pesem as restrições impostas pela Constituição em vigor”. Vale registrar que, historicamente, o período da chegada desses protestantes aconteceu numa época em que a “classe política e a elite intelectual ansiava por um país moderno, respirando os ventos que soprava dos Estados Unidos da América, que já haviam conquistado a independência (1776), e também a Europa, mormente da França revolucionária (1789)”. Para mais informações recomendamos a continuação da leitura do artigo do autor, *Implantação do Protestantismo no Brasil: aspectos sociais e políticos – Parte I*. Também recomendamos como leitura complementar o livro de Antônio G. de Mendonça, *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pendão Real e ASTE, 1995.

<sup>9</sup> A Convenção Batista Brasileira foi oficialmente criada numa sessão solene, realizada no dia 22 de junho de 1907, na cidade de Salvador, da primeira Assembleia da Convenção Batista Brasileira que, composta por 43 mensageiros enviados por igrejas e organizações, elegeu sua primeira diretoria. O evento aconteceu no edifício onde funcionava a Primeira Igreja Batista de Salvador, e a ideia de sua criação foi de Salomão Ginsburg. Recomendamos visita ao endereço eletrônico da Convenção Batista para conhecer mais detalhes [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=24](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24). Acesso em 17/07/2019.

igrejas. De acordo com Mendonça (1984:38), a teologia do puritanismo<sup>10</sup> está bem representada na obra de John Bunyan, *O Peregrino*<sup>11</sup>.

É sabido que na expansão do protestantismo ao longo dos séculos XVI e XVII, a teologia passou por várias transformações no que se tratava de questões doutrinárias, tais como no avivamento de John Wesley, o puritanismo de Calvino, George Bull com o Arminianismo<sup>12</sup> de *Jacobus Arminius* (Mendonça, 1984).

“A teologia do avivamento de Wesley era arminiana, bem nutrida no pensamento de George Bull: a livre graça de Deus em Cristo, salvação livre pela fé no Salvador mediante o convite de Deus ao arrependimento e à fé” (Mendonça, 1984:40). Com as composições de Charles Wesley, irmão de John Wesley, ficou evidente que a música desempenhou papel específico para levar a mensagem religiosa ao povo, enquanto apelava às emoções das pessoas, com inspiração ao movimento pietista<sup>13</sup>. Uma certa dose de disciplina, doutrina e emoção foram sinais que a influência de Wesley proporcionou à época.

---

<sup>10</sup> O movimento puritano, ou puritanismo, surgiu na Inglaterra no século XVII como consequência da implantação do protestantismo, já durante o reinado de Isabel, numa forte rejeição à Igreja Católica. Um grupo partidário de uma reforma mais profunda na Igreja, após contato mais profundo com os movimentos protestantes, foram contra o governo da igreja pelos bispos e insistiram para que esta adotasse um conjunto de disciplinas mais severas aos clérigos e leigos, exigindo uma conduta moral com padrão mais elevado, como o do modelo genebrino. Os puritanos eram dedicados estudantes da Bíblia e tinham em Calvino sua corrente teológica. Recomendamos a leitura do livro “*O celeste porvir: a incursão do protestantismo no Brasil*” de Antônio Gouvêa Mendonça, especialmente o capítulo II.

<sup>11</sup> Na obra *O Peregrino*, escrito em 1678, o autor John Bunyan criou uma alegoria da vida cristã retratando o caminho estreito (representando a caminhada num relacionamento íntimo segundo a vontade de Deus) e o caminho largo, “alegre, festivo, cheio de atrações”, mas que levam o homem à “Cidade da Destruição”. Mais tarde a obra de Bunyan é transformada em filme, em 2008 nos EUA. A obra de John Bunyan é também conhecida em todo o meio protestante ainda hoje e é considerada leitura ‘imprescindível’ ao novo convertido.

<sup>12</sup> Arminianismo é um conjunto de doutrinas que trata da teologia da eleição, ou seja, a doutrina da predestinação, defendida por *Jacobus Arminius* (1560-1609) e que parte da perspectiva resumida em cinco pontos: o papel da graça diante da depravação humana, a eleição condicional, a graça resistível, a expiação não limitada – Cristo morreu por todos – e a possibilidade de perda da salvação. Uma eleição que está condicionada pela fé. *Arminius* defendeu que a morte de Cristo na cruz foi por todos, e que Deus não predetermina ninguém para a perdição. Há pontos de contradição na teologia de *Arminius* e Calvino, e os debates teológicos que iniciaram nos séculos XVI e XVII ainda persistem até os tempos atuais. Sobre esses debates, recomendamos a leitura do texto de Claiton André Kunz, “*O legado de Armínio para o cristianismo*”, publicado na Revista Batista Pioneira, vol. 16, nº1 – junho/2017, disponível do endereço eletrônico <file:///C:/Users/Business/Downloads/216-865-1-PB.pdf> (acesso em 14/07/2019), e também o texto de Jorge Pinheiro, “*A doutrina da eleição: calvinismo, arminianismo e o equilíbrio da doutrina batista*”, disponível no endereço eletrônico <file:///C:/Users/Business/Downloads/103-1-384-1-10-20160630.pdf> (acesso em 14/07/2019).

<sup>13</sup> O pietismo, numa definição mais simplista, é uma crença em Jesus, uma fé centrada no Cristo Crucificado. Aceita a igreja institucionalizada, à qual atribui uma função purificadora, porém valoriza mais a devoção pessoal e as reuniões de oração e de estudo da Bíblia em qualquer lugar que seja. O fundador do pietismo dentro do luteranismo foi Felipe Jacó Spener (1653-1705), e teve como obra principal *Pia Desideria*, 1675,

Mendonça (2007:168) afirma que “o diferencial da doutrina de John Wesley é o tríptico da conversão: aceitação da graça pela fé, regeneração/justificação e santificação”. A doutrina wesleyana, como é conhecida no meio protestante, teve papel fundamental no processo de expansão do protestantismo no Brasil e sua contribuição introduziu “uma forma de vida e ação religiosa que se adaptava melhor a uma sociedade em formação” (Mendonça, 1984:43).

As condições peculiares nas quais os missionários norte-americanos se depararam eram tão distintas daquela que eles conheciam, não lhes restando outra ação que não a de procurar ajustar-se e manter distância das práticas culturais que lhes eram diferentes. O relato de Mendonça reforça essa constatação quando diz que

o protestantismo, ao chegar no Brasil, encontra uma cultura inteiramente adversa à sua: uma cultura mágica e determinista, um calendário recheado de feriados, dias santos e festas religiosas que deixava pouco espaço para o trabalho, isto é, mais lazer do que atividade produtiva, uma dupla moral para o casamento e, sob o ponto de vista político, uma monarquia supostamente “esclarecida” e socialmente escravista. Era tamanho o fosso que o protestantismo não teve outra saída senão converter os católicos e retirá-los para outro mundo, isto é, o da comunidade da fé (MENDONÇA, 2007:171).

Os missionários norte-americanos tinham como estratégia missionária a educação, e estes desempenhavam sempre um papel duplo de evangelista e professor. Muitas das escolas missionárias também incluíam em sua equipe de professores mulheres que dedicaram suas vidas no ensino e educação religiosa.

Segundo a Convenção Batista Brasileira, “hoje, os Batistas estão presentes em cerca de 200 países e representam uma população de perto de quarenta milhões de membros e atingem cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro” (CBB, 2019).

## **1.2 – As Igrejas Tradicionais**

Ao considerar as peculiaridades que o Brasil republicano apresentava e a forte presença de uma igreja oficial e fortemente estabelecida, o protestantismo pôde alargar suas fronteiras até então demarcadas pelos americanos. A teologia, a liturgia e as estratégias de propagação da doutrina protestante estavam bem ajustadas ao contexto

---

onde traça um quadro severo dos males da sociedade leiga e sacerdotal, porém indicando o remédio em seis ‘desejos pios’. Para conhecer mais sobre o tema, recomendamos o texto de Mendonça 1984:67-71.

brasileiro, só que imprimindo uma marca distinta quando comparada ao protestantismo americano e o europeu, por exemplo.

Como bem expôs Mendonça (1984), nos primeiros anos do protestantismo não havia distinção nem se enfatizava as denominações existentes. Consideravam “contraproducente apresentar a pagãos ou a católico-romanos as complicações teológicas de cada tradição denominacional, estabelecendo concorrência que seguramente contribuiria para aumentar a desconfiança dos receptores da mensagem” (*idem*, 1984:200). Externamente, o que se desejava era a expansão e o estabelecimento do Reino de Deus na terra, e cada denominação era canal para essa conquista.

Por outro lado, “sob o ponto de vista formal, congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas, transplantaram para o Brasil o protestantismo típico norte-americano” (Mendonça, 1984:200), já referenciado anteriormente. Cada uma das igrejas, porém, imprimia suas características mais formais, seus modelos eclesiais conforme seus modos de alcançar esses objetivos, as estratégias de trabalho para expansão e propagação da doutrina bíblica, tendo em consideração o sentido de cooperação que este trabalho demandava. Um tipo de cooperação que à partida deveria ser natural, uma vez que as várias denominações não poderiam sobreviver sozinhas, posteriormente tornar-se-ia uma cooperação instável, exigindo maior flexibilidade, tendo em conta que o próprio ambiente estava, e ainda está, em “processo de mudança” (Sennett, 2013:93) e as diferenças doutrinárias logo surgiriam. O que de fato aconteceu.

No contexto da América Latina, a “multiplicidade de estranhas religiões” não era o maior desafio para o crescimento do protestantismo, mas o cristianismo institucionalizado que já era a igreja oficial. Mendonça se refere a ela como “o velho e conhecido inimigo da Reforma”. Daí a necessidade de haver uma unidade de esforços para que a ideologia protestante fosse efetivamente implementada (Mendonça, 1984:201).

As missões denominacionais que estavam estabelecidas no Brasil do século XIX, através de uma estratégia de “simplificação teológica e litúrgica”, produziram um instrumento único para este fim, “um único livro de hinos sagrados” que era utilizado por elas. Tratava-se de uma “coletânea de cânticos sacros, comum a quase todo o protestantismo brasileiro” e que foi a matriz dos hinários que surgiram posteriormente (Mendonça, 1984: 201).

Mas, apesar dessa unidade entre os grupos no trabalho de evangelização, a igreja batista tinha certas reservas quanto à aproximação e colaboração com as outras denominações. Os motivos tinham a ver com as posturas mais tradicionais relacionadas à ortodoxia, que os diferenciava das demais.

Os batistas brasileiros tinham como premissas a “autonomia completa das congregações locais, composição da igreja só por pessoas regeneradas, negação do batismo infantil, batismo exclusivo por imersão e uma tenaz convicção de liberdade religiosa”, além da convicção de que a vida religiosa é representada por uma relação exclusiva entre Deus e o homem e que este relacionamento é fortalecido “através da leitura e interpretação pessoal da Bíblia” (Mendonça, 1984:205).

Ainda hoje, para os batistas sua crença se baseia

na conversão pessoal de cada crente em Jesus Cristo, no exercício de sua responsabilidade individual e que é aceito pela Igreja por batismo por imersão e mediante confissão da sua fé em Jesus Cristo como salvador pessoal. Portanto, não aceitam e nem praticam o batismo infantil. Realizam seus objetivos comuns pela cooperação voluntária, na forma de associação de Igrejas ou de Convenções, como é o caso da Convenção Batista Brasileira (CBB<sup>14</sup>, 2019)

Ainda que a teologia dos batistas que vieram para o Brasil venha a ser de origem calvinista e seja a mesma que a dos presbiterianos, dos congregacionais e a dos metodistas, a rejeição do batismo infantil e a aceitação do batismo exclusivamente por imersão e na idade da razão estão bem claros nessa declaração de fé, sendo pontos decisivos que a distingue das demais. De certa forma, estas questões doutrinárias promovem, até hoje, um relativo isolamento dos demais protestantes brasileiros, “apesar da unidade teológica que a todos identifica” (Mendonça, 1984:207).

Como os protestantes tradicionais fazem parte do patrimônio histórico e cultural do protestantismo brasileiro e estes contribuíram para marcar sua existência em território nacional, atualmente é possível ver em determinadas igrejas esses traços, como por exemplo, o uso dos cânticos do hinário referenciado anteriormente nas celebrações de cultos e festividades que fazem parte do seu calendário anual.

Ao final do século XIX, é possível perceber um protestantismo americano já cansado e enfrentando dificuldades de se instalar na sociedade brasileira, pois esta já se encontrava

---

<sup>14</sup> Essa declaração consta no endereço eletrônico da Convenção Batista Brasileira. Para conhecer mais sobre esta instituição e principais atividades por ela desenvolvidas, recomendamos o acesso ao endereço eletrônico [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=24](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24) . (Acesso em 17/07/2019).

“socialmente estratificada e culturalmente informada pelo catolicismo ibérico [e] os canais de mudança social eram escassos, assim como o campo para a compreensão de novas idéias era pouco fértil” (Mendonça, 1984:232). O espírito dinâmico que promovia sucessivos avivamentos já não tinha mais forças para ultrapassar seus próprios desafios.

Mesmo com tais dificuldades, as igrejas protestantes se institucionalizaram no Brasil, e seus sistemas de fé foram oficializados com base na disciplina e na autoridade. Suas mensagens seguiam uma linguagem padrão tríplice: avivalista, polêmica e moralista, com o intuito de levar o indivíduo a convencer-se de seu pecado, despertando suas emoções para uma tomada de decisão quanto à sua existência. “Nas devidas proporções, reproduziram-se no Brasil as mesmas condições [padrão das pregações] do protestantismo avivalista de fronteira dos Estados Unidos” (Mendonça, 1984:208).

As confissões de fé, os princípios normativos e outros instrumentos, tais como os credos, que eram elaborados pelas denominações, tinham como espaço de disseminação as Escolas Dominicais e os seminários. Estes instrumentos eram poderosos para reunir adeptos e reforçar o sistema de crenças, criando, assim, uma identidade denominacional, além de promover certa unidade do pensamento protestante popular. O pregador, como intermediador da mensagem divina, era responsável por imprimir em seus seguidores parte dessa identidade e também era responsável pelo zelo à ortodoxia.

Sennett designou-o de “novo cristianismo”, que,

com seus hinos simples, suas bíblias traduzidas para a língua falada diariamente pelas pessoas, a recuperação da simplicidade e da pureza de rituais como o batismo, a disposição de rejeitar rituais que impediavam a ligação direta entre o Homem e Deus, ou, em casos extremos, de descartar completamente os rituais – tudo isso contrastava com os complexos espetáculos de adoração que pareciam ter ido além de seu amadurecimento medieval, tornando-se fruta podre (SENNETT, 2013:129).

Apesar dos desafios e do isolamento geográfico de determinados grupos no acesso a essas mensagens, acabou por promover-se um apego do indivíduo pela Bíblia, uma vez que tal isolamento estimulou o convívio individual com o Livro Sagrado. Para alguns estudiosos<sup>15</sup> do movimento protestante pós Reforma, esse convívio individual do homem

---

<sup>15</sup> Mendonça (2007:163, nota 2) destaca que o tema foi pauta de discussão promovido por um pastor presbiteriano, na época líder do protestantismo no Brasil, Epaminondas Melo do Amaral, sendo este um dos fundadores da então Confederação Evangélica (já extinta). Através da obra *Magno Problema*, publicado em 1934 na mesma altura em que a instituição fora criada, o pastor faz um clamor pela unidade do protestantismo.

com a Bíblia acabou por dar início ao processo da secularização no sentido mais amplo. Como se a Reforma colocasse o homem individualmente diante de Deus com sua realidade pecadora e necessitado da graça divina.

Mendonça chega a afirmar que

o indivíduo agora, solitário perante Deus, era o seu próprio sacerdote. É por isso que a Reforma significa, entre outras muitas coisas, o início da secularização em todos os sentidos. As pessoas podiam ler e interpretar a Bíblia individualmente e escolher sua própria comunidade cristã independente de ordens sacerdotais e hierarquias. Entretanto, muitos entendem que esse grande princípio da Reforma, o da liberdade, foi responsável pelo “despedaçamento do corpo de Cristo”, enquanto outros defendem o ponto de vista diverso, isto é, que a multiplicidade de igrejas independentes entre si impede a centralidade absoluta do poder como na Igreja Católica Romana (MENDONÇA, 2007:163-4).

Por outro lado, a vivência da crença no cotidiano promovia a identificação do sistema ideológico protestante. A questão do cântico sagrado no meio protestante pode ser considerada como estratégia para reforçar o seu sistema de crença, por exemplo, por ser talvez a sua maior forma de expressividade (Mendonça, 1984).

Esclarecemos, então que o destaque dado aqui para as diferenças doutrinárias da Igreja Batista em relação às demais denominações reconhecidas como protestantes históricas, conforme exposto em momento anterior, se dá pelo fato de esta ser nosso objeto de pesquisa no presente trabalho.

Uma igreja com um conjunto de doutrinas teológicas que foi construído pelas agências missionárias através dos movimentos de avivamento, que caracterizou a expansão do protestantismo brasileiro e que, aos poucos, encontrou meios de se ajustar às demandas de ordem política e social que o país enfrentou e ainda enfrenta. Como salienta Mendonça, “encontrando aqui um meio social diferente sofreu por sua vez um processo de filtragem que acabou produzindo um protestantismo ‘*sui generis*’” (Mendonça, 1984: 215).

### **1.3 - Igrejas Mercantilizadas e Mídiaizadas**

O protestantismo histórico, numa postura fundamentalista<sup>16</sup> e intentando salvaguardar seus dogmas e tradições com uma retórica contrária ao “modernismo”,

---

<sup>16</sup> Segundo Rubem Alves, “o mais importante não é o *que* o fundamentalista diz mas *como* ele diz. É a atitude dogmática e autoritária com respeito ao seu sistema de pensamento, e inversamente a atitude de intolerância inquisitorial ante qualquer tipo de ‘herege’ ou ‘revisionista’ [...]. O que importa na caracterização

enfrentou desafios e crises que culminou em um enfraquecimento institucional. O apogeu dessa crise se deu nos anos 50 do século passado. Já era o reflexo do medo da liberdade. Segundo Rubem Alves, “A reação foi violenta e radical. Os movimentos de jovens foram dissolvidos. Os seminários sofreram intervenções. Dezenas de alunos foram expulsos. Professores foram demitidos. Jornais foram fechados” (Alves, 1982:168)<sup>17</sup>.

Nessa época a produção de pesquisas na área da sociologia eram escassas, mas as mudanças que estavam por vir dentro do protestantismo chamaram a atenção de muitos pesquisadores. Segundo Ribeiro

as rápidas mudanças sociais e políticas pelas quais passa o Brasil de 1940 a 1955 vão se refletir na estrutura interna do protestantismo. A primeira consequência observada é a crescente divisão de denominações [...]. Com essa divisão, surgem os movimentos pentecostais que se tornam um ponto de desentendimento entre as denominações tradicionais já existentes. Ocorre também a participação de vários protestantes nas campanhas eleitorais do país, os “deputados evangélicos”, que tinham como preocupação combater as influências da Igreja Católica (RIBEIRO, 2007:122)

Dos muitos estudos que surgiram sobre a inserção do protestantismo no Brasil, na tentativa de perceber os traços norte-americano que as agências missionárias trouxeram com eles, o estudo de Antônio Gouvêa Mendonça já sinalizava, talvez sem ter esta intenção, a luta que a teologia protestante enfrentaria, e ainda enfrenta, para encontrar seu caminho de legitimação. Apesar de ser longo o trecho vale a pena refletir sobre as conclusões do autor.

Realmente, a teologia protestante norte-americana de fins do século XIX era complexa e tumultuada. A empresa missionária americana exibiu no Brasil as pontas de linha de toda aquela luta. Os missionários, tanto pregadores como educadores, embora academicamente preparados nos seminários e universidades, foram como já foi dito, produtos dos movimentos de avivamento. Assim sendo, a teologia que eles trouxeram para o culto no Brasil não foi acadêmica, mas a teologia das suas formas de crença, no seu conjunto a teologia dos avivamentos à qual as diversas tradições haviam se esforçado para encontrar

---

do fundamentalismo não são as ideias que ele afirma, mas o espírito com que ele as afirma” (Alves, 1988:11, grifo do autor).

<sup>17</sup> O autor, em sua obra *Dogmatismo e Tolerância*, procurou apresentar os conflitos que envolveu a década de 50, o que ele chamou de “convulsão intelectual nos meios protestantes”, e que envolveu alas mais conservadoras de um lado contra movimentos da juventude de outro numa discussão que questionava a responsabilidade social das igrejas cristãs diante da grande miséria e atraso que o país estava imerso. Segundo Alves, “foi nesta situação que surgiu um fenômeno novo: a pentecostalização de igrejas de classe média, movimento que se caracterizou pela ênfase nos dons extraordinários do Espírito como a glossolalia, os dons de profecia e de cura, e que tomou o nome de “renovação espiritual” (Alves, 1982:169). A partir dessa experiência, o falar em línguas estranhas não estava mais limitado somente aos proletariados, porém, ampliou-se às famílias abastadas e respeitáveis pertencente à classe média que até então não se viam pertencerem às igrejas pentecostais. Consideramos importante a leitura da obra citada para se perceber os pormenores que envolveram tal “convulsão intelectual” a que o autor se refere.

meios de ajustamento. De modo que a teologia dos púlpitos e do culto em geral não foi a dos seminários e academias [...]. As complicações da teologia não eram levadas para o púlpito. O púlpito desempenhou no Brasil um triplo papel: o de polemizar contra a Igreja Católica, o de infundir moral e o de explanação bíblica. Este último papel talvez tenha sido responsável pela única via pela qual o protestantismo pode mostrar sua presença na cultura brasileira. O conhecimento das línguas bíblicas, a prática da exegese e da hermenêutica sobre os textos sagrados produziu filósofos e gramáticos conhecidos. Por outro lado, a polêmica e o moralismo isolaram os protestantes da cultura, assim como este último, o moralismo, parece ter fechado as portas dos eruditos protestantes para a literatura” (MENDONÇA, 1984: 214-215).

A teologia protestante tinha uma linha de ponta na ideologia dos avivamentos, mas era carregada de uma multiplicidade de tendências que os vários estratos missionários promoviam, acabando por passar por um processo de filtragem para conseguir espaço no cenário brasileiro daquela época. Ao tentar reforçar os dogmas e assim preservar a instituição, acabou por enfraquecê-la, fomentando novos questionamentos e alimentando as novas formas de religiosidade que surgiram a partir de então. Segundo Filho,

até o início do século XIX o Brasil possuía uma única religião: o catolicismo. No entanto, no período de dois séculos a nação brasileira passou de um país majoritariamente católico, para uma nação com total liberdade de culto e com uma pluralidade religiosa nunca visto em períodos anteriores” (FILHO, 2017:188).

Ao enfrentar um processo de perda da hegemonia, a partir da segunda metade do século XIX, a Igreja Católica abriu espaço para o surgimento e expansão de uma infinidade de denominações religiosas que estão distribuídas geograficamente pelo Brasil. E vem se tornando a doadora universal de fieis para o cristianismo protestante (Filho, 2017; Reis & Manduca, 2018).

No impulso de promover uma aproximação com o Estado, através da Igreja Católica, como forma de se engajar mais no cenário brasileiro, a igreja protestante criou o movimento ecumênico e acabou por fortalecer o pentecostalismo.

Considerado pelos estudiosos das ciências sociais como uma manifestação popular das classes sociais mais baixas, o pentecostalismo é reconhecido por valorizar o emocionalismo e a espontaneidade nas formas de manifestação de adoração e celebração do sagrado. Sua liderança costuma ser formada por membros da própria comunidade que têm nas atividades profissionais seculares o seu sustento. Rubem Alves os descreve como possuidores de

um grande senso de fraternidade, de missão, de responsabilidade. Via de regra, são dizimistas: dão para a comunidade 10% de tudo o que ganham. Suas experiências de culto em nada se assemelham ao Protestantismo tradicional. São

intensamente emotivas e os seus brados de “Aleluia”, “Amém”, “Glória a Deus” se juntam livremente à pregação, às orações e aos hinos (ALVES, 1982:72-73).

O pentecostalismo no Brasil é reconhecido não só por seu expressivo impacto no campo religioso. Promoveu um crescimento demográfico sem precedentes e expandiu-se no campo midiático, político partidário, editorial, na cultura e na produção e comercialização de bens religiosos. Com seu nascimento nos estratos mais pobres da população, ganhou espaço nas classes médias, alcançando empresários, juristas, profissionais liberais e artistas dos mais diversos segmentos. De acordo com Mariano (2004:121), os pentecostais alcançaram visibilidade pública, “legitimidade e reconhecimento social”, num movimento constante de crescimento que já vai há meio século.

Nas palavras de Ribeiro,

numa resposta ao secularismo e ao mundanismo, [...] cresce também o número de igrejas pentecostais voltadas para a classe média, que deixa as igrejas evangélicas tradicionais (presbiteriana, batista, metodista, congregacionais) em busca de respostas mais adequadas aos seus questionamentos morais e intelectuais. O pentecostalismo passa a ser assim um laboratório de estudos da relação igreja-sociedade-igreja (RIBEIRO, 2007:123).

Em uma altura em que o país enfrentava uma crise econômica e social sem precedentes, com aumento do desemprego, da violência e da criminalidade nas principais capitais do Brasil, e paralelamente ao enfraquecimento da Igreja Católica, as igrejas pentecostais apropriaram-se da liberdade que os novos tempos lhe proporcionavam para promover ações proselitistas. As principais estratégias envolveram os meios de comunicação de massa, como as rádios e televisão, além de pregações itinerantes realizadas em tendas de lonas (Mariano, 2004).

No meio acadêmico, há uma diversidade de formas de classificar e/ou categorizar o pentecostalismo, seja por períodos de datas, seja por características comuns às instituições. Matos (s/d, 22), fazendo referência às ondas<sup>18</sup> ou fases do pentecostalismo brasileiro, apresenta a seguinte periodização: década de 1910-1940: chegada simultânea

---

<sup>18</sup> Em sua pesquisa sobre o pentecostalismo e as transformações ocorridas na prática política do protestantismo no Brasil, Paul Freston (1993) utilizou o termo “onda” na sua classificação às várias denominações pentecostais que surgiram no país. Conforme essa classificação, as igrejas da “primeira onda” são as igrejas pioneiras que deram origem à Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil; na “segunda onda”, encontram-se as igrejas pentecostais O Brasil Para Cristo, Evangelho Quadrangular e Deus é Amor; todas elas com mensagens voltadas para a cura divina; as igrejas da “terceira onda” são representadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Renascer em Cristo e outras denominações menores, conforme Paul Freston (1993: 64-6).

da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911); décadas de 1950-1960: fragmentação do pentecostalismo com o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular (1953); Brasil Para Cristo (1955); Deus é Amor (1962) e Casa de Bênção (1964).

Para Mariano (2004:123), o pentecostalismo clássico abrange as igrejas pioneiras, portadora de um plano teológico que enfatizava “o dom de línguas (glossolalia), seguindo a ênfase doutrinária primitiva”. Para o segundo grupo de igrejas que se implantou no Brasil, a estratégia de evangelismo estava “focado na pregação da cura divina” (*idem*, 2004:123).

O neopentecostalismo surge a partir de um processo de remodelagem do pentecostalismo norte-americano (Campos, 1997, 1999). É a partir da década de 70 que surgem as primeiras igrejas definidas como neopentecostais, ou de “terceira onda” segundo a categorização de Freston (1993). As igrejas que representam esse movimento são: Igreja Universal do Reino de Deus (1977); Igreja internacional da Graça (1980); Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976); Igreja Cristo Vive (1986) e Igreja Renascer em Cristo (1986).

Segundo Mariano, no plano teológico,

caracterizavam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 2004:124).

Nota-se que o neopentecostalismo é uma vertente “moderna” do pentecostalismo, uma vez que utiliza estratégias que lhe permitem acomodar-se (conformar-se) às sociedades contemporâneas. Segundo a definição de Campos (1999:36), neopentecostalismo é o “nome dado a uma série de manifestações religiosas, mais ou menos em processo de distanciamento daquele padrão original disseminado, a partir de 1906, dos Estados Unidos para o mundo todo”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> O conceito de pentecostalismo já foi apresentado anteriormente e não pretendemos trazê-lo de volta. Porém, para oferecermos ao leitor menos especializado uma aproximação com o tema, fazemos breve exposição de quando o conceito surgiu e a que tipo de manifestação está relacionado. O pentecostalismo é uma manifestação religiosa que iniciou nos Estados Unidos no início do século passado após vários eventos missionários de avivalistas que valorizavam as manifestações externas de suas emoções, apoiado nos relatos dos textos bíblicos sobre o Pentecoste (Atos dos Apóstolos, especialmente capítulos 1 e 2). Segundo Campos (1999:36) “as manifestações oficialmente consideradas pentecostais aconteceram na Escola Bíblica Betel, na cidade de Topeka, Kansas, em 1901”. Nas reuniões de oração entre professores e alunos, alguns dos presentes manifestaram o falar em línguas estranhas (glossolalia). Ainda segundo Campos, o falar em línguas

Mesmo que nos esforcemos para não concentrar nossas reflexões numa única instituição, torna-se inevitável não falar da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, uma vez que ela encabeça a lista das igrejas neopentecostais e é a que mais cresce atualmente. Além disso, ocupa o maior espaço na televisão brasileira, justamente por ser proprietária de emissoras de TV<sup>20</sup>, e também ser produtora e difusora de programas de televangelismo (Mariano, 2004).

O evangelismo pessoal e eletrônico é uma das estratégias que o neopentecostalismo emprega para atrair as pessoas com mensagens de cunho terapêutico, com promessas de curas para doenças físicas e emocionais, prosperidade material e resolução de problemas familiares, amorosos, afetivos e de sociabilidades, em suma, dos infortúnios que atingem o cotidiano de qualquer pessoa, desde que elas creiam que isso seja possível.

A oferta sistemática de cultos e “serviços mágico-religiosos”; celebrações cúlticas com a apropriação de símbolos e elementos que são reconhecidos como pertencentes a outras formas de religiosidade, com pequenos acréscimos, entre eles a venda de bens simbólicos “centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material” são parte das estratégias para atrair e converter grande parte de indivíduos que estão nos estratos mais pobres da população (Mariano, 2004:124, Campos, 1999:20).

Tudo arquitetado pela liderança eclesiástica numa linguagem “pedagógica de aproximação” com aquilo que as pessoas creem e que são ofertados na mídia eletrônica. Para Campos, essa ênfase promove uma “demanda sobre determinados bens simbólicos, no campo religioso, [e] também pode promover homogeneidades, facilmente interpretadas como sincretismo religioso” (Campos, 1999:44).

---

era a primeira evidência de que a pessoa havia recebido o “batismo do Espírito Santo”. Havia entre os alunos um jovem negro, de origem batista, W. J. Seymour, “que em 1906 levou esse novo modo de interpretar a fé cristã para Los Angeles, onde se estabeleceu num antigo templo metodista com o nome “Igreja Apostólica da Fé”. A 312 *Azusa Street* se tornou a meca do pentecostalismo, de onde o movimento se expandiu para todo o País” (idem, 1999:36, grifo do autor), e posteriormente espalhou-se por todos os lugares onde haviam missionários protestantes de origem norte-americana.

<sup>20</sup> Como foi citado, a Igreja Universal é proprietária de várias empresas, dentre elas a TV Mulher, Rede Record, com 63 emissoras (sendo 21 delas próprias), 62 emissoras de rádio no Brasil, Gráfica Universal, onde publica a *Folha Universal*, com triagem semanal que supera 1,5 milhão de exemplares; Editora Universal Produções; Ediminas S/A, que edita o jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte; Line Records (gravadora); Uni Line, empresa de processamento de dados; Construtora Unitec; Uni Corretora de Seguros; Frame, produtora de vídeos; New Tour, agência de viagens, entre outras. Já no exterior, a Igreja Universal possui emissoras de rádio e TV além de instituições financeiras (Mariano, 2004: 135, ver nota 16).

São características inerentes a este grupo de igrejas o uso do modelo empresarial na administração da paróquia, com concentração do poder eclesiástico e das finanças (Mariano, 2008); estratégias de formação rápida e acelerada de novos pastores (Mariano, 2004) e, no caso específico da Igreja Universal, a “atuação prática e direta nas igrejas” como forma de aprender a “reproduzir corretamente o que os pastores titulares fazem no púlpito” são requisitos exigidos aos candidatos e complementam outros requisitos como a conversão, a dedicação e o desejo de se fazer a obra de Deus (Mariano, 2004:127).

Outra característica relacionada à atuação das igrejas neopentecostais está na importância dada ao dízimo e na forma de arrecadação dos recursos. Normalmente usa-se da persuasão, da insistência e do constrangimento para convencer as pessoas a ofertarem para o crescimento e expansão da obra missionária. Um incentivo que é aliado ao apelo de que só recebem bênçãos aqueles que têm fé. Neste caso, a fé desafiada a realizar grandes ofertas para que a retribuição divina seja tão maior quanto o risco assumido (Mariano, 2004). Como assim diz Mariano (2003),

pragmáticos, esculpidos em técnicas de marketing e livres do tradicionalismo denominacional, os líderes neopentecostais das igrejas numericamente mais bem-sucedidas não titubearam em submeter sua oferta religiosa à lógica do mercado religioso. Para tanto, dedicaram-se avidamente a atender às preferências das massas pobres, diminuindo suas exigências éticas e comportamentais, adaptando sua mensagem às demandas mágico-religiosas dos estratos populares e prometendo nada menos que a panacéia. “Pare de sofrer: nós temos a solução”, alardeia o lema proselitista da Igreja Universal. Com efeito, este fenômeno representa uma progressiva acomodação ao mundo por parte desse grupo religioso. Acomodação que não decorre tão-somente do fato de que a magia que se oferece visa atender a fins utilitários e mundanos, mas sobretudo da crença de que o fiel em dia com o pagamento de dízimos e generoso na doação de ofertas adquire o direito de exigir de Deus uma existência terrena próspera, saudável e feliz que pouco difere daquela desejada por seus pares descrentes (MARIANO, 2003:23).

Esta ênfase na oferta de mensagens e serviços mágicos são alguns dos efeitos da situação pluralista e de competição em que os grupos religiosos se encontram atualmente, no cenário brasileiro. Situação esta que, segundo estudiosos da religião, é resultado da liberdade religiosa (Berger, 1985; Mariano, 2003; Mezzomo, 2008).

O forte apelo ao materialismo para atender aos desejos mundanos nos faz lembrar das campanhas publicitárias de nossa sociedade de consumo, numa lógica que objetiva harmonizar as necessidades do indivíduo com os bens que estão a ser oferecidos, numa ruptura com o velho ascetismo puritano tão defendido pelos reformadores (Baudrillard, 1975; Mariano, 2003).

Estas igrejas são normalmente conhecidas como igrejas midiáticas e suas programações, eventos e atividades são trabalhadas tendo a mídia como parte da sua essência. Toda a funcionalidade das igrejas revela essas características, e seus “templos não existem sem equipamentos midiáticos como sistemas de som sofisticados, aparelhos de projeção de textos e imagens, telões, sistemas integrados para transmissão dos conteúdos *websites*, rádios, canais de TV” (Cunha, 2016: 9). Todo o aparato que lhes permite oferecer um “produto” de qualidade e alto padrão<sup>21</sup>.

Passemos, então, para a apreciação dos estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – bem como de pesquisadores e estudiosos da religião acerca do cenário brasileiro a fim de perceber as mudanças que vem acontecendo no campo religioso.

#### **1.4 – Censo Demográfico e as mudanças no campo**

A igreja batista é fruto do protestantismo histórico que chegou ao Brasil pelas mãos dos missionários norte-americanos. “Adotam a forma de governo Congregacional Democrático. São Igrejas autônomas e locais. Relacionam-se umas com as outras pela mesma fé e ordem, de forma cooperativa e por laços fraternais” (CBB, 2019). A parceria e cooperação entre elas é fortemente estimulada pelo órgão máximo da denominação, no Brasil, e percebida por seus seguidores nas práticas de evangelismo e atividades afins.

Conforme relato do Pastor batista Marcos Amazonas<sup>22</sup>, uma igreja Batista nasce do desejo de expansão missionária, uma visão de expansão que pode começar numa casa, através de um pequeno grupo de estudos, ou quando um membro muda de cidade e deseja

---

<sup>21</sup> Com o crescimento do movimento midiático das igrejas, em especial as igrejas evangélicas, empresas de tecnologia, de vídeo, de som e de iluminação têm investido neste segmento e, em 2015, foi criada uma feira exclusiva para atender a demanda de templos e paróquias, chamada Church Tech Expo. Segundo a FECOMERCIO, esta é a primeira feira do gênero na América Latina e contou com a participação de 200 empresas e 90 expositores no ano do lançamento. Marcas como Panasonic, Sony, Samsung, Harman Group e Genetec são algumas das expositoras do ramo de tecnologia. Para os leitores interessados em conhecer um pouco mais sobre as relações entre evangélicos e mídia no Brasil, bem como as alterações que o uso da televisão pelos neopentecostais provocou na forma da igreja se comunicar com a sociedade brasileira, recomendamos a leitura do artigo “*Evangélicos e Mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos*”, de Leonildo Silveira Campos, publicado na Revista de Estudos da Religião – REVER, setembro/2008, pg. 1-26.

<sup>22</sup> As informações aqui contidas foram levantadas numa conversa informal, sendo o Pastor um informante privilegiado da investigadora. Marcos Amazonas é Pastor Batista há 28 anos. Formou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Amazonas, no Brasil. Possui título de Mestre em Aconselhamento pela Faculdade Ramon Llull no Centro Humanizar em Madrid, Espanha, e atualmente é pastor Presidente da Igreja Evangélica Baptista de Coimbra, Portugal.

começar um grupo na nova cidade. O caso menos comum pode ser por divisão, seja por questões teológicas/doutrinárias, por gestão interna, ou por questão de “ego” do pastor presidente (quando este passa a sentir-se dono da igreja). Quanto à sucessão pastoral, esta é decidida por uma comissão criada pela própria instituição para deliberar sobre a escolha do novo líder, e normalmente acontece quando há a demissão do atual pastor, a seu pedido, ou demissão a pedido da assembleia soberana, ou em caso de morte e/ou mudança do atual pastor.

Como forma de conhecer melhor o cenário religioso e as transformações que vem acontecendo desde a chegada do protestantismo em solo brasileiro, faremos a seguir uma breve apresentação dos principais dados estatísticos sobre religiões do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – no ano de 2010, divulgado em 2012, e de anos anteriores para compreendermos a evolução desse cenário.

A título de compreensão do relatório do Censo Demográfico, o IBGE<sup>23</sup> informa que

em todo o Território Nacional, foram selecionados 6.192.332 domicílios para responder ao Questionário da Amostra, o que significou uma fração amostral efetiva da ordem de 10,7% para o País como um todo. Nesses domicílios, foram levantadas informações para todos os moradores, totalizando 20.635.472 pessoas (IBGE, 2012: s/n)<sup>24</sup>.

Foram aplicados dois questionários na coleta dos dados, um questionário básico e outro para a amostra<sup>25</sup>, e ambos procuraram abranger outras características do domicílio, o que permitiu recolher informações de ordem social, econômica e demográfica dos moradores alcançados na amostra. Dentro dessas informações encontramos dados sobre a religião professada por cada entrevistado.

Segundo o relatório final, os que não professaram qualquer religião foram classificados como sem religião. Já para as crianças que não tinham condições de informar foi considerada a mesma religião da mãe.

O trabalho do Censo Demográfico desde o ano 2000 contou com a parceria do Instituto de Estudos da Religião – ISER – para desenvolver uma classificação das religiões e

---

<sup>23</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

<sup>24</sup> IBGE, Censo Demográfico 2010, 2012.

<sup>25</sup> Na coleta dos dados para o Censo Demográfico de 2010, foram aplicados dois tipos de questionários: um questionário básico, que foi “aplicado em todas as unidades domiciliares, exceto naquelas selecionadas para a amostra, e que contém a investigação de características do domicílio e dos moradores”; e o questionário da amostra, “aplicado em todas as unidades domiciliares selecionadas para a amostra” (IBGE, 2012: s/n).

as atualizações passaram a ser realizadas a cada Censo Demográfico. Esse trabalho conjunto hoje nos permite ter uma noção mais próxima da realidade para esta pesquisa.

Após a divulgação do relatório, alguns estudiosos da religião no Brasil apresentaram suas análises e críticas sobre a temática, bem como os desafios que esses dados oferecem em termos de informação e confiabilidade. Renata Menezes<sup>26</sup>, faz uma consideração interessante sobre a dinâmica das transformações no campo religioso no Brasil, quando diz que

o Censo é uma fotografia da autodeclaração religiosa em determinado contexto: ele não possibilita qualificar a mudança, ou entender suas nuances, mas apenas nos ajuda a visualizar as macrolinhas das transformações de uma década. Só saindo da dimensão do macro e do quantitativo para a esfera do estudo de caso e do qualitativo conseguiremos identificar processos mais sutis de transformações e combinações nas esferas dos valores e das crenças (MENEZES, 2012: s/n).

Considerando esse alerta, passamos, então, para a apresentação dessas informações. De acordo com o relatório do IBGE sobre os resultados do Censo Demográfico 2010, o primeiro recenseamento que considerou o perfil religioso da população brasileira em âmbito nacional, divulgado em 1987, mostrou a hegemonia da religião católica apostólica romana, com 99,7%. Este resultado tem relação direta com o processo histórico de colonização do país, tema abordado anteriormente, e com o estabelecimento desta como religião oficial do Brasil até a Constituição da República em 1891.

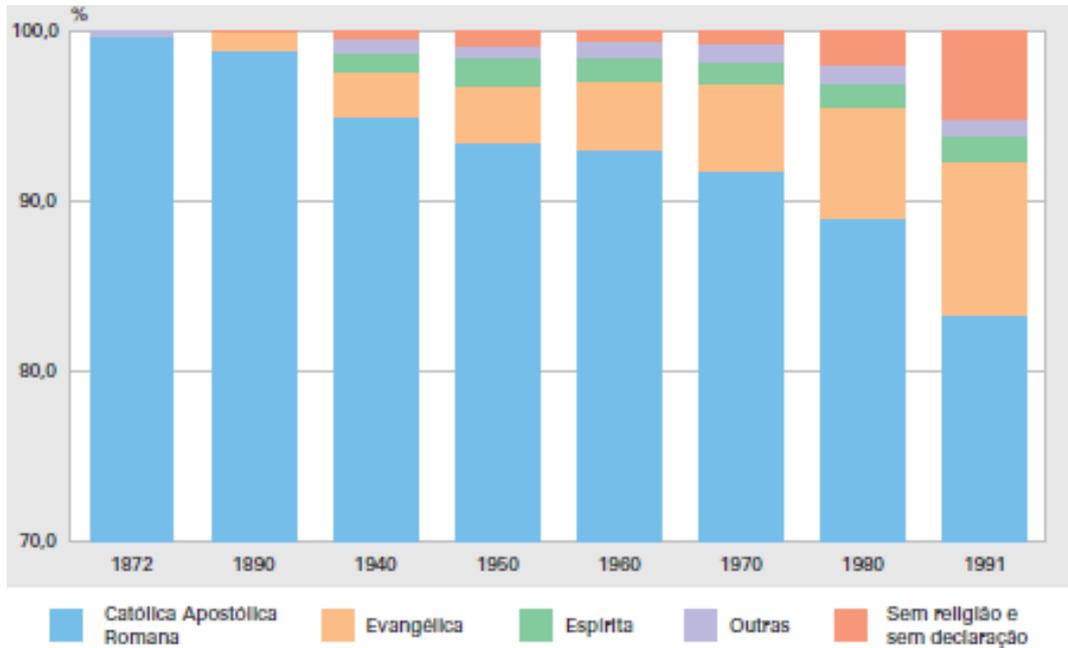
Um século depois, em 1970, esse percentual passou para 91,8%; os evangélicos então somavam 5,2% e as demais religiões 2,3% do total da população. Vejamos o gráfico.

---

<sup>26</sup> Renata Menezes possui doutorado em Antropologia Social e é professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; pesquisadora “Jovem Cientista do Nosso Estado”, da Faperj e editora associada da Revista Mana. Entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Edição 400, São Leopoldo, 27 de agosto de 2012. Leia entrevista completa realizada pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos no endereço eletrônico <http://migre.me/anyRX>.

**GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE, POR GRUPOS DE RELIGIÃO**

**BRASIL - 1872/1991**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

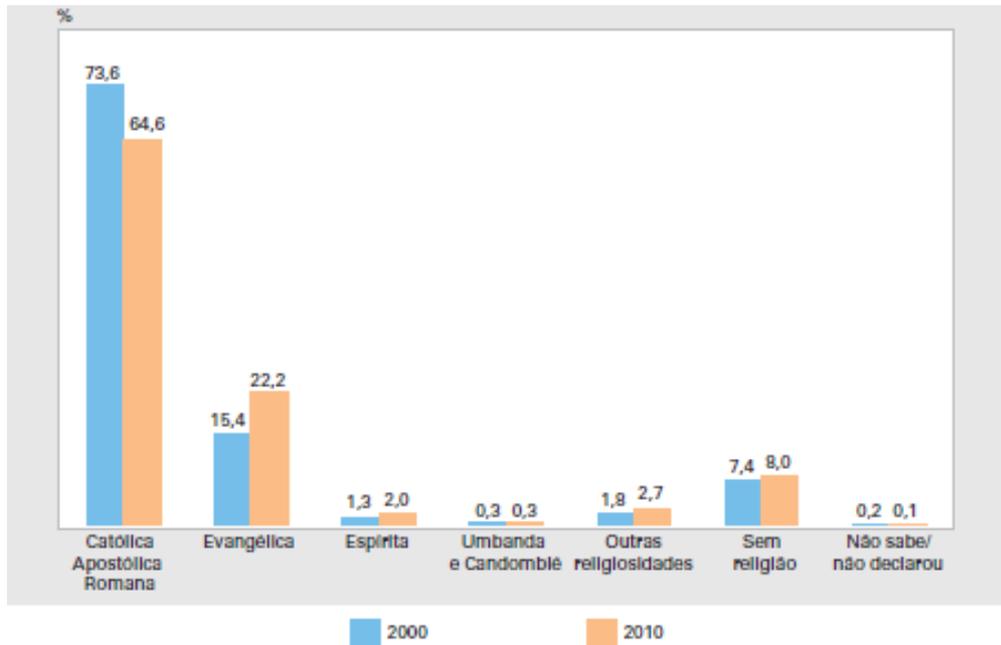
No gráfico 1, podemos perceber uma gradativa redução dos que se declararam católicos, a partir de 1980, mesmo sendo ainda hegemônica sua participação no recenseamento (89,0% da população total). Em 1991 já se nota uma expressiva mudança nos registros da composição religiosa da população brasileira.

Observa-se um crescimento dos que se declararam evangélicos, passando de 6,6% para 9,0% do total da população entre 1980 e 1991. Nesse contexto já há um destaque para os evangélicos pentecostais, que cresceram 2,8%, passando de 3,2% para 6,0%. O segmento católico apostólico romano apresentou continuada queda, com 83,0%, embora mantendo-se à frente das demais.

Seguindo na análise dos dados do IBGE, podemos perceber novas realidades a partir do Censo Demográfico 2000, que apresenta “uma acentuada redução do percentual de pessoas da religião católica romana, o qual passou a ser 73,6%, o aumento do total de pessoas que se declararam evangélicas, 15,4% da população, e os sem religião, 7,4% dos residentes” (IBGE, 2012, s/n). Vejamos no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 2 - PERCENTUAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO OS GRUPOS DE RELIGIÃO**

**BRASIL - 2000/2010**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

O panorama nacional mostra o crescimento relativo da diversidade dos grupos religiosos, no Brasil, a partir do recenseamento de 2000 e consolidado no Censo Demográfico 2010. Segundo o relatório, tal crescimento revela uma maior pluralidade nas regiões mais urbanizadas e com maior população do País.

Nota-se, também, a consolidação do crescimento da população que se declarou evangélica, bem como a tendência de redução na população católica romana, já percebida nas duas décadas anteriores, apesar desta se manter ainda majoritária, e também o aumento dos sem religião e do percentual de pessoas classificadas como outras religiões.

Outra questão evidente nos dados do Gráfico 2 é a tendência ao declínio das religiões tradicionais. Segundo estudos sociológicos, isso acontece à medida que as sociedades vão se modernizando, o que é possível perceber com declínio do catolicismo que vai se materializando a cada censo realizado. Seria algo semelhante ao que disse Lipovetsky (1983:82) acerca do processo de secularização e do modernismo, isto é, que conduziu os indivíduos a libertarem-se das “hierarquias hereditárias e da força da tradição”, numa busca desenfreada por “conduzir-se a si próprio” sem ter uma referência, abrindo mão do passado, em direção a uma emancipação completa com sua história.

Na análise sobre o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000, Pierucci considera que

nas sociedades pós-tradicionais, *et pour cause*, decaem as filiações tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a se desencaxar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais (PIERUCCI, 2004:19).

É importante destacar que essa crescente desfiliação ou, ruptura com a tradição de que Pierucci fala, faz sentido quando consideramos o período em que as igrejas pentecostais e neopentecostais surgiram no cenário brasileiro. Esse movimento demográfico que os dados do IBGE apresentam (Gráfico 1) e que é muito evidente no Gráfico 2, marca justamente as duas últimas décadas do século XX, durante a qual se observa o avanço das igrejas pentecostais e neopentecostais, nitidamente percebida nas taxas de crescimento do conjunto dos evangélicos no país (Pierucci, 2004).

De acordo Simone Bohn (2004), o crescimento dos evangélicos pentecostais justifica-se porque, além de serem grupos religiosos que recrutam membros nos estratos mais desfavorecidos da sociedade, conseguem também penetrar em áreas da sociedade que, por sua invisibilidade ante os setores públicos, são também desconsiderados por outros grupos religiosos, tornando-se campo fértil para sua mensagem mágico-religioso (Mariano, 2004).

Já Faustino Teixeira<sup>27</sup> descreve da seguinte forma as principais características do mapa religioso que emerge do Censo 2010.

Sem dúvida, um mapa marcado por uma diversidade religiosa que se anuncia [...] [e] algumas tendências se evidenciaram, como a diminuição dos católicos romanos, que caíram de 73,6% para 64,6% e o crescimento dos evangélicos, sobretudo pentecostais, que passaram de 15,4% para 22%. (TEIXEIRA, 2012:14).

Para Teixeira, em uma realidade populacional de 190,7 milhões de pessoas, os católico-romanos somam 123,2 milhões e os evangélicos 42,2 milhões, e desses 25,3 milhões são de origem pentecostal. Nota-se que os evangélicos cresceram no país no século XX e esse crescimento é percebido através das várias denominações que se instalaram em solo brasileiro. Há um relativo crescimento dos que se declararam sem

---

<sup>27</sup> Faustino Teixeira é docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana.

religião, porém um pouco abaixo do esperado, de 7,4% para 8,0%, o que equivale a 15,3 milhões de pessoas, e do conjunto dos que se declararam pertencente a outras religiosidades, de 1,8% em 2000 para 2,7% em 2010.

Em termos absolutos, podemos ver na Tabela 1 o número daqueles que se identificaram como pertencente às principais religiões do Brasil em 2010.

**TABELA 1 - NÚMEROS ABSOLUTOS DO PANORAMA RELIGIOSO DO BRASIL, 2010<sup>28</sup>**

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,02
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduismo	5.675	0,00

Fonte: Manduca & Reis (2018:169); Censo (IBGE, 2012).

A igreja católica apostólica romana agrega 123.280.172 fieis, enquanto que os evangélicos somam 42.275.440 pessoas. Os sem religião com 15.335.510 e o número das outras religiosidades cristãs somam 1.461.495 seguidores. Chama a atenção para o número de declarantes que informaram pertencer a um tipo de religiosidade não determinada e múltiplo pertencimento, somando 643.598 pessoas.

<sup>28</sup> A tabela apresentada faz parte do livro *Expressões Religiosas de um Brasil Plural – Estudos Contemporâneos*, organizado por Vinícius de Freitas Reis; Fábio Py e Diego Omar Silveira, publicado em 2018, São Paulo, onde traz os estudos e pesquisas de vários especialistas sobre a temática das expressões religiosas no Brasil.

Uma novidade que o Censo Demográfico 2010 traz em relação aos recenseamentos anteriores refere-se à classificação das religiões evangélicas segundo as confissões evangélica de missão, evangélica de origem pentecostal e evangélica não determinada. A tabela a seguir apresenta esses dados.

**TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE, POR GRANDES REGIÕES, SEGUNDO OS GRUPOS DE RELIGIÃO - 2000/2010**

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro- Oeste
<b>2000</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Católica Apostólica Romana	73,6	71,3	79,9	69,2	77,4	69,1
Evangélicas	15,4	19,8	10,3	17,5	15,3	19,9
Evangélicas de Missão	4,1	4,3	2,9	4,3	5,7	4,2
Evangélicas de origem pentecostal	10,4	14,4	6,9	12,0	8,7	13,4
Evangélica não determinada	1,0	1,1	0,5	1,2	0,9	1,3
Espírita	1,3	0,4	0,6	2,0	1,2	1,9
Umbanda e Candomblé	0,3	0,0	0,1	0,4	0,5	0,1
Sem Religião	7,4	6,6	7,7	8,4	3,9	7,8
Outras Religiosidades	1,8	1,7	1,3	2,2	1,5	2,0
Não sabe/não declarou	0,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,2
<b>2010</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	29,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras Religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Vê-se, então, segundo a Tabela 2, que houve um aumento significativo no percentual daqueles que se declararam evangélicos, porém sem especificar se era de missão ou de origem pentecostal. Nos últimos dez anos, o aumento do número dos que se

declararam evangélicos cresceu em 44,2%, o equivalente a 16 milhões de pessoas. Em 2000 somavam 26 milhões, mas em 2010 já eram 42,2 milhões. Isso representa, grosso modo, uma média crescente de 4.383 fiéis por dia (Manduca & Reis, 2018).

Por outro lado, nota-se a consolidação do crescimento dos evangélicos pentecostais quando consideramos o período de 2000 a 2010, sendo que este crescimento aconteceu em todas as grandes regiões do país, com maior destaque nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste.

Para Pierre Sanches<sup>29</sup>

esta abertura do leque denominacional [...] impõe o reconhecimento do fenômeno fundamental de transformação do campo religioso no Brasil. Advento, desta vez inegável, da pluralidade religiosa, melhor ainda, do pluralismo, quer dizer, de uma pluralidade aberta, reconhecida, legítima, e em função da qual as relações sociais entre os grupos religiosos deverão doravante se construir. (SANCHES, 2012:5).

Cabe aqui uma consideração em relação à parcela da população que se declarou evangélica de missão, uma vez que a tabela ressalta uma ligeira redução proporcional que, segundo o relatório, caracteriza uma “estabilidade em sua participação relativa no total da população. Neste aspecto, houve diferenciações regionais, sendo esse fenômeno evidenciado nas Regiões Sul e Sudeste, onde historicamente os evangélicos de missão eram mais numerosos” (IBGE, 2012, s/n). Entre os evangélicos de missão, podemos enquadrar a igreja batista, que é o nosso objeto da presente pesquisa.

Para caracterizar as cidades que foram trabalhadas nesta pesquisa, devemos levar em consideração a diversificação dos grupos religiosos de presença expressivamente evangélica, em especial os pentecostais, que, conforme apresentado no relatório do IBGE, tem importante presença nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, da região Sudeste.

Há de se considerar também um quantitativo bastante relevante de pessoas sem religião e de evangélicos no estado do Rio de Janeiro, bem como certa presença de adeptos das religiões de matrizes africanas existentes no Brasil. Já nas regiões Centro-Oeste e Norte, há um avanço da ocupação por diversos segmentos evangélicos pentecostais, que pode ser justificada pela “crescente urbanização dessas áreas”. Esta proporciona maior adequação

---

<sup>29</sup> Pierre Sanches é doutor em Sociologia pela Universidade de Paris e especialista em Antropologia da Religião. É professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, pesquisador do Instituto Superior de Estudos da Religião – ISER e membro do corpo editorial da revista “Religião & Sociedade”. Entrevista concedida por email à IHU On-Line, Edição 400, São Leopoldo, 27 de agosto de 2012.

espacial e cultural, contribuindo para o “surgimento de novos grupos religiosos, assim como a disseminação de outros já existentes” (IBGE, 2012, s/n).

A seguir, apresentamos a Tabela 3 que traz a evolução do grupo dos evangélicos desde 1980 até 2010, em números absolutos e respectivo valor percentual. Em termos absolutos, os evangélicos ocupam o segundo lugar entre os grupos que cresceram de forma acelerada nas últimas décadas, conforme os dados apresentados (Alves, Barros, Cavenaghi, 2012). O maior crescimento, no entanto, foi observado entre 2000 e 2010, com valor de 7,92% (ver Tabela 3).

**TABELA 3 - DADOS DA POPULAÇÃO EVANGÉLICA DESDE 1890**

<b>Período</b>	<b>Brasil</b>	<b>Cresc. Brasil -%</b>	<b>Cresc. Evangélicos</b>	<b>Cresc. Evang. -%</b>	<b>AV-%</b>	<b>Tx Absoluta %</b>
<b>1890</b>	14.333.915	-	143.743	1	-	-
<b>1940</b>	41.236.315	287,68	1.074.857	2,61	647,76	3,81
<b>1950</b>	51.944.397	25,97	1.741.430	3,35	62,02	4,94
<b>1960</b>	70.191.370	35,13	2.824.775	4,02	62,21	4,96
<b>1970</b>	93.139.037	32,69	4.814.728	5,17	70,45	5,48
<b>1980</b>	119.002.706	27,77	7.885.846	6,63	63,79	5,06
<b>1991</b>	146.825.425	23,38	13.189.284	8,98	67,25	4,79
<b>2000</b>	169.779.170	15,63	26.184.941	15,42	98,53	7,92
<b>2010</b>	190.958.404	12,47	42.275.437	22,14	61,45	4,91

Fonte: Manduca & Reis (2018)<sup>30</sup>; IBGE, 2012.

Ao analisar esses e outros dados do Relatório do Censo Demográfico, ficou bem evidente que o Brasil está se tornando cada vez mais urbano, mais miscigenado e com uma população feminina dominante e crescente, além de apresentar maiores níveis educacionais quando considerados os rendimentos e olhamos a classe média da população (Manduca & Reis, 2018). Nas últimas décadas, houve um crescimento da população evangélica decorrente da migração religiosa, decorrente do trânsito religioso, já

<sup>30</sup> Ver nota 28.

referenciada anteriormente. A disputa por almas no processo de conversão e atração de novos aderentes tornou-se recorrente no meio dos diversos grupos religiosos.

Segundo Alves, Barros, Cavenaghi (2012:171), “uma vantagem dos evangélicos é que, por meio dos diversos grupos, eles cobrem um espectro mais amplo da demanda do mercado religioso”. Para o autor, os evangélicos de missão, também chamados de protestantes históricos ou tradicionais, são portadores de um percentual de indivíduos com alta renda e alta escolaridade. É comum encontrarmos nesse grupo específico juizes, desembargadores, promotores de justiça, proprietários de grandes empresas, atores, alguns cantores, além de políticos das várias esferas públicas. Por outro lado, ainda segundo esses autores, os evangélicos pentecostais já alcançam um grupo maior de aderentes pois “disputam tanto as camadas populares quanto a chamada *nova classe média brasileira*” (Alves, Barros, Cavenaghi, 2012:171, grifo do autor). E, como vimos anteriormente, os pentecostais são bem capazes de se ajustarem nas suas estratégias de convencimento e expansão para oferecer mensagens “ao gosto do freguês”.

**TABELA 4 - DESEMPENHO RELIGIOSO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ENTRE 2000 E 2010**

	<b>Denominações</b>	<b>2010</b>	<b>AV-%</b>	<b>2000</b>	<b>Cresceram</b>	<b>Diminuíram</b>
1	Igreja Assembleia de Deus	12.314.410	29,13	8.418.140	3.896.270	
2	Igreja Evangélica Batista	3.723.853	8,81	3.152.691	561.162	
3	Igreja Congregação Cristã no Brasil	2.289.634	5,42	2.489.113		199.479
4	Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243	4,43	2.101.187		227.944
5	Igreja do Evangelho Quadrangular	1.808.309	4,29	1.318.805	489.584	
6	Igreja Adventista	1.561.071	3,59	1.209.842	351.229	
7	Igreja Evangélica Luterana	999.408	2,36	1.062.145		62.647
8	Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209	2,18	981.054		59.855
9	Igreja Deus é Amor	845.383	2,00	774.830	70.553	
10	Igreja Maranata	355.021	0,84	277.342	78.679	
11	Igreja Evangélica Metodista	340.938	0,81	340.951		23
12	Igreja o Brasil para Cristo	196.005	0,47	175.618	21.047	
13	Igreja Casa de Bênção	125.550	0,30	128.676		3.125
14	Igreja Evangélica Congregacional	109.591	0,26	148.836		39.245
15	Igreja Nova Vida	90.568	0,21	92.315		1.747
16	Outras	14.719.417	34,82	3.503.376	11.216.041	
	<b>TOTAL</b>	<b>42.275.440</b>	<b>100,00</b>	<b>26.184.941</b>	<b>15.684.565</b>	<b>594.056</b>

Fonte: Manduca & Reis (2018)<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Ver nota 28.

Temos na Tabela 4 o desempenho das igrejas evangélicas no período de 2000 a 2010, em valores absolutos. As igrejas com maior número de adeptos são Assembleia de Deus, Evangélica Batista e Congregação Cristã do Brasil, sendo que as duas primeiras tiveram crescimento em número de frequentadores de 2000 para 2010. Porém, a Congregação Cristã diminuiu o número de frequentadores no mesmo período.

A Assembleia de Deus teve um crescimento de 29,1% de 2000 para 2010, correspondendo a um acréscimo de 3.818.140 novos adeptos. Podemos conjecturar que tal crescimento esteja diretamente relacionado às estratégias de evangelismo televisivo, além das presenças de pastores dessa denominação nos partidos políticos, bem como o fato de ser uma das igrejas pentecostais mais antigas do Brasil. A igreja batista também apresentou relativo crescimento no mesmo período, com acréscimo de 561.162 novos membros, representando crescimento de 8,6% de 2000 para 2010. Segundo a Tabela 4, a igreja Batista possui 3.723.853 adeptos.

Foi referido anteriormente que o crescimento expressivo dos evangélicos se dá, ainda hoje, em função das estratégias de evangelismo de massa, como a televisão e rádio, além de práticas de marketing e propaganda agressivas nesses meios de comunicação: “dos cultos alegres com prática constante da música, do dinamismo na doutrina colado à realidade dos seus fiéis, da ênfase em curas e milagres, além do reatamento dos laços identitários e solidários afrouxados em virtude da modernidade” (Manduca & Reis, 2018:179). Pode-se dizer que, nas conclusões de Alves, as mudanças no cenário brasileiro são de ordem religiosa e também cultural, onde a mensagem do evangelho

acontece de baixo para cima, em termos sociais, da periferia para o centro, em termos espaciais, do meio urbano para o rural em termos de situação do domicílio, dos negros para os brancos, em termos étnico-raciais, dos jovens para os idosos, em termos de geração, e das mulheres para os homens, em termos de gênero (ALVES, BARROS, CAVENAGHI, 2012:172).

Como visto, o Brasil enfrentou significativas transformações no campo religioso com o surgimento e expansão dos novos movimentos religiosos. Acreditamos que essas transformações têm provocado algumas ressignificações quanto à atividade pastoral e suas especificidades. O próximo capítulo traz uma aproximação sociológica que nos permitirá compreender os impactos dessas transformações na função pastoral nas suas múltiplas atividades.

## CAPÍTULO 2 – A FUNÇÃO PASTORAL

O capítulo anterior trouxe uma aproximação histórica com o movimento protestante pós reforma e seus desdobramentos num Brasil que também vivenciou grandes transformações de ordem política, econômica, cultural e social, em especial, nos últimos 100 anos. Em todas essas transformações, a figura do pastor esteve presente, seja acompanhando de perto, ou à margem, como mero espectador. Mas o facto é, ter acompanhado o processo e ter sido parte dessas mudanças, ou apenas ter sido um observador, não o impediu de ser atingido por tais mudanças.

Para este segundo capítulo importa trazer uma abordagem sociológica sobre a atividade pastoral nas suas múltiplas funções dentro da igreja, sendo esta no modelo protestante tradicional. Inicialmente, apresenta-se uma reflexão sobre os conceitos de vocação, profissão e cuidado, num diálogo entre a Sociologia, Sociologia das Profissões e Teologia Pastoral. Segue a abordagem das principais atividades desempenhadas pelos pastores, bem como os aspectos que são específicos à função pastoral e que a diferenciam das outras profissões.

O exercício da função pastoral se inscreve no contexto das relações pastor-comunidade; pastor-pastor; pastor-instituição, e deve ser considerada como inserida no campo religioso brasileiro e na sociedade como um todo. Trata, dentro dessa descrição, do “pastor protestante brasileiro”, por ser este o objeto do presente estudo e, segundo Campos (2012:2), também por este fazer parte de um “micro-campo simbólico<sup>32</sup>”. As evoluções e transformações no campo religioso brasileiro têm produzido deslocamentos na função pastoral, e os impactos dessas transformações apontam para uma crise de identidade que os vocacionados têm experimentado nos tempos atuais. Há evidências de que essas transformações têm provocado algumas ressignificações quanto à atividade pastoral nas suas especificidades a ponto de provocar tensões e incertezas quanto ao futuro da função pastoral. Importa perceber quais foram essas mudanças estruturais e de

---

<sup>32</sup> A atividade pastoral assume o carácter simbólico porque contempla uma subjetividade que está diretamente ligada ao divino. Não é considerada como uma profissão, mas uma vocação na qual este é escolhido por Deus para desempenhá-la. O trabalho religioso tem esse viés sobrenatural e transcendente capaz de proporcionar conforto da alma e promoção de uma prosperidade espiritual. Seu sentido vocacional ultrapassa os interesses e conflitos pessoais justamente por seu *status* simbólico e ideológico de uma ação divina e transcendental (Ebert & Soboll, 2009).

que forma essas alterações traduzem-se em pontos de tensão para a relação pastor-igreja-comunidade no exercício da função pastoral na atualidade.

## 2.1 – Vocação, Profissão e Cuidado

Como reflexo de um mundo globalizado aliado às várias transformações sociais, políticas, econômicas e dogmáticas e que são percebidas no contexto religioso e, conseqüentemente, dão maior visibilidade à atividade do pastor, a função pastoral está a ser transformada. Para Silva (2004:23) “o pastor do século XXI não é apenas mais um pregador dominical itinerante, mas um líder comunitário, um político, um psicólogo, um advogado, um doutor, um palestrante etc.”. Basta recordar que as profissões da era pré-industrial e rural, e aqui é possível incluir a profissão do pastor, tinham seu reconhecimento social e eram legitimadas pela própria cultura da época. A ética da vocação era muito evidente, especialmente no reforço da concepção simbólica para o ofício, um contributo para a legitimação da escolha pela atividade pastoral. Leonildo Campos nos permite recordar e refletir acerca disso quando assim expressa:

na sociedade rural e pré-industrial as várias profissões, inclusive a de Pastor, estavam em perfeita sintonia com as suas necessidades culturais. Ora, esse foi o contexto em que, no século XIX, o protestantismo histórico instalou os seus clérigos no Brasil. Todavia, principalmente nos períodos de mudanças sociais intensas, há transformações nas formas de divisão do trabalho humano, as quais afetam o trabalho do clero protestante ou católico. Ora, na sociedade rural todos eles desempenhavam a função de “cura de almas”, “professor”, “instrutor de moral” e outras mais. Os pastores eram indivíduos importantes e com uma ocupação social de bastante prestígio, até porque as decisões de cada membro da sociedade passavam pelo crivo clerical ou eram definidas automaticamente pela tradição, fortemente controlada por um clérigo legitimamente constituído (CAMPOS, 2012:19).

Nos seus estudos sobre a profissionalização na enfermagem em Portugal, Teresa Carvalho identificou três tipos dominantes de ideologia nos discursos dos entrevistados: “ideologia da vocação”; “ideologia profissional” e “ideologia *managerialista* ou de gestão”. A “ideologia da vocação”, segundo Carvalho (2010:31), é um termo usado para designar um perfil de identificação dos profissionais da ajuda, “centrado na dimensão moral e humanitária das práticas e na legitimação destas mais pelas características pessoais e menos pelo conhecimento técnico e científico”. Ainda segundo a autora, a ideologia da vocação é identificada em indivíduos que, universalmente, “valorizam na profissão as qualidades do carácter, em lugar das competências técnico-científicas”, porque suas

escolhas pela profissão/ocupação estão associadas ao ideal da vocação e também relacionadas às características de gênero, que são evidentes no caso da enfermagem.

Teresa Carvalho atesta essa perspectiva da escolha pela profissão associada às características de gênero e ao ideal de vocação, e não simplesmente em recompensas financeiras ou na possibilidade de autonomia que a profissão proporciona. Semelhantemente, a ideologia da vocação encontra conformidade na função pastoral, que institucionalmente é associada ao gênero masculino, que possibilita a identificação do vocacionado com o Jesus-Messias, o bom pastor, e que é escolhido para dedicar-se de forma altruísta ao cuidado e disposto a realizar “mais do que é expressamente requerido” (Carvalho, 2010:33).

Para Weber (2004), a vocação que é manifestada no trabalho que agrada a Deus, passa a ter o sentido e significado de uma ordenança, e esta de caráter divino e sobrenatural, cujo propósito transcende à vontade humana e cujo resultado está em dar glórias ao Deus que chama o indivíduo ao pastoreio. Trabalhar como pastor é, então, reconhecer que a transcendentalidade da atividade pastoral dá a esta o encargo de vocação, de ser um “chamado de Deus” ao serviço (Silva, 2004). Tratar-se-á, então, de simplesmente aceitá-la como tal, não necessariamente de ser uma escolha pessoal (Santos *et al.*, 2018).

O tema da vocação na teoria sociológica praticamente estagnou em Weber (Delicado *et al.*, 2010:13), e o conceito surge na sociologia “associado ao chamamento religioso” e depois estendido, de forma progressiva, a outras profissões. É possível, porém, encontrar estudos relacionados à sociologia das profissões, ainda assim, mais voltados a profissões específicas e que têm relação com esta noção de se tratar de vocação. Algo semelhante com os estudos de Menger sobre as atividades criativas, que usa frequentemente a expressão “vocação”, sem todavia ser conclusivo quanto ao seu significado sociológico (Menger, 2005). No caso dos pastores, semelhante ao que acontece com os artistas, ou com os arquitetos, “só a componente vocacional explica as gratificações simbólicas”, o reconhecimento social e a decisão de permanecer nela, não obstante as dificuldades e tensões que enfrentam na prática laboral (Cabral & Borges, 2010:152).

Ao definir o chamamento divino e a vocação como a essência da atividade pastoral, os pastores procuram, na verdade, distanciar-se do modelo e da identidade profissional, e procuram definir sua área de atuação e construir a compreensão das suas atribuições com

base no chamado divino e no sentido de missão, rejeitando qualquer possibilidade de vínculo com o conceito de profissão. De acordo com Silveira (2005:83), “desde cedo, ou seja, ainda na fase de formação e treinamento no seminário, o futuro pastor é conscientizado de que ele está ingressando em um ofício que não deve ser encarado como uma profissão”.

A “ideologia profissional”, segundo Teresa Carvalho (2010:34-5), pode ser traduzida num “conjunto de ideias e valores que legitimam a profissão com base no conhecimento e que valorizam a competência técnica e cognitiva das práticas”. No caso do estudo com os enfermeiros, os elementos essenciais que estruturam essa ideologia estão relacionados com o “conceito de cuidar e do conhecimento científico”, e o primeiro elemento é o que distingue os enfermeiros dos médicos. Para estes, sua atuação está na lógica do “tratar”, conferindo certo distanciamento afetivo em relação ao paciente, enquanto que o cuidar, prática inerente ao enfermeiro, confere um aspecto mais humano na relação enfermeiro-paciente, além de compor um “carácter singular e de exclusividade da sua execução”. A concepção do cuidado aproxima-se da “visão holística, tendo por referência o indivíduo e toda a sua envolvente” (*idem*, 2010:34-5).

Ao reconhecer a importância do conhecimento científico como argumento legitimador do monopólio da atividade de cuidar, pelos enfermeiros, na divisão social do trabalho, a autora nos permite identificar um paralelismo com a atividade pastoral, uma vez que a exigência do ordenamento pastoral através do exame do concílio<sup>33</sup> (no caso dos pastores batistas) evidencia uma forma de legitimar o monopólio da atividade pastoral, assim como de limitar o acesso ao pastorado, provocando constrangimentos e tensões àqueles que se reconhecem vocacionados, mas, por não o possuírem, ou por serem impedidos de o possuir, não alcançam o “desejado autocontrolo profissional” (Freidson, 1986, 1994; *apud* Carvalho, 2010:34). Por outro ponto, a interligação entre cuidado e conhecimento científico pode ser compreendida como uma forma de retirar a função

---

<sup>33</sup> Para que um pastor seja reconhecido pela denominação batista, este deverá submeter-se ao Exame do Concílio e Consagração ao Ministério Pastoral, realizado pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – OPBB e reconhecido pela Convenção Batista Brasileira. É um ato solene em que o candidato ao ministério passa por uma arguição oral, com a presença de pastores batistas de outras denominações, sobre temas relativos à doutrina bíblica (Souza, 2009, org.). Após ser “aprovado” pelo exame de concílio, este filiar-se à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil e receberá uma “carteira de pastor”. A posse da carteira de pastor é uma forma de legitimação social, assim como legitima-o para o exercício de visitas em ambientes restritos, como hospitais, centros de detenções, clínicas psiquiátricas, etc. Este tema ser melhor explicado no Capítulo 3.

pastoral de uma posição mais subserviente, de voluntariado, e permitir legitimar as práticas e, simultaneamente, promover o reconhecimento social do ofício do pastor. Neste caso, esta interligação entre cuidado e conhecimento científico pode ser reconhecida como fronteira que separa o grupo de “pastores profissionais” dos voluntários, reconhecendo-os como legítimos representantes de Deus, conferindo poder e legitimidade junto à comunidade. O discurso da “vocação”, aliado ao conhecimento acadêmico-científico, promove o reconhecimento e obediência por parte da comunidade, porque esta o identifica com o profeta que fala em nome da missão, profecia esta que ele recebe do alto, privilégio que não é acessível a todos (Weber, 1991, 2005; Silveira, 2005).

Contrapondo a ideia de “pastor profissional”, Campos (2012) considera que há um deslocamento da ocupação-profissão e nos leva a refletir acerca das seguintes questões: quem precisará de um doutor, especialista em exegese e antigos textos hebraicos e gregos se a atividade pastoral da atualidade tem-se baseado mais no carisma, na arte de falar em público e em técnicas de persuasão como estratégias para se enquadrar nas famosas “leis do mercado” (Campos, 2012:2; Berger, 1985)? E mais, tem futuro o pastor tradicional ou haverá necessidade de novos clérigos para novos cenários? Nota-se que há um processo de “recomposição do campo religioso a partir de novos modelos” e novas práticas pastorais no ambiente protestante tradicional. Um novo estilo, um novo *design* da função pastoral, onde o especialista em exegese bíblica e teologia sistemática (o pastor-doutor) sai de cena e dá espaço ao pastor-mágico, pastor-*coach*, o pastor-animador que apela para estratégias de manipulação dos mistérios com o fim de motivar e encantar os espectadores (Campos, 2012:19-20; Weber, 1991).

A “ideologia *managerialista* ou de gestão” considera natural a incorporação de noções de gestão no contexto da profissão como parte integrante da formação científica (Carvalho, 2010). Segundo Teresa Carvalho, numa referência aos estudos de Freidson (1986), “a inclusão da legitimação científica da formação em gestão poderá ser entendida (...) como uma tentativa de identificar uma tarefa específica, percebida como sendo socialmente valorizada e para a qual os profissionais procuram impor suas competências” e estabelecer as áreas para sua atuação (Carvalho, 2010:41). A ênfase na inclusão da formação científica em gestão como prática profissional objetiva aumentar a área de jurisdição do profissional de enfermagem através da redefinição das fronteiras de atuação, relativamente aos médicos, uma vez que historicamente era parte do percurso formativo,

além de ampliar sua visibilidade, porque contribui hoje para a manutenção do poder profissional já que são possuidores de um conhecimento mais alargado do ambiente e da realidade hospitalar.

A “ideologia *managerialista* ou de gestão” é percebida no contexto da função pastoral, e é na redefinição de fronteiras de atuação das práticas pastorais para aumentar responsabilidades na gestão da igreja que esta ideologia trouxe uma nova significação para o ofício, contribuindo para o alargamento das fronteiras de atuação do pastor dentro da igreja. Um olhar sobre a cultura contemporânea nos permite constatar que as fronteiras que dão suporte e sustentação à ocupação, carreira ou profissão estão se movendo rapidamente a ponto de provocar uma crise nos pastores, afetando, de forma profunda, seus sistemas de valores e de referência (Campos, 2012), alterando e impactando sensivelmente a forma de viver e conceber a atividade pastoral na atualidade. É o que Campos (2012:19) chama de processo de “desmontagem” das instituições que tradicionalmente eram responsáveis por gerir o sagrado e preservar a tradição. O aumento de responsabilidades, com acúmulo de funções; menos tempo com a família e com o cuidado de si mesmo; a necessidade de conhecimentos de gestão na realização das atividades funcionais; remunerações incompatíveis com as responsabilidades assumidas, além do cumprimento de regras para alcançar metas pré-estabelecidas, são algumas das novas exigências que estão ao cargo do pastor contemporâneo.

Foi a partir de Lutero que o protestantismo passou a considerar como “vocação divina todo trabalho que seja realizado para a glória de Deus”. O discurso religioso na cultura brasileira apresenta a vocação religiosa como “vocação pastoral, que não se confunde com trabalho secular” (Lopes *et al.*, 2019:81). E, ainda hoje, esta não reconhece a atividade pastoral como profissão, uma vez que a atividade não está incluída no elenco das categorias profissionais. Seria o pastor “um tipo especial de clérigo” (Willaime, 1992, *apud* Campos, 2012:14)<sup>34</sup> que exerce sua profissão numa instituição tipo Igreja e que está “a serviço do sagrado institucionalizado” (Campos, 2012:14)? Ao propor esta reflexão, Campos leva-nos a perceber o quão improdutivo tem sido os debates dentro das ciências

---

<sup>34</sup> Jean-Paul Willaime realizou um estudo sobre as condições do clero protestante na França e Suíça, no final do século XX, onde baseou-se nos estudos de sociólogos britânicos da profissão e apresentou atributos que considerou ser próprio de uma profissão, e que poderiam ser aplicados ao perfil do pastor protestante.

sociais sobre esse tema quando estes ainda estão carregados de pré-conceitos ou ponderações negativas acerca da atuação profissional do pastor:

a discussão desse tema, dentro dos quadros das ciências sociais, exige o abandono da ideia pejorativa que se tem a respeito da atuação profissional do pastor ou do sacerdote no campo religioso como sendo uma questão interna ao campo religioso. Esse preconceito ainda se inscreve dentro de antigas ideologias trabalhadas em especial pelos clérigos, que preferem falar nos trabalhadores religiosos como pessoas meramente “vocacionadas”, em indivíduos que estão em uma atividade “missionária”, ou que são pessoas “devotadas a uma causa”. Em outras palavras, a ideologia da vocação atrapalha o desenvolvimento de uma perspectiva sociológica na abordagem da ação sacerdotal ou pastoral” (CAMPOS, 2012:15).

A legitimação cultural é garantida já que o chamamento espiritual assegura ao pastor a respeitabilidade da ocupação, porém não lhe garante a legitimação social, nem tampouco a sua profissionalização (Carvalho, 2010). É certo perceber que não se trata de uma novidade, tendo somente recebido novo fôlego nas discussões mais recentes ligadas à área da sociologia por conta das instabilidades, das ambiguidades e das incertezas geradas a partir da explosão de manifestações ligadas ao sagrado e advindas dos novos movimentos religiosos – NMR, e por seu caráter interdisciplinar.

A Psicologia, segundo o *Dicionário de Psicologia* (1966:450), também citado por Silveira (2005:87), afirma que

há vocação quando uma pessoa manifesta tendência a exercer certa forma de atividade – em particular, de caráter profissional – e suficientemente forte para que pareça responder a uma espécie de apelo (ou chamado interior), de acordo com as aptidões requeridas nessa atividade.

Na filosofia, segundo o *Dicionário de Filosofia* (2003:1007), numa citação de Silveira (2005:87), temos a seguinte definição para o termo “vocação”:

é hoje um conceito pedagógico e significa propensão para qualquer ocupação, profissão ou atividade. É diferente de aptidão, por ser a atração que o indivíduo sente por determinada forma de atividade, para a qual pode ou não ser apto. A aptidão pode ser controlada objetivamente, a vocação é subjetiva. Uma vocação pode, portanto, ser também um beco sem saída.

Nota-se que, tanto para a Psicologia quanto para a Filosofia, a vocação não traz o peso de sacralidade, sendo então considerado um termo secular, em sentido laico (Silveira, 2005). Conclui-se, dessa forma, que “o conceito de vocação é transversal à religião, à ciência e à arte e, no fundo, a muitas esferas produtivas. Porquê? Porque é o mundo da vida que ‘chama’ os indivíduos” (Delicado *et al.* 2010:17). Esta é uma interpretação que grande parte de membros de profissões ligadas às áreas da saúde tem construído em suas

biografias, algo que está relacionado ao cumprimento de um ‘chamamento’, acompanhada do sentimento de missão.

A perspectiva sociológica, por outro lado, nos permite compreender a vocação a partir do conceito de *habitus* que, segundo Bourdieu (2007:162), constitui uma estrutura simultaneamente estruturante e estruturada, ou seja, ele é “*princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação (princípio divisionis)* de tais práticas” e compreende, na perspectiva de Silva (2007:104), “um sistema de disposições a agir, aprender, sentir e pensar de uma certa forma interiorizada e incorporada pelos indivíduos ao longo da vida”.

Nessa perspectiva, o conceito de *habitus* nos permite conceber o pastorado como vocação e profissão simultaneamente, assim como nos permite compreender que a adesão ao pastorado está ancorada na escolha que se baseia na realidade social em que lhe confira sentido de vida, neste caso, se dá a partir de um dispositivo central, como uma matriz geradora de ordem sobre a qual novas camadas vão sendo acrescentadas e incorporadas nesse processo de socialização, e a relação entre indivíduo e instituição é incorporada nesse processo de aprendizagem, de construção biográfica, que se transforma e modifica ao longo da trajetória de vida e associada a diferentes formas de participação social, a partir de comportamentos e percepções geradoras de estratégias que são apropriadas a uma organização social específica. Suas escolhas são baseadas numa realidade que lhe proporciona sentido e significado, e a vocação então, passa a ser uma escolha de vida, um projeto social a partir de um engajamento subjetivo, não simplesmente a partir de um objetivo funcional, como acontece com os médicos, os enfermeiros, onde a competência técnica e a especificidade funcional são necessárias tanto quanto o aspecto vocacional (Silveira, 2005; Silva, 2007; Bourdieu, 2007; Nunes, 2007).

Quanto à compreensão da função pastoral a partir do conceito de profissão, os teóricos que procuram estabelecer um conceito para profissão apontam para os desafios para uma definição que alcance as variáveis que o termo contempla. Porém, diferentes estudos acerca da compreensão da evolução do conceito de profissão reconhecem e concordam com a importância e centralidade do conhecimento científico (Carvalho, 2010; Rodrigues, 1997; Santos, 2011). Santos (2011:36), porém, percebeu a inexistência de um “modelo universal do que deve ser uma profissão, uma vez que a sua determinação implica a análise de diversas variáveis conjunturais (em termos de contexto), variáveis estruturais

(em termos dos elementos que constituem a profissão) e variáveis teóricas e metodológicas”, e a grande diversidade de organizações, de crenças e influências políticas e sociais dominantes acaba por promover uma variedade de análises e conceitos para o termo profissão.

Neste sentido, e segundo a autora, existem elementos importantes para a definição e compreensão do conceito para determinado grupo profissional que os distinguem de outro grupo profissional, e que demarcam seu “território monopolista” (Santos, 2011:43). No caso específico dos pastores, o cuidado é um elemento que os distinguem de outros grupos, porque está relacionado ao “quem ele é”, ou seja, ao aspecto “social” e “transcendente” da identidade do pastor, pois estabelece uma jurisdição para sua atuação dentro do contexto dos profissionais da ajuda acrescida da dimensão espiritual (Santos, 2011:43).

A identidade social, na voz de Santos (2011:46) e referindo-se a Dubar (2000) e Blin (1998), “apresenta-se com maior desprovimento em termos de apropriação do outro, enquanto sujeito individual, apontando, mais assertivamente, para a importância das dinâmicas sociais e da influência dos diversos contextos sociais”, porque permitem a participação do indivíduo em contextos sociais a partir da sua identificação com o outro, sem ignorar aspectos da sua singularidade, como resultado do processo de socialização. A maneira como ocorre a incorporação de disposições nesse processo de socialização acaba por dar forma a uma espécie de “segunda natureza”, que é o *habitus*, resultado dos modos de agir que parecem inatos e inscritos no indivíduo e que estão fora do seu controle consciente (Nunes, 2007).

Quanto à compreensão do conceito de cuidado, segundo Alves (2016:16), “dos primeiros estudos de enfermagem a teorizarem as práticas de cuidar próprias desse campo, seguiram-se disciplinas como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia e a Ética a trazerem olhares sobre o fenômeno, próprios das suas áreas de reflexão”. As preocupações teóricas que têm orientado pesquisas acerca da produção de cuidado têm vindo a mudar ao longo do tempo e, de forma crescente, têm conquistado lugar em áreas disciplinares cada vez mais diversas.

Ao buscar definir a palavra cuidado a partir da filologia<sup>35</sup>, Leonardo Boff destaca que “cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se depreende, de uma atitude fundamental (...) [e] implica um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude” (Boff, 2005:29).

O teólogo afirma que a palavra cuidado tem a mesma raiz da palavra cura. Seguindo nessa compreensão e tomando o latim como referência, assim articula: “temos, nas línguas latinas, a expressão “cura d’almas” para designar o sacerdote ou o pastor cuja incumbência reside em cuidar do bem espiritual das pessoas e acompanhá-las em sua trajetória religiosa”. E finaliza reforçando que “tal diligência não se faz sem fino trato, sem zelo e dedicação, (...) como convém às coisas espirituais” (Boff, 2005:29).

Boff reconhece que o cuidado faz parte da essência do ser humano, já que o cuidado “sempre nos acompanha”; e que sempre teremos alguém com quem nos preocupar e “nos inquietar” (Boff, 2005:29). Para ele, os dois sentidos refletem o “modo-de-ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo junto com os outros. Melhor ainda: é uma forma de ser-no-mundo e, a partir daí, de relacionar-se com as demais coisas” (Boff, 2005:30). Mas o cuidado só passa a fazer real sentido quando a existência de alguém é importante para nós porque tem a ver com a “dimensão relacional” (Alves, 2016:12), no ser para o outro.

Na percepção da psicóloga e teóloga Blanches de Paula (2009:63), o cuidado pastoral refere-se a “algo comunitário e que se dá por meio de interligações de várias áreas

---

<sup>35</sup> A Filologia, enquanto palavra derivativa do termo “filólogo”, foi inicialmente encontrada em Platão e em Aristóteles, e tem como significado etimológico “amigo da palavra” (Bassetto, 2000:1). Segundo esse autor, “o filólogo é aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual” (*idem*, 2000:1). Já no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, citado por Sousa em “*Aspectos gerais da história da escrita, Aula 1*”, “Filologia: 1) Estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos; 2) Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos; 3) O estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica; 4) Estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos” (*apud* Sousa, s/d:1). Mais recentemente, segundo Carvalho (s/d), *apud* Sousa, s/d:3) a Filologia foi dividida em dois ramos: “1. Da Linguística” e “2) Textual/Crítica Textual” e ainda hoje recebe a contribuição de áreas das ciências sociais como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia para reforçar os pilares desta prática filológica.

da igreja: educação, diaconia, aconselhamento, pregação, espiritualidade”. É uma ação conjunta, uma prática que envolve uma “comunidade-igreja” através das relações entre as pessoas e para as pessoas, como forma de nutrir e promover a fé e o crescimento espiritual. A autora afirma que “o cuidado pastoral não diz respeito somente ao pastor e pastora, mas à comunidade-pastora que busca uma prática do cuidado em todas as situações enfrentadas por seus membros” (*idem*, 2009:63). A dimensão relacional proporciona a ação do cuidado. Neste sentido, o termo *práxis*<sup>36</sup> se faz presente, uma vez que em seu conceito envolve tanto a reflexão como a prática na promoção de ações que reafirmam a ética religiosa na vida comunitária (Paula, 2009). É justamente no conjunto de ações e atitudes de apoio promovido pelos membros da comunidade-igreja ao grupo com o intuito de se fazer cumprir os valores que lhes são comuns que o cuidado acontece.

## 2.2 – As especificidades da Função Pastoral

O pastor protestante tem uma peculiaridade com relação à sua atividade, que se aproxima da categoria “empregado” da instituição, diferentemente de um representante da Igreja católica, por exemplo, e sua relação com a Igreja é considerada como a de um “empregado<sup>37</sup>”. Essa particularidade entre o clérigo católico e o pastor protestante também se dá justamente porque o pastor normalmente tem família, esposa, filhos e/ou

---

<sup>36</sup> A palavra “práxis” assume vários significados ao longo do tempo e em diversas línguas diferentes. Para Aristóteles se referia a ações com fim em si mesmas. Para Vázquez (2011), apesar de ser uma espécie de ação, a atividade que seja puramente teórica não é considerada como práxis. Para este autor, são exemplos de práxis, a práxis produtiva, a artística, a política, a experimental etc. Já em Marx, citado por Silva (2017), práxis é um tipo específico de ação, ação esta que é direcionada para um fim e que seja capaz de promover transformação no mundo (seja no externo, através da socialização dos produtos do trabalho; ou subjetivo e social, por meio de mudanças na estrutura e nas relações de trabalho). Em nosso tempo, o sentido comum de práxis refere-se àquilo que é prático, não distanciando do uso corriqueiro da palavra prática e lhe servindo, dessa forma, como sinônimo (Silva, 2017). Segundo Silva (2017:100), “a práxis se configura como a ação propriamente humana capaz de transformar o mundo e que ela assume formas diferentes a depender do fim a ser alcançado”. Segundo (Pereira *et al.*, 2016:36), “é possível afirmar que a práxis, enquanto movimento dialético entre ação e reflexão, teoria e prática, configura-se como um necessário componente dentro do contexto”. Dessa forma, é possível compreender a práxis como a possibilidade concreta da elaboração de um projeto de mudança, onde o indivíduo se compromete em transformar seu mundo exterior a partir de sua realidade.

<sup>37</sup> De acordo com o estudo de Leonildo Silveira Campos (2012) sobre os clérigos em contexto de mudanças, ainda hoje os juizes, “ao julgarem causas trabalhistas envolvendo Pastores e igrejas, empregam pré-julgados dos anos 70 e 80 por meio dos quais se fixou uma jurisprudência que afirma não existirem entre Pastor e igrejas vínculos empregatícios pois, “pastor não é empregado e nem igreja empregadora””. Para mais esclarecimentos acerca dessa temática, recomendamos a leitura do artigo do autor, intitulado “*Clérigos em contexto de mudanças – uma visão sociológica do papel do pastor protestante brasileiro e dos desafios de sua formação em seminários teológicos no início do século XXI*”.

filhas. As tensões que existem na relação trabalho-família no contexto das instituições religiosas são normalmente caracterizadas pela incompatibilidade entre as exigências do trabalho e da família, tais como: maior dedicação de tempo para o trabalho e ausências prolongadas (Campos, 2012; Baptista, 2014).

Nesta pesquisa pretende-se defender que, do ponto de vista sociológico, o pastorado pode ser considerado uma profissão, e o fato de a componente vocacional ser determinante na questão do chamamento, isso não inviabiliza tal afirmação. Porém, não devemos desconsiderar aspectos que são específicos à atividade pastoral e que a diferenciam das outras profissões. Interessa a essa pesquisa perceber as dinâmicas desses aspectos nas suas interações comunidade-igreja.

### **2.2.1 – Enquanto doutor-teólogo: um agente religioso**

Relativamente à definição de pastor protestante tradicional, objeto do presente estudo, Campos (2012:1) considera tratar-se “de um grupo de homens e mulheres visto como especialistas religiosos, que trabalham para as igrejas ‘tradicionalistas’ ou ‘históricas’ implantadas no Brasil por missionários norte-americanos, especialmente presbiterianos, batistas, metodistas ou congregacionais, na segunda metade do século XIX”. Ou seja, homens e mulheres que desempenham suas atividades em instituições que são herdeiras da Reforma do século XVI e que foram levadas ao contexto brasileiro por missionários dessas mesmas denominações.

Em uma referência às atribuições que são inerentes à função do pastor protestante tradicional, Campos assim escreve

ora, o pastor antes de ser um profissional ou um clérigo, é um agente religioso, um especialista de uma tradição religiosa determinada, um representante legítimo de uma instituição religiosa, e que exerce um tipo de poder na sociedade ou no grupo local. Ele pode desempenhar, por exemplo, uma função intermediária entre a área de saúde e assistência social (CAMPOS, 2012:8).

O fato é que os pastores não gozam de autonomia ou autorregulamentação, como é o caso dos profissionais autônomos. “Ele é inseparável da Igreja como instituição que o emprega e o legitima diante dos fiéis” (Silveira, 2005:97). Sua identidade social e profissional está diretamente ligada à sua relação com a comunidade, que é também a base social da igreja, e a hierarquia institucional é quem regulamenta e controla suas ações dentro da igreja.

Segundo Silveira (2005:97), numa referência à Willaime (1986), ainda que os membros reconheçam que a igreja é uma “instituição normativa geradora de uma tradição”, e mesmo que não sejam eles “especialistas como os clérigos, exercem sobre este um controle na medida em que verificam se o mesmo não está se desviando da tradição”. Quer dizer então que o líder religioso enfrenta duplo controle: de um lado tem a diretoria estatutária e o conselho da igreja, eleito pela comunidade, e de outro a comunidade leiga que vigia e controla cada ação do pastor, contribuindo para uma certa tensão no exercício de suas atividades laborais. Esse controle também se aplica à gestão do capital simbólico, para que o mesmo não revele um espírito crítico e promova heresias.

Do pastor batista é exigido a “adesão ideológica”. A igreja, enquanto instituição simbólica e fiel depositária do sistema de valores e crenças, espera do pastor adesão total para que a relação profissional seja estabelecida. Neste caso, a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*<sup>38</sup> é o instrumento que estabelece um conjunto de direitos e deveres, de regras e posições doutrinárias que deverão ser aceitas e adotadas pelo pastor como parte dessa relação. A exigência de formação teológica no seminário e o exame pelo Concílio por parte das instituições e da *Ordem dos Pastores* é outro modo de exercer o controle sobre essa adesão ideológica.

À medida que os cenários sociais são alterados, a reprodução do capital simbólico poderá enfrentar desafios e provocar abalos nas instituições, culminando na perda de plausibilidade. Sob o risco de ser acusado de desvio doutrinário, ou de adotar práticas modernas demais, o pastor precisa estar alinhado com o sistema de valores que a instituição estabelece como premissa na relação de trabalho (Berger, 1985; Silveira, 2005, Bourdieu, 1985, 1996).

Isso não impede que ele enfrente crises resultantes dos conflitos entre as várias interpretações doutrinárias mais contemporâneas e que são produzidas num contexto secularizado, pluralista e em constante mutação. Silveira (2005:101) destaca que “o pastor pode entrar em “crise” com o seu próprio sistema de sentido” quando percebe que a tradição simbólica que ele acredita, defende e dissemina perde plausibilidade na sociedade contemporânea, influenciada pelo processo de secularização e do “esvaziamento de sentido de crenças tradicionais”. Especialmente após o surgimento e expansão dos novos

---

<sup>38</sup> A versão completa desse documento encontra-se disponível no endereço eletrônico [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=22](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22) (Acesso em 15/10/2020).

movimentos religiosos – NMR, que têm promovido concorrência com as instituições tradicionais para produção de disseminação de bens simbólicos (Silveira, 2005; Berger, 1985; Vilaça, 2006).

Em seu estudo sobre o perfil profissional do pastor presbiteriano na cidade de São Paulo, José Silveira encontrou pastores envolvidos numa “crise profissional” pela percepção de um certo esvaziamento de sua importância”. Situação mais evidente em contextos em que os pastores que viviam em cidades menores tinham sido transferidos para a capital. Lidar com a realidade da vida numa metrópole não é algo simples, porque há uma tendência de os leigos não participarem tão ativamente da vida eclesial, situação esta que é resultante da própria dinâmica dos grandes centros urbanos e reflexo da secularização, que tem contribuído para o declínio geral do compromisso religioso (Silveira, 2005; Pierucci, 2004; Bauman, 2007, 2008).

Quanto à relação do pastor com a membresia, segundo Weber, esta é caracterizada basicamente por duas funções, a função de sacerdote e a de profeta. Relativamente às funções de sacerdote, estas podem ser reunidas em: pregar a mensagem bíblica; visitar e manter contato com os leigos; realizar aconselhamento pastoral; presidir o culto público; realizar os sacramentos; ensinar a doutrina bíblica; prestar assistência pastoral aos enfermos e enlutados (*Código de Ética*<sup>39</sup>, OPBB, 2019). Quanto à função profética, enquanto “porta-voz de Deus entre os homens” e “instrutor de moral” (Campos, 2012), cabe ao pastor a exposição das mensagens bíblicas à comunidade na reunião de celebração cültica por meio da pregação.

Em contrapartida, o pastor também tem expectativas quanto aos membros, relativamente ao serviço que lhe é prestado. Reunir-se regularmente para prestar culto; participar ativamente nos ministérios e nas atividades da igreja; estudar e colocar em prática os ensinamentos da Bíblia; cultivar a comunhão; cooperar com o crescimento numérico da comunidade trazendo outras pessoas; contribuir financeiramente através dos dízimos e das ofertas; obedecer e valorizar o pastor, bem como sua família, e cumprir as ordenanças da igreja (batismo e ceia do Senhor).

Essa relação entre o pastor e a comunidade pode ser compreendida a partir da teoria dos campos de Bourdieu, uma vez que a igreja se apresenta como um espaço de

---

<sup>39</sup> A versão completa desse documento está no endereço eletrônico [https://2b818c5e-3025-402d-8c86-c527e80bcbf3.filesusr.com/ugd/73e627\\_308cfa5dc6a24451ae975790a87eba0a.pdf](https://2b818c5e-3025-402d-8c86-c527e80bcbf3.filesusr.com/ugd/73e627_308cfa5dc6a24451ae975790a87eba0a.pdf) (Acesso 15/10/2020).

lutas pelo poder simbólico, em que os membros disputam com o pastor e entre si parcelas desse poder. As alianças que o pastor promove com determinados membros e com elementos da diretoria fazem parte das estratégias para se conseguir apoio e adesão de todos quando pretende implementar mudanças. Em troca do apoio aos projetos e propostas, os membros também procuram exercer controle e alcançar prestígio junto ao líder, até que novas disputas sejam travadas na intenção de ganhar posições e privilégios (Bourdieu, 2003).

### **2.2.2 – Enquanto gestor: um empregado denominacional**

Uma especificidade inerente à função pastoral e que merece destaque é a condição de assalariado do pastor, enquanto “empregado denominacional”, que deve submeter-se às normas e regulamentações que a instituição impõe. O Estatuto das igrejas normalmente estabelecem questões dessa natureza e outras relacionadas à forma de remuneração, fixação de valores e dos tipos de subsídios e auxílios que poderão fazer parte ou não do seu sustento, ficando este último na dependência de aprovação por parte da Assembleia Geral da Igreja (*Código de Ética*, OPBB<sup>40</sup>, 2019).

Segundo a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*, “o pregador do Evangelho deve viver do Evangelho”, dedicando-se totalmente a obra à qual foi chamado, enquanto “às igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e sustentar adequadamente e dignamente seus pastores” (*Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*, item XI-Ministério da Palavra). Já o *Código de Ética* da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, no seu Artigo 15º, quando faz referência aos deveres do pastor quando no exercício de atividades denominacionais, descreve-o assim: “em que serve, com cargo eletivo ou como empregado”, corroborando para a sua condição de assalariado e de empregado da denominação.

Alguns teóricos<sup>41</sup> das ciências sociais ligados à Sociologia da Religião e da Sociologia das Profissões (Campos, 1987, 2012; Silva, 2004; Silveira, 2005; Mendes & Silva, 2006; Ebert

---

<sup>40</sup> OPBB – Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. Entidade que congrega os pastores batistas do Brasil, de livre filiação e associação, com o intuito de ajudá-los no exercício do ministério pastoral. Promove encontros, congressos e assembleias para tratar de temas direcionados à capacitação dos pastores. Ver mais em <https://www.opbb.org.br/> (acesso em 25/10/2020).

<sup>41</sup> Numa pesquisa sobre prazer e sofrimento no trabalho considerando a estrutura organizacional de uma igreja evangélica neopentecostal e outra evangélica tradicional, Rogério Rodrigues da Silva (2004) procurou mostrar a relação entre as transformações no contexto dessas organizações religiosas ao longo dos anos e as

& Soboll, 2009; Santos, 2018) já há algum tempo seguem num esforço em compreender o ofício do pastor. Silva (2004:25) destaca que

o trabalho do pastor tem um caráter paradoxal e aí reside uma dificuldade em sua análise. Assume uma natureza sobrenatural, por seu caráter eminentemente religioso, e ao mesmo tempo, encarna-se em ações terrenas (da política, por exemplo). Separar o trabalho encarnado de seu conteúdo religioso mostra-se como uma dificuldade, cujo significado atravessa o corpo do trabalhador. Parece que não há como separar o carnal do espiritual, os dois já estão encarnados! De um lado, uma conduta irrestrita de dedicação espiritual. Por outro, a modernidade do capitalismo com as transformações do mercado de trabalho e do próprio mercado religioso, cooptam-no para o enlace com outras prioridades e atividades profissionais. Nisso resulta um caráter paradoxal desta profissão. O retorno financeiro, a recompensa pela atividade, parte integrante do trabalho, torna-se dicotômico para o pastor. (SILVA, 2004:25).

É evidente a diferença na forma de atuação do pastor dentro de uma igreja relativamente às funções que este desempenha e isso deve ser considerado quando se tem em conta diferenças no contexto das igrejas tradicionais e neopentecostais, diferenças relacionadas principalmente quanto às suas estruturas organizacionais, de poder, ou mesmo pelas atividades laborais que são atribuídas no trabalho pastoral (Silva, 2004). Enquanto gestor da igreja, cabe ao pastor a responsabilidade de planejar as atividades celebrativas; organizar eventos, espaços, pessoas, recursos; dirigir todos os projetos, reuniões, ministérios e controlar tudo para atender a um público exigente e que espera dele zelo e excelência. No meio de tantas atribuições, as competências de gestão e controle tornam-se necessárias e imprescindíveis.

O teólogo se vê diante da obrigação de atuar como um gestor, a quem cabe a responsabilidade de planejar as atividades diárias e semanais, organizar ministérios, contratar pessoas, realizar orçamentos e até comprar o pó de café, se necessário for. O que

---

consequências dessas mudanças na psicodinâmica do trabalho desses líderes. A pesquisa transformou-se, posteriormente, num artigo e, juntamente com Ana Magnólia Bezerra Mendes (2006), ambos concluíram que, “de maneira geral, observa-se uma vivência de prazer-sofrimento semelhante a outras profissões, inclusive as formas de enfrentar o sofrimento, com exceção da espiritualização dos problemas” (Mendes & Silva, 2006:103). Já Leonildo Campos, (2012) em seu artigo “*Clérigos em contexto de mudanças – uma visão sociológica do papel do pastor protestante brasileiro e dos desafios de sua formação em seminários teológicos no início do século XXI*”, dedicou uma sessão só para tratar dos desafios e tensões que existem entre os conceitos de ‘profissão’ e ‘vocação’, tema que também foi assunto em sua dissertação de mestrado – *Destino Pessoal e organização religiosa: Um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa* – desenvolvida em um programa de pós-graduação em Administração de Recursos Humanos pela Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1987. Mais recentemente foi publicado um artigo na revista Trabalho (En)Cena, 2018, 3(3) – *Psicodinâmica do Trabalho e Atividade Pastoral* – de autoria de Osmar O. A. dos Santos *et al.* (2018), que, utilizando a Psicologia do Trabalho como fundamento teórico, apresentaram os resultados de um estudo realizado com pastores de igrejas evangélicas em Brasília, Distrito Federal, Brasil, sobre as vivências de prazer-sofrimento no exercício pastoral e da existência ou não de reconhecimento do trabalho pastoral.

vai determinar o grau de envolvimento dele com atividades dessa natureza será o tamanho da congregação, a arrecadação mensal e a disposição de voluntários para ajudá-lo.

No que se refere à remuneração do pastor pela instituição, Campos constata que

o pastor é um militante religioso, que tira da organização a que serve parte da renda para a sua própria manutenção. Isso faz do pastor um tipo especial de clérigo, pois nele concentra as funções sacerdotais e proféticas, o que lhe acrescenta novas tensões. [...] Por estar o pastor protestante tradicional destinado a agir como um especialista religioso ele recebe um preparo num Seminário ou Faculdade de Teologia, onde recebe a formação de teólogo, exegeta e de transmissor de uma memória da qual a instituição é gestora e mantenedora. O pastor é uma autoridade ideológica, cuja legitimidade repousa na estrutura burocrática da Igreja/Seita a qual ele está ligado, agindo assim como sacerdote. Mas, ao mesmo tempo, ele possui uma autoridade ideológica (doutor), carismática (profeta) e também tradicional (mágica). Em outras palavras, o pastor protestante é um feixe de funções e autoridade, o que acaba gerando formidáveis situações de conflitos de papéis (CAMPOS, 2012:8).

Talvez aqui seja possível evocar a questão da vocação para afirmar que o exercício da função pastoral espera do vocacionado envolvimento total, exigindo dele dedicação exclusiva ao ministério, desprendimento, forte investimento pessoal, sacrifício e dependência financeira. O Artigo 2º do *Código de Ética* da OPBB declara que todos os pastores que são filiados “comprometem-se a observar este código. Por conseguinte, no seu descumprimento sujeitar-se-ão às sanções nele previstas”. No Artigo 3º, parágrafo único do mesmo código, atesta que “ao ingressar na OPBB o pastor declara concordar e submeter-se a este código de ética e às demais decisões da Ordem”.

Esse envolvimento total evidencia a existência de tensões na atividade pastoral e, mesmo correndo o risco de parecer redundante, há aqui o reforço para confirmar essa evidência. A ocupação profissional preenche apenas uma parte da vida das pessoas, isso quer dizer que a profissão não abarca todo o seu sentido de vida, porque a família, os amigos, o lazer e o entretenimento devem também ter espaço na rotina do indivíduo. Tempo de descanso, de desenvolvimento pessoal, de cuidados com a saúde também reclamam espaços na agenda.

### **2.2.3 – Enquanto cuidador: um pastor-coach**

Max Weber (2006:119-120) considera o cuidado religioso que é ofertado aos indivíduos, na sua forma racional e sistemática, como “a *cura de almas*”. Para o autor, a cura de almas comporta-se de forma distinta da pregação quando se trata da sua influência prática sobre a conduta de vida dos indivíduos. Em se tratando de “cura de almas”, o autor

considera ser esta, “em todas as suas formas, o verdadeiro instrumento do poder dos sacerdotes, precisamente na perspectiva da vida quotidiana” e, quanto mais ética for a instituição religiosa e o seu representante legal, maior será seu poder de influenciar a vida e as interações sociais.

Weber ressalta que o poder que as instituições religiosas exercem sobre as massas “é paralelo ao desenvolvimento de cura de almas”. Pedir conselhos ao pastor de almas em todas as circunstâncias da vida, neste sentido, torna-se uma prática comum, tanto por parte de indivíduos e de famílias ligadas às igrejas, como de “funcionários de agremiações”, sendo este último algo muito comum no cenário político brasileiro recente. Segundo Weber (2006:122), “a sua legitimação junto dos leigos depende sempre de ele ter carisma” e comunicação entusiasta e eloquente, exigindo dele habilidades que o torna verdadeiro especialista em “culto-*show*”, capaz de dramatizar e provocar emoções na plateia-auditório (Silveira, 2005; Campos, 2002).

Para a Teologia, a categoria cuidado tem relação direta com o cuidado pastoral, apesar de não ser literalmente um conceito bíblico. Apoiar-se nas Escrituras e na tradição que é parte da dinâmica das igrejas desde os tempos do Antigo Oriente Médio. Blanches de Paula, psicóloga e teóloga metodista brasileira, afirma que “o termo ‘cuidado’ evoca uma dimensão afetiva em todas as relações que pode estabelecer”, afinal, quem cuida pastoreia e quem pastoreia acaba por efetuar o cuidado para com o outro (Paula, 2009:63). Para esta autora, “a expressão “cuidado pastoral” tem sido utilizada como uma espécie de atualização de ação pastoral integral” (*idem*, 2009:62), porque pode ser compreendido como uma vocação para a cura da alma, seguindo a mesma de compreensão de Leonardo Boff (2005).

Dentro das chamadas “funções pastorais”, Collins (2004:17) considera o cuidado pastoral a mais abrangente quando comparada com o aconselhamento pastoral e a psicoterapia pastoral. Para o autor, é um termo abrangente porque “se refere aos ministérios eclesiais de cura, apoio, orientação e reconciliação das pessoas com Deus e com o próximo” (*idem*, 2004:17). O autor considera tratar de um termo também conhecido por “cuidado com as almas” e *poimênica*<sup>42</sup>, pois inclui “os ministérios de

---

<sup>42</sup> Na visão de Clinebell (1998), a *poimênica* na atualidade, concentra-se em funções de apoio a pessoas e/ou grupos que enfrentam crise, e resultam em elementos que envolvem cura, sustentação, orientação, reconciliação e nutrição. Para este autor, a *poimênica* é um ministério amplo e inclusivo que envolve cura e

pregação, ensino, disciplina, administração de sacramentos, educação e assistência em casos de necessidades”.

Ronaldo Sathler-Rosa, teólogo metodista brasileiro, destaca a importância do outro na questão do cuidado, uma vez que é no cuidado que se contribui para nutrir a fé, a autoestima e a dignidade do outro e também para o crescimento da comunidade-igreja nas múltiplas formas de interação desses indivíduos. Segundo este autor,

cuidar do indivíduo é essencial, mas não é suficiente! É preciso cuidar da ‘casa’, dos sistemas que estruturam a vida das pessoas em sociedade, das múltiplas interações do ser humano. É a ação pastoral direcionada a sistemas. Em fase de conhecimento da situação, a ação pastoral identifica distorções, desequilíbrios, injustiças que sejam obstáculos para a vida plena, para a cura e para a paz. É a dimensão da “denúncia profética”. Então, proclama as Boas Novas por meio da Palavra e da participação na busca de alternativas. É a dimensão do anúncio. É a voz profética nos domínios públicos, estatais, institucionais. O cuidado pastoral enraíza-se na esperança e na confiança de que é possível a mudança e fazer ‘novas todas as coisas’ (Apocalipse 21.5) mediante ações das comunidades de fé e seus ‘cuidadores’ pastorais (SATHLER-ROSA, 2004:50-51).

Essa forma de cuidado para com o indivíduo e que reflete nas suas interações com a comunidade-igreja reforçam a perspectiva de Weber, apresentadas acima, quando este trata da regulação e sistematização de práticas religiosas que irão reverberar pelos demais cenários sociais e que tornar-se-ão, “por princípio do dever religioso, no sentido de uma ética de convicção” (Weber, 2006:253-4). As tensões, sob o ponto de vista religioso, que a intervenção da ética religiosa produz a partir das interações sociais de seus atores com as “ordens intramundanas”, faz com que esses atores sociais, ao serem confrontados com certas situações da vida, rejeitem o mundo, porque são questões que não encontram conformidade com aquilo que a ética religiosa considera como aceitável.

O olhar do cuidado na perspectiva das comunidades e na sua relação com outros grupos sociais, cujo objetivo principal é o cuidado com o próprio indivíduo, permite reconhecer a influência da psicologia na prática pastoral de “cura de almas”, assim como evidencia a necessidade do diálogo entre essas ciências quando se trata da questão do cuidado. A influência da psicologia no cuidado pastoral, segundo Paula (2009:65), “é significativo e indispensável para a saúde integral das pessoas, grupos, famílias, sociedade”,

---

crescimento entre os membros de uma comunidade e contribui para a sua comunhão, enquanto esta for a prioridade de todos os envolvidos. Segundo Schneider-Harpprecht (1998:24), a palavra *poimênica* é compreendida como a “ciência do agir do pastor”. Em bibliografias mais recentes é possível perceber sua redução ao simples aconselhamento, deixando de contribuir para um cuidado pastoral que seja relevante e que permita assistir o indivíduo de forma integral. Perde-se, assim, sua dimensão holística (Silva, 2018).

uma vez que ambos preocupam-se em preservar “a dignidade do ser humano” (Oliveira, 2004:45).

A psicologia, enquanto ciência empírica, busca compreender os fatores que comandam os comportamentos, entendendo que a terapia proporciona a recuperação do equilíbrio emocional, a reconquista da autonomia desse indivíduo através da superação de experiências traumáticas do passado, e assim promover a normalização dos relacionamentos pessoais e a renovação da coragem para viver (Brakemeier, 2007). Na promoção do cuidado nos aspectos que envolvem o indivíduo nas suas relações com família, escola, trabalho, igreja etc., acrescentam-se os cuidados com ele próprio no seu universo emocional e mental.

### **2.3 – A Identidade do Pastor Batista**

Segundo Berger & Luckmann (2004:179), a identidade, enquanto elemento-chave para tornar evidente uma realidade subjetiva, deve relacionar-se com a sociedade a partir dos processos sociais. “Uma vez cristalizada, [a identidade] é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais”. As transformações que acontecem na sociedade acontecem através desses processos sociais, onde homens e mulheres, com suas histórias de vida, interagem entre si, com as instituições e com a própria estrutura social transformando-a e sendo ele próprio transformado. Para Sílvia Portugal (2006:201) “o sentimento de identidade interior pessoal é profundamente marcado pelos laços sociais e pelas pessoas que acompanharam o processo de socialização”. Sentir-se parte de um grupo social resulta da partilha desse processo relacional e que seguirá o indivíduo por onde ele passar e por “aqueles com as quais elas vêm mais tarde a associar-se”, seja em contexto familiar ou profissional (*idem*, 2006:210). A identidade do pastor protestante tradicional emergiu como resultante dessa dialética entre o homem e a sociedade, no seu processo de socialização. O grau de estabilidade para essa identidade inevitavelmente será determinado pela sociedade.

Campos (2002:92) sustenta a hipótese de que os pastores protestantes tradicionais são os que mais sofrem com as constantes transformações no campo religioso brasileiro. O autor afirma que os pastores neopentecostais são mais “flexíveis, ousados e empreendedores”, a despeito de tantas instabilidades e mutações. Esse autor aponta algumas situações que testificam essa evidência: os pastores protestantes tradicionais

sofrem por causa de conflitos de papéis que acontecem no contexto da liderança e da comunidade, e, numa sociedade cada vez mais individualizada, o pastor tradicional precisa se adaptar ao contexto das massas; o pastor tradicional tem o desafio de dominar a tecnologia e o uso das mídias sociais como meio de transmissão e expansão das fronteiras religiosas; o pastor protestante tradicional enfrenta o desafio de dialogar com culturas pós-modernas; o pastor tradicional tem o desafio de conviver “com uma religião que se mistura com o entretenimento oferecido pela mídia” (Silveira, 2005:184); o pastor tradicional precisa desenvolver estratégias para sobreviver num contexto de competitividade intra-religiosa, numa lógica capitalista e racionalizante (Campos, 2002; Silveira, 2005; Berger, 1985).

O pastor protestante tradicional da atualidade, que se reconhece e se vê como vocacionado ao ministério, enfrenta uma luta a que Berger & Luckmann (2004:188) chama de “dialética interna contínua entre a identidade e o seu substrato biológico (...) como uma luta entre um eu ‘superior’ e um eu ‘inferior’, o primeiro equiparado à identidade social e o segundo à animalidade pré-social”. Para ultrapassar suas limitações técnicas, acadêmicas, doutrinárias, seus medos instintivos da perda de credibilidade profissional, o seu eu “superior” precisa dominar o eu “inferior”, lutando para manter-se vibrante e impondo sua vontade de vencer os desafios e de se adequar à nova realidade. Daí decorre que o medo de não ser valorizado, de não se adequar às novas formas de culto, de não atender às demandas da comunidade precisam ser superadas para manter sua identidade como guardião e gestor da tradição religiosa.

Concluindo esta parte, retomamos à Teresa Carvalho (2010), à qual observou os três tipos de ideologias dominantes na profissionalização da enfermagem em Portugal e que podem se apresentar em combinações diversas mas que se encaixam na realidade dos pastores na compreensão de que há a necessidade de uma nova significação para sua atuação no campo religioso contemporâneo. A “ideologia da vocação” legitima o ofício enquanto chamado divino e associado ao perfil do profeta; a “ideologia profissional” legitima o monopólio da atividade do cuidado pastoral associado ao perfil do teólogo; e a “ideologia *managerialista* ou de gestão” legitima o alargamento das fronteiras de atuação com o aumento de responsabilidades de gestão e que está associado ao perfil do sacerdote. Ao analisar as três ideologias tendo em conta a realidade do pastor protestante tradicional, mais especificamente o pastor batista, é possível concluir que a função pastoral

pode ser considerada como vocação e profissão simultaneamente, e que esta pode ser uma estratégia para o enfrentamento da crise de identidade dos vocacionados, com uma atuação relevante e fecunda, mesmo em uma sociedade secularizada. Como se verá, com mais detalhes, nos capítulos seguintes, a interpretação dos dados fornecidos pelas entrevistas, e sua articulação com os conceitos trabalhados através da revisão de literatura, permite reforçar esta afirmação bem como sustentar o conjunto de hipóteses defendidas no modelo de análise.

### **CAPÍTULO 3 – O PASTOR BATISTA E A CONTEMPORANEIDADE: TEMOS UMA SOCIOLOGIA PASTORAL?**

No capítulo anterior procuramos apresentar as especificidades que envolvem a função pastoral, considerando como principais as atribuições: pedagógico-doutrinal, gestão da paróquia e o cuidado pastoral. A chave de leitura usada para esta reflexão teve como base os conceitos de profissão, vocação e cuidado, numa perspectiva interdisciplinar entre a Psicologia, a Sociologia e a Teologia Pastoral. Na sequência, foram apontados os desafios que envolvem, ainda hoje, a definição do conceito de profissão e cuidado, enquanto, relativamente à atividade do pastorado, o conceito de vocação traz consigo um valor simbólico muito forte.

Neste capítulo pretende-se considerar a articulação dos estudos e conceitos apresentados nos capítulos anteriores com o objeto empírico, ao passarmos a conhecer as histórias de cada entrevistado, seus percursos, suas motivações, as possíveis influências de familiares na escolha do pastorado, bem como as suas trajetórias até a chegada nas comunidades em que atuam. Através da análise das entrevistas, procuramos conhecer os desafios e dificuldades que cada um dos entrevistados enfrentaram nessa jornada, quais os que estão a enfrentar atualmente, relativamente ao ministério pastoral, além de conhecer um pouco acerca das áreas que estes se consideram mais habilitados para desempenhar no contexto da comunidade em que estão inseridos.

Ao considerar os aspectos psicológicos, tais como, a imagem que fazem de si mesmos, o modo como conciliam fé e cultura, se se vêem valorizado pela comunidade, como conciliam vida pessoal, família e ministério, procuramos oferecer um grau de liberdade aos entrevistados nas suas respostas, mas com o devido cuidado de centrar o discurso nas problemáticas da pesquisa. Nem sempre isso foi possível.

Segundo Portugal, numa referência a Ferrarotti (1983), “cada indivíduo representa a apropriação singular do universo social e histórico que o envolve, portanto, a sua biografia oferece a possibilidade de conhecer o social partindo da especificidade da praxis individual” (Portugal, 2006:161). O que nos importa, de fato, é que a opção por uma metodologia qualitativa foi tomada como pressuposto de que, ao partir de uma análise ao nível individual, olhando quatro histórias distintas, em contextos também distintos, foi possível conhecer um pouco da sociologia das relações entre instituições religiosas e seus

líderes, e assim, discutir os efeitos sociais dessas relações num cenário mais amplo. Conhecer essas histórias nos permitiu conhecer um pouco “[d]o social totalizado pela praxis individual” (*Idem*, 2006:162).

### **As entrevistas**

O trabalho de campo de realização das entrevistas aconteceu entre Agosto e Setembro de 2019, nas respectivas cidades dos entrevistados, quando da deslocação da investigadora, de Portugal para o Brasil. O agendamento dos encontros foi realizado com antecedência, através de correio eletrônico, no dia e hora que os entrevistados se disponibilizaram para receber a investigadora.

As entrevistas seguiram o modelo semiestruturado, com uso de um guião previamente construído para operacionalizar as narrativas à partir de histórias pessoais, atenta ao percurso familiar e religioso até sua integração na instituição atual. Passando, na sequência, a conhecer a relação de cada indivíduo com a igreja e com a comunidade local. No decorrer do processo de realização das entrevistas, o guião passou por ajustes que se fizeram necessários, uma vez que foi importante “ter a capacidade de perceber a emergência de novos objetos que merecem ser focados e integrados no quadro da investigação” (Portugal, 2006:165).

Foi o que aconteceu quando a entrevista com o PR1 precisou ser remarcada porque o mesmo tinha sofrido um ato de violência urbana no dia em que estava marcada a primeira data para realização da entrevista. Ou quando a PR3 trouxe a temática do “concílio”, em contraponto com a questão do gênero. Assim também, quando o PR4 afirmou ser um “espaço de crise” a questão da independência no ministério pastoral.

Relativamente aos contextos de realização das entrevistas, três das quatro entrevistas aconteceram nos gabinetes pastorais, nas sedes das instituições. Apenas uma entrevista aconteceu num ambiente totalmente fora do contexto eclesial. Esta decorreu numa quinta, uma fazenda com espaço bem amplo e arborizado, quando o pastor estava a promover uma confraternização da comunidade, no feriado do “Dia da Independência”. Optamos por fazer essa referência porque o tema da ‘independência’ é usado numa analogia que o PR4 faz relativamente à vida do vocacionado.

A duração média das entrevistas foi de 46m08s. A entrevista mais longa teve duração de um pouco mais de 58 minutos, e a mais curta teve duração de 38m25s. Todas

decorreram sem interferências e a qualidade das gravações reforçam esta afirmação. Apenas aquela que aconteceu fora do gabinete pastoral sofreu interferências de conversas de terceiros que se aproximavam e/ou passavam pelo local, porém não prejudicou sua realização e nem a transcrição.

Ao revisitar os apontamentos da pesquisa de campo e ter de trazer à memória as dinâmicas e interações vividas nas entrevistas, foi possível perceber o quão rico e oportuno teria sido se se tivesse mais tempo para desenvolver determinados pontos do próprio guião. Por outro ponto, foi possível ser confrontada com questões que estão para além daquelas que foram apresentadas, mas só tomamos consciência quando já estávamos na fase da análise dos discursos. Vamos a isso!

Sendo a entrevistadora uma mulher e, ao levantar pontos para discussão relativamente a uma atividade que é desempenhada maioritariamente por homens, e considerando que três dos quatro entrevistados são do gênero masculino, teríamos tido respostas diferentes se se tratasse de um entrevistador também do gênero masculino? O que ficou por dizer? Ou, o que ficou por ser perguntado?

Por ter a investigadora uma relação mais aproximada<sup>43</sup> com um dos entrevistados, no caso a PR3, que também é uma mulher, o quanto isso interferiu nas respostas apresentadas? O que foi dito ali que não teria sido dito, se essa relação de proximidade não existisse? E por existir essa relação, e se tratar de pessoas do mesmo gênero, o que foi falado e que não teria sido falado, caso o entrevistador fosse um homem? Reflexões como estas só são possíveis quando encaramos o desafio de realizar uma investigação. Mas é um prazer/sofrimento que só experimenta quem decide se arriscar nessa aventura.

A análise das entrevistas começou já na fase da transcrição, na íntegra, pela própria investigadora, porque a transcrição por si já é uma forma de análise do conteúdo (Mendes, 1999:160). Por outro ponto, como “a transcrição envolve um conjunto de julgamentos constantes e micro-decisões por parte do transcritor que se vê confrontado com modos narrativos diferentes, estruturas e regras próprias” (Costa, 2011:6), optou-se pela

---

<sup>43</sup> Vale considerar que, antes, durante e após a realização da entrevista, a PR3 sempre assumiu o papel de ‘informante privilegiado’ perante a investigadora, devido a essa relação de proximidade. Durante sua participação ativa na comunidade e nas atividades que eram designadas pela PR3 à investigadora (até então ela era membro da comunidade e exercia a função de “Supervisora de Rede” na estrutura), a investigadora presenciou várias das situações que, posteriormente, foram relatadas na entrevista. Inclusive, sendo a investigadora uma de suas ‘discípulas’, também foi alvo das conversas e dos desabafos que a PR3, de vez em quando, tinha com as discípulas.

transcrição *verbatim*, ou simplesmente “naturalista”, procurando preservar os “diferentes elementos da entrevista para além do conteúdo verbal, tais como a linguagem não-verbal, aspectos contextuais e de interação entre o entrevistador e o entrevistado” (Vanessa Azevedo *et al.*, 2017:161).

O passo seguinte foi tratar as entrevistas elaborando uma sinopse, em formato de retrato sociológico, tendo o guião como estrutura analítica para a organização dos discursos e procurando articular as narrativas com as hipóteses para se chegar até elas (Portugal, 2006). Construir os retratos sociológicos foi imprescindível nessa etapa da pesquisa, onde se procurou construir um texto mais descritivo, uma espécie de resumo, para então articular os conteúdos e as vozes com a problemática da própria pesquisa.

Decidimos, dessa forma, apresentar extratos das entrevistas no corpo do texto (em alguns momentos os extratos são mais longos que em outros) para contribuir na contextualização das temáticas que envolvem a pesquisa e valorizar a interpretação das informações levantadas durante o percurso até aqui. Como se trata de um número reduzido de entrevistas, acreditamos que essa estratégia não torna o texto muito longo e nem cansativo ao leitor. São quatro estudos de caso, todos construídos a partir de um mesmo guião, com tópicos definidos com base nos questionamentos científicos, e que produziram narrativas muito diferenciadas em grande parte dos temas apresentados.

São retratos sociológicos que nos permitem conhecer percursos próprios de quem se dispôs a compartilhar e que nos levam a refletir sobre questões sociais mais recentes no campo da teologia pastoral e da própria sociologia da religião: “Pois não há nada mais social, mais compartilhado por todos, do que os “problemas” ditos “pessoais” (...): produtos das numerosas desfasagens entre o que somos e o que as situações exigem de nós” (Lahire, 2004:xii). Nossas incompreensões, nossas frustrações, angústias, sentimentos de culpa e sensações de depressão, são também consequências do que o mundo social produziu em nós. Nem sempre estamos dispostos a externar essas realidades. Afinal, “o mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós” (*idem*, 2004: xii)

### **Quem contou a sua história**

Foram entrevistados 4 pastores, sendo 3 pastores e 1 pastora. Os três homens são pastores titulares e também pastor presidente das respectivas instituições. A pastora faz parte da equipe pastoral da instituição, que tem um homem como pastor titular e também

é o presidente da instituição. O PR2 e o PR4 assumiram as respectivas comunidades quando estas já tinham mais de 60 anos da sua fundação. Ambas as instituições estiveram sem liderança por um determinado período, até a chegada dos respectivos pastores na comunidade. A PR3 foi convidada pelo pastor presidente da comunidade para fazer parte do corpo de pastores. Já o PR1 seguiu uma trajetória diferente dos demais, e fundou a própria comunidade, junto com a sua mãe, como resposta às várias experiências que teve durante o percurso de formação acadêmica. Vejamos no quadro a seguir a caracterização geral dos pastores entrevistados:

**TABELA 5 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA**

	<b>PR1</b>	<b>PR2</b>	<b>PR3</b>	<b>PR4</b>
<b>Idade</b>	45	47	64	59
<b>Gênero</b>	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
<b>Escolaridade</b>	Mestrado	Pós graduado	Pós graduada	Mestrado
<b>Estado civil</b>	Casado	Casado	Casado	Casado
<b>Escolaridade do cônjuge</b>	Pós graduada	Pós graduada	Licenciatura	Licenciatura
<b>Situação de emprego do cônjuge</b>	Desempregada	Empregada Enfermeira	Reformado	Reformada Professora
<b>Nº Agregado familiar</b>	2	3	1	1
<b>Possui residência e veículo próprios</b>	Não / Sim	Sim / Sim	Sim / Sim	Sim / Sim

Como se pode observar na Tabela 5, uma tendência marcante quanto à formação acadêmica dos entrevistados é a de todos serem portadores de diploma de graduação e pós graduação ou mestrado. Apenas o PR1 possui só o bacharelato em Teologia. Os demais, além da formação no Seminário de Teologia, possuem mestrado e pós-graduação (Educação religiosa, Teologia Pastoral e Teologia). Tanto o PR1 quanto a PR3 vieram de formações distintas da Teologia, e ambos tinham suas carreiras profissionais estabelecidas antes de decidirem pelo pastorado (meteorologista e professora de matemática, respectivamente).

A média de idade entre os entrevistados é de 53,7 anos, sendo o mais novo com 45 anos e o mais velho com 64 anos. Na caracterização sociodemográfica dos entrevistados ficou evidente que todos os entrevistados são casados e com filhos, e apenas o PR1 tem filhos menores de idade e seus dependentes financeiro. Dos quatro pastores, apenas o PR2 não possui casa própria. Os quatro possuem veículo próprio. Os cônjuges são também

portadores de formação superior, sendo que: dois já são reformados; uma é ativa no serviço público, como enfermeira; e a outra é portadora de pós-graduação, mas encontrava-se desempregada na altura da entrevista.

### **3.1 – As histórias de cada um: percurso religioso e motivações**

A capacidade de socialização é uma característica inerente aos seres humanos. No decurso do processo de socialização, especialmente nas primeiras fases da vida, as crianças são capazes de aprender tradições de família, costumes, são capazes de desenvolver hábitos e construir parte daquilo que serão suas escolhas na idade adulta (Giddens, 2013).

Berger (1985:18) afirma que “o homem está *em* um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, prefabricado para ele. O homem precisa *fazer* um mundo para si” (destaques do autor). Como ser social, “a continuação de sua existência cultural depende da manutenção de dispositivos sociais específicos” (*idem*, 1985:21). Quando estudamos determinadas culturas, é possível conhecer aspectos sociais e culturais que são particulares àquelas culturas e, a partir de algumas variáveis, como linguagem, símbolos, e até as formas e expressões de religiosidade, podemos identificar características que as distinguem de outras culturas.

Não obstante a essas variáveis, temos as escolas, os meios de comunicação, as relações entre os pares, e o próprio contexto familiar como agentes de socialização das crianças, e que podem reforçar esses aprendizados. É na unidade doméstica, na convivência com familiares<sup>44</sup>, que valores, princípios, comportamentos e hábitos são construídos na criança, que será então um adulto e possível agente transformador do seu núcleo social. Apesar de ser um tema de grande relevância para a Sociologia, não pretendemos desenvolver uma discussão acerca das perspectivas teóricas sobre a família, nem levantar a bandeira de uma ou outra abordagem em específico porque não temos espaço suficiente nessas linhas para considerar todos os pontos relevantes das principais

---

<sup>44</sup> De acordo com Giddens (2013:425) “uma família é um grupo de parentes responsável pela criação e a educação das crianças”. Entende-se por casamento a ligação entre duas pessoas, ambos com vida sexual ativa, numa relação que tem a aprovação da sociedade. Nas sociedades ocidentais, o casamento segue o modelo monogâmico nas relações, diferente do que acontece em algumas culturas em particular, que até reforçam a poligamia. Esse modelo de família nuclear sofreu alterações ao longo do século XX, e abriu espaço para uma maior diversidade de tipos de família. No contexto do cristianismo protestante, o modelo de família tradicional, homem e mulher, é considerado como modelo aprovado por Deus, e aceito pela igreja.

teorias existentes. Interessa-nos destacar que essa transferência de tradição acontece, ainda hoje, no contexto das famílias, mesmo naqueles contextos mais contemporâneos e que não se encaixam no padrão familiar clássico e defendido no contexto do cristianismo tradicional.

As várias formas e práticas de religiosidade também passam por esse processo de transferência entre as gerações. Talvez não com a mesma forma e intensidade quanto no passado. Mas ainda é possível perceber esses sinais na sociedade contemporânea, especialmente no contexto do protestantismo tradicional, ou de missão.

O relato do PR2 descreve a sua aproximação com a religião evangélica e com a igreja batista:

*Eu nasci num lar cristão né, tanto meu pai como minha mãe eram crentes já... da igreja batista, de confissão batista..., nós falamos conversão, a minha conversão se deu quando eu tinha.. nove anos.. e o meu batismo foi aos 10 anos de idade.... E... dois anos após, é... meu pai faleceu num acidente de carro... é... e nós continuamos frequentando a mesma igreja, a igreja onde eu me batizei, que era a igreja BVN (eliminação de conteúdo sensível)... e, nesse processo então, era estudar, trabalhar e ajudar a manter as despesas da casa né... E eu sempre envolvido com a igreja, a liderança né, a igreja batista é uma igreja que sempre estimula a participação no voluntariado, a participação de sua membresia nas atividades da igreja né.. e vai dando.. cargos, possibilidades pra que esses cargos possam crescer e se desenvolver.... Então é... tinha uma organização que se chamava ER (eliminação de conteúdo sensível), eu participei dessa organização, ... tinha a organização de união de adolescentes, que eu também cheguei a presidir..., e nesse processo eu fui treinado e... recebendo treinamento pra dar o meu testemunho, pregação; e na minha juventude, então... é... eu participei de dois congressos missionários onde eu conheci alguns missionários, ... e a vida deles falou muito com a minha vida né (...)* e, no ano de... 1990, é..... veio para o Brasil o navio “Logos Dois” que é uma biblioteca ambulante, uma biblioteca aonde tem mais de cem mil volumes de livros, e dentro desse, dessa biblioteca que acontece também, são mais de trezentas pessoas de todas as nacionalidades, e todos eles.. professam a fé cristã... e eu fui participar desse impacto lá em Rio Grande, em Porto Alegre, é onde eu fiquei mergulhado durante 30 dias, envolvido com esse pessoal e ali se deu realmente, assim... a

*confirmação do meu chamado. Eu voltei, eu já trabalhava, tinha passado no vestibular aqui pra fazer o curso de administração; participei de um congresso missionário e conheci um missionário, e o missionário me convidou pra fazer um treinamento em Petrópolis, no Rio de Janeiro, pra conhecer mais da vida missionária e... eu decidi ir; era as minhas férias, e fui. Quando eu voltei de lá eu percebi que já não tinha mais sentido eu querer fazer um curso universitário.*

A PR3, ao ser exposta à mesma pergunta, responde:

*Eu tenho 64 anos. É... eu nasci num lar muito estabelecido, muito forte. Meus pais eram católicos, apostólicos romanos. Minha mãe sempre fez questão de falar esse tipo de... de afirmação com relação ao que ela cria. É, meus pais sempre se deram muito bem.... na verdade, o casamento deles eram bem sólidos (ênfase). Eu tive três... irmãos: duas irmãs e um irmão. É... eu sou a terceira filha. É... da minha vida pessoal: eu conheci o meu marido com 15 anos. É... foi o meu primeiro namorado, e já estou casada há 44 anos. Tenho dois filhos, e.. agora uma neta (...) eu me achava buscadora de Deus, sempre me achei, muito ca-tó-li-ca, rezadeira de terço, é... participava de missa, tal... gostava muito de rezar (...) eu frequentava uma igreja... uma igreja católica (ênfase). Desde criança sim, minha mãe sempre me levou. Eu fui batizada, fiz crisma.. é, casei na igreja católica... as coisas era assim... muito... visíveis que eu tinha que estar debaixo de uma autoridade espiritual, embora eu não entendesse naquela época. Mas, assim que eu, que eu conheci a Palavra, eu sabia que eu precisaria estar debaixo de uma autoridade espiritual.*

Pierre Bourdieu, no seu estudo sobre a gênese e estrutura do campo religioso, defende a tese de que os “sistemas simbólicos, religião, arte e língua, sejam veículos de poder e de política” (Bourdieu, 1982:31). E segue sua reflexão, considerando que a religião, como veículo de poder e de política, tem por função primária a conservação da ordem social, e sua contribuição para essa ordem é promover a “legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados” (*idem*, 1982:32). Essa legitimação costuma impor aos dominados padrões de comportamentos e práticas que devem ser observados e que estruturam nossa percepção “do mundo social” (*idem*, 1982:33).

Esse mesmo autor também afirma que “o interesse propriamente religioso”, enquanto sistema simbólico estruturado, “funciona como princípio de estruturação” através da construção de experiências com o sagrado e da formatação de padrões de comportamentos que vão desde o estilo de vida simples e singular, mas que assumem uma função ideológica, através de “práticas e políticas de absolutização do relativo e da legitimação do arbitrário” (Bourdieu, 1982:46).

Os comportamentos são formatados nos determinados grupos ou classes até que passam a ser considerados normais, ou naturais daquele grupo. A partir daí, a religião passa a exercer um efeito de “consagração” quando manipula simbolicamente as aspirações dos grupos e classes através de sanções consideradas ‘santas’, inculcando seu sistema de práticas e de representações que reforçam o aspecto simbólico dessas sanções, mas que promovem justificação de existir em um determinado grupo ou classe social (Bourdieu, 1982).

Dentre algumas das ações pedagógicas que são desempenhadas no contexto das famílias e que estão associadas ao processo de vinculação à vida religiosa, encontramos elementos como: “decoreção da casa (estátuas, crucifixos, quadros), práticas de oração em família, frequência a celebrações e a eventos “extraordinários” como as procissões, novenas, catequese, leitura da bíblia, de pequenas biografias de santos e histórias religiosas exemplares” (Seidl, 2012:251). São modos mais ou menos estruturados para inculcação da vida e prática religiosa.

Na análise das entrevistas, os dados sobre a transferência da tradição religiosa no contexto da família reforça essa ideia, ao considerarmos a narrativa da PR3, quando esta diz que a mãe sempre fez questão de levá-la na igreja desde criança e também reforçava a ideia de que eles eram “católicos apostólicos romanos”. Numa certa altura da sua vida, esta passou a pertencer à igreja evangélica, mas sempre teve incutida a ideia de “estar debaixo de autoridade espiritual”, apesar de não compreender o sentido disso na época.

No caso do PR1 e do PR4, por outro lado, ambos tiveram influências da família na vida religiosa, mas de uma forma não tão evidente. Esse último, por exemplo, quando ainda era criança, frequentou uma igreja batista, e sempre ia nas celebrações na companhia de um tio. Foi uma participação rápida nessa fase da sua vida. Logo esse tio saiu de cenário. Então, quando já era jovem, com seus dezessete anos de idade, buscou sozinho participar de uma igreja e se integrar na comunidade.

### 3.2 – A relação com a comunidade

As igrejas são descritas como um grande ajuntamento de pessoas que se reúnem regularmente e compartilham dos mesmos princípios e ideais. São institucionalizadas e, normalmente, contam com uma estrutura burocrática formal, sendo possuidoras de uma hierarquia de oficiais religiosos. A sociologia da religião tem-se debruçado sobre as religiões desde os textos de Durkheim e Weber. Mas, nas últimas décadas, muitos estudos têm surgido nessa área, devido o crescimento de outras formas de manifestações religiosas, também conhecidos como “os novos movimentos religiosos”, e tais manifestações tem adquirido lugar de destaque no ambiente acadêmico contemporâneo (Vilaça, 2006).

Ao dar ênfase à questão da divisão do trabalho religioso como uma prática comum em qualquer sociedade, Bourdieu apresenta a definição de igreja, ao fazer referência a uma citação de Durkheim em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*:

O mágico está para a magia, assim como o sacerdote está para a religião, e *um colégio de sacerdotes não é uma Igreja*, assim como uma congregação religiosa devotada a algum santo na sombra do claustro não constitui um culto particular. *Uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal*; é a comunidade moral formada por todos os crentes da mesma fé, tanto fiéis como sacerdotes” (DURKHEIM, 2002:62-63, *apud* BOURDIEU, 1982:42, grifos do autor).

Apesar das igrejas tradicionais brasileiras estarem a vivenciar um declínio no número de seguidores, afirmação esta que é reforçada com os dados do último Censo Demográfico brasileiro e apresentado no capítulo 1, o crescimento desses novos movimentos religiosos é visto como “uma resposta ao processo de liberalização e de secularização na sociedade e mesmo nas igrejas tradicionais” (Giddens, 2013:779).

Campos destaca que “a passagem de *movimento* para *organização* é marcada por um processo de divisão do trabalho religioso, e aparecimento de aparatos de intermediação entre o empreendedor e os demais seguidores” (Campos, 1997:380, destaques do autor). É apenas uma questão de tempo e toda essa dinâmica e novidade logo se transforma numa complexa estrutura, burocraticamente organizada.

Para além dos objetivos que uma organização religiosa se propõe realizar, tem também outras finalidades que passam a ser estabelecidas na medida em que ganha espaço público e tem seu reconhecimento na comunidade local. E é nesse processo de regulamentação das práticas que surgem as “estruturas administrativas formais, voltadas para a concretização dos objetivos iniciais propostos” (Campos, 1997:380). Aqui neste

ponto, destacamos o envolvimento dos entrevistados com as respectivas comunidades, na multiplicidade de responsabilidades que perpassam essa relação.

PR1 conta que trabalhou duramente durante um período da sua gestão para promover o resgate da identidade e espiritualidade da comunidade, que enfrentara um período sem uma liderança na direção da mesma. Elevar sua autoimagem perante à sociedade seria algo muito importante porque estamos a falar de uma instituição tradicional e muito antiga na cidade.

***O senhor chegou em 2014, mais ou menos seiscentos membros... o senhor já chegou assumindo como pastor...[titular..sim] titular..... É...como foi a acolhida... da comunidade...***

*Ahh...foi muito boa! A igreja tinha passado por uma crise complicada antes, já estava há um ano sem pastor (ênfase)...en-tão quando a gente chegou foi muito...a receptividade foi.. boa, e também, digamos assim, a expectativa também era alta né... em todos os sentidos (...) quando a gente chegou aqui a gente tinha ou-tros desafios. Hoje 5 anos, praticamente 5 anos depois a gente já está com diferentes desafios. Antes era um trabalho de reconstrução: reconstrução da autoestima; reconstrução da espiritualidade; reconstrução... sei que o meu foco do ministério é oração (ênfase)... e pregação. E assim a gente trabalhou com a igreja nesse sentido e a gente foi.. trabalhando, desenvolvendo lideranças, treinamento... pequenos eventos de início, pequenas mudanças estruturais, (...) ...a gente fez e que foram importantes nesse contexto de re-cons-tru-ção. É muito interessante (ênfase) como às vezes o físico reflete o espiritual. Então, às vezes a coisa.. tava feia, tava mal.. assim, tal tal. Não foi porque.. as coisas foram acontecendo. Havia também e ainda há no Brasil a questão da crise financeira...que quando eu cheguei aqui era, tava muito forte... e como... lidar com isso diante de grandes desafios também! Quem não tem dinheiro não tem dinheiro! E a igreja que tava em crise não tem dinheiro mesmo! A gente teve desafios de treinar uma nova liderança, de formar uma nova equipe (ênfase) ministerial que a gente chama, que é a equipe que a gente tem; de abrir e reconstruir ministérios que estavam fechados e abrir novos. Isso tudo a gente fez. É! Hoje, passado esse tempo...em dez anos a gente faz uma avaliação da igreja hoje, hoje a igreja está bem! Ela está bem. Tudo está funcionando... ela está estruturada. As coisas estão acontecendo. Temos um... perfil financeiro... que*

*ajudou... é a maioria das igrejas batistas, não, as igrejas do Brasil (ênfase) tiveram um decréscimo de 30% de entradas... uma média nacional disso! Nós não tivemos isso, porque a igreja cresceu. Agora, ela não cresceu tanto quanto cresceria em outros tempos. Tá, mas a gente não teve decréscimo. Então isso possibilitou muita coisa. Possibilitou também desafios...então hoje a igreja, ela tá bem.*

Já na relação da comunidade com outras instituições, políticos e com associações, é descrita pelo PR1 como “sempre de respeito”. Como “batista, dá total separação entre a igreja e o Estado”. “Não permite que políticos assumam o púlpito ou falem qualquer coisa”. Em épocas de eleição, a comunidade é informada sobre a proibição de políticos e de propaganda. Não há a prática de chamar os candidatos à frente para oração. O máximo que acontece é, caso o candidato deseje, poderá receber uma oração do pastor no gabinete pastoral, não mais que isso. Sua relação com a Convenção Batista Goiana e a Convenção Batista Brasileira é no sentido de cooperação, “nunca de dependência ou interdependência”.

Para o PR4, essa relação pastor-comunidade não foi tão desafiadora porque, como ele foi “ovelha” do pastor que o antecedeu, tinha uma participação ministerial ativa dentro da comunidade e, de vez em quando, era escalado para ministrar uma palavra na congregação. Vejamos seu relato.

***Como é que foi a, a recepção da comunidade com a chegada do senhor. E assim, o que o senhor percebe, quais as mudanças que a comunidade passou desde a chegada do senhor...***

*Então... nos 10 anos que eu fui diretor da Ordem, eu fui membro... da SIB (eliminação de conteúdo sensível). Portanto, ovelha... do pastor que me antecedeu, pastor EBA (eliminação de conteúdo sensível). E.. então, ele era muito carinhoso comigo, ... de vez em quando eu pre-ga-va na igreja a convite dele... Então, não teve, assim, nenhuma grande necessidade de adaptação. Porque eu já era, já era, de algum modo já era da igreja, parte da igreja, e... então, quando eu fui convidado foi, mais ou menos, um processo meio natural. Esse pastor faleceu em 2008. E dois anos depois, então, eu estava assumindo o lugar dele, né, sucedendo o pastor EBA (eliminação de conteúdo sensível). Mas é uma igreja muito, é.. relacional, muito... calorosa. Então, mesmo que eu viesse de um outro contexto, ah.. provavelmente*

*não teria dificuldades (...) eu imagino que, toda vez que troca o pastor de uma igreja, acontecem... muitas... é, mudanças, por conta do estilo de cada um. O pastor EBA (eliminação de conteúdo sensível) que me antecedeu, ele era muito mais re-la-ci-o-nal; muito mais pi-e-do-so; muito mais.. mãe, não é? Eu sou mais.. objetivo; eu sou mais.. ad-mi-nis-tra-ti-vo; eu sou mais... é... di-dá-ti-co, então. Então, ...a igreja, imagino, é... eu saí ganhando porque, quem tem o perfil que eu tenho, cai numa igreja carinhosa, relacional, então, se sente muito bem. Mas, para a igreja, talvez, foi uma experiência de ajuste maior, porque... eu imagino que eu sou mais, mais se-co né, mais, mais ra-zão (ênfase). Enquanto que o pastor era mais coração, o pastor que antecedeu. Mas isso, a igreja muito ma-du-ra, ela soube separar coisa de coisa, e, então, não tivemos maiores dificuldades não, e... estamos já, vai completar... 10 anos já.*

Ao deixar de ser um movimento e assumir a forma de uma organização, uma igreja terá que enfrentar novos dilemas e a testar um estilo de gestão mais centralizadora, e que tenha uma estrutura de cima para baixo, centrada em uma liderança com perfil mais carismático. Em condições sociais favoráveis, logo precisará reestruturar-se para conseguir realizar seus objetivos, especialmente quando o cenário torna-se desafiador. Leonildo Campos afirma que “o impacto da personalidade do empreendedor é importante para se estudar a cultura de quaisquer organizações. (...) As organizações acumulam histórias sobre o seu herói fundador ou nele centralizadas” (Campos, 1997:387).

A figura do herói, do empreendedor torna-se necessária para a organização porque nele ficam centradas características e qualidades que normalmente são desejadas e idealizadas por seus seguidores. “Sobre ele, projetam-se características míticas e sobre-humanas, que tornam o herói um modelo exemplar de crenças e condutas” (Campos, 1997:388).

Esse encargo de ‘herói’, de ‘empreendedor’, do fundador da instituição, acaba por legitimar um tipo de poder desse herói sobre os seus liderados, poder este que Weber (2005:25) classifica de “poder carismático”, porque as pessoas se submetem às suas orientações “mediante a dedicação afectiva à pessoa do senhor e aos seus dons gratuitos (carisma), em especial: capacidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito e do discurso”, e tornam seus discípulos.

Essas características de líder carismático, de fundador herói pode ser identificado na narrativa do PR2.

***O senhor, reconhece que foi chamado pra, vamos dizer, conduzir uma comunidade, pra liderar, ser o pastor de igreja....***

*Na verdade, isso não é a gente que reconhece. Isso são as pessoas que reconhecem a nós né... O pastor, ele... ele tem uma vida né... e as pessoas vão reconhecer isso nele. Vão reconhecer através do seu ensino; através do seu aconselhamento; através do seu trabalho né.. então, eu vejo que isso foi algo que aconteceu de uma maneira mu-i-to natural na minha vida. Não foi algo assim “Ahh, eu vou ser pastor”. Não. Foi algo que foi acontecendo. É... quando nós começamos o projeto de evangelização, não foi bem “eu comecei um projeto de evangelização”. Tinha uma pessoa com necessidade, precisava que alguém orasse por ela, e nós começamos a orar e eu falei “vamos fazer uma campanha, vamos orar, aqui, juntos”. Começamos a orar, e... e Deus foi operando, fez o milagre na vida dela, da família dela, e assim na vida de diversas outras pessoas. Então... Daí, um conta pra um, outro conta pra outro. É... uma pessoa recentemente chegou aqui na igreja, tal, eu estava conversando com ela, e de repente ela se abriu, se desmontou, começou a contar a vida dela (ênfase), o marido até ficou sem graça e tal; aí ela foi falando, falando... eu falei assim “não, vamos orar”. Aí peguei, orei com os dois e tal. Aí durante a semana eu mandei uma, uma oração, pra ela e pro esposo. Aí eles vieram no domingo... aí veio um pastor, veio e fez uma ministração e no final eu dei uma palavra, e no final do culto eles chegaram em falaram assim “o senhor falou tudo o que a gente precisava”. Então eu não posso falar que eu que... é uma obra que Deus faz... que Deus age né. Então penso dessa maneira, né.. eu, as pessoas, o próprio Senhor Jesus fala lá em João né, que.. é... as ovelhas reco-nhe-cem a voz do pastor. Então... é, Deus sabe quem são as ovelhas que.. ele está trazendo e que vão reconhecer a voz do pastor.*

***Agora assim, um pouco da relação do senhor com a comunidade, o senhor e sua mãe como fundadores, iniciaram esse trabalho, as mudanças, os desafios..... que o senhor percebe, desde a fundação aos tempos de hoje...***

*Os desafios são enormes né, mas a gente... a partir do momento que a gente tem as coisas bem definidas, ficam muito mais fáceis pra gente.. é... avaliar essas coisas*

*né..., então a gente decidiu... três filosofias pro nosso ministério: que nós sejamos uma igreja fiel à palavra de Deus; que nós sejamos uma igreja que lute pela preservação, e pela interpretação coerente da palavra de Deus com uma visão ortodoxa, bíblica; e que nós sejamos uma igreja que zele e lute pela família bíblica,... pela família cristã. Então esses.. são... os pilares da filosofia do nosso ministério. O nosso.... eu diria assim... os propósitos né... e... agora a filosofia essencial é “relacionamento”, é uma igreja relacional. Então.. pelo fato de ser uma igreja relacional, uma igreja que ela.. aspira cuidado, aspira relacionamento, interações. Então, nesse processo, nós tentamos células, pequenos grupos, mas, infelizmente, assim, a gente sofreu muito nesse tipo de modelo. E nós decidimos assim, há cerca de uns quatro anos atrás, de que a igreja se moveria... pelos ministérios, e através desse tipo, de um acompanhamento... do pastor aos líderes de ministérios, e os líderes de ministérios acompanhando os integrantes dos ministérios. E a gente sentiu que isso faz com que a igreja tenha mais solidez... do que foi... pelo processo de pequenos grupos, porque as pessoas não eram preparadas; ao invés de terem... conversas saudáveis, tinham conversas que não eram saudáveis e... e gerava, gerou muito transtorno pra nós. É... a gente teve muitos momentos difíceis né... mas é... o fundamental é a liderança... é uma conversa franca com a liderança, aberta, sincera né, isso que a gente sempre... fala nos encontros da liderança da igreja, né... no sentido de que a gente pode abrir as situações, conversar; todos têm o direito a voz e voto. Então a igreja não é do pastor CF (eliminação de conteúdo sensível). A CBB (eliminação de conteúdo sensível) tem o presidente atual, que hoje se chama CF (eliminação de conteúdo sensível); mas ela tem.. dois vice-presidentes; tem... uma primeira e uma segunda secretária; tem um primeiro e segundo tesoureiro; tem um grupo coeso, unido, e isso fez com que a gente conseguisse passar... pelos maiores obstáculos, juntos, e a igreja continuar avançando. Porque uma igreja que começa com duas pessoas e, e ela consegue avançar ao longo do tempo... sempre realizando batismo; sempre fazendo acompanhamentos né... sempre tendo pessoas novas; é, uma igreja que consegue manter as suas atividades, praticamente hoje, de segunda a segunda, essa igreja tem atividades. Então... é uma igreja que... tem uma liderança coesa né. Eu acho que o fundamental é realmente assim essa, essa liderança... né. Então, eu não vou conseguir pastorear os 280 membros. Então eu*

*pastoreio pessoas que... me ajudam a pastorear essas outras pessoas e acompanhar as outras pessoas.*

### **3.3 – Os desafios e dificuldades no ministério pastoral**

Ao dar oportunidade aos entrevistados para falar dos desafios e dificuldades que enfrentaram e estão a enfrentar no ministério pastoral, deparamo-nos com um conjunto de questões que devem ser consideradas, são questões tanto endógenas quanto exógenas. Trata-se de temas tão relevantes para a Sociologia e que merecem ser tratadas com muita atenção e cuidado, porque são atemporais e, ao mesmo tempo, contemporâneos. Mas, por uma questão de economia da dissertação, não o faremos aqui nessas linhas, como merecidamente deveriam. Apresentaremos os temas que serão discutidos e que contribuem para a debater as hipóteses elencadas na presente pesquisa.

Segundo Vilaça, em termos gerais, a secularização<sup>45</sup> é “o processo através do qual as instituições religiosas, as crenças e as práticas religiosas perdem significado no sistema social” (Vilaça, 2006:41). Para alguns autores (Berger, 1985; Mendonça, 1998) a secularização é uma consequência da tão sonhada liberdade que o protestantismo reformado lutou para alcançar. Inaugurou-se um tipo de diversidade religiosa e uma certa autonomia das esferas religiosas em relação à política. Ao deixar de ser legitimadora dos comportamentos e da moral na sociedade, a igreja deixou de influenciar inclusive as autoridades seculares. E uma crise sem precedentes assolou as instituições tradicionais, inclusive as instituições religiosas do ocidente cristão (Vilaça, 2006).

Temas como o etnocentrismo, o multiculturalismo, os sincretismos, desvinculação religiosa, individualismo expressivo, pluralismo religioso passaram a estar na pauta “do dia da esfera pública dos países democráticos”, além de despertar interesse tanto nos média quanto no meio político e social (Vilaça, 2006:22).

É interessante perceber toda essa efervescência que envolve a questão religiosa, uma vez que, como já abordado no capítulo 1, com o neopentecostalismo e o surgimento

---

<sup>45</sup> A temática da secularização já é parte dos estudos sociológicos desde os primeiros teóricos. Trata-se de “um conceito central na abordagem sociológica da religião”. Em outro momento dessa pesquisa esse tema foi apresentado, mesmo que em linhas gerais. Para complementar a compreensão e aprofundar os desdobramentos que envolvem o tema, recomendamos a leitura do livro de Helena Vilaça, especialmente o Capítulo 2, cujo título é *Da Torre de Babel às Terras Prometidas. Pluralismo Religioso em Portugal*. A autora promove uma discussão teórica conceptualizando a sociologia da religião e tem tema central “o modelo hegemónico da secularização” (Vilaça, 2006:25).

dos novos movimentos religiosos, a ação pastoral tem sido duramente afetada, devido à forma como as pessoas têm-se relacionado com o sagrado e, conseqüentemente, com a religião e com as próprias instituições religiosas, em especial aquelas advindas da reforma.

Esse cenário tem produzido no pastor protestante tradicional uma série de questionamentos quanto ao seu papel e relevância na sociedade contemporânea. Isso é um facto. Os pastores têm vivenciado tempos difíceis nas suas relações com as instituições e com a própria comunidade. As interações sociais que se dão dentro e fora das instituições religiosas sofreram mutação, conduzidos a uma situação de pluralismo, e até mesmo de competição entre as diferentes igrejas e grupos religiosos (Silveira, 2005).

Considerando todos esses pontos, podemos concordar com a afirmação de Gonçalves:

Com a pós-modernidade, a secularização tornou a religião intimizada e menos sagrada, além de colocar o dogmatismo religioso em xeque. Por outro lado, a angústia existencial deu lugar a um misticismo religioso sincrético incrível. Em plena era tecnológica, acredita-se em gurus, cristais, pirâmides, numerologia, etc. As pessoas clamam por sentido em suas vidas. Não é por acaso que aumenta a cada dia os depressivos, os usuários de drogas e o consumo de álcool (GONÇALVES, 2010:44).

O neopentecostalismo trouxe muitos desafios para o pastor protestante tradicional. Algumas das evidências desses desafios perpassam pelas práticas adotadas dentro dessas igrejas, que vão desde o estímulo sistemático do emocionalismo; da pregação da cura divina; da batalha espiritual; do uso dos meios de comunicação em massa para atrair os fieis; a participação de seus líderes na política partidária, de forma planejada e estrategicamente direcionada; além da promoção da imagem pública das igrejas por meio de ações sociais de assistência social e do discurso antiecumênico. Estratégias mercadológicas, de marketing e uma gestão empresarial das igrejas são também evidentes dentro dessas organizações (Júnior, s/d; Buhr, 2016).

A submissão voluntária já não existe mais. O significado de fidelidade também sofreu mutação. O pluralismo promoveu um tipo de “competição intra-religiosa” (Berger, 1985:149). As igrejas que antes exerciam monopólio religioso agora precisam se adequar à nova realidade. Como afirma Berger, “a submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora, tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”” (*idem*, 1985:149, destaque do autor).

Essa ideia de que a tradição religiosa deve ser colocada no mercado, como se fosse uma mercadoria, desencadeando uma competição entre as igrejas fica bem evidente na narrativa do PR4, quando lhe foi perguntado se o neopentecostalismo e os novos movimentos religiosos têm contribuído para aumentar as tensões no pastoreio para o pastor protestante tradicional. Vejamos a resposta:

*Eu não sei os pentecostais ou neopentecostais, mas a mul-ti-pli-ca-ção de igrejas... porque agora você tem igreja em toda esquina. A multiplicação de igrejas tá fazendo um ?impacto? na forma como as pessoas lidam com a igreja. É uma coisa que lembra um supermercado. Hoje, se... você é membro da minha igreja, comete uma falha, e eu advirto você, você vai pra outra igreja. Então, as pessoas trocam de igreja com uma facilidade... e com uma frequência diferentes de como do passado. Aquele conceito de fi-de-li-da-de, é, sofreu uma mutação. Como alguém disse “nós não temos mais muros, as cercas.. separando as coisas, e os países, e, também as igrejas”. Hoje nós temos uma, uma linha no chão. Então... é um desafio muito grande. Eu fico imaginando que, eu já caminhando pra 60 anos, 36 anos de ministério, eu estou lidando com esta questão. Imagine os jovens pastores, com uma experiência menor ainda. Deve ser mais pesado para eles lidarem com isso, né.*

Ao transformar-se numa “agência de mercado”, as igrejas passam pelo processo de “racionalização das estruturas” e tornam-se instituições religiosas cada vez mais burocratizadas. Como consequência, “esse processo deixa marcas quer nas relações sociais externas, quer nas internas” (Berger, 1985:151).

Como as instituições religiosas sofrem as influências dos tempos modernos, é possível ver sinais do modelo capitalista que prevalece nas culturas ocidentais, influenciando o contexto das igrejas, com práticas de gestão e produção que visam o crescimento numérico e o aumento nas arrecadações. Os pastores passam a ser tratados como profissionais e são contratados para gerar resultados, e são remunerados de acordo com a “produção” (Buhr, 2016).

As narrativas dos entrevistados mostram sinais desses aspectos que foram apresentados anteriormente. Desafios internos mas que são reflexos do que está a acontecer na sociedade. É o que o PR2 relata.

***Agora vamos falar um pouquinho sobre os desafios e as dificuldades... quais os principais problemas, vamos dizer assim... ou principal, que o senhor enfrentou ou enfrenta.***

*Eu acho que o nosso maior desafio atual, é.. o que tá relatado lá em Timóteo (faz referência a um livro da Bíblia) né, que as pessoas não vão suportar mais a sã doutrina. Esse pra mim é o maior desafio... é, eu venho de uma formação com... eu fui procurar um biblista. Eu me formei... com um biblista. Então com uma pessoa que tem uma exegese muito profunda, e uma compreensão bíblica, e contextualizada da Bíblia. Eu acho que o nosso maior desafio é justamente esse; aonde a gente vive... com as pessoas querendo impor hoje um novo modelo de família; um novo modelo de moral; um novo modelo de relacionamento... e isso pra nós é o maior desafio. Então, por isso que eu não podia me calar diante da... da nefasta ideologia de gênero; eu não podia me calar diante dessas situações todas que se levantaram; então, mesmo que eu fosse sozinho, eu iria me manifestar<sup>46</sup> como realmente foi. É... esse é um grande problema... as pessoas hoje acham que podem viver casamento aberto, ....e a gente sabe... o mal que isso vai gerar, e como tem gerado. Nós perdemos membros por causa disso, porque falaram que eu era muito arcaico nesse sentido; e... perdemos membros e essas pessoas hoje, infelizmente, os filhos... estão trilhando um caminho da... homossexualidade. Então, essa questão da homossexualidade hoje, é algo terrível, da homossexualidade; do adultério; essa questão da pornografia. É algo terrível. É algo que está destruindo a coisa mais bela que Deus fez pra nossa juventude. Esse é o nosso maior desafio, maior dificuldade, porque as pessoas, as pessoas estão querendo acreditar que existe uma liberdade fora da Bíblia né. Estão querendo acreditar que existe uma liberdade fora de Cristo, e num há. Cristo é a vida em abundância; Cristo é o*

---

<sup>46</sup> Durante a entrevista, o PR2 relatou seu envolvimento e, conseqüentemente, da própria comunidade, no apoio ao relator da “Operação Lava Jato”. Trata-se uma operação de combate à corrupção que o Ministério Público Federal iniciou em 2010. Na época, o PR2 providenciou uma visita do Procurador Geral da República e também relator dessa operação na comunidade, e a maioria dos membros aderiram a esse movimento de apoio e, juntos, levantaram mais de duas mil assinaturas para apoiar a operação. Desde esse episódio, sua relação com as esferas do poder em Brasília tornaram-se mais estreitas e frequentes. Através da sua influência, foi instituído o “Dia da Família Cristã Goianiense”. Atualmente, tem parceria com um professor e também deputado federal e, juntos, promovem já há sete anos, a celebração de um casamento comunitário numa universidade cidade de Goiânia. Também participa das festividades e solinidades promovidas por esta instituição. Relata que “esse é o nosso papel hoje, no sentido de que, nós temos uma atuação vibrante dentro desse processo”.

*caminho, a verdade e a vida; ele é a vida em abundância. Então... esse pra mim é o maior desafio, maior dificuldade que a gente tem. Esse é a dificuldade que a gente mais enfrenta. É... justamente quando a pessoa não quer se submeter à palavra de Deus; inclusive agora a gente tem essa questão das duas PL's (Projeto de Lei) que estão aí. Essa discussão dentro do Senado né.... dentro do Supremo Tribunal Federal; essa questão de querer legitimar até a pedofilia e o incesto, como questão de família, e... eu ia essa semana lá em Brasília... mas vou voltar na próxima semana, vou lá em Brasília justamente pra conversar com alguns deputados federais.... é... pra que eles possam barrar esses assuntos que são assuntos que vão destruir a família (ênfase), que vão destruir o povo brasileiro... a pedofilia né.. o artigo que foi proposto pelo ex-ministro de esporte, Orlando Silva, com a proposta de emenda a uma das cláusulas pétreas da nossa Constituição, né. O próprio Senado Federal né, querendo impedir que nós possamos proferir que a homossexualidade é pecado. Então... esse é o nosso grande desafio. Esse é o nosso grande desafio. (...) pra mim essa teologia da prosperidade, é um negócio horrível, porque cria um, ... pessoas numa vida de faz-de-conta, e coloca as pessoas numa ideia de que o "ter" satisfaz, ao invés de fazer uma auto-análise interna, de uma reflexão, de uma busca interna. Então, é... o grande desafio que a gente tem né, então, eu diria, essas filosofias e essa luta contra a teologia da prosperidade, porque as pessoas falam, eu me lembro nitidamente do cara que ?olhou assim? e disse assim: "ah, eu vou pra'quela igreja ali ó, porque ali parece que tá dando mais certo". Porque eu ando com um Clio 2001 (numa referência ao modelo do carro que possui), eu não sou consumista. Tá funcionando, não precisa de um carro pra aparentar alguma coisa pr'as pessoas, ... né... não preciso, (...) isso quem falou foi o vendedor que frequenta aqui, e é da nossa igreja. Ele olhou e falou: "não, quando ele chegou lá e falou assim: "quando chegar a primeira, a BMW do ano, você me liga e... que eu tenho que andar sempre na melhor"". Então essa é a coisa nefasta, enquanto nós servimos um Cristo que abriu mão de tudo e se fez servo por todos. Hoje o referencial de pastor é um pastor consumista; é um pastor ganancioso; é um pastor de aparência e de fantasia, de sucesso. Eu, eu não sigo isso. Eu sigo o Cristo Servo. Então, a gente ser fiel a isso é um grande desafio. É um grande desafio, e le-var as pessoas a entenderem isso é um grande desafio (ênfase) a-in-da mai-or, porque essas pessoas estão na televisão,*

*estão em tudo quanto é lugar. Só pregando essas coisas que, ... não dão certo, não são reais, não são verdades. Não.*

Quando o PR2 relata sobre seus desafios no ministério e menciona temas como homossexualidade, ideologia de gênero, exemplifica as tensões que o mesmo enfrenta no exercício do ministério. Elas resultam de seu posicionamento perante temas que estão em discussão na sociedade contemporânea, e que decorre da doutrina, mas que é contrário a formas de pensar de pessoas da própria comunidade. Estas pessoas que pensam diferente dele acabam por abandonar a igreja ou “contaminar” o ambiente tentando influenciar outros membros mais próximos a ir contra a liderança.

Os estudos de gênero têm despertado cada vez mais o interesse de estudiosos das ciências sociais devido aos grandes desdobramentos da temática do feminismo, identidades e interseccionalidades. Segundo Rosado, é possível “dizer que as religiões estão entre os campos que sofreram mais fortemente os impactos do feminismo, seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja pela influência sobre o desenvolvimento de um novo discurso – a Teologia Feminista<sup>47</sup>” (Rosado, 2001:79).

A desigualdade na questão de gênero no contexto das religiões, leva-nos a olhar para as tradições antigas, em especial a tradição “judaico-cristã”, que tem como referência de Deus a figura do sexo masculino, distante, separada e inacessível à mulher. Nessas tradições antigas, a formação da figura feminina refletia aspectos de dependência, fragilidade, inferioridade e até mesmo como alguém suscetível ao mal (Gomes, 2015). Na questão social, a tradição cristã endossa a sujeição da mulher ao homem, e a igreja, como

---

<sup>47</sup> Segundo Tomita (2003, 2010), a Teologia Feminista, inspirada na Teologia da Libertação, procurou desconstruir as ideologias patriarcais que os ensinamentos cristão sempre se basearam, considerando os homens como dotados de todo o poder e as mulheres como segundo ou terceiro lugar dentro das igrejas. Procurou colocar as experiências e questões subjetivas das mulheres na centralidade das pesquisas, numa busca por uma revolução ou mesmo mudança de paradigma. A autora afirma que a Teologia Feminista, ao denunciar situações de injustiça social, de sexismo, de racismo, propõe estratégias e formas de superação, através do incentivo ao “empoderamento das mulheres”. Os temas centrais de teologia sistemática escolhidos pelas teólogas feministas incluem a desconstrução do patriarcado, o cotidiano, a violência contra as mulheres nas várias formas de sua manifestação e, como tema mais recente, “o corpo e a sexualidade” (*idem*, 2010:5-6). São todos temas que fazem parte da vivência diária das mulheres, mas que nunca foram abordados pelos homens, ou considerados tabu, pois estes sempre se preocuparam com questões mais intelectuais e metafísicas e questões teológicas gerais. Mais considerações relativas a esse assunto, recomendamos a leitura do texto da referida autora, intitulado “A teologia feminista libertadora: deslocamentos epistemológicos”; e o texto também de sua autoria, “A contribuição da Teologia feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso”, publicado em *Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*, Rede: Goiás, 2003, p.108-119.

instituição reguladora e detentora de autoridade soberana nas relações familiares, reforça o papel do homem como aquele que tem domínio sobre a mulher.

Apesar dos vários movimentos feministas procurarem acabar com essa diferenciação, a tensão entre as diferenças de gênero tem sido um dos grandes temas de investigação de sociólogos e estudiosos das ciências sociais, que têm procurado explicar as desigualdades de gênero. Muitas teorias têm surgido ao longo dos anos para contribuir nesse sentido e várias vertentes dos movimentos feministas têm ganhado força.

Dentro do cenário dos estudos das religiões, tem-se o surgimento de uma Teologia Feminista. Segundo Rosado,

as análises feministas da religião tiveram início com o desenvolvimento de uma crítica interna à religião, feita por mulheres adeptas e praticantes da fé cristã. Assim, é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atua, de início, no campo religioso [...]. Elisabeth Cady Stanton publica, entre 1895 e 1898, nos Estados Unidos, um projeto coletivo de revisão e de reinterpretação da Bíblia. Esse trabalho [...] é considerado o ponto de partida de um longo e fragmentado processo que levará, no final dos anos 60 do século XX, à constituição de uma Teologia Feminista (ROSADO, 2001:81).

Vários desdobramentos surgiram a partir dessa publicação e muitas outras teólogas continuaram seu trabalho de pesquisa dentro do campo das religiões institucionalizadas, cristãs ou não cristãs.

Considerando o contexto do Brasil, as teorias sobre a Teologia Feminista mais conhecidas vêm de campos cristãos, protestantes e católicos. E, mesmo tendo características e conteúdos próprios devido ao processo histórico em que estas surgiram, as contribuições têm servido para ampliar os debates e a produção de novos conteúdos no campo teológico feminista. É possível hoje encontrar uma grande variedade de obras publicadas sobre o tema, bem como espaços de debates em eventos internacionais organizados para este fim, trazendo, assim, um caráter mais institucionalizado e respeitado nos meios acadêmicos (Rosado, 2001).

Uma vez que a categoria do gênero não era levada tão a sério dentro de um campo tão dominado por um grupo quase exclusivamente masculino, novos elementos metodológicos permitiram questionar as religiões sob o ponto de vistas das relações sociais entre os sexos ou gêneros com mais critério e rigor.

Numa perspectiva da teologia do feminismo pós-moderna, pode-se compreender que o foco tem sido o movimento pela ordenação de mulheres ao ministério pastoral, em

especial o feminismo cristão protestante. No Brasil, a questão da liderança religiosa feminina pode ser considerada um fenômeno exclusivamente evangélico, uma vez que a hierarquia da Igreja Católica permanece firme em sua decisão de vedar os espaços das altas hierarquias às mulheres.

Em uma resposta à uma pergunta sobre o tema, o Papa Francisco destacou que “vê as mulheres como semelhantes, mas não iguais aos homens”. Ele defendeu que as mulheres devem ter uma maior participação na igreja católica, mas rejeitou a possibilidade de elas exercerem o sacerdócio.

Embora seja considerado tema de discussão em várias instituições religiosas, percebe-se que, mesmo em instituições em que o ordenamento de mulheres ao pastorado é permitido, a hierarquia “permanece fortemente marcada pela figura masculina e isso cria vários pontos de divergências entre as líderes e os representantes da parcela masculina, inclusive entre as próprias seguidoras da comunidade”, visto que muitas rejeitam submeter-se à uma liderança eclesiástica feminina (Mello & Lima, 2016:131).

O caso da PR3 é exemplar desta situação:

***Assim, o que você percebia da comunidade, na medida em que você crescia ministerialmente, nas atividades, como era a acolhida da comunidade em relação a essas novas responsabilidades...***

*É.. na verdade, ... a igreja batista, como um todo, não vê muito bem a mulher como pastora, né... é... tanto é que, hoje... nós temos muitos pastores aqui que eles fizeram con-cí-li-o pela Associação... Batista, mas nenhuma mulher aqui.. ainda o é. Nem eu, que fui a primeira mulher aqui a ser consagrada pastora... pela igreja. Então, eu sou consagrada mas não, não, não passei por concílio. E... de início, foi assim, bastante difícil porque as pessoas... tinham assim uma gran-de dificuldade de cha-mar a gente de “pastora”. Depois que veio uma outra pastora de outra denominação, começou a vir, as pessoas começaram. Hoje está bem natural. Às vezes ela nem é consagrada “pastora”, uma mulher aqui, e já, ...já estão chamando. Pelo fato de estar... pas-to-re-an-do no sentido real da palavra, que é cuidar da vida, ela já ...chamam de pastora, já tem o reconhecimento. E, na verdade, eu já tinha o reconhecimento de que era pastora por muito tempo, ainda sendo ministra, e... as pessoas já me chamavam de pastora (ênfase), mas eu ainda não tinha oficialmente sido... levantada como pastora da igreja né. Mas, hoje, nós somos seis pastores de*

*re-de (ênfase), e.. por enquanto só eu como mulher né. Sou a única mulher nesse, nesse meio aí.. dos pastores... já todos eles são... passaram pelo concílio<sup>48</sup>...*

A consagração ao ministério pastoral no contexto das igrejas batistas acontece quando a igreja reconhece “as qualidades espirituais, morais, intelectuais, teológicas e evidência de chamada divina” do pastor, no pleno desempenho dessas responsabilidades (Souza, 2009:11, org.). Para que este pastor seja reconhecido pela denominação batista, deverá então passar pelo “Concílio de Exame e Consagração ao Ministério Pastoral” que segundo os termos da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, dispõe da seguinte forma:

“Quando um homem<sup>49</sup> convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã. Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocados pela igreja, impõem as mãos sobre o vocacionado” (Item XI da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, citado por Souza, 2009:12; 2010:26).

Dessa forma, quando a igreja identifica o vocacionado, cabe a ela separá-lo formal e publicamente e proporcionar as condições necessárias para que seja preparado para o

---

<sup>48</sup> A temática acerca do concílio não é tão comum em áreas fora da teologia ou da sociologia das religiões. Dessa forma, foi pedido à PR3 que explicasse a diferença entre “concílio” e “consagração” de pastores. Vejamos a resposta: “É, o concílio, na verdade, el/ ele vem da Associação de Pastores.. Batista. E aí você tem uma carteirinha, você paga um, uma taxa anual, como se fosse um, um engenheiro né. Então, é como você fosse [fizesse parte de um conselho, conselho de pastores..] conselho de pastores e tal. Agora dentro da, da, das comunidades, qualquer pastor pode.. impor as mãos sobre alguém [e consagrá-lo] e consagrá-lo (ênfase) como sendo um ministro, um, um professor, e um pastor, né. Então, a gente aqui as, as pas/, as mulheres ainda são só consagradas”.

<sup>49</sup> Nota-se que a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira se refere ao vocacionado usando o termo “um homem”, porque já deixa explicitado que o ministério pastoral é exclusiva, dentro da denominação, para homens. Reforça a compreensão do patriarcado como tradição na denominação batista. Enquanto a investigadora seguia no levantamento dos documentos das instituições pesquisadas, foi pedido a cada uma, o Estatuto. Das quatro igrejas, apenas duas disponibilizaram os documentos. Chama a nossa atenção o texto do parágrafo 8º do Art. 12, da instituição do PR1, que tem assim nos seus termos “O Pastor Titular será escolhido pela IGREJA, em Assembleia Geral Extraordinária convocada para este fim, após indicação de Comissão de Sucessão Pastoral anteriormente composta por membros da IGREJA, **dentre Pastores homens**, com reconhecida idoneidade moral e espiritual (...)”. Esta informação foi confirmada durante a entrevista com o pastor presidente, ao dizer que “na nossa igreja a gente não aceita pastora... a gente aceita ministra tá, mas pastora não”. Já o Estatuto da igreja do PR4, os termos: pastor titular, presidente, ou Pastor-Presidente, estão sempre precedidos dos termos “o”, “do” e “ao”, fazendo compreender tratar do gênero masculino. O PR2 não disponibilizou o documento solicitado, porém sem nenhuma justificativa. Já a PR3, por mais de duas vezes fizemos a solicitação, porém recebemos a negativa em todas elas. Diz-se que a ordem partiu do Pastor-Presidente.

exame e aprovação no concílio. As igrejas que estão filiadas à Convenção Batista Brasileira são responsáveis por decidir a melhor forma de seguir essas recomendações.

A PR3 chegou quando a igreja ainda era pequena, foi o membro número 133. Iniciou sua atividade como professora auxiliar da escola bíblica; depois foi secretária; ministra de discipulado; líder de célula; e por último Pastora de Rede. Reporta-se diretamente ao pastor presidente, a quem presta contas de todas as atividades que desenvolve, em reuniões que acontecem semanalmente, de forma individual e também com os outros cinco pastores de rede. Seu crescimento ministerial foi rápido e com grande visibilidade.

Nota-se que, além da questão do Concílio de Exame e Consagração ao pastorado e da questão do gênero, o caso da PR3 é também exemplar para questões que envolvem igrejas que são conduzidas como uma empresa. Vejamos seu discurso relativamente a essas questões:

***Agora um pouquinho sobre os desafios e as dificuldades que estão a enfrentar. Quería que você falasse um pouquinho sobre os desafios, alguns problemas no pastoreio, você percebeu assim, certa estig-ma-ti-za-ção, reação violenta, discriminatória, de repente o fato de ser mulher.***

*É.., por exemplo, eu... tenho um marido que me apoia muito, mas ele não está comigo (ênfase). Então, tem, tem uma diferença entre só apoiar e estar junto. Ele não está junto. É... assim, no início, quando eu fui chamada pra vir ajudar o pastor aqui, ele, o pastor foi à minha casa, conversou com o meu marido. Só que, o meu marido falou assim “ela vai ficar quanto lá, porque ela já fica o tempo todo. Vai dormir, né?!”. E eu continuo ficando muito aqui. E eu faço muito e faço de coração. Gosto muito, mas é claro que existe muita pressão. Até porque, chamar de, de uma empresa, a igreja é uma empresa (demonstra desconforto), ainda mais hoje, nós temos mais de 100 funcionários aqui. Acho que até mais (risos), eu nem... já até perdi a conta. Muito mais de 100, funcionários re-gis-tra-dos mesmo, né. Nós temos muitas atividades aqui, constante. É.., você precisa... se programar pra poder usar uma sala aqui, com tantas salas que nós temos. E... aqui na igreja eu não sinto nenhuma reação das pessoas que me conhecem, por eu ser pastora, não. Mas, mesmo, mesmo não sendo, como que eu que/, não sei se eu estou querendo me explicar direito.. por eu ser mulher e não ter marido crente, já tive embates, nesse sentido, de pessoas não quererem... ter a minha proteção espiritual, por achar que,*

*se eu num sei cuidar da minha família, entre aspas, dizendo assim, não que isso, porque num acontece, porque o meu marido é um homem honrado e tudo. Não é o que acontece aqui no geral com todas as pessoas que estão aqui, porque igreja é lugar de pessoas doente, doentes né. Mas, algumas pessoas não quiseram ficar debaixo da minha... cobertura espiritual por eu ser só mulher, sem o marido junto. E... isso às vezes atrapalha.*

### **3.4 – Aspectos Psicológicos: temos uma crise de identidade?**

Uma situação pluralista como resultado da secularização tem conduzido a religião a um processo de crise de credibilidade. E o indivíduo moderno tem transitado nessa pluralidade de mundos. Silveira (2005a:110) constata que esse indivíduo moderno, “indo de um lado para o outro, como se fosse um nômade, [segue] transitando entre estruturas de plausibilidade, cada uma sendo enfraquecida pela convivência com outras estruturas de plausibilidade”. E, mesmo em tempos em que a ciência e a razão tem oferecido respostas aos desafios da vida moderna, a religião não foi eliminada, mas tem-se transformado, conforme Berger (1985).

Sem dúvidas, em meio a esse cenário atual, os pastores e os ministros religiosos encontram-se numa zona de perigo emocional ao exercerem a sua vocação. Lidar permanentemente com o sofrimento humano, com situações de carência, tragédias familiares, tudo isso somado aos desafios e complexidades que se têm ampliado com a crise de plausibilidade da própria religião. Um trabalho desgastante e desafiador, que poderá levar a um cansaço e conseqüente diminuição na capacidade de enfrentamento das próprias demandas (Silva, 2018).

Ao exercer sua vocação como uma “missão divina” (Weber, 2004), o profissional-pastor assume o papel de “profeta”, aquele que é “a voz de Deus” aqui na terra. Dentre as múltiplas atividades que exerce no dia-a-dia, acaba por ter sobre seus ombros uma espécie de divinização do ofício por parte das pessoas que frequentam a comunidade, da instituição e até por eles próprios (Silva, 2018; Lotufo, 1997; Silva & Holanda, 2008).

Silva considera a seguinte questão: ao ser chamado por Deus para uma missão, o pastor tem sobre si uma responsabilidade ainda maior, porque o patrão, a quem deverá prestar contas, é o próprio Deus. “Como abandonar ou abrir de mão de uma tarefa quando o próprio Deus o convocou para? Como lidar com as frustrações e incompetências que

surgem a partir do sofrimento psíquico?” (Silva, 2018:33). O peso da responsabilidade torna-se ainda maior. Em muitos casos, incluir-se-á a esse peso, o sentimento de culpa por não ser este líder capaz de atender à vontade daquele que o chamou. Se esses líderes decidirem vestir “a roupa de super-heróis”, a situação torna-se ainda mais séria. Muitos líderes tentam se esconder por trás da imagem de herói, de líder de sucesso, acreditando, assim, que terão a aprovação da comunidade (Buhr, 2013).

Alguns dos aspectos psicológicos inerentes à atividade pastoral envolvem questões como: aumento de responsabilidades de gestão; competição intra-religiosa e racionalização estrutural (Berger, 1985); desafio de conviver com uma religião que se mistura com entretenimento (Silveira, 2005); sobreposição de funções; desvalorização das competências acadêmicas do líder (Mendonça, 1984); competição interna para alcançar metas; relação formal e distante com outras instituições; ausência de colegialismo (Silveira, 2005), só para citar alguns.

Além das questões apontadas, Nepomuceno (2013:94) também considera “que a crise da perda de legitimidade social deste sujeito social, somada a todas as questões inerentes ao próprio contexto cultural da pós-modernidade tem gerado um grande evasão do ministério pastoral”. Muitos pastores, inclusive, têm buscado legitimação em outras áreas profissionais, mas que tenha ligação com o trabalho religioso pastoral. Por outro ponto, vale considerar que a igreja batista, por ser uma instituição religiosa tradicionalmente reconhecida, teologicamente e organizacionalmente bem estruturada, oferece condições de legitimar os pastores ligados à denominação. Talvez esse seja, ainda hoje, um bom motivo para que o pastor procure na escalada ministerial essa legitimação social de que necessita para manter-se na sua vocação primária. Quer dizer que, ao subir os degraus dentro da estrutura eclesiástica, assumindo novos cargos e também novos encargos, poderá encontrar um “sentido de vida” no pastorado (Nepomuceno, 2013).

A PR3 se encaixa nessa descrição, pois seguiu uma escalada ministerial cheia de desafios, com metas estabelecidas pelo pastor presidente e registra com cuidado todo o percurso evolutivo. Além das cobranças por cumprir metas, enfrentou desafios quanto à questão do gênero, já apontadas anteriormente, e certa dificuldade em conciliar tempo com a família e o tempo de descanso. Tudo isso acabou por desencadear um desgaste emocional. Precisou recorrer à medicina alternativa para atenuar os “estragos”; além de ajuda médica.

Silva considera como desafio para o pastor contemporâneo conseguir diferenciar o que é uma crise de identidade com a *Síndrome de Burnout*, muitas vezes tratadas como semelhantes. E levanta as seguintes questões: “O que é resultado de uma doença? O que é crise no plano vocacional? Onde começa uma e termina a outra? Essa diferenciação é um grande drama do ministro religioso” (Silva, 2018:36).

Vejamos o que a PR3 nos relata com sua vivência numa “igreja-empresa”.

***Você já chegou aqui, já na função de pastora? [não]. Me fala um pouquinho disso...***

*Então eu comecei, primeiro, como professora mesmo na escola dominical né... na escola, vamos chamar de escola bíblica mesmo. Depois eu fiz parte da comissão... é comissão administrativa também. Eu fui secretária. Fui primeira secretária da igreja da parte administrativa ... Então ele me con-sa-grou, inicialmente, “Ministra de Discipulado”. E aí eu, por um tempo eu fiquei como Ministra de Discipulado, e a igreja foi crescendo, e nós tínhamos a célula; eu já tinha a minha célula e, sempre fui líder de célula... E... aí, em 2011, é.. o pastor já, nós já tínhamos muitas células, mas ele... trouxe pra nossa igreja, da Igreja IPZ (eliminação de conteúdo sensível), de Santarém, um modelo de discipulado, (...) e uma estrutura diferente pra organizar as células. Foi nesse momento que ele me convidou pra ser uma Pastora de Rede, ainda não consagrada. Depois ele me consagrou “Pastora de Rede”. É, então, nessa época eu já tinha... vinte e/, não, eu já tinha três células e ganhei mais 26 , porque eu fiquei com 29 células. E aí nós começamos, eu comecei, além de cuidar da minha célula, cuidar dessas outras células, que não tinham sido geradas por mim né, mas eu comecei cuidando dessas células. Em 2011, olha aqui, eu iniciei o ano com 29 células, finalizei com 50. Em 2011.. finalizei com/, a minha meta era 50, e finalizei com 57. Em 2013, eu iniciei o o ano já com 122 células (ênfase)... e nesse momento, eu dei-xei de ser líder. Eu só fiquei como sendo “Pastora de Rede”, supervisionando. Cheguei a ter 218 em 2017. Este ano a minha rede foi mul-ti-pli-ca-da, então, agora eu estou de novo com 101. Mas eu já, a minha rede já abriu.. duas... duas igrejas, com mu-i-tas células minha: Guaratiba e Duque de Caxias.*

***E, sobre os aspectos psicológicos, já uma coisa, assim, mais pessoal. Como é que você lida com a sua própria realidade, em termos social; comunidade; com a***

***modernidade. Como é que você se vê, a si próprio? Se é valorizada; subvalorizada; sente-se sobrecarregada de funções...***

*É... bastante né. Eu me sinto sobrecarregada, e... às vezes, é porque eu mesma me cobro muito. Mas, pelo fato de... alguém colocar alguma coisa pra eu fazer, pra... tarefa mandada pra mim é tarefa feita. Então, eu fico bastante preocupada com isso. A cobrança é grande.... E, eu tenho aprendido aos poucos, claro que tem dias que eu estou assim muito... eu falo “não, hoje eu estou muito forte” (ênfase), e tal, que, dá tempo de fazer tudo. Mas, ah... tem dias que eu também preciso de um ombro pra, pra falar e... a gente também se adocece,... mas eu tenho aprendido. Já fui mais prejudicada nesse sentido. De uns tempos pra cá eu tenho me policiado com relação a isso. Até, ...buscando medicina alternativa, rsrs.. nos sentido eu estou fazendo, é.. chama-se “reflexoterapia”, já há algum tempo, vai pra seis meses já. Então, porque é muita pressão, dor de cabeça, essas coisas. E eu tenho melhorado bastante. Então é um equilíbrio, que a gente sabe que a medicina ocidental é.. muito sábia né... Então, já que está dando certo lá, a gente vai tentar também. Então eu tenho feito isso. A minha família me apoia mas sentem falta. E às vezes eu tenho que me policiar, porque, às vezes eu chego aqui sete e meia da manhã e quando é onze horas da noite eu ainda estou aqui, né. Quando eu vejo, já passou, já fiz tudo, não fui em casa almoçar, tal. Mas daí eu procuro... comecei a aprender a falar um “não” de vez em quando, né, porque a gente começa a se desgastar. Não sou mais nem uma criança né.. rsrsrs... e o corpo também padece. Mas, eu gosto muito do que eu faço, eu acho que.. o que eu.. melhor faço é... cuidar das pessoas, ouvi-las, que era uma coisa que eu não sabia fazer, e.. hoje.. eu ouço muito.*

O aspecto psicológico para o PR2 já apresenta uma particularidade em relação às outras entrevistas. Quinze dias antes do dia marcado para a realização da entrevista, este foi vítima de uma tentativa de assalto próximo à sua residência e acabou por sofrer agressão física. Teve algumas escoriações pela face, além de fraturas nos dentes. Por conta do episódio, e considerando seu historial de doenças psicológicas (que são relatadas a seguir), foi afastado das suas atividades pastorais, decisão tomada pela própria diretoria da igreja. A entrevista aconteceu dentro desse período de afastamento. Quando a temática dos aspectos psicológicos foi levantada, a entrevistadora apresentou a opção de não se

falar no assunto, caso preferisse, deixando-o à vontade quanto ao que gostaria ou não de expor. A entrevista seguiu uma certa normalidade, apesar do entrevistado apresentar uma fala mais letárgica, e, em alguns momentos, tons mais nostálgicos. Mas tudo isso não apresentou prejuízos significativos para o desenvolvimento da entrevista.

O PR2 reconhece que a questão da violência é um problema muito sério no Brasil. Ele próprio já viveu outras duas situações de agressão: uma vez em Campinas/ SP e a outra também em Goiânia. *“Então... passei por esses gatilhos, é... de episódios mu-i-to negativos, mu-i-to ruins”*. O primeiro episódio acabou por desencadear um processo de síndrome do pânico. Pouco tempo depois, sofreu um mal súbito, que resultou num TCE (trauma crânio-encefálico). Esteve internado, acompanhado por um especialista e precisou fazer uso de medicações por um determinado tempo. Por conta do último episódio, precisou retomar com o uso de medicamentos para depressão e a síndrome do pânico.

Ainda relativamente à narrativa do PR2, sobre como conciliar vida pessoal, trabalho, família, lazer, cuidados com a saúde, tempo de devoção, estudos e desenvolvimento pessoal, reconhece ser um grande desafio, apesar de se considerar *“muito certinho com as coisas”*. Costuma acordar sempre às cinco horas da manhã para começar a realizar todas as coisas que precisam ser feitas. E normalmente acaba por volta das dez e meia da noite. Afirma ser *“uma questão de disciplina, muita disciplina”*. Então, dentro desse planejamento, procura cultivar bons momentos com a família, no cuidado com as filhas, nos atendimentos pastorais, enfim, procura encaixar tudo dentro dos horários, com organização, para assim cumprir com os compromissos. *“Num é cem por cento também não”*. Faz caminhadas matinais; faz *check-ups* anuais, e conta com dois amigos mais chegados para conversar, orar e manter *“a vida emocional mais, mais inteira”*. *“Mas sempre, sempre tá em débito es/ essas três áreas aí, sempre vai ficar em débito. A família sempre vai ter um débito emocional... a saúde também, e, e a vida emocional, sempre vai ter um... um débito. Num vai ter crédito aí não”* .... Desabafa!

As entrevistas mostram como o peso da experiência no ministério pastoral é alta. A capacitação e treinamento para os vocacionados é de extrema importância para que estes possam ser bem-sucedidos, tanto no exercício de suas funções quanto na prevenção de desgastes psicológicos e emocionais.

João Cavalcante, um dos colaboradores do projeto TOPIC – *Trainers of Pastors International Coalition* (Coalizão Internacional de Capacitadores de Pastores) no Brasil<sup>50</sup> e autor do livro *Como Ovelhas que Têm Pastor. Formação de Líderes com Coração Pastoral*, afirma que o caminho para a formação de líderes pastorais precisa passar pelo caminho da educação vivencial, tomando como exemplo o próprio Jesus Cristo e seus ensinamentos, e pelo respeito à dignidade de cada um dos vocacionados, como ser criado por Deus (Cavalcante, 2015). Respeitar as características pessoais de cada um é uma das garantias de sucesso da caminhada para uma formação adequada.

Na sua narrativa, o PR4 relata sua larga experiência com a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil e também como cooperador no processo de treinamento e capacitação de vocacionados. Devido à sua alargada vivência dentro dessa instituição, aprendeu a importância do colegiado e do treinamento para a formação dos novos líderes. Essa experiência acabou por ajudá-lo a lidar melhor com as situações desafiadoras. Ao ser interpelado sobre como lida com a própria realidade, como pastor, na sociedade (se é valorizado ou não), afirma sentir-se bem, sentir-se pleno. Mas reconhece que enfrenta lutas e desafios, assim como qualquer profissional. Também sabe que tem lutas que são próprias do ministério, mas, por ter sido chamado por Deus para ser pastor, trata com certa naturalidade. *“A semana passada eu tive que fazer quatro sepultamentos... então, e você diria, ‘poxa, isso é uma carga pesada, né’, e você sai dali e vai visitar um bebê que nasceu”*. Não é fácil e nem são tão simples essas questões. Por outro lado, sabe que isso tem a ver com treinamento, com experiência: *“Com a experiência você vai lidando talvez um pouco melhor com, com essas situações que são, assim, tão conf/, confrontam você, né”*.

Ao revisitar o motivo da celebração do dia “7 de setembro” para o povo brasileiro, o “Dia da Independência”, onde tudo começou com um grito do imperador “independência ou morte”, o PR4 faz uma analogia desse ‘grito’ com a realidade dos vocacionados, afirmando que, no caso dos vocacionados: *“Independência é morte”*. E considera que “ou

---

<sup>50</sup> A TOPIC Brasil foi fundada em 2001. Surgiu na consulta internacional de Manila, Filipinas, em março de 1999, ocasião em que foi escolhido seu líder, Paul Landrey. Em seguida, em maio de 2000, aconteceu na Costa Rica a consulta TOPIC para a América Latina. Dela participaram 18 pessoas do Brasil. esse grupo brasileiro organizou a primeira consulta de TOPIC no Brasil de 21 a 24 de agosto de 2001, na cidade de Anápolis, Goiás, onde nasceu a TOPIC Brasil. Segundo o autor, desde então, durante as consultas anuais, a equipe tem trabalhado de forma intensiva para oferecer apoio ao pastoreio de membros novos e antigos da igreja brasileira. A visão da TOPIC Brasil é “Que cada igreja tenha pelo menos um pastor treinado, equipado e crescendo em maturidade” (Cavalcante:2015:prefácio escrito por Walter Feckinghaus, livro eletrônico).

*a gente ensina os vocacionados a interagirem, (...) ou a gente ensina os, os homens de Deus a 'andarem com', ou essa situação vai se agravar ainda mais. Tem, temos que ensinar os vocacionados a desenvolver um estilo de colegiado". Disse inclusive que pretende escrever um livro sobre isso.*

Sobre a questão da tecnologia, da modernidade, acredita que, com os recursos tecnológicos que temos hoje, as agendas pessoais *"se tornaram mais estressadas"*. Passamos a ter menos tempo, pois *"estamos todos saturados de conteúdo"*. Isso faz com que sintamos *"menos, ou menor necessidade de estar com o outro"*. Pelo fato de estarmos saciados de informações, de recursos, não nos sobra tempo para querer conversar com as pessoas. Essa é uma constatação que Daniel Goleman aponta em seu livro *"Foco. O motor oculto da excelência"*: *"o relacionamento exige atenção conjunta – foco mútuo. A nossa necessidade de fazer um esforço para viver estes momentos humanos nunca foi maior, dado o oceano de distrações no qual todos navegamos diariamente"* (Goleman, 2013:14).

O PR4 finaliza sua conversa com a entrevistadora reforçando uma recomendação feita anteriormente. *"Se puder, como disse e sugeri, investigue esse assunto do, do isolamento do dos vocacionados, porque aí tem. Hoje você escuta falar, por exemplo,... com uma frequência maior do que do passado, de suicídio"*. E conclui trazendo a questão da capacitação como uma das formas de mitigar esses efeitos. Sobre o avanço da crise envolvendo os vocacionados, considera que

*"uma boa parte disso é falta de capacitação. Então, essa é outra crise que nós vivemos. O pastor, ele... ele precisa ser prefeito, professor, pai, mãe, empresário... é... político, é... marqueteiro. Ele tem, ele tem que ser... um monte de coisa, ele não tem capacitação (...). Então, a capacitação do vocacionado é outro ponto que vale a pena investir"*.

### **3.5 – Diálogo entre a Teologia Pastoral e a Sociologia**

A análise dos discursos nos permitiu verificar os desafios e dificuldades que cada um enfrentou, assim como os desafios e tensões que estão a enfrentar atualmente. Como atrás se referiu, os retratos sociológicos elaborados a partir do guião da entrevista permitiu refletir sobre questões sociais mais recentes no campo da teologia pastoral e da própria sociologia da religião.

Relativamente ao percurso religioso e motivações para a escolha do pastorado como estilo de vida, evidenciou que a vida religiosa pode ser adquirida a partir da tradição familiar. Como afirma Sílvia Portugal, “a narrativa individual é, muitas vezes, estruturada pelo “mito familiar”, um conjunto organizado de representações, explícitas e implícitas, partilhado pelos membros da família” (Portugal, 2006:211; Lemaire, 1984, *apud* Portugal, 2006:211). As práticas de religiosidade, como conjunto organizado de representações, costumam fazer parte desse processo de transferência entre as gerações, especialmente no contexto do protestantismo tradicional.

De um modo geral, as entrevistas fazem sobressair as continuidades e as rupturas, mais as continuidades do que as rupturas. A entrevista com a PR3 permite registrar a transferência da tradição religiosa no contexto da família, quando esta diz que a mãe sempre fez questão de levá-la na igreja desde criança e quando reforçava a ideia de que eles eram “católicos apostólicos romanos”. Houve o tempo da ruptura com a tradição católica, mas ela sempre teve formatado na consciência a ideia de “estar debaixo de autoridade espiritual”. Pierre Bourdieu, ao estudar a estrutura do campo religioso na sua gênese afirma que o “interesse propriamente religioso”, enquanto sistema simbólico estruturado, “funciona como princípio de estruturação, através da construção de experiências com o sagrado e da formatação de padrões de comportamentos que vão desde o estilo de vida simples, mas que assumem uma função ideológica e que passam a ser vistos como “normais” ou naturais a determinados grupos sociais (Bourdieu, 1982:46). No caso da PR3, apesar de não compreender a necessidade de estar debaixo de uma autoridade espiritual, naquela época, já tinha incutido como padrão de comportamento a vida sob o cuidado e comando de uma autoridade, situação que é exemplificada na relação com a comunidade atual e ideologicamente representada na figura do “pastor presidente”, a quem ela se submete naturalmente.

A relação dos entrevistados com as comunidades ilustra modelos de comunidades que enfrentaram crise de identidade por falta de uma liderança por um determinado tempo. Exemplifica também igrejas que prezam pela laicidade na sua relação com o Estado, contrapondo com outras em que a liderança é muito envolvida com figuras públicas nas relações com as esferas do poder público. A figura do herói, do líder empreendedor-carismático (Weber, 2005) foi evidenciada na pesquisa e destaca a importância de compreender os impactos do perfil de liderança para o estudo da cultura das organizações,

que legitimam o tipo de poder desse líder sobre seus liderados. Para Weber (2005), o líder carismático exerce poder sobre seus liderados a ponto dessas pessoas se submeterem às suas orientações porque são afetivamente admiradoras da sua pessoa.

Os desafios e dificuldades que têm relação direta com os aspectos psicológicos apontados nas entrevistas, exemplificam situações de pluralidade religiosa; de competição entre diferentes igrejas e grupos religiosos; igrejas que se transformaram em “agências de mercado” que negociam a tradição religiosa com uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”, que entram e saem dos templos religiosos como quem sai de um supermercado e entra em outro à procura de uma promoção ou de um produto específico. Ilustram modelos de igrejas que são geridas como empresas e tratam seus pastores como profissionais que são contratados para gerar resultados e recebem suas remunerações conforme a produtividade.

Como vimos, a questão do gênero foi explicitamente evidenciada na narrativa da PR3 e, de forma implícita, nas demais narrativas das vozes masculinas. A questão da liderança religiosa feminina no Brasil, embora seja considerado tema de discussão em várias instituições religiosas é mais evidente no contexto protestante. Mesmo em instituições em que o ordenamento de mulheres ao pastorado é permitido, a hierarquia permanece fortemente marcada pela figura masculina. No caso da igreja batista, a *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* deixa explicitado que o ministério pastoral é exclusiva, dentro da denominação, para homens, reforçando a compreensão do patriarcado como tradição na denominação batista.

Como se verá no capítulo seguinte sobre os mecanismos de suporte e cuidado ao pastor em crise, tanto para o cuidado individualizado como na forma coletiva, é possível confirmar a existência de uma crise de identidade nos vocacionados ao ministério pastoral. Diversos estudos empíricos suportam a ideia de que os pastores e líderes religiosos encontram-se numa zona de perigo emocional ao exercerem a sua vocação. Lidar permanentemente com o sofrimento humano, somado aos desafios e complexidades nas relações com as instituições, resultante das influências do neopentecostalismo nas formas de organização das igrejas, poderá levar a um cansaço e conseqüente diminuição na capacidade de enfrentamento das próprias demandas (Oliveira, 2004; Baptista; 2014; Silva, 2018; Campos, 2018).

## **CAPÍTULO 4 – MECANISMOS DE SUPORTE E CUIDADO AO PASTOR EM CRISE**

Como enfrentar os pontos de tensão entre a vocação e o exercício da função pastoral sem negligenciar os cuidados com sua saúde física, emocional e espiritual? Como os líderes-pastores enfrentam situações de crise? Quais os mecanismos de suporte lhes são ofertados pelas instituições e pela própria comunidade a que fazem parte? Com quem efetivamente podem contar quando estão a enfrentar tais constrangimentos? Quem faz parte da rede social dos/as entrevistados/as? Quais são as características dos membros das redes? Que laços são ativados? Qual o valor das redes como capital social? Estas são algumas das questões às quais pretendemos desenvolver neste capítulo.

No capítulo anterior procuramos conhecer os entrevistados, seus percursos acadêmicos e religiosos; as relações entre os pastores e as comunidades. Identificamos alguns constrangimentos que os pastores têm enfrentado no exercício do ministério, numa articulação com a Sociologia das Religiões e a Teologia Pastoral. Alguns dos aspectos psicológicos relativos à atividade laboral foram apontados como promotores de uma crise de identidade no contexto eclesial e têm despertado o interesse de áreas específicas das ciências sociais, como a Psicologia, Psiquiatria, Teologia Pastoral e a Sociologia.

Este capítulo procura apresentar um panorama da realidade a partir de indicadores que reforçam os indícios de uma crescente crise de identidade entre que vem assolando os pastores protestantes tradicionais. Na sequência, procuramos perceber, a partir do conceito das “redes”, a importância das redes sociais para o enfrentamento de situações de crise; quais os mecanismos de suporte e defesa individual e coletiva que estão disponíveis aos pastores em crise, e o que mais pode ser feito para ajudá-los no enfrentamento, superação e posterior reintegração à atividade vocacional.

### **4.1 – Evidências da necessidade de cuidados aos pastores e pastoras**

No ambiente corporativo prevalece a lógica capitalista global, e as exigências para o aumento de produtividade e o lucro máximo com menor custo são os objetivos das companhias. Trata-se de uma realidade que afeta o ambiente laboral e tem sido alvo de inspeção pelos órgãos de fiscalização em Segurança e Saúde no Trabalho. No contexto europeu, o estresse ocupacional ocupa a segunda posição entre os problemas de saúde,

segundo dados da Organização Internacional do Trabalho – OIT, e afeta cerca de 40 milhões de pessoas<sup>51</sup>.

Em estudos realizados com líderes Imãs, na Turquia, sobre o estresse ocupacional, o nível de *Burnout* Ocupacional indicaram vivência moderada de sofrimento nas subescalas de emoção, exaustão, despersonalização e realização pessoal (Küçüksüleymanoğlu, 2012). Um líder cristão não está livre de enfrentar situações de esgotamento físico e mental. As pressões sobre os pastores muitas vezes podem ser intensas e até mesmo implacáveis, e nem todos aqueles que desempenham a mesma atividade vivenciarão o mesmo grau de pressão e cobrança (Baptista, 2014; Bresch, 2020). Mesmo que a fé seja sua aliada na jornada ministerial e a convicção do chamado seu sentido de vida, a ocorrência de crises não está, necessariamente, ligada a falta de maturidade ou simplesmente a uma vida espiritual fraca. Todo ser humano é passível de sofrimento e enfermidades. Os chamados “profissionais da ajuda”, aqueles que desempenham papéis sociais de apoio e cuidado estão mais suscetíveis a essas crises, “pois são profissionais que atuam em ocupações emocionalmente desgastantes” (Morais, 2008, *apud* Baptista, 2014).

Ao aventurar-se no exercício da vida religiosa com altruísmo e sentimento de missão divina, muitos deparam-se com sentimentos de impotência, diminuem a sensação de realização pessoal, sentem-se desvalorizados, até se verem em situações extremas de estresse. Esgotados emocionalmente e impossibilitados de recuperar a motivação e as forças espirituais do início da jornada, acabam por abandonar o ministério. Outros acabam por cair numa depressão profunda ou mesmo sofrer da *Síndrome de Burnout*<sup>52</sup>. E, mesmo que reconheçam que estão esgotados, é mais provável que eles neguem, tentem lidar com isso sozinho ou até mesmo esconder da comunidade. A renúncia do Papa Bento XVI, o alemão Joseph Ratzinger, de 85 anos, é um exemplo dessa realidade. Ao abdicar de seu

---

<sup>51</sup> Organização Internacional do Trabalho – OIT, *WorkPlace Stress: a collective Challenge*, disponível em [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed\\_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms\\_466547.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms_466547.pdf) Acesso em 14/09/2020.

<sup>52</sup> De acordo com Piccinato (2019:20), a *Síndrome de Burnout* “se caracteriza como um distúrbio de caráter depressivo, acompanhado de extremo cansaço físico e mental”. Situação esta que normalmente está relacionada ao contexto laboral, com nível intenso de pressão e por um período mais alargado. Traduzido do inglês, o termo *burnout* significa “queimar-se” ou “combustão completa”, que ocorre em decorrência da tensão emocional à qual o indivíduo está exposto, onde o esgotamento chega ao ponto do completo desgaste e fadiga. Ainda segundo o autor, em 2019, a Organização Mundial da Saúde – OMS, definiu o *burnout* como “uma síndrome resultante de estresse crônico no trabalho”. Determinação que entrará em vigor na Classificação Internacional de Doenças (CID) a partir de 2022.

papel, justificou sua decisão alegando que suas forças tinham-se exaurido e lembrou que quando foi eleito, em 2005, sentiu todo o peso sobre seus ombros<sup>53</sup>.

Padre Licio de Araujo Vale aponta em seu livro *“E foram deixados para trás. Uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio”*, numa referência a Cencini<sup>54</sup> (2011), algumas das áreas em que as crises normalmente acontecem na vida do sacerdote: “a) crise de identidade; b) crise da afetividade/sexualidade; c) crise da vocação e fidelidade” (Vale, 2018: posição 1104 – livro eletrônico). O autor também relata que no mês de novembro de 2016 foi noticiado o suicídio de três padres, em um período de quinze dias. É possível identificar os motivos?

O esgotamento pastoral normalmente é associado a uma frustração interna, certa confusão e desilusão causada por sua incapacidade de explicar o que realmente faz sentido no ministério, desilusão esta que pode ser causada por inconsistências entre sua crença sobre a vida, o ministério e a vivência diária. Segundo Sherman<sup>55</sup>, o esgotamento “ocorre quando há um conflito interno entre as crenças do pastor sobre como a vida e o ministério *deveriam ser* e como realmente são” (Sherman, s/d, 1; destaque do autor; tradução nossa). Campos (2018) acredita que esse conflito interno entre vocação e realidade é capaz de desencadear sofrimento psíquico e promover um impacto negativo na vida do religioso.

---

<sup>53</sup> Apresentamos um pequeno trecho da carta do Papa Bento XVI quando anunciou a renúncia: *“Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também e igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado”* (Fonte: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/02/papa-bento-xvi-renuncia-ao-cargo> Acesso em 14/09/2020).

<sup>54</sup> Amadeo Cencini é padre, mestre em Ciências da Educação e Doutor em Psicologia pela Universidade Gregoriana de Roma. É especialista no acompanhamento psicológico e espiritual de padres e autor do livro *“A hora de Deus – A crise na vida cristã”*, São Paulo: Paulus, 2011.

<sup>55</sup> Daniel Sherman é pastor na cidade de Michigan, EUA. É o idealizador do site [www.my-pastor.com](http://www.my-pastor.com), criado em 2015. A ideia, segundo relata, surgiu a partir da vivência com sucessos e fracassos no ministério pastoral, complementadas experiências na área de gestão empresarial. Afirma que, como viveu os dois lados (dentro da casa paroquial e fora dela), acredita que pode contribuir com outras instituições na sua relação pastor-congregação. A *wesite* oferece ideias e recursos que podem ser úteis para o apoio e encorajamento do relacionamento entre um pastor e a sua congregação.

Vejamos alguns indicadores (Barro<sup>56</sup>, s/d): 25% dos pastores não sabem o que fazer se tiverem problemas na família ou um conflito ou problema pessoal; 33% afirmam sentir-se queimados nos primeiros anos de ministério; 40% dos pastores e 47% dos cônjuges sofrem de *Burnout*, horários frenéticos e/ou expectativas pouco realistas; 45% dizem que já enfrentaram depressão ou *Burnout* ao ponto de precisarem tirar licença do ministério; 70% afirmam não ter amigos próximos; 75% relataram sensações de angústia, raiva, depressão, preocupação, medo e alienação decorrentes de estresse severo; 80% acreditam que o ministério pastoral afeta negativamente suas famílias; 90% sentem-se desqualificados ou mal preparados para o ministério; 90% dizem trabalhar mais de 50 horas por semana; 94% sentem-se sob pressão para ter uma família perfeita; e 1500 pastores deixam seus ministérios, todos os meses, devido ao esgotamento, conflitos ou por falha moral (BARRO, s/d)<sup>57</sup>.

Os relatos a seguir revelam que alguns líderes, por desejarem dar fim aos seus sofrimentos, escolheram dar fim à própria vida.

Em 3 de junho de 2015, foi noticiado que o Pr. Phil Limberger, ex-presidente da Convenção Geral Batista do Texas, USA, cometeu suicídio após sofrer por um longo tempo com a depressão. (...) Em 28 de maio de 2015, foi noticiado o suicídio do Pr. Seth Oiler, 42 anos, (...) se matou dentro das dependências da igreja. Em agosto de 2015, o pastor e professor de teologia, John Gibson (56 anos) (...) sofrendo depressão (...) encontrou no suicídio a solução de seus problemas. Em agosto de 2014, o Pastor George "GB" Antrim III, (...) tirou a sua vida no domingo entre os dois cultos de sua igreja. Em 2013, num período de 40 dias, três pastores se suicidaram: Rev. Teddy Parker Jr., 42 anos, pastor da Bibb Mount Zion Baptist Church em Macon, Geórgia; Ed Montgomery, 49 anos, pastor da Full Gospel Christian Assemblies International Church, Hazel Crest, Illinois (...); Isaac Hunter, 36 anos, pastor na cidade de Orlando, Flórida (...) (BARRO, 2015).

Em 2019 foi noticiada a morte de Martha Nascimento, uma pastora e esposa de pastor, ambos fundadores da Igreja Evangélica Batista Moriah, em Alagoas, Brasil, encontrada morta ao lado de uma arma de fogo, em sua residência, situação que sugeria se tratar de uma ocorrência de suicídio. Um outro caso que chamou a atenção é o do pastor

---

<sup>56</sup> Jorge Henrique Barro é diretor da Faculdade Teológica Sul Americana, em Londrina/PR, Brasil, e professor de *Desenvolvimento Institucional*. É Também assessor da Aliança Cristã Evangélica Brasileira, uma associação que reúne denominações e organizações cristãs, instituições educacionais e igrejas locais no Brasil, com sede em Campinas, Brasil.

<sup>57</sup> O artigo traz mais informações sobre a pesquisa e acrescenta outras estatísticas que não foram destacadas aqui porque consideramos redundantes e secundárias ao tema proposto no trabalho. Para conhecer mais detalhadamente sobre a pesquisa e as demais informações, recomendamos aceder ao endereço eletrônico <https://ftsa.edu.br/home/index.php/en/reflexao/547-suicidio-e-o-gemido-dos-pastores-2?tmpl=component&print=1&layout=default> (Acesso em 03/09/2020).

da Igreja Nova Vida, em Rio Grande/RS. Antes de tirar a própria vida, no dia 25 de setembro de 2019, Lisandro Canes fez uma publicação nas redes sociais (*FaceBook*), com o seguinte desabafo:

“Eu admito que nunca em toda a minha vida eu fiz algo tão esgotante e cansativo como pastorear. Nenhum trabalho ou responsabilidade consumiu mais as minhas energias e minha saúde do que liderar uma Igreja. Como pastor posso dizer que a Igreja precisa urgentemente se preocupar com o descanso e a saúde dos seus pastores. Querido cristão, não abra mão de um tratamento digno com os seus pastores. Somos iguaizinhos a vocês. Se enfiarem uma faca em nós, sangraremos. Se nos machucarem sentiremos dor. Antes de pensar no pastor como um super-homem, lembre-se que existe um ser humano a Imagem de Deus atrás do púlpito. Um ser humano igualzinho a você. Que Jesus levante uma igreja onde cuidar dos pastores não é opção, mas sim fundamental”. Pr. Lisandro Canes (Rio Grande do Sul, Brasil).

Um caso também triste é o do pastor da Primeira Igreja Batista da Bahia, que tirou a própria vida ao se enforcar na área de serviço da sua casa. Há a suspeita de que ele enfrentava uma grave depressão. Em janeiro de 2020, o Pastor assembleiano da cidade de Santa Inês/MA, Arimateia Sousa, recorreu ao suicídio por enforcamento. Segundo notícias nos jornais locais, ele sofria de depressão. No dia 13 de outubro de 2020 foi noticiada a morte do advogado e também pastor da igreja do Nazareno, Wesley Roberto de Carvalho, 41 anos, que caiu do prédio que morava, 15º andar. As notícias relatam que ele não apresentava sinais de depressão.

Piccinato (2019:37) atesta que, “em 2016, segundo dados do *International Stress Management Association* – ISMA-BR, o esgotamento relacional no ambiente profissional gerou um prejuízo de 4,5% ao Produto Interno Bruto (PIB)”. São valores que envolvem aposentadorias precoces, afastamentos, licenças médicas, erros e a queda na produtividade. O autor afirma que um trabalhador com *Burnout* trabalha em média cinco horas por semana. Estudos da ISMA-Brasil também afirmam que 92% das pessoas que sofrem de *Burnout* permanecem ativas no trabalho (Araújo, 2020, jornal eletrônico)<sup>58</sup>. Porém, estas consequências não se aplicam do mesmo modo quando se trata de líderes religiosos, porque a mudança ou transferência de igreja não gera mudanças naquilo que é essencialmente a função do líder, nem modifica a cultura da organização, como é possível para outros trabalhadores. Nesses casos, a intervenção e a prevenção através de suporte

---

<sup>58</sup> Leia o texto “*Cuidado com a síndrome de Burnout*”. Texto na íntegra disponível no endereço eletrônico <https://mais.opovo.com.br/jornal/pop-empregos-e-carreiras/2020/08/24/cuidado-com-a-sindrome-de-burnout.html>, por Amanda Araújo, Jornal O Povo, Edição de 24 de agosto de 2020. Acesso em 14/09/2020.

psicológico, segundo Baptista (2014:84), “parece se tornar, se não a única, mas a principal alternativa capaz de contribuir (...) para que líderes evangélicos e católicos possuam ferramentas capazes de assegurar melhor enfrentamento e maiores possibilidades de sucesso, com reflexo em sua qualidade de vida”.

Discussões como essas têm sido recorrentes dentro do ambiente acadêmico, e a atividade pastoral ganhou relevância nas pesquisas mais recentes sobre a temática da *Síndrome de Burnout* em pastores protestantes. A pesquisa de Wesley Dolghie, com o título *A Síndrome de Burnout nos pastores presbiterianos de São Paulo: um estudo de caso – Universidade Presbiteriana Mackenzie*, (2018), considerou o *Burnout* entre os pastores e identificou causas vinculadas à instituição, nas várias instâncias, inclusive na formação dos pastores. Érika Feltrin Marques Nakano, na sua dissertação *Burnout, discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em pastores e pastoras*, Universidade de São Paulo - USP (2017), pesquisou sobre o *Burnout* em pastores e pastoras da Igreja Presbiteriana Independente. Através de pesquisa quantitativa considerou as categorias: auto cobrança e solidão, isolamento, sobrecarga no trabalho, culpabilidade, pensamentos de desistência do ministério e outros. Também o trabalho de Ana Cristina de Oliveira Santos, com o título *Síndrome de Burnout e o Trabalho dos Pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil no Estado de Minas Gerais*, Faculdade Novos Horizontes, (2014), na área de Gestão, constatou um nível mediano de *burnout* nos pastores, nas categorias: baixa realização profissional, diversificação, despersonalização, exaustão emocional e tempo de trabalho<sup>59</sup>. É suposto concluir que o estresse pastoral e o *Burnout* são problemas recorrentes nas profissões de ajuda, e que os ministros religiosos não são uma exceção quando acometidos por tais constrangimentos. A função pastoral, dessa forma, deve ser considerada uma atividade laboral que tem contribuído para o avanço dos casos de estresse e de *Burnout* ocupacional.

#### **4.2 – A Teoria das Redes**

Considerando o termo “redes” (*network*), bastante popular atualmente, percebemos que a sua utilização perpassa por várias áreas do conhecimento e tem

---

<sup>59</sup> Sobre a categoria “tempo de trabalho”, Santos (2014) constatou que os pastores mais novos sentem-se menos realizados no ministério do que os mais velhos. O pastores com menos de dezesseis anos de tempo de trabalho apresentaram maior nível de exaustão emocional quando comparado com os pastores que estão no ministério com tempo de serviço superior à dezesseis anos.

nomeadamente uma grande significância na história das ciências sociais. A análise das redes sociais pode ser aplicada no estudo de diferentes situações e em questões sociais muito distintas. Atualmente, com a popularidade do conceito de rede e sua aplicabilidade, outros domínios científicos passaram a usá-lo nas suas pesquisas (Portugal, 2006, 2014; Ruivo, 2000; Lemieux, 2000).

As redes sociais contribuem, de forma privilegiada, para se compreender as relações sociais e os tipos de conexões que acontecem entre indivíduos e instituições, em suas múltiplas esferas (família, amigos, trabalho, grupos religiosos, associações desportivas, partidos políticos, etc.). Refere-se ao processo de socialização entre as pessoas por um longo período de convivência. Em espaços urbanos em que há maior concentração populacional com grupos sociais diversos, as redes sociais potencializam a capacidade de atuar na conexão e na penetração a grupos de interesses mais específicos (Noronha, 2015).

Segundo Noronha (2015:149-150), “relações de parentesco, amizade, vizinhança, religiosa, entre outras, se revelam eficazes na obtenção de favores – com peso significativo à população mais pobre –, nas relações de troca, ou no acesso às estruturas de oportunidade”. Relações de reciprocidade, como as trocas de favores, podem acontecer no interior das redes de amizades, além de permitir o acesso a círculos sociais específicos. Nas relações de confiança, há sempre a possibilidade de fluxos de informações privilegiadas, ajudas para se conseguir emprego, empréstimos de dinheiro, serviços, apoio moral (situações de casamento, batismo, funeral). Nesse tipo de relação podem surgir grupos de ajuda mútua e de solidariedade (dádiva), intercâmbio de favores, com a construção de “redes de apoio e oportunidades”.

Os vários estudos sobre as redes sociais (*network analysis*) vêm demonstrando a importância das relações sociais das pessoas no acesso a determinados recursos. É basicamente através das conexões que uma pessoa, com a sua rede de contatos, poderá ter acesso a uma infinidade de possibilidades e oportunidades. São as relações entre as pessoas e a força dessas relações que lhes abrirão ou não essas possibilidades (Portugal, 2006; Wellman, 1991).

Numa referência a Wellman & Berkowitz, Portugal (2014) apresenta o conceito de “rede”, a partir de uma análise estrutural das relações, assim definida como

as estruturas sociais podem ser representadas como redes – como conjunto de *nós* (ou membros do sistema social) e conjuntos de *laços* que representam as suas interconexões (...). Dirige o olhar dos analistas para as relações sociais e

liberta-nos de pensar os sistemas sociais como coleções de indivíduos, díades, grupos restritos ou simples categorias. Usualmente, os estruturalistas têm associado “*nós*” com indivíduos, mas eles podem igualmente representar grupos, corporações, agregados domésticos, ou outras coletividades. Os “*laços*” são usados para representar fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre “*nós*” (WELLMAN & BERKOWITZ, 1991: 4, *apud* PORTUGAL, 2014:49).

A compreensão do conceito de redes permite perceber o comportamento de uma pessoa dentro de sua estrutura social, sua inserção nessa estrutura, suas trajetórias sociais, as posições estruturais que exerce dentro dessa mesma estrutura, como suas decisões pessoais são influenciadas por essa trajetória, e como lhe permitirão ter determinada liberdade de circular por essa estrutura. Para se conquistar prestígio dentro de determinada rede é necessário que essa pessoa realize algo que vá além da normalidade, de simplesmente frequentar ou ser “integrante”, mas que sua participação seja de forma duradoura e que se apreenda o “*habitus*” daquele grupo ou irmandade. A presença e participação não deve se limitar somente a encontros fortuitos, mas, “em um conjunto de atividades que ocorrem, inclusive, no âmbito externo” da estrutura (Noronha, 2015:240).

As conexões em redes possibilitam não só o acúmulo de capital econômico, mas possibilitam o aumento do capital social daqueles que dela fazem parte, porque gera significado e constrói sentido ao indivíduo. À partir da convivência com o grupo o indivíduo é capaz de perceber as estruturas de oportunidades que determinadas conexões podem oferecer, como conjunto de benefícios materiais e simbólicos que lhe permite aumentar o capital social. Nota-se que os elementos simbólicos, que contribuem para responder às questões importantes da existência humana, e de difícil mensuração, não são menos relevantes ou significativos do que os aspectos materiais. “Embora subjetivos não são abstratos. Para quem o busca, são plenos de “realidade”” (Noronha, 2015:24).

“É essa noção, de um tipo de capital gerado nas ‘relações’, que torna o conceito de capital social indissociável do conceito de rede social” (Portugal, 2014:55, Portes, 2000). As três dimensões analíticas que envolvem a teoria das redes e o capital social<sup>60</sup> consideram

---

<sup>60</sup> Para a compreensão do conceito de capital social, vários autores consideram importante três abordagens, sendo estas baseadas nos conceitos de Pierre Bourdieu, de James Coleman e de Robert Putnam. Para Sílvia Portugal, Nan Lin define capital social como “*investimento nas relações sociais com proveitos esperados no mercado*” (Lin, 2001a: 19 *apud* Portugal, 2014: 61). Com base no conceito formulado por Bourdieu (1987), Noronha (2015:199) conclui que capital social é o conjunto de capital econômico, cultural e simbólico que o indivíduo “acumula” ao longo da vida. O volume de capital que este indivíduo possui indicará a posição que este ocupará dentro de determinado “campo”. Segundo este autor, “o aumento do capital social dependerá das conexões que efetivamente se conseguir mobilizar” na participação em rede.

os recursos que estão disponíveis nas estruturas sociais, ou seja, o que está disponível nas relações entre as pessoas, e a ação que envolve essa troca, essa mobilização do recurso e que de certa forma traz proveito para o mercado.

Outro conceito que tem sua relevância na teoria das redes sociais é o de dádiva. Sílvia Portugal (2006:67-8) observa que “toda a vida social é pontuada por ocasiões de troca de dádivas, em que solidariedades recíprocas são verificadas, enfraquecidas ou reforçadas”, destacando o poder simbólico nessas trocas. A autora defende a ideia de que as ofertas que acontecem com a dádiva promovem formas de troca social que não são calculadas na quantidade e qualidade e nem são estas residuais, mas que promovem o fortalecimento dos laços entre os indivíduos que dela se beneficiam. Existe uma relação de afinidade nessa troca de dádiva, de conhecimento, de contato, mesmo que esporádico, porque baseia-se na “interação face-a-face”, uma vez que as pessoas se conhecem pessoalmente, além do sentimento de obrigação do “dar-receber-retribuir”.

### **A teoria das redes no ministério pastoral**

E o que isso tem a ver com as instituições religiosas, com os pastores e suas comunidades? Tem tudo a ver! Basta um olhar mais atento para as relações que existem dentro das igrejas para se compreender a aplicabilidade dos conceitos na criação e manutenção do capital social, do sistema de dádivas e das trocas simbólicas. As profundas reestruturações por que passaram as sociedades contemporâneas têm gerado impactos significativos em várias esferas da vida social. Perceber os laços que mantêm o vínculo social entre os indivíduos para se adaptarem às mudanças recentes, tendo esse olhar especial para as relações dentro das instituições religiosas, em especial o líder-pastor, permite identificar as pontes que ligam os indivíduos aos outros e às instituições em que estão afiliados, porque contribuem para construir suas histórias de vida, garantindo-lhes identidade e sentimento de pertença (Fontes, 1999).

As relações sociais são marcadas pela disponibilização de recursos, de informações, apoios e privilégios que muitas vezes não estão disponíveis no mercado, como apoio emocional, suporte financeiro ou ajuda no cuidado com as crianças ou em casos de doenças. Esses são facilmente replicados no dia-a-dia de cada um de nós. Inseridos numa rede de amigos, parentes ou vizinhança, ou mesmo em instituições religiosas, esses recursos podem ser disponibilizados de forma particular, não obedecendo a lógica do

mercado ou do Estado. O que se percebe é que nas redes sociais dentro das igrejas a disponibilização desses recursos acontece de forma bastante particular.

O entrelaçamento entre religião e redes sociais nos permite analisar a dinâmica social das instituições religiosas de se constituírem em redes de proteção e cuidado, especialmente em contextos sociais em que as políticas públicas de assistência não propiciam aos seus participantes as condições, objetivas e subjetivas, de serem assistidos. Dessa forma, pode-se considerar que “as redes, dentro e fora do campo religioso, atuam, muitas vezes, como redes de proteção” e cuidado (Noronha, 2015:21). Também atuam em funções que, a princípio, são do Estado.

Num estudo sobre as relações sociais no contexto dos grupos religiosos numa cidade do interior de São Paulo, a partir da teoria das redes e considerando as práticas sociais como fluxos e os benefícios materiais e espirituais como os conteúdos que circulam nas redes, Noronha (2015; Bourdieu, 1996) identificou alguns dos principais elementos que são procurados por aqueles que aderem aos grupos religiosos. O autor apresentou os elementos especificando-os conforme o tipo de “capital” envolvido:

- no campo material (“capital econômico”): emprego e renda, participação em campanhas/trabalhos assistenciais nas instituições religiosas (indicação para vagas de empregos, campanha de arrecadação de alimentos, roupas bens essenciais);
- no campo espiritual (“capital simbólico”): salvação e evolução da alma (valores morais/éticos e ajuda na reforma íntima); socialização e pertencimento (autoestima e prestígio) através das redes informais do campo religioso, como cultos, estudos bíblicos, eventos sociais e festivos; ou das redes institucionalizadas, como associações, institutos, que podem contribuir no aspecto material na medida que pode gerar renda ou participação direta/indireta de campanhas assistenciais; cura física e espiritual (mais comum no contexto neopentecostal e pentecostal que tem o tema na centralidade litúrgica, como elemento mágico-religioso); tratamento da dependência química e reinserção social, através das redes informais e/ou institucionalizadas.

### **A rede social da PR3**

Em 2018, e com o objetivo de realizar um ensaio sobre a teoria das redes através da análise de um caso concreto, realizei uma entrevista com a PR3 no sentido de

reconstituir a sua rede como pastora, no contexto da sua vida e do seu ministério. Na altura em que foi realizada a entrevista, colheu-se as informações junto da PR3 (identificada como EGO para a associarmos ao conceito das redes) – por meio de um *software* aplicativo de telemóvel chamado *WhatsApp*, em sistema de áudios enviados pela PR3 através dessa aplicação. Basicamente foram-lhe colocadas questões que estão agora a ser trabalhadas na presente pesquisa.

Considerando sua posição dentro da estrutura hierárquica da igreja, partimos da seguinte pergunta: qual a rede de relacionamentos de um indivíduo que está num cargo importante na cadeia de uma instituição religiosa? A pergunta foi subdividida em outras quatro assim identificadas: primeira, quais as pessoas com quem se relaciona no dia-a-dia? Segundo, com quais pessoas efetivamente pode contar em situações de necessidades, como apoio material e/ou financeiro? Terceiro, em questões de saúde, sejam elas física, emocional ou psicológica, com quem pode contar? E, por último, quanto aos desafios no exercício do ministério pastoral, com quem efetivamente pode contar? Foi a partir dos resultados desse trabalho que surgiu o interesse em transformar o estudo de caso num trabalho acadêmico com uma abordagem mais aprofundada sobre a questão da solidão dos pastores.

A igreja de que era responsável a PR3 é a mesma que ela atualmente pastoreia, contando, na altura, com cerca de 7980 membros efetivos. Atualmente esse número ultrapassou a marca dos 12 mil membros. Seu modo de cuidado com os membros envolve: encontros aos domingos com toda a congregação; reuniões semanais nos lares, onde as pessoas recebem ali estudos bíblicos, apoio emocional e espiritual, e fazem parte de um grupo menor de membros que promovem ações; e atividades diversas para promoção da identidade e fortalecimento das relações sociais. Eram cerca de 938 grupos como esses, formados por perfis variados (homens, mulheres, crianças, casais, jovens, adolescentes, terceira idade, atletas, motociclistas, etc.). Na definição de visão defendida pela instituição, já foi possível perceber características que remetem ao conceito de redes. Vejamos: “Ser uma comunidade Cristã inovadora, útil à sociedade, que adora ao Senhor em Espírito e em verdade, ensina para transformação, e gera ministros eficazes que priorizam a evangelização e a comunhão em células”<sup>61</sup>. A expressão “útil à sociedade” remete ao

---

<sup>61</sup> Texto retirado da website da instituição. Os dados não foram disponibilizados para evitar qualquer associação da presente pesquisa com a instituição, simplesmente por uma questão de moral e ética.

conceito da dádiva, do dom, e do capital social que circula dentro da instituição; e a expressão “a comunhão em células”, como modelo de relações micro num universo macro, permite visualizar uma estrutura em redes, subdividida em grupos menores e ligados a outros que se apoiam e que promovem informação, influência, credenciação, além de contribuir para o reforço identitário dos frequentadores.

A partir das respostas da PR3 foram analisados os **nós**, identificados pelos parentes, amigos, colegas e vizinhos; e os **laços**, sendo esses fortes ou fracos; positivos, negativos, mistos ou de indiferença; ativos ou passivos e de parentesco ou não. Em se tratando de uma abordagem centrada na pessoa da PR3, foram levantadas informações sobre a rede de íntimos, aquelas pessoas consideradas importantes, aquelas cujas opiniões sobre determinados assuntos da vida são relevantes para si, e que são muito próximas da PR3; a rede de interação, definida pelas pessoas com quem ela interage no dia-a-dia, numa média de frequência de contato que seja ao menos semanal; e também a rede de trocas, constituída por pessoas com quem busca apoio na ajuda material, na prestação de serviços, podendo também buscar aconselhamento, companhia em atividades de lazer, e cujo comportamento pode, de alguma forma, oferecer um benefício ou um encargo (Milardo, 1988).

As principais conclusões do trabalho e que nos interessam apresentar aqui são as seguintes: apesar de ser uma figura importante numa estrutura tão ampla, a PR3 tem uma rede de íntimos muito seletiva, voltada para os laços íntimos de parentesco, seu marido, sua filha, porém não se limitando a esse “subsistema”, mas numa abertura de laço que envolve uma pessoa ligada a ela, identificada como uma amiga que também é pastora, e esse laço é construído por afinidade a essa pessoa. É uma rede seletiva “porque existe uma triagem no interior da multiplicidade de relações estabelecidas (parentes distantes, colegas, vizinhos) sobre quem se traz para o interior da rede, como amigo”, e que coincide com a rede de cuidados e apoio nos desafios que enfrenta no exercício do ministério (Portugal, 2014:215). No ambiente profissional (o ministério pastoral), a PR3 é considerada um “catalisador”<sup>62</sup>, ou seja, uma pessoa por quem passam os laços estabelecidos entre os

---

<sup>62</sup> Na caracterização dos *nós* e dos *laços* numa rede social, é possível identificar algumas propriedades morfológicas da rede. Portugal (2007:25-26) destaca as seguintes: dimensão; densidade; orientação; polarização; segmentação e sobreposição ou dissociação. Na polarização, podemos identificar o “papel” do catalisador na morfologia da rede, porque ele é um tipo específico na rede “*por quem passam os laços estabelecidos entre os diferentes membros da rede*”.

diferentes membros da rede. Essa constatação se deu pelo fato de ser ela a funcionária mais antiga desde a fundação da instituição e por conhecer todas as áreas e atividades desenvolvidas ali. Devido a essa condição, a PR3 acaba por ser o laço mais “seguro” em se tratando de informações e também um canal de acesso ao pastor presidente. Quanto ao conteúdo que circula nos laços, tem-se trocas de conhecimentos, relatos de estudos bíblicos e informações diversas nos laços fracos. Apoio emocional e afetivo, financeiro, material e confidencialidades nos laços fortes; sociabilidades e dádivas entre os demais laços.

As redes seletivas implicam numa divisão de papéis no seu interior: amigos e parentes são importantes no plano expressivo, mas tem funções diferenciadas. Os parentes prestam apoios materiais e em serviços, os amigos desempenham um papel fundamental nas sociabilidades, nas conversas, nas trocas de informações, nas cumplicidades e nos afetos (PORTUGAL, 2014:216).

Quanto ao capital social circulante na rede da PR3, foi possível perceber a presença de elementos que estão na rede da pastora e que não foram citados por ela na entrevista<sup>63</sup>, mas que estão ligados a elas por motivos que são, muitas vezes, distintos daqueles que suas atribuições lhe conferem<sup>64</sup>. Ou seja, existem indivíduos que se conectam à rede da PR3, investindo nas relações sociais com ela, almejando resultados para além da missão da instituição. São pessoas que procuram contata-la usando-a como “ponte” de conexão com o pastor presidente, ou com o responsável por obras da igreja para ofertarem seus serviços/produtos. Esses indivíduos, fora da rede da PR3, poderiam não ter o mesmo acesso que suas pertenças à rede lhes oferecem. “Ter uma localização estratégica na rede ou possuir um contacto que tenha pode revelar-se fundamental para mobilizar recursos com um objetivo” (Portugal, 2014:223). E a própria pastora também poderá se beneficiar dessa rede na formação do capital social.

Esse trabalho permitiu perceber que, mesmo tendo uma média de duas mil pessoas ligadas a ela de forma indireta, a PR3 está, de certa forma, “sozinha na rede”, pois seus vínculos (laços íntimos) limitam-se aos parentes próximos, no caso o marido e a filha, e a

---

<sup>63</sup> Essa constatação partiu da convivência da investigadora com a PR3 por um longo período nas atividades de supervisão, liderança de grupos e como sua discípula. A proximidade entre ambas contribuiu para a identificação de questões como as elencadas nesse parágrafo.

<sup>64</sup> O tipo de Capital Social que se enquadra nesse modelo de rede é o “*Bonding Social Capital*”, ou seja, um tipo de capital social que é construído através dos laços entre semelhantes. Os trabalhos de Sílvia Portugal desenvolvem com mais detalhes os conceitos de Redes Sociais, Capital Social e Dádiva e sua aplicação nas ciências sociais (Portugal, 2014, 2006).

amiga pastora. Tem uma rede forte muito pequena e uma rede fraca muito grande, que pode ser um fator limitante para se obter apoio e prestação de cuidados. Contextos mais homogêneos em que a formação das redes tendem a centrar-se no próprio grupo, com pouca diversificação (familiares, vizinhos, grupos profissionais), embora contribuam no fortalecimento dos vínculos entre os participantes, “os afastam de estruturas de oportunidades que residem para além do próprio grupo”, questão que Granovetter denominou de “fraqueza dos laços fortes” (Granovetter, 1973, *apud* Noronha, 2015:151). Os laços fracos numa rede são indispensáveis para a construção de oportunidades, quanto para a integração dos indivíduos a outros grupos sociais. Ao circular por diversos grupos, para além daqueles que estão habituados a circular, os indivíduos acedem a novos fluxos de informações e novas estruturas de oportunidades, inclusive aos mecanismos de suporte e apoio ofertados para a produção de cuidados (Portugal, 2006, 2014; Noronha, 2015).

#### **E o que mudou desde então?**

Ao construir a nossa análise a partir da problemática das tensões vividas pelos pastores no exercício do ministério pastoral, nossa hipótese considerou que as estruturas funcionais das igrejas promovem certo isolamento dos líderes e potencializa certa competição entre eles. O acréscimo de novas exigências no cumprimento das metas; a necessidade de prestação de contas ao conselho administrativo, e até o modelo de governo congregacional das igrejas batistas, têm contribuído para esse isolamento, além de impulsionar para uma superficialidade nas relações entre pares. Numa referência a Freidson (1998:250), Silveira (2005:138) afirma que “a concorrência entre os membros de uma mesma profissão pode levar à quebra da ética profissional”. A dificuldade de se relacionar, de se abrir com os colegas porque tem receio de expor suas fragilidades e assim perder o respeito, faz com que muitos pastores selecionem cada vez mais as pessoas que farão parte da sua rede de íntimos.

A entrevista do PR4 mostra como a sua situação de isolamento ainda se mantém e o quanto as cobranças por resultados tem contribuído para a competição entre os colegas de ministério:

***E, nos momentos de desafios pessoais, o senhor recorre a alguém? O senhor tem uma pessoa, o senhor tem um grupo de amigos? Como é que o senhor busca apoio, busca ajuda, busca um suporte?***

*Este é, na minha leitura, lidando com pastores há tantos anos, o maior... o maior.. é, espaço de crise. Os pastores estão isolados. Então, eu consigo, eu tenho um colegiado de pastores, me reúno se-ma-nal-men-te com eles. Eu tenho um estilo co-le-gi-a-do de trabalhar e servir. Então, se eu vou produzir um texto, eu peço, eu compartilho o link do, do Google Docs pra várias pessoas pra eles ajudarem a construir a várias mãos. Então, este estilo colegiado, é, diria entre aspas, “salva a minha pátria”. Mas, infelizmente, os pastores estão muito sozinhos. Sozinhos nas decisões. Sozinhos na, nas lutas emocionais. Sozinhos nas questões financeiras. Sozinhos na, na liderança. Então, ah.. essa é uma cri-se que os vocacionados estão enfrentando hoje, não só no Brasil, mas eu imagino que esse é um problema do nosso tempo. Nós nunca estivemos tão interligados..., acho que a humanidade nunca esteve tão interligada como está hoje, graças aos recursos tecnológicos, especialmente a internet. Mas, talvez, nunca estivemos também tão isolados (...). No Brasil, comemoramos o Dia da Independência, e, tudo, tudo... começou com um grito... é... quando o imperador disse “independência ou morte”. Mas, no caso dos vocacionados, eu diria “Independência é morte” (ênfase). Então, ou a gente ensina os vocacionados a in-te-ra-gi-rem, (...) ou a gente ensina os homens de Deus a “andarem com”, ou essa situação vai se agravar ainda mais. Temos que ensinar os vocacionados a desenvolver um estilo de colegiado. Isso aí, como eu disse, dá livros. Entende? Esse é um ponto que nós não sabemos como é, nós temos pouca pesquisa, entende? Então, é, isso aí é um u-ni-ver-so, é um filão, é um veio que você tem que entrar e explorar.*

Quanto à PR3, sua realidade sofreu pouca alteração desde o ensaio realizado anteriormente. Afirmo sentir-se sobrecarregada, porque há muita cobrança para cumprir as metas que são estabelecidas pela liderança, e tem dias que ela própria se vê necessitada de um ombro pra se apoiar. O apoio do marido em todas as horas é fundamental, ainda que ele não a acompanhe na igreja. Conta ainda com o apoio e amizade da filha, que também é a sua médica, numa parceria que desenvolveram há um ano, de se encontrarem semanalmente para conversar. Mas quando tem o desejo muito forte de conversar com alguém e que isso não tenha nenhuma ligação com a igreja, procura por uma irmã, uma missionária bastante conceituada no meio evangélico, com quem mantém uma amizade de longa data. Sabe que é alguém que sempre pode contar para compartilhar e desabafar.

*“Só pode ser com ela sabe... que não é ninguém do convívio, pra que num distorça algumas coisas, eu ainda faço com ela”.*

Em momentos de desafios pessoais, o PR1 costuma recorrer aos amigos, como um grupo de colegiados, onde conversam e se abrem uns aos outros. São estes também pastores. *“Eu tenho amigos, que a gente pode se abrir, tá... eles comigo e eu com eles. E isso facilita! São pastores. É... tem que entender o ambiente... tem que entender o ambiente!”*, afirma. Ter com quem contar nos momentos de desafios contribui como uma espécie de suporte social, pois ajuda a aliviar o fardo, além de promover segurança emocional e sentimento de valorização. Esse apoio emocional não está diretamente relacionado ao tamanho da rede social do indivíduo, pois afinal, conforme afirma Baptista (2014:71), numa referência a Kinman *et al.* (2011), *“não é a quantidade ou o tamanho das redes sociais que influenciam no bem-estar, mas a qualidade delas”*.

Quanto ao PR2, quando lhe foi apresentada a mesma pergunta acima, e considerando o quadro pós-traumático em que se encontrava na altura da entrevista, este afirmou contar com uma boa equipe na igreja; apesar de não ser muita gente, reconhece que são boas pessoas. Como fundador da comunidade e com estilo de liderança carismática, já abordado no capítulo anterior, conta com o apoio das pessoas que estão mais próximas.

*O que eu gerei nessa igreja... afeto e compreensão. O que a gente planta, a gente colhe. E eu estou colhendo, afeto, cuidado, né... os irmãos nos visita; os irmãos nos liga; os irmãos... nos ajudam. E eu acho que é o que a gente está plantando e semeando. Mesmo numa luta... na dificuldade, eu estou muito feliz, porque... as pessoas chegam lá e falam...“você me ajudou”, “você... você me ajudou a ficar de pé, então fica tranquilo”... então... a gente precisa aprender a descansar em Deus.*

Esse relato deixa evidente uma das características fundamentais da dádiva que, segundo Portugal (2006:67), *“é o seu caráter simultaneamente livre e obrigatório”*, porque envolve o *“dar, receber e retribuir”*. Sílvia Portugal complementa essa afirmação ressaltando que, *“quando surge uma dádiva cria-se um sentimento de obrigação, o indivíduo é livre para assumir ou para o recusar (...). Ao assumir a obrigação de retribuir estabelece-se uma relação, no interior da qual a dádiva circula como forma de alimentar e*

recriar o vínculo estabelecido”. Esse apoio, cuidado, carinho e suporte no momento de luta é o capital simbólico que circula na rede, e tem a ver com o semear e o colher.

#### **4.3 – Mecanismos de suporte e apoio individual e coletivo: o que temos? O que falta?**

Segundo Sathler-Rosa (2004:98), há certo consenso “de que vivemos em uma sociedade mundial moldada pela lógica do mercado, a qual cria as condições sociais para a corrupção de valores éticos e religiosos”, e onde é cada vez mais evidente a cultura da insensibilidade, da apatia e da indiferença para com o sofrimento do outro. Um dos sérios problemas da sociedade moderna, especialmente em contextos urbanos, é o anonimato. Todos e ninguém se conhece. Os contatos são impessoais, superficiais e as relações fluídas (Bauman, 2007). Durkheim (2002) entende a religião como facto social, porque opera como mecanismo de coesão e integração social numa lógica que relaciona o sagrado e o profano, contribuindo para a promoção da esperança e fortalecimento dos laços de solidariedade. Por outro ponto, com a modernização social estabelecendo uma nova linguagem e novos métodos de ação no campo religioso, a forma de ser, de pensar e de agir do pastor protestante tradicional tem sido cada vez mais afetada, e a crise tornou-se mais evidente, “num cenário em que o profano e o sagrado se misturam e se confundem” (Bitun & Neto, 2012:66).

A constatação é que o processo de modernização social impulsionado pelos avanços tecnológicos, a lógica capitalista competitiva, e a expansão do neopentecostalismo, no campo religioso, juntos têm contribuído para o desenvolvimento de uma crise na identidade do vocacionado. Essa lógica de competição entre as igrejas e o processo crescente de “burocratização das instituições religiosas” faz com que “tipos específicos de pessoal” sejam necessários nesse novo cenário, que exige não só habilidades técnicas, mas também características psicológicas específicas para dar conta das novas exigências do mercado. Berger afirma que “não importa muito se um certo funcionário burocrático veio da tradição protestante de ministério “profético” ou da tradição católica de ministério “sacerdotal” – em qualquer um dos casos, ele tem de, acima de tudo, adaptar-se às exigências do papel burocrático” (Berger, 1985:152, destaque do autor). Dificuldade com as exigências administrativas e burocráticas, segundo a psicóloga Luciana Campos, tornou-

se frequente entre os padres e pastores que são atendidos em seu consultório. Vejamos o relato de um dos seus pacientes, um pastor de 47 anos da Assembleia de Deus:

Sempre amei cuidar de pessoas, dar conselhos, dar aulas de música, mas, quando assumi, percebi que não era só isso. Toda responsabilidade estava sobre mim. Havia uma dívida de IPTU [Imposto Predial e Territorial Urbano] de seis mil reais... a igreja não era legalizada, o prédio não era próprio. A cobrança das pessoas para que eu resolvesse tudo: as crises nas famílias que eu era chamado para atender, políticos que vivem nos procurando para formar alianças, traições, ingratidão, minha esposa me cobrando, minha filha ficou doente... Meu Deus: entrei em crise! Às vezes ia chorando para a igreja. Os escândalos de pastores famosos que fazem com que as pessoas achem que somos iguais a eles. Não conseguia dormir, queria ficar sozinho o tempo todo. Fiquei dois anos desempregado, não tinha disposição para sair de casa... foi horrível. Cheguei a pedir a morte (informação verbal) (CAMPOS, 2018:34).

A narrativa do PR4 corrobora com as constatações de Berger e compartilha da mesma percepção relatada acima, quando ele afirma que: *“essa é outra crise que nós vivemos. O pastor, ele... ele precisa ser prefeito, professor, pai, mãe, empresário... é... político, é... marqueteiro. Ele tem, ele tem que ser... um monte de coisa, ele não tem capacitação”*.

Ou seja, ele não foi treinado para isso. Esses relatos evidenciam um aspecto importante no cenário atual, uma vez que cada situação de crise que envolve pastores e padres traz prejuízos tanto internos quanto externos, porque há uma tendência “à universalização de padrões de comportamento, vulgarizando a figura do religioso” (Campos, 2018:34).

O PR1 e o PR2 foram os únicos que fizeram referência direta sobre essa universalização de padrões que, segundo eles, acaba por promover estereótipos para toda a classe, além de contribuir para a perda da plausibilidade de que Berger (1985) fala. Neste caso não é uma perda só para a categoria dos pastores, mas para a própria religião.

Ao ser questionado sobre como lida com a própria realidade, na sociedade contemporânea, como ele se percebe relativamente a ser aceito e/ou rejeitado, o PR1 respondeu de seguinte forma:

*“É... tem dois lados aí: um é que tem o estereótipo do pastor neopentecostal da televisão que é o idiota que pede dinheiro! É... aí quando as pessoas falam que é pastor eles associam a esse estereótipo... mas quem conhece e quem sabe, não, pelo contrário, como no meu prédio, todo mundo sabe que eu sou pastor... e tal... é...”*

*conhece e respeita inclusive e tudo o mais... e muito isso, a gente tem... é... mostrado que há vida inteligente na igreja... é... a gente tem trabalhado por isso”.*

Diante da mesma pergunta, o PR2 fez a seguinte consideração:

*“Hoje o referencial de pastor é um pastor consumista; é um pastor ganancioso; é um pastor de aparência e de fantasia, de sucesso. Eu, eu não sigo isso. Eu sigo o Cristo Servo. Então, a gente ser fiel a isso é um grande desafio. É um grande desafio, e levar as pessoas a entenderem isso é um grande desafio, ainda maior, porque essas pessoas estão na televisão, estão em tudo quanto é lugar. Só pregando essas coisas que... não dão certo, não são reais, não são verdades”.*

A perda de plausibilidade e a vulgarização da função pastoral por meio de comparações injustas, em geral, são grandes responsáveis pelas tensões que os pastores enfrentam no exercício do ministério e que podem levá-lo ao abandono da própria vocação (Campos, 2018). Deparamo-nos com uma triste constatação: a classe pastoral está a enfrentar uma crise e os pastores estão adoecendo, e os indicadores apresentados no início do capítulo reforçam essa percepção.

A questão do cuidado aos cuidadores ainda é tabu para algumas denominações e, muitas vezes, esse tema acaba por ser negligenciado ou ignorado dentro das igrejas. Algumas denominações até se posicionam de forma contrária à realidade do adoecimento dos pastores. Em ambientes como este, falar sobre depressão é proibido, porque “o pastor não pode ter depressão. É pecado, ele não é crente, não é consagrado” (Lacerda, 2019:71). Leonardo Boff, contrariando essa afirmação, publicou um artigo onde faz a seguinte afirmação: “partimos do fato de que o ser humano é, por sua natureza e essência, um ser de cuidado. Sente a predisposição de cuidar e a necessidade de ser ele também cuidado. Cuidar e ser cuidado são existenciais (estruturas permanentes) e indissociáveis” (Boff, 2012:3).

A onda de suicídios envolvendo líderes religiosos no Brasil e nos Estados Unidos, nos últimos anos, chamou a atenção de psicólogos, psiquiatras e outros profissionais da saúde, que se mobilizaram e passaram a abordar o tema em congressos, conferências, palestras e simpósios para instituições que são ligadas direta e/ou indiretamente às organizações religiosas. Estudiosos das ciências das religiões e da teologia também têm

desempenhado papel importantíssimo em levar o tema para discussão no ambiente eclesial. Dessa forma, já é possível ver um movimento de grupos, associações, organizações independentes e até de denominações mais tradicionais no sentido de promover informações, esclarecimentos e recomendações sobre os problemas psíquicos, e tratar de prevenções e outras iniciativas contra suicídio no ambiente pastoral, além do próprio reconhecimento da situação de crise<sup>65</sup>.

Isso posto, passamos a considerar que essas questões devem ser elencadas tendo em conta dois pontos: primeiro, o que se pode fazer para prevenir; e segundo, estando o líder em situação de crise, o que se pode fazer para tratar e ajudá-lo no enfrentamento e superação? São esforços que não podem ser de responsabilidade exclusiva do pastor, mas que devem ser promovidos pelas instituições, pela comunidade e até mesmo pelo Estado, numa ação conjunta, para que ele possa ser assistido nas suas necessidades básicas, na busca por uma vida equilibrada e saudável.

---

<sup>65</sup> Identificamos algumas iniciativas de instituições que trabalham com formação e capacitação de pastores, além da promoção de informações acerca da importância do cuidado e prevenção contra o estresse. Destacamos o projeto *Mentoria Pastoral*, uma iniciativa da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil - OPBB. Desde 2018, a OPBB está a realizar a Semana de Mentoria Pastoral em todo o Brasil. O programa disponibiliza 10 vagas por encontro, e são destinadas a pastores que possuem entre 00 (zero) e 7 (sete) anos de ordenação pastoral e que estejam no exercício ministerial, na função de pastores titulares de uma igreja ou congregação. O valor coparticipado é de R\$ 400,00 (quatrocentos reais). Ao se inscrever, esta passa por uma avaliação prévia e posterior validação. O programa exige imersão total do pastor, pelo que não é permitida a saída do inscrito do local durante a semana da mentoria. Para conhecer mais sobre o programa, veja o endereço eletrônico <https://www.mentoriapastoral.com.br/> (acesso em 25/09/2020). A SEPAL – Servindo aos Pastores e Líderes, é uma missão internacional, estabelecida no Brasil desde 1963. Faz parte da Aliança Global OC, que é uma missão interdenominacional na sua estrutura e intereclesial no seu ministério, e promove eventos de capacitação e formação missionária. Sua atuação envolve oito áreas ministeriais: pastoreio de pastores, pastoras e cônjuges; capacitação de líderes; mobilização missionária; comunicação e novas tecnologias; consultorias nas áreas de planejamento estratégico, projetos sociais, programas de desenvolvimento comunitário, desenvolvimento de projetos na área de discipulado; pesquisa e informação na elaboração e desenvolvimento de projetos para plantação de igrejas; formação de líderes para o trabalho com crianças; desenvolvimento de projetos para trabalho com famílias. Ver mais informações no endereço eletrônico <https://sepal.org.br/> (acesso em 25/09/2020). O Pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ADVEC, da Vila da Penha, Rio de Janeiro, Pastor Silas Malafaia, que também é psicólogo e advogado, criou o projeto *Pastores Juntos*, uma iniciativa que procura reunir pastores de diferentes denominações que sentem necessidade de caminhar juntos, com o objetivo de fortalecer a vida emocional, material e espiritual, através da troca de experiências do ministério, compartilhamento de estratégias e testemunhos. Segundo o realizador do projeto, esta é uma iniciativa “sem nenhum interesse político ou eclesial”. Endereço eletrônico <http://www.pastoresjuntos.com/#/> (acesso em 25/09/2020). Há também iniciativas que são desenvolvidas por pastores, de forma autônoma, que procuram interagir com outros líderes e pastores através das redes sociais, como Facebook, Instagram, YouTube, Telegram. Apenas para exemplificar, O Pastor Erik Mendonça criou o *Projeto Mentoria 360°* no Instagram e, semanalmente, promove aulas *on-line* para discutir temáticas que, segundo ele mesmo diz, “não é ensinado nos cursos e faculdades de Teologia”. Seu perfil Oficial do Instagram é [@erikmendoncaoficial](https://www.instagram.com/erikmendoncaoficial/) por onde promove as aulas, ou pelo endereço eletrônico <https://instagram.com/erikmendoncaoficial?igshid=1he95bdfpa9d4> (acesso em 25/09/2020).

### **O cuidado de si mesmo**

Esta dissertação foi inspirada em constatações da própria investigadora na vivência com atividades de cuidado e com o pastorado numa instituição religiosa; das pesquisas bibliográficas e, também, da pesquisa de campo, que trouxe evidências das tensões e sofrimentos na vida do vocacionado no exercício da função pastoral. Há prazer e alegria na vida pastoral? Claro que sim! A pesquisa de campo comprovou que sim. E todos os entrevistados expressaram a satisfação de estarem a cumprir com o seu chamado de cuidar e pastorear vidas. A grande dicotomia que se percebe, porém, nos discursos, é: ou se está muito bem e realizado, ou se está esgotado e desanimado com a vida ministerial. Quais comportamentos o pastor deve ter para se proteger? Em situações de crise, o que deve ele fazer e a quem recorrer? Talvez muitos pastores possam estar a se sentir realizados e felizes com a sua atuação, não percebendo a necessidade de modificar seu modo de ser (Oliveira, 2004). É bem comum encontrar nas narrativas dos entrevistados expressões dicotomizadas no viver diário do ministério.

Como, por exemplo, quando o PR1 diz enfaticamente *“eu tenho alegria de estar aqui, eu tenho prazer”* ou, *“aqui é o lugar que eu quero estar, com os problemas, as lutas, as dificuldades”*; mas, depois emenda *“... a gente tem muitas mesmo! Mas aqui é o lugar que eu quero estar, onde Deus quer que eu esteja”*.

Já o PR2 afirma que *“os desafios são enormes”*, e que *“problema é uma coisa que você vai lidar o resto da sua vida”*. Mas em outro momento da entrevista, diz *“eu me sinto uma pessoa plenamente realizada. Plenamente realizada (...) tudo o que eu planejei quando eu tinha os meus 20 anos de idade eu consegui realizar”*.

A PR3, inserida num contexto de igreja-empresa, compartilha de forma entusiasmada na entrevista as conquistas da sua rede células e a plantação de igrejas a partir de pessoas que estavam sob seus cuidados, mas, em outro momento, desabafa: *“eu me sinto sobrecarregada”, “a cobrança é muito grande”*. No final da entrevista, até faz uma constatação: *“eu queria fazer como desde o início, voluntariamente vir e fazer aquilo que me dava o maior prazer, que era cuidar das pessoas, e não ter nenhuma responsabilidade maior, somente aquilo que o Senhor estivesse vendo mesmo que eu faço”*.

O PR4, mais experiente e lidando com capacitação de pastores há mais de 20 anos, apresenta a seguinte fala: *“eu me sinto bem... é, pleno. É, tenho lutas. Mas qualquer*

*profissional tem (...) semana passada eu tive que fazer quatro sepultamentos (...) e você sai dali e vai visitar um bebê que nasceu (...) e você tem que tocar". Ou seja, seguir a vida. Mais à frente volta dizendo que "com a experiência você vai lidando talvez um pouco melhor com essas situações que são, assim, que confrontam você".*

É necessário olhar para essas dicotomias e perceber parte dos desafios que os entrevistados enfrentam no dia-a-dia do ministério. Conforme eles apontam para uma ou outra realidade, percebemos se estão em situação de desânimo/esgotamento, sinalizando que há uma situação de crise. O diálogo interdisciplinar como ponte entre os saberes na busca por proteção e cuidado ao pastor é fundamental diante deste cenário. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a saúde de uma pessoa "é um bem-estar biopsicossocial" (Oliveira, 2004), porque envolve o físico, o mental e o emocional do indivíduo. Ao incluir a dimensão da espiritualidade e da ecologia enquanto questão de saúde, podemos considerar o conceito "biopsicossocioespiritual-ecológico" que, segundo Oliveira (2004:102) nos conduz a uma "visão holística". Para a Teologia, o cuidado ao pastor numa perspectiva holística leva em consideração o conceito de "cuidado integral"<sup>66</sup>. Dessa forma, as medidas de proteção e cuidado para com os pastores, a partir da compreensão do cuidado integral, devem abarcar a ideia de "desfragmentação do ser humano" (Lacerda, 2019), e considerar o cuidado com um acompanhamento "psiquiátrico, psicológico e pastoral", especialmente quando a depressão já está em estágio avançado. Segundo Lacerda,

trata-se de uma parceria, uma interligação das áreas do conhecimento onde os problemas do corpo seriam observados e tratados a partir de uma ótica médica, os problemas espirituais seriam observados a partir de uma ótica pastoral, e os problemas de ordem emocionais e psicológicos seriam observados a partir da ótica de um psicólogo, abrangendo e suportando o indivíduo de forma integral e não fragmentada (LACERDA, 2019:67).

Desta perspectiva, foi preciso conhecer os trabalhos de especialistas da área da psicologia que acompanham situações de crise de líderes religiosos e que analisaram essas questões, o que nos permitiu identificar uma série de recomendações estratégicas e

---

<sup>66</sup> De acordo com Oliveira (2004:102-103), partindo do diálogo entre teologia e psicologia, respeitando os limites de cada ciência, é possível "chegar ao conceito de cuidado integral, que engloba as dimensões do ser humano sem desconsiderar a fé religiosa". Dessa forma, a expressão cuidado integral pode ser considerado como sinônimo do termo holístico, uma vez que a indicação de propostas de cuidado que considera o indivíduo na sua integralidade deverá considerar também o componente da fé. O capítulo 2 desta dissertação apresentou a articulação desse conceito entre as duas disciplinas.

práticas que podem contribuir tanto na prevenção como no enfrentamento de situações dessa natureza. Destacamos alguns desses estudos: a pesquisa de Roseli M. K. de Oliveira, 2004, com o título *“Cuidando de Quem Cuida. Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras”*, pela Escola Superior de Teologia. O trabalho de Fernanda Baptista desenvolvido em 2014 no âmbito do programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, *“Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos”*, pela Universidade Estadual Paulista. Luciana Campos, psicóloga clínica e atuante no acompanhamento de seminaristas, padres e irmãs religiosas e pastores, publicou em 2018 o livro *“A dor invisível dos presbíteros”*, onde apresenta relatos realizados a partir de entrevistas e propõe caminhos para a prevenção do adoecimento laboral. Com base nesses autores, apontamos à seguir uma série de recomendações prescritas aos líderes religiosos.

Para além da importância de reconhecer-se vulnerável e suscetível à possíveis gatilhos desencadeadores do estresse e depressão, recomenda-se que o líder-pastor posicione-se como sendo ele próprio o principal responsável por sua saúde física, mental e emocional, não se permitindo ultrapassar os limites para ativação desses gatilhos. Uma das decisões mais importantes do pastor na prevenção e proteção, segundo os autores, é nunca caminhar sozinho. A vida ministerial precisa ser vivida em parceria. Ter momentos de solidão são necessários para o equilíbrio e o desenvolvimento espiritual. Mas o isolamento prolongado, o estar só a todo o tempo não é saudável. Logo que assuma uma comunidade ou uma congregação, recomenda-se ao pastor buscar uma mentoria para desenvolver habilidades e aptidões que ainda não são dominantes na vivência do ministério. E, se perceber que algo está a incomodar, recomenda-se buscar ajuda profissional, através de psicoterapia. Outras escolhas importantes para se proteger incluem: ter uma alimentação saudável e uma vida ativa através da prática regular de atividades físicas; cuidados de higiene; sono restaurador; acompanhamento regular da saúde através de exames de rotina, e acompanhamento médico preventivo (Oliveira, 2004; Campos, 2018).

Duas recomendações importantes para o pastor e apresentadas pela psicóloga Luciana Campos e que estão ao alcance dos religiosos, refere-se à *“assertividade”*. Segundo a autora, *“o comportamento assertivo é a capacidade de o sujeito expressar diretamente suas necessidades, posicionamentos, preferências e emoções de modo tranquilo, ainda*

que seu interlocutor não esteja de acordo com aquilo que é dito” (Campos, 2018:62). Trata de não deixar passar a oportunidade de posicionar-se diante de situações, mesmo que seja um posicionamento contrário àqueles que estão envolvidos. Seria basicamente a decisão de “não engolir sapos”, como é descrito pela autora. Não é algo tão simples quanto parece mas, ao mesmo tempo, necessário, e que deve ser feito de forma equilibrada, educada e respeitosa, porém firme (Campos, 2018). A outra recomendação é referente à “habilidades sociais de amizade”, através da manutenção de uma vida social para além do ambiente eclesial. A autora apresenta o relato de uma pastora, de 45 anos, para reforçar essa recomendação. A pastora em questão compartilha sua solidão no ministério:

a realidade é difícil, porque ninguém nos contou que “não poderíamos ser amigos” de nossas ovelhas, teríamos que ser mentores, manter a distância de segurança e respeito e, com isso, a nossa carência muitas vezes nos levou a decepções profundas (...). Os líderes precisam ter a consciência de que “somos solitários”, quando se trata de abrir o coração. Hoje aprendemos a compartilhar pensamentos com o cônjuge e excepcionalmente com os “iguais” de ministério (CAMPOS, 2018:41, destaque da autora).

Conjuntamente com a recomendação de investir nas relações sociais, que vão além das amizades que são desenvolvidas no período formativo, investir em tempos de lazer, descanso e tempo de qualidade com a família são fundamentais para que o pastor promova e mantenha o equilíbrio não só físico, mas psicologicamente e emocionalmente (Campos, 2018).

As entrevistas mostram que os mecanismos de proteção, suporte e apoio no interior da nossa amostra consistem em prática regular de atividades físicas; apoio total dos familiares e amigos mais chegados; alimentação saudável/adequada; busca por espiritualidade e tempo de descanso. É possível identificar a prevalência de três desses mecanismos como sendo transversais aos entrevistados e considerados essenciais para todos eles. O primeiro tem a ver com a família e seu apoio incondicional na atividade pastoral, apesar de muitas vezes ser ela própria a sofrer com o excesso de dedicação, e também por ser uma das ativadoras das tensões que os pastores enfrentam no pastorado. O segundo refere-se à prática regular de atividades físicas, que ajuda tanto na prevenção contra doenças, na produção de substâncias necessárias para uma vida equilibrada, quanto na liberação de toxinas provocadas pelo estresse. O terceiro tem a ver com a importância da amizade, de ter um grupo de colegas, de amigos mais chegados para compartilhar coisas da vida.

Para o PR1, quanto aos mecanismos de apoio e suporte em tempos difíceis, afirma que tem os seus *“próprios mecanismos de apoio emocional e tudo o mais”*. Então faz referência aos seus dois animais de estimação, dois cachorros, que são como terapia para ele. Também faz da prática de esportes *“de alta intensidade”* um apoio para ajudar nesse processo. Em momentos de desafios pessoais, costuma recorrer aos amigos, como um grupo de colegiados, onde conversam e se abrem uns aos outros. São estes também pastores porque *“tem de entender o ambiente”*, referindo aos desafios da atividade pastoral. Não faz terapia, nem recorre a grupos de apoio porque tem certas resistências, e dispõe um posicionamento muito pessoal acerca disso.

O PR2 reconhece procurar cultivar bons momentos com a família, no cuidado com as filhas, nos atendimentos pastorais, enfim, procura encaixar tudo dentro dos horários, com organização, para assim cumprir com os compromissos. *“Num é cem por cento também não”*. E faz caminhadas matinais. Por conta do seu histórico de crises de depressão e síndrome do pânico, procura fazer seu acompanhamento com os profissionais que já sabem do seu historial (psicólogo, psiquiatra, neurologista e cardiologista) e faz *check-ups* anuais, e conta com dois amigos mais chegados para conversar, orar e manter *“a vida emocional mais, mais inteira”*. E reforça: *“não sou super-homem e estou sujeito a esse tipo de situação. Quando eu percebo que já estou entrando em processo de alterações... emocionais... aí, eu já procuro”*. Porém desabafa: *“mas sempre, sempre tá em débito essas três áreas aí, sempre vai ficar em débito. A família sempre vai ter um débito emocional.... a saúde também, e a vida emocional, sempre vai ter um... um débito. Num vai ter crédito aí não”*.

Para a PR3, relativamente ao apoio da família ao ministério, afirma que eles apoiam em tudo o que ela faz, mas que sentem falta porque ela dedica muito do seu tempo ao ministério. *“Às vezes eu tenho que me policiar, porque, ...às vezes eu chego aqui sete e meia da manhã e quando é onze horas da noite eu ainda estou aqui, né. Quando eu vejo, já passou, já fiz tudo, não fui em casa almoçar, tal”*. Nos últimos tempos, tem aprendido a dizer *“não”* de vez em quando, porque sente-se desgastada emocional e fisicamente. Ter adotado essa postura passou a ser um mecanismo de proteção, porque reconhece que já foi *“mais prejudicada nesse sentido”*. *“Porque é muita pressão, dor de cabeça, essas coisas. E eu tenho melhorado bastante”*. Faz atividade física regularmente e acompanhada de um profissional de desporto (pelo menos duas vezes na semana), tem seu tempo de estudos e

meditação bastante regrado, e é algo que faz porque deseja fazer. Também iniciou na prática de medicina alternativa para ajudar a amenizar as tensões do exercício pastoral. Tem a amiga pastora que procura sempre que precisa falar com alguém que não tenha nenhuma ligação com a sua igreja. *“Só pode ser com ela sabe... que não é ninguém do convívio, pra que num distorça algumas coisas, eu ainda faço com ela”*.

E, para o PR4, quanto aos mecanismos de suporte e cuidado em tempos difíceis, afirma assim:

*“Eu consigo, eu tenho um colegiado de pastores, me reúno semanalmente com eles. Eu tenho um estilo co-le-gi-a-do... de trabalhar e servir. Então, se eu vou produzir um texto, eu peço, eu compartilho o link do, do Google Docs pra várias pessoas pra eles ajudarem a construir a várias mãos. Então, este estilo colegiado, é, diria entre aspas, salva a minha pátria”*.

No seu caso específico, afirma ser muito metódico. Então tira folga regularmente; tira férias do trabalho ministerial. Inclusive, na época da entrevista, já estava a preparar para o segundo sabático da sua carreira, quando já caminha para mais vinte anos de ministério. Também diz ter uma rotina de devoção. Faz exercícios regularmente e cuida da alimentação.

*“É, eu estou com gente muito enferma no hospital, mas mês que vem eu vou tirar férias. Eu consigo separar um pouco. Eu não mato as minhas férias porque tem membros da igreja sofrendo no hospital. Então, é... isso, um pouco é treinamento, um pouco é a graça de Deus, não é? E, e você tem que tocar (...). Eu não teria o que apontar como dificuldade na questão, de rotina pessoal, de devoção pessoal, e... então, isso eu consigo harmonizar bem. Eu sei que é uma luta para muitos colegas meus. Eles sofrem muito com isso. Mas, por uma felicidade muito grande, eu não tenho essa dificuldade”*.

As entrevistas mostram como o peso dos mecanismos de apoio e suporte é alto para a proteção e prevenção de tensões na vivência do pastoreio. No entanto, as entrevistas também apontam para a importância que a decisão do pastor de manter ativos todos esses mecanismos, poderá salvar sua vida. O permitir ser cuidado e apoiado por outras pessoas faz dele um ser também humano, capaz de se despir de toda altivez e se permitir ser visto como um ser finito, limitado. Se as entrevistas mostram como o cuidado

de si mesmo é importante enquanto mecanismo de proteção e cuidado, mostram, também, como as redes sociais são um suporte fundamental nesse processo de cuidado e proteção. Quanto maior o número de pessoas ativas na rede de íntimos, maior será o apoio e, também, a possibilidade de se ter acesso a outros recursos para o cuidado a partir desses laços fortes (Portugal, 2006).

### **A promoção de cuidado no ambiente eclesiástico**

A vigilância da saúde dos líderes-pastores deve considerar uma multiplicidade de fatores que podem contribuir como estressores e fatores de desenvolvimento de doenças mentais e comportamentais. No ambiente eclesiástico, ficou evidente que questões relacionadas às formas de organização e gestão das atividades laborais; excesso de responsabilidades; horários extensivos com ritmos de trabalho penoso, remunerações incompatíveis com a realidade social e sobrecarga de trabalho são alguns exemplos. A Igreja, enquanto organização e organismo, tem um papel preponderante de auxiliar o pastor no processo de superação de situações de crise, assim como na prevenção de patologias que vão contra a sua saúde bio-psico-social. Segundo Valente *et al.* (2018:120), uma das formas de atuação para combater tais males, “está no papel da igreja em reconhecer e debater francamente em seus ambientes eclesiásticos, acerca desses problemas que, incidentalmente, e cada vez mais vem acontecendo com seus líderes”. E isso pode ser feito através de palestras com esclarecimentos, orientações e conselhos que ajudem os líderes a identificar sinais e evidências dos transtornos, bem como a indicação de medidas protetivas para que o religioso não entre em sofrimento extremo (Campos, 2018; Valente *et al.*, 2018).

Outra estratégia que as igrejas também podem adotar como forma de contribuir para o esclarecimento e prevenção de situações como essas é a promoção de encontros de caráter terapêutico/cuidado para seus líderes como forma de promover a cooperação ética entre os parceiros de jornada; redução das pressões quanto a resultados sobre a função pastoral; além de estabelecer um padrão mínimo de salário para que o líder-pastor e sua família não sofram privações. Valente *et al.* (2018) esclarece que medidas como essas, de promoção de conhecimento dentro das igrejas, são bastante positivas porque permitem à membresia reconhecer suas próprias limitações, assim como as limitações humanas a que os pastores também estão sujeitos. O autor acredita que isso “mostrará tanto para a

membresia como para os pastores e, assim como também, aos líderes de forma geral, suas devidas limitações humanas, cujo resultado final será numa relação de mútua confiança entre líderes e liderados”, transformando-se numa grande rede de cuidado que ultrapassa as barreiras hierárquicas, “em que um cuida do outro” (Valente *et al.*, 2018:120). Porque a unidade de esforços entre as instituições eclesíásticas e a membresia é fundamental na prevenção e proteção dos líderes.

Um aspecto que é contrário a essa união de esforços para o cuidado e proteção aos líderes-pastores e que acontece com certa frequência, refere-se à forte tendência, dentro das comunidades, a comparações dos sofrimentos dos líderes com os personagens bíblicos e uma justificação estritamente espiritual para algo que também é físico. Vejamos o que Burhr (2017) afirma em seu livro “*O Sofrimento do Pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje*”:

atualmente, muitos pastores entram em crise devido aos fortes sofrimentos enfrentados. Estes facilmente são associados a pastores fracos, que carecem de força e poder. Os fortes e espirituais são os que apresentam sinais, prodígios e poderes miraculosos. Paulo não negou a importância destes atributos, inclusive afirmando que ele os possuía. No entanto, também valorizou muito o sofrimento como uma marca que apontava o sucesso de um ministério. (...) Se os atuais pastores que sofrem pensassem como Paulo, certamente, muitas tristezas e tensões poderiam ser minimizadas. Se eles se conscientizassem que parte do seu sofrimento confirma que são ministros legítimos de Cristo, parte das suas angústias poderiam ser aliviadas” (BUHR, 2017: posição 1811, 1818, livro eletrônico).

Promover esclarecimentos sobre as questões que envolvem a saúde bio-psico-social dos pastores dentro e para as comunidades é uma mais-valia para todos, porque tem-se a oportunidade de quebrar o paradigma de que os líderes estão “blindados” e imunes à depressão e ao suicídio. É uma ação necessária para uma “mudança de mentalidade”, em que o papel da igreja é “não questionar a espiritualidade ou a fé do pastor e suas crises, mas ter a sensibilidade e maturidade para identificar quando o pastor está passando por quadros de crises” (Lacerda, 2019:72-73).

A psicóloga Luciana Campos, em sua pesquisa sobre a personalidade dos religiosos, afirma que a forma de se relacionar com o mundo e com as pessoas tem a ver com a busca por uma “coerência cognitiva”, ou seja, o indivíduo “sempre fará uma leitura da realidade de modo a confirmar suas crenças e esquemas” (Campos, 2018:23). Na sua pesquisa, concluiu que as variáveis de temperamento dos religiosos, que “tendem a ser empatas, receptivos e direcionados ao outro e aos aspectos de seu caráter”, estão diretamente

ligados às “histórias de vida”, porque a apontam para comportamentos de “autossacrifício e padrões inflexíveis em detrimento de suas necessidades pessoais” (Campos, 2018:26). O conhecer-se a si mesmo é, então, uma forma de prevenção e cuidado.

Da nossa amostra, apenas um pastor tratou desses pontos de forma explicitada. Os demais apenas fizeram referências sobre a importância da prática da leitura bíblica e meditação. A PR3, por exemplo, faz uma referência ao seu perfil de trabalho, que aponta para um padrão inflexível de cobrança e autossacrifício quando recebe uma incumbência no trabalho. É possível perceber isso no seu discurso, quando afirma que *“eu me cobro muito. Mas, pelo fato de... alguém colocar alguma coisa pra eu fazer, ... tarefa mandada pra mim é tarefa feita. Então, eu fico bastante preocupada com isso”*.

Já na narrativa do PR1 é revelador a importância da formação dos líderes e preparação para os desafios do ministério, assim como buscar o autoconhecimento. Apesar de reconhecer que o ministério pastoral é difícil, acredita que seu perfil se encaixa perfeitamente na função.

*“Eu tenho os meus próprios mecanismos de apoio... emocional e tudo o mais, que eu uso também no desenvolvimento do ministério da igreja. Eu não sou muito... algumas pessoas falam “ah.. tá havendo um aumento no índice de suicídio de pastores” (...) eu falo pros alunos, meus alunos do seminário... “tem que entender uma coisa: ministério pastoral... é difícil! É muito difícil. Então, se você é cheio de mimimi... que não sei o que... ai, eu só gosto de trabalhar oito horas por dia... então não seja pastor”. Eu acho que isso a gente tem que mudar, é o funil de entrada! Que eu... é claro que tem pressão psicológica. Tem! Claro que tem. É... tem questões emocionais (...). Agora... a gente tem que aprender a lidar com isso. Mas eu falo, se você for médica, psicóloga, executivo, peão, você também vai trabalhar muito e vai ter os seus problemas também. Não é diferente. A diferença é do ponto de vista espiritual, claro! É um perfil de trabalho também que é muito meu. E... eu gosto de trabalhar! (...) Eu acordo... “ôba! Eu vou pra igreja”. Então é assim... eu tenho alegria de estar aqui, eu tenho prazer, então isso é muito diferente. Então eu venho pra igreja, eu não venho obrigado. Eu venho porque eu quero! Aqui é o lugar que eu quero estar, com os problemas, as lutas, as dificuldades, a gente tem muitas mesmo! Mas aqui é o lugar que eu quero estar, onde Deus quer que eu esteja. Então, por isso... isso facilita. O que a gente encontra muitos pastores, é que eles não estão felizes e realizados onde*

*estão. E aí eles precisam sair. Porque aí é ruim, é peso... e aí é peso emocional, é peso espiritual, a pessoa vai se arrastando (...). Então, tem que saber qual é o seu perfil. Se não souber o seu perfil você vai sofrer (...). É, você tem que se manter crescendo. Isso é bíblico (...). A igreja sempre foi uma ponte de crescimento, e isso é muito importante, que todo crente, toda pessoa que entra na igreja, ela cresce na vida (...) por isso o pastor, ele precisa crescer muito. Crescer muito, e desenvolver. Se ele pára de crescer..... a igreja pára com ele. E aí vira problema. Porque o mundo continua mudando (...). A gente não pode se furta... dessas mudanças. Agora, a gente tem que entender esse processo de modernidade, inclusive da compreensão do evangelho, da compreensão da palavra e mesmo da conceituação de Deus, que tem... mudado né, com o tempo, e a gente precisa trabalhar isso, e o pastor precisa saber disso, trabalhar isso, entender essas tendências, até para não querer segui-las. Outra questão curiosa era que o pastor era o fiel da balança doutrinário e bíblico. Se eu tinha uma dúvida de Bíblia, eu perguntava pro pastor. Era quem tinha a resposta, era o pastor. Hoje, se eu tenho uma dúvida de Bíblia eu pergunto pro Google. Segundo, hoje o pastor, ele é um líder... mas ele não pode ser um ditador. E ele tem que trabalhar ouvindo conselhos, e se aconselhando, e trabalhando... e essa é uma diferença marcante desse nosso tempo. Aí tem que entender...”.*

A formação de líderes pastorais também é uma ação preventiva de cuidado, e esta precisa dialogar com o mundo que os cerca. Saber ser “conversante” com o mundo só é possível quando este líder se conhece a ponto de saber lidar com quem ele se tornará nesse processo de formação. É não ser alienado de si mesmo nem tampouco da realidade que o cerca, é reconhecer que o mundo detém segredos e percepções que são desconhecidas por todos nós (Cavalcante, 2015).

### **A promoção do cuidado a partir do Estado**

Seria possível o Estado contribuir para a promoção de cuidado e proteção para o pastor, mesmo num contexto em que há “total” separação entre igreja e Estado? A partir da proclamação da República, o Brasil adotou o princípio da Igreja livre em Estado livre e, desde então, a legislação predominante no país tem procurado não interferir no campo religioso, deixando ao cargo das igrejas a elaboração de suas próprias regras de

funcionamento. Em uma pesquisa sobre profissão com pastores presbiterianos na cidade de São Paulo, Silveira (2005:83) afirma que a legislação trabalhista brasileira considera a atividade pastoral como “um ofício que não deve ser encarado como profissão”. Numa referência à Campos (2002a:74, *apud* Silveira 2005:83), o autor reconhece que “a própria legislação trabalhista brasileira é ambígua quanto ao aspecto profissional do trabalho do Pastor, pois os tribunais de Justiça do Trabalho não reconhecem nessa atividade uma profissão”. Esta é uma situação que se mantém atualmente<sup>67</sup>.

Na Classificação Brasileira de Ocupações<sup>68</sup> (CBO), sendo o pastor um clérigo protestante com perfil inspirado no missionário norte-americano, teve sua atividade e competências pessoais inseridas e descritas no código 2631, na referida classificação, através da Portaria nº 397 de 10/10/2002, do Ministro de Estado do Trabalho e Emprego, descrito como *Ministros de culto, missionários, teólogos e profissionais assemelhados*. Na descrição sumária da ocupação, podemos ler os seguintes termos:

Realizam liturgias, celebrações, cultos e ritos; dirigem e administram comunidades; forma pessoas segundo preceitos religiosos das diferentes tradições; orientam pessoas; realizam ação social junto à comunidade; pesquisam a doutrina religiosa; transmitem ensinamentos religiosos; praticam vida contemplativa e meditativa; preservam a tradição e, para isso, é essencial o exercício contínuo de competências pessoais específicas (CBO, 2002).

Alguns estudos<sup>69</sup> envolvendo a Doutrina e a Jurisprudência brasileira concluíram que os serviços de cunho religioso prestados pelos ministros à sua igreja não são

---

<sup>67</sup> Lopes *et al.* (2019), no capítulo 1 de seu livro *Fundamentos da Teologia Pastoral*, apresenta as polêmicas que envolveram dois projetos de lei para a regulamentação da função pastoral. O projeto de lei 114/05 de autoria do então senador da República Marcelo Crivella; e o projeto de lei 2.407/07, do ex-deputado Victorio Galli. Os desdobramentos da tal polêmica reforçam a ideia de que as divergências existentes entre as diferentes manifestações religiosas e teológicas que o Brasil possui acabaram por impossibilitar a votação da matéria de que tratavam os dois projetos de lei. Também ficou evidente, segundo o autor, que a polêmica “tende a crescer nos próximos anos” justamente porque não se tem uma compreensão clara acerca do termo e, “ora ele é aplicado a atividades próprias de um “líder religioso”, ora a atividades próprias das funções acadêmicas” (LOPES *et al.*, 2019:10). Todos os relatores da Comissão de exame e aprovação renunciaram e a matéria está à descoberto de uma regulamentação específica.

<sup>68</sup> A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é um documento que o Ministério do Trabalho e Emprego, órgão do Governo Federal elaborou, e procura retratar a realidade das profissões do mercado de trabalho brasileiro. As informações tem como base legal a Portaria nº 397, de 10/10/2002. A proposta tem o reconhecimento no sentido de classificar a existência de determinada ocupação, não a sua regulamentação, que só é feita por Lei e cuja apreciação deve ser realizada pelo Congresso Nacional, através dos deputados e senadores e submetida à sanção do Presidente da República. Para mais informações, sugerimos visita ao sítio eletrônico <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> (acesso em 30/03/2020).

<sup>69</sup> Numa pesquisa rápida ao sítio eletrônico do Tribunal Superior do Trabalho, no endereço eletrônico <https://jurisprudencia.tst.jus.br/> (acesso em 24/05/2020), usando termos como “sacerdócio”, “vínculo empregatício”, “pastor”, no campo ‘pesquisa livre’, encontramos algo em torno de 12 (doze) documentos que tratam de ações envolvendo pastores que reclamaram seus direitos contra uma igreja. Todos os documentos listados apresentaram negativa do provimento reclamado. Alguns dos processos pesquisados:

considerados como profissão de ofício, por se tratar de uma atividade de ordem espiritual, sendo esta incompatível com a profissão de ofício secular. A igreja, por outro lado, é reconhecida como uma instituição produtora de normas e regras e responsável por manter a tradição (herança simbólica), dentro de uma sociedade que voluntariamente se reúne em um espaço físico chamado templo, mas que não tem fins lucrativos na sua atividade (Silveira, 2005).

Quanto à produção de proteção social, tradicionalmente, e segundo Portugal (2006:15), “repartem-se por quatro esferas distintas: a esfera do político, da acção estatal; a esfera do mercado (empresas, bancos, companhias de seguro, etc.); o “terceiro sector” da economia social e a esfera das solidariedades primárias”, e aqui neste último temos as redes informais que incluem os familiares, os amigos, vizinhos e as instituições religiosas. Semelhantemente ao contexto europeu, no Brasil, os dois primeiros produtores de proteção social, o Estado e o mercado, assumiram essa responsabilidade. Porém, a

---

PROC. Nº TST-AIRR-10237-98.2016.5.03.0010 de 13/03/2019; PROC. Nº TST-AIRR-10909-55.2015.5.03.0006, de 11/12/2019; PROC. Nº TST-AIRR-10855-89.2015.5.03.0006, de 18/10/2018; PROC. Nº TST-AIRR-77700-13.2007.5.02.0071, de 21/08/2013. Percebe-se, nos exames apresentados pelos magistrados acerca da ementa: RELAÇÃO DE EMPREGO-PASTOR, que prevalece a seguinte tese: “O trabalho religioso, por se destinar à assistência espiritual e divulgação da fé, **não se enquadra nas normas celetistas**, pois se há liberdade de culto e religião, garantida constitucionalmente, o fato de se vincular a determinada igreja decorreu de opção pessoal do Autor, o que afasta o animus contrahendi, ou seja, de se vincular empregaticamente. Neste sentido, as múltiplas funções declinadas pelo obreiro decorrem do seu voto religioso, que não abrange apenas o serviço espiritual, mas também todas aquelas funções necessárias ao bom andamento da igreja. Em assim sendo, a possibilidade de a Reclamada ser empregadora restringe-se apenas àquelas situações em que o prestador de serviços não pertença à congregação por meio de votos (TRT da 3ª Região, processo: 0000112-66.2014.5.03.0099 RO, publicado em 14/07/2014, julgado pela Quarta Turma e citado no processo PROC. Nº TST-AIRR-10855-89.2015.5.03.0006, fl.8). Numa devida mais antiga acerca desta matéria envolvendo um pastor de uma igreja pentecostal, a negativa do provimento ao recurso de reconhecimento de vínculo empregatício apoiou-se na decisão de que “o suposto empregador (Igreja Pentecostal Deus é amor) não possui finalidade lucrativa e não explora atividade econômica, estando excluído do conceito do art. 2º da CLT [leia-se Consolidação das Leis Trabalhistas]; da atividade exercida pelo Autor (pregação religiosa) não se extrai “a intenção de constituir pacto de emprego, pelo que exclui-se a condição de empregado do artigo 3º da CLT” (fl.65); “...incontroverso que o reclamante era pastor, e era autoridade. O pastor, ao congregar-se a uma instituição religiosa, o faz por móvel também religioso. Suas ações são motivadas por suas crenças, e não por suas necessidades econômicas (ressalte-se a inaplicabilidade do art. 3º da CLT). **Por ser autoridade, adquire o autor certas responsabilidades de administração e gerenciamento do órgão que dirige.** Não cabe a esta Justiça Especializada fazer juízo de valor acerca de dogmas religiosos, mesmo porque a liberdade de culto é assegurada constitucionalmente. Assim, **mesmo que se entenda que os esforços de um pastor sejam desproporcionais a contraprestação pecuniária que o mesmo porventura venha a receber**, a ingerência nesta seara é incabível” (fls. 66/67)” (PROC. Nº TST-AI-RR-376.265/97.4, fls. 2/3). Conclui-se que não há notícia de nenhum pastor que entrou em disputa judicial na Justiça do Trabalho para reclamar seus direitos contra uma igreja e que tenha conseguido ganhar a causa. “Apenas no caso de desvirtuamento da própria instituição religiosa buscando lucrar com a palavra de Deus, é que se poderia enquadrar a igreja evangélica como empresa e o pastor como empregado” (AIRR-74040-42.2005.5.05.0024 da 7ª turma, julgado em 27/08/2008 e citado no processo Nº TST-AIRR-115900-74.2009.5.15.0001, fl.2) **grifo nosso**.

realidade do Brasil é bastante peculiar, tendo em conta o tamanho da sua população e as limitações do Estado-Providência<sup>70</sup> brasileiro, que enfrenta grandes desafios na produção e promoção de bens e serviços essenciais, tais como educação, saúde e segurança aos cidadãos, também chamados de produtos de bem-estar e justiça sociais. A oferta de serviços, intervenções e programas de saúde pública ainda são restritas, e o Estado tem assumido responsabilidades reduzidas quanto a essas demandas (Vieira *et al.*, 2011).

Quando comparamos a situação dos pastores, por exemplo, com a realidade dos cuidadores informais, é possível constatar que essa situação de “informalidade” traz constrangimentos por conta da não comprovação do percurso formativo e que não lhe atribui competências específicas, nem a certificação de “profissionalização”, e que acabam por impactar, muitas vezes até no rendimento familiar; na oportunidade de se ter um contrato de responsabilidades e benefícios; ou de não serem pagos, embora possam obter contribuições financeiras (através de dádivas ofertadas pelas comunidades). Há aqui um risco centrado na experiência de viver novas formas de desigualdades e de exclusões sociais, como por exemplo, o risco do não cumprimento dos direitos sociais de saúde que estes deveriam desfrutar, a não garantia de acesso a todos os tipos de cuidados que é de responsabilidade do Estado-Providência, e acabam por ter que se submeter aos serviços particulares (Carapinheiro, 2006). Luciana Campos relata o constrangimento vivido por um pastor que, por ter ficado doente emocionalmente após 20 anos de vivência no pastorado, procurou recolocar-se no mercado de trabalho e, durante a entrevista, ouviu a seguinte sentença do entrevistador: “Mas o senhor não fez nada após sair da faculdade? E eu disse, sim, eu era pastor, eu fiz muita coisa, mas para o senhor não representa nada, não diz nada” (Campos, 2018:44).

---

<sup>70</sup> De acordo com Boaventura de Sousa Santos (1987:14), “o Estado-Providência é o resultado de um compromisso, ou de um certo pacto teorizado no plano económico por Keynes, entre o Estado, o capital e o trabalho, nos termos do qual os capitalistas renunciam a parte da sua autonomia e dos seus lucros (no curto prazo, não no médio prazo) e os trabalhadores a parte das suas reivindicações (as que respeitam à subversão da sociedade capitalista e à sua substituição pela sociedade socialista). Esta dupla renúncia é gerida pelo Estado. O Estado transforma o excedente libertado, ou seja, os recursos financeiros que lhe advêm da tributação do capital privado e dos rendimentos salariais, em capital social”. Este capital social é então disponibilizado ao trabalhador por meio dos “investimentos sociais”, tais como infra-estruturas básicas de bens e serviços que promovem o aumento de produtividade no trabalho; e do “consumo social”, também conhecido como políticas sociais, que abrangem áreas essenciais, como educação habitação, saúde, transportes urbanos, segurança, etc. e são consumidos de forma gratuita ou a preços subsidiados pelos trabalhadores através de co-participação. É este o modelo que é adotado pelo Estado Brasileiro.

É uma realidade que fica mais evidente quando olhamos para as demandas na esfera jurídica envolvendo instituições religiosas e os pastores. Esse tema já foi explorado anteriormente, mas mencionamos aqui para ressaltar que existe uma lacuna na questão da responsabilidade do Estado enquanto guardião e promotor dos direitos sociais dos indivíduos, inclusivamente dos líderes religiosos. E aqui deixamos claro que há diferença entre os padres e os pastores<sup>71</sup>.

Segundo Campos,

até hoje os juízes, ao julgarem causas trabalhistas envolvendo Pastores e igrejas, empregam pré-julgados dos anos 70 e 80 por meio dos quais se fixou uma jurisprudência que afirma não existirem entre Pastor e igrejas vínculos empregatícios pois “pastor não é empregado e nem igreja empregadora” (CAMPOS, 2012:3, nota 7).

Importa agora apresentar algumas considerações acerca da realidade da condição do pastor batista enquanto trabalhador/profissional, que, em muitos aspectos, poderá ser um pouco melhor do que a de outros pastores de outras comunidades.

### **A condição de trabalhador/profissional dos pastores batistas**

Olhando para as informações apresentadas acima, deparamo-nos com a necessidade de se conhecer melhor a realidade da condição de trabalhador/profissional dos pastores batistas. As informações apresentadas a seguir foram levantadas através de conversas informais da investigadora com dois informantes privilegiados, sendo que um deles é a PR3. O outro informante também é pastor batista mas não faz parte das igrejas pesquisadas.

Tal como apresentado no capítulo 1, o sistema de governo das igrejas batistas brasileiras é o modelo congregacional, em que cada igreja é autônoma e soberana nas suas ações e decisões, definidas e registradas em Estatuto próprio, inclusive na decisão de se filiar, ou não, às Convenções Batistas Nacional e Estadual. Além de Estatuto próprio, normalmente as comunidades elaboram seus Regimentos Internos para regulamentação das normas estatutárias e organização administrativa e eclesiástica.

---

<sup>71</sup> O pastor protestante tem uma peculiaridade com relação à sua atividade, porque se aproxima da categoria de “empregado” da instituição, diferentemente de um representante da Igreja católica, por exemplo. Sua relação com a Igreja é considerada quase como a de um “empregado”. Esta particularidade também se dá justamente porque este normalmente tem família, esposa, filhos e/ou filhas, sendo este um fator um tanto quanto complexo, e promotor de grandes tensões na sua relação com a instituição eclesiástica (Campos, 2012). Esse tema foi explorado no capítulo 2 desta pesquisa.

Questões relativas ao ministério pastoral, especificamente sobre o sustento dos pastores costumam ser estabelecidas no Estatuto (de forma mais geral) e no Regimento Interno (de forma mais detalhada). O reconhecimento/comprovação do vínculo da prestação de serviços do “Ministro de Culto” acontece quando o pastor é apresentado e consagrado à comunidade, em assembleia ordinária na celebração cútica e aberta aos presentes, ato que passa por registro no Livro de Atas, assinado pelos membros da diretoria e os demais envolvidos, seguido de registro em Cartório. No caso de ser ele o pastor titular, acumula o cargo de presidente da igreja. Sendo apenas pastor auxiliar, assume função de confiança junto ao pastor presidente.

Relativamente ao sustento dos pastores, e tendo em conta a autonomia e soberania no seu estabelecimento, algumas igrejas adotam as seguintes instrumentos de sustento aos seus pastores (lembrando que os valores ficam sujeitos ao valor da arrecadação de cada igreja, conforme o contexto em que está inserida): renda mensal; gratificação natalina acrescida de férias (um terço do valor da renda fixada); fundo ministerial (8%) para ser entregue quando ele deixar a presidência da igreja; outros auxílios complementares como moradia, telefone, ajuda de combustível, plano de saúde particular, mas estes ficam na dependência de aprovação na Assembleia Geral. Algumas igrejas têm criado um fundo de reserva, semelhante ao plano de previdência particular, em que determinado valor é depositado mensalmente para que, ao ser jubulado (reformado), o pastor tenha direito a um tipo de pecúlio mensal; e/ou o pagamento da contribuição assistencial ao Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS<sup>72</sup> que, por sua vez, dá ao pastor o direito de usufruir

---

<sup>72</sup> A Constituição Federal do Brasil, no Título VIII – Da Ordem Social, Capítulo II, trata da Seguridade Social. O Instituto Nacional de Seguridade Social é o órgão responsável pela gestão da segurança social brasileira na garantia dos direitos de bem-estar e justiça sociais. A Seguridade Social é financiada pela sociedade de forma direta e indireta, conforme a lei, e mediante recursos da União, Estados, Distrito Federal e dos Municípios. A Seguridade Social trabalha em três linhas distintas: saúde; previdência social e assistência social. A *Saúde* é direito de todos e dever do Estado, mediante políticas sociais e econômicas, prestados pelos Sistema Único de Saúde – SUS. Os serviços de saúde privados são complementares aos do SUS. A *Previdência Social*, de caráter contributivo e filiação obrigatória, é o “seguro” do trabalhador brasileiro que lhe garante reposição de renda por ocasião de sua inatividade, em casos de doenças, acidente, gravidez, prisão, morte e velhice. Há duas formas de ser contribuinte: *individual* (autônomo), em que a pessoa se inscreve se estiver exercendo atividade remunerada por conta própria; e *facultativo*, quando encontrar-se em situação de desemprego involuntário. A *Assistência Social* é destinada a quem dela necessitar, independente de contribuição e abrange: proteção à família; maternidade, em especial a gestação; infância, adolescência e velhice; amparo a crianças e adolescentes carentes; promoção da integração ao mercado de trabalho. Habilitação e reabilitação de deficientes e integração à vida comunitária; garantia de salário mínimo mensal para portadores de deficiência e ao idoso. Mais informações disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> Acesso em 23/10/2020 e

dos serviços de assistência prestados pelo Sistema Único de Saúde – SUS; e também ao benefício da aposentadoria, conforme as regras previstas pelo INSS.

Há um tipo mais recente de relação de cooperação entre igreja-pastor: em que as igrejas “contratam” os prestadores de serviços religiosos. Os pastores são “pessoas jurídicas”, no sistema de microempresa, que prestam esses serviços e emitem notas fiscais, relativamente aos serviços prestados, para então ter seu provento. Nestes casos, se o pastor adoecer e não estiver em condições de “prestar o serviço”, não terá direito a receber nada. Importante destacar que esta informação foi apresentada pela PR3, porque é a sua realidade. Fomos informados de que todos os pastores auxiliares estão sendo “convidados”, para não dizer constrangidos, a se encaixar neste novo modelo.

Em ambientes religiosos, costuma prevalecer o “bom senso” e a compreensão da postura ética do pastor, e a crença de que ele não estará fingindo, dissimulando ou coisa do gênero. Quando levantamos a possibilidade de um afastamento para o tratamento de saúde, por exemplo, constatamos: ou o pastor enfrenta o constrangimento de prestar os serviços mesmo estando doente, ou se afasta para tratar, porém sem receber os proventos. Nos demais casos, quando da necessidade de se afastar para tratamento de enfermidades, o pastor então recorrerá ao Sistema Único de Saúde - SUS, ou usará os serviços do plano de saúde que a igreja disponibiliza (para os casos em que este serviço é ofertado).

Ao analisar os dois estatutos de que tivemos acesso, encontramos duas realidades distintas, mas que se encaixam nos modelos apresentados acima. A instituição em que o PR1 é pastor titular-presidente, o Estatuto estabelece os seguintes termos para a relação pastor-igreja: *Artigo 12º, parágrafo 3º*: “O Pastor Titular e os componentes do Ministério Auxiliar não terão vínculo empregatício e trabalhista com a IGREJA, podendo, contudo, receber sustento da Igreja pelas funções pastorais e ministeriais que exercerem”. O documento faz referência ao Regimento Interno, de que este serve para regulamentar as normas estatutárias e a sua organização administrativa e eclesiástica, e nada mais que isso. Este documento não foi disponibilizado para análise.

No caso do Estatuto da instituição presidida pelo PR4, no *Artigo 29º* que trata dos ministérios, apresenta os seguintes termos: “O Ministério Pastoral, reconhecido pela Igreja como atividade absolutamente vocacional e espiritual, será exercido (...) observando-se os

---

<http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-aco-es-2/caged-3/perguntas-frequentes/previdencia/> Acesso em 22/10/2020.

termos deste e do regimento interno”. Nos três parágrafos de que são parte nesse artigo, ficam estabelecidos, nesta ordem: o sustento pastoral; a gratificação natalina e férias acrescidas do 1/3, tendo como base o valor do sustento ministerial; o fundo ministerial, recolhido mensalmente em conta-poupança, de 8% sobre o valor do sustento ministerial e “cujo saldo será entregue ao pastor na ocasião em que deixar a presidência da Igreja”; outros auxílios financeiros, mas que não são especificados nesse documento.

À luz do exposto aqui sobre a promoção de cuidado aos pastores a partir do Estado, este releva-se crítico quando se trata de ter ou não o direito a aceder aos serviços essenciais de saúde prestados pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Devido às tensões vividas pelos pastores quanto ao acesso aos serviços públicos de saúde, bem como a não regulamentação da atividade pastoral para fins de garantir tais benefícios, fica evidente a necessidade de se criar um estatuto especial, como instrumento que lhes garantam não só o reconhecimento legal, mas o estabelecimento de direitos e obrigações; assim como estratégias de capacitação e apoio nas suas diversas necessidades, para que tenham condições de cumprir suas responsabilidades enquanto cuidadores chamados e vocacionados por Deus.

#### **4.4 – A Sociologia Pastoral como uma mais-valia**

Do que atrás fica exposto, reforçam os indícios de uma crescente crise de identidade que vem assolando os pastores protestantes tradicionais. Os indicadores, os relatos dos entrevistados evidenciam as tensões e constrangimentos que vivenciam nas relações pastor-igreja-comunidade. O que as entrevistas mostram é que o modo como os mecanismos de suporte e cuidado são disponibilizados, tanto pelas igrejas quanto pelo Estado, não são suficientes para minimizar os desgastes que a própria atividade laboral promove. A análise da função pastoral a partir da Sociologia nos permite compreender que se trata de uma “classe profissional” que merece ser vista por uma nova perspectiva. O campo religioso tem enfrentado grandes desafios por conta das transformações mais recentes na economia, na cultura, na política, e o avanço da tecnologia tem produzido novas formas de se relacionar com o sagrado. Se se trata de uma categoria de trabalhador-vocacionado com tantas especificidades na sua relação pastor-igreja-instituição, por que não ter uma Sociologia Pastoral como uma especialidade da Sociologia das Religiões e da Sociologia das Profissões?

## CONCLUSÃO

No momento em que me dedico a escrever estas páginas, o mundo segue enfrentando o impacto e os efeitos de uma crise pandémica: a COVID-19. Há quase um ano que a pandemia iniciou, mas ninguém ainda é capaz, neste momento, de prever quando se irá terminar, ou, ao menos, quando será controlada. As consequências se evidenciam a cada dia, desencadeando outras pandemias, porém de ordem social. Questões sanitárias, económicas, políticas, a religiosa, a de sentido e a “infopandemia<sup>73</sup>”. Desigualdades, racismos de toda ordem, escândalos políticos, posturas radicais e fundamentalistas, desemprego em massa. E a lista não pára. Muitas vidas foram suspensas, projetos interrompidos e sonhos adiados.

O isolamento a que a sociedade foi forçada a viver; o distanciamento imposto pelas autoridades de saúde; a interrupção de atividades rotineiras, como ir ao ginásio, ao salão de beleza ou ao café, já não é mais tão habitual como antes. O ter de voltar para si trouxe uma evidência: o ser humano é um ser relacional. Já dizia Bauman (2008:8), numa referência a Aristóteles, que “um ser solitário, fora de uma *polis*, só pode ser um anjo ou uma fera; isso não surpreende, uma vez que o primeiro é imortal e a segunda é inconsciente de sua mortalidade”. Por mais que as pessoas gostem de estar sozinhas e de viver suas rotinas, pessoas precisam de pessoas.

A investigação foi iniciada antes de a pandemia iniciar, e a pesquisa de campo, a coleta dos dados empíricos e uma parte do referencial teórico também foram desenvolvidos antes que o mundo “parasse”. Mas a pandemia fez com que a análise dos dados só acontecesse durante esse período de confinamento, que o chamamos de quarentena. Isso me fez perceber o quanto a pesquisa é relevante e necessária para os tempos atuais, porque esta pandemia acendeu luzes de alerta para a realidade do líder religioso, dos pastores, padres e seminaristas, e trouxe a temática à superfície. “Descingir

---

<sup>73</sup> O termo “infopandemia” se tornou conhecido desde o mês de maio de 2020 nas mídias sociais e é vulgarmente associado às “manobras de desinformação em massa” que a China tem sido acusada de propagar. Como a pandemia provocou várias disrupções na vida das pessoas e, numa tentativa de adaptar à nova realidade, muitos indivíduos aderiram a teorias de conspiração que estariam a ser promovidas pela China e pela Rússia, desencadeando uma avalanche de desinformações nas redes sociais e que contou com o apoio de diversos canais oficiais. Autoridades da União Europeia entraram em ação tão logo tudo foi identificado, e culpabilizou os responsáveis. Ler mais em <https://eco.sapo.pt/opiniao/a-infopandemia/> (acesso em 02/10/2020).

os ombros dos que cuidam” ou “cuidar dos que cuidam” foi a preocupação do grupo de pesquisa *Questões Atuais em Teologia Pastoral* da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio, coordenada pelo Pe. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, que procurou olhar para os seminaristas católicos e para os pastores batistas, numa tentativa de compreender suas rotinas, comportamentos e sentimentos, e como eles foram manejados durante a quarentena (Estevam Luiz, 2020; a pesquisa está em andamento).

Os pastores, padres e seminaristas também foram confrontados com a disrupção na forma de vida com as comunidades, e se viram obrigados a adaptarem suas rotinas, a voltarem para suas famílias, a conviverem diariamente com esposas, maridos, filhos, com os pais idosos, numa prolongada estadia em casa. E, apesar dos desafios desse reencontro, puderam perceber o quanto essa convivência era e é importante para a sua saúde emocional. Há um horizonte à frente, porque a pandemia ainda não acabou. E como era a vivência dos pastores e líderes religiosos no exercício do ministério antes da crise pandêmica? É o que pretendo apresentar aqui nestas linhas.

A pesquisa procurou abordar a temática da crise de identidade no contexto da atividade pastoral, e as constatações colhidas nos discursos foram fulcrais para comprovar as hipóteses defendidas no modelo de análise. Vale lembrar que as narrativas são anteriores à crise pandêmica, e os conteúdos não contemplam os efeitos dessa crise na vivência de prazer e sofrimento na atividade pastoral. Mas ousou afirmar que a pandemia potencializou a crise, que já era evidente quando iniciei o trabalho de campo.

Algumas estratégias metodológicas adotadas para a investigação, como a opção pela escolha do modelo naturalista de transcrição das entrevistas, tratou de uma decisão pessoal, e é justificada por esta ser a minha primeira experiência acadêmica de investigação envolvendo trabalho de campo com entrevistas. Seguir esse percurso me permitiu não só reviver as sensações e tensões de quando eu as realizei, como também pude conhecer todas as etapas que envolvem uma investigação dessa natureza, vivendo o processo de forma completa, proporcionando um caráter de autenticidade e respeitando as histórias dos interlocutores. Em alguns momentos, a transcrição parecia-me interminável, ao fim, porém, contribuiu para que a etapa seguinte, a análise dos discursos, se tornasse mais profunda, prazerosa e empolgante. Cometi alguns erros de principiante no percurso, mas só é capaz de errar quem se dispõe a fazer algo.

Ao longo da investigação, procurei perceber quais os impactos dos modos de organização das igrejas no exercício do pastorado, onde busquei refletir sobre a forma como se articulam a vocação e a função pastoral com o desempenho dos pastores nas comunidades, num contexto de grandes mudanças no campo religioso, e como essa articulação cria pontos de tensão que podem conduzir a problemas de equilíbrio na gestão, seja ela de ordem pessoal, física, mental e espiritual do líder-pastor. Observei quatro contextos dentro das igrejas batistas brasileiras: duas comunidades na cidade de Goiânia e duas na cidade do Rio de Janeiro, onde procurei responder às questões: em primeiro, saber quais os impactos dos modos de organização das igrejas no exercício do pastorado; em segundo, saber como os modelos de organização das igrejas interferem na identidade do vocacionado; em terceiro, saber se o modelo de organização contemporâneo de algumas igrejas evangélicas pode criar pontos de tensão e constrangimento entre a vocação e a função pastoral a ponto de interferir na sua identidade enquanto cuidador vocacionado por Deus; em quarto, saber como os pastores lidam com esses pontos de tensão sem negligenciar os cuidados com a sua saúde física, mental e espiritual; e finalmente, saber quais os mecanismos de suporte e apoio que os líderes-pastores dispõem para enfrentar situações de crise e com quem podem efetivamente contar no processo de enfrentamento e superação.

As respostas para estas questões foram estruturadas em torno do conceito do neopentecostalismo e do conceito de identidade, que sustentaram a operacionalização da problemática da presente pesquisa, e que foram exploradas a partir de pesquisas bibliográficas, de diálogos exploratórios com informantes privilegiados (Burgess, 1997), bem como no diálogo interdisciplinar com a Psicologia, a Teologia Pastoral e a Sociologia nas sub-áreas da Sociologia das Religiões e das Profissões, respeitando os limites de cada ciência.

A nível teórico, a discussão começou por uma visão macro dos modelos de comunidades. A revisão da literatura apresentou o processo evolutivo do protestantismo desde a sua chegada no Brasil, passando pelo protestantismo de missão, pentecostalismo, e chegando ao neopentecostalismo, onde apresentou as principais características desse movimento, suas estratégias de atuação e expansão, apontando para as ressignificações que esse novo movimento trouxe para o líder contemporâneo; e, por último, os dados demográficos dessa expansão no território brasileiro. A revisão dos estudos sobre

identidade, a partir dos conceitos de vocação, profissão e cuidado, bem como os aspectos que são específicos à função pastoral e que a diferenciam das outras profissões me permitiu defender a ideia de, do ponto de vista sociológico, olhar para a atividade do pastor como vocação e profissão, simultaneamente, uma vez que o fato da componente vocacional ser determinante na questão do chamamento divino esta não inviabiliza tal afirmação. A abordagem dos tipos dominantes de ideologia nos discursos dos profissionais de enfermagem nos estudos sobre a profissionalização na enfermagem em Portugal, por Teresa Carvalho (2010), permite não só o posicionamento acima descrito como, também, avançar na análise das especificidades inerentes à atividade pastoral, evidenciando a necessidade de uma nova significação para uma atuação relevante e fecunda no campo religioso contemporâneo, assim como esta pode ser uma estratégia para o enfrentamento da crise de identidade dos vocacionados (Campos, 2012; Carvalho, 2010; Berger, 1985).

Partimos da hipótese de que a expansão do neopentecostalismo trouxe novos desafios para o exercício do pastorado, em especial aos que são do protestantismo tradicional, também conhecido por evangelho de missão. Esta hipótese levou-nos a uma segunda hipótese, ancorada na proposição de José Silveira, que peguei emprestado, sustentando que há pontos de tensão no exercício da função pastoral, uma vez que, “em meio à competitividade do campo religioso, o pastor tradicional se vê “bloqueado” quanto ao emprego do marketing religioso em sua ação religiosa, ou seja, ele é “escrupuloso” demais para isso” (Silveira, 2005:184). A análise das informações apoia estas proposições, e que os novos desafios e tensões são enfrentadas não só pelos pastores tradicionais, como pelos demais pastores, assim como por líderes de outras confissões religiosas.

O avanço do neopentecostalismo e o surgimento dos novos movimentos religiosos, trouxe novas formas de atuação no campo religioso, com estratégias expansionistas e modelos de cultos que oferecem mensagens e serviços mágico-religioso; atuação persuasiva e agressiva na arrecadação de recursos; e uma crescente participação das igrejas no evangelismo eletrônico com atuação performativa de seus líderes (Mariano, 2004, 2008; Silveira, 2005, 2005a); tudo isso associado a uma crescente desvinculação religiosa e individualismo (Vilaça, 2017; Pierucci, 2004; Moreira, 2008); competitividade no campo religioso (Silveira, 2005; Berger, 1985); hiperracionalização das relações sociais (Vilaça, 2013; Vilaça & Osório, 2019). O pastor tradicional se vê confrontado com as novas formas de atuação dessas igrejas e forçado a se ajustar às novas exigências que o mercado

religioso lhe impõe. Essas constatações sustentam a hipótese de que o neopentecostalismo trouxe novos desafios para o exercício do pastorado (hipótese central), e tem promovido tensões na forma de atuação dos líderes-pastores (primeira hipótese), que são desafiados a conviver com uma religião que se mistura com entretenimento (Silveira, 2005, 2005a).

Em termos empíricos, a metodologia permitiu conhecer um pouco da vivência do pastorado e as dinâmicas que o dia-a-dia apresentam nas multitarefas que o pastor precisa dar conta. Optei pela entrevista semiestruturada e a observação não-participativa para a coleta dos dados, apesar de não ter noção dos riscos que essas opções implicariam na coleta dos dados. Sendo a investigadora uma mulher, quais as implicações disso na veracidade das informações transmitidas pelos interlocutores, num contexto onde o patriarcado é estrutural e estruturante?

Ao considerar os dois cenários, com igrejas batistas mais tradicionais e conservadoras nas práticas litúrgicas ou lideradas por pastores com perfis carismáticos, em contraste com igrejas batistas administradas como empresas, vibrantes na atuação com as mídias sociais e muito envolvidas no cenário político, deparei-me com rupturas e continuidades, tanto nos percursos religiosos, quanto nas motivações que conduziram os entrevistados ao pastorado. Encontrei evidências da ética protestante (Weber, 2004) e da ética da convicção (Weber, 2006) nos discursos que envolviam temas como sagrado, profano, fé, cultura, modernidade, práticas pastorais e questões dogmáticas.

Das tensões existentes na relação instituição-pastor associadas à estrutura organizacional e gerência da instituição, evidenciadas na pesquisa e identificadas nos dois cenários pesquisados, podemos destacar: gestão centralizada no líder carismático (Campos, 1997, 1999; Weber, 2005); perda de legitimidade e plausibilidade resultantes da secularização, assim como a desvinculação religiosa, esvaziamento de sentido de crenças tradicionais, o individualismo e o trânsito religioso (Berger, 1985; Bourdieu, 1985; Mendonça, 1998, 2008; Silveira, 2005; Vilaça, 2006); exigência de adesão ideológica (Silveira, 2005); a vulgarização e estereotipação da figura do pastor (Campos, 2018); competição intra-religiosa, sobreposição e sobrecarga de responsabilidades em igrejas burocratizadas que tratam seus pastores como profissionais que devem gerar resultados (Berger, 1985; Silveira, 2005; Buhr, 2016); formas de desigualdade de gênero que impossibilitam o reconhecimento institucional através do exame no concílio (Rosado, 2001; Mello & Lima, 2016). Deste modo, a análise das tensões na relação instituição-pastor

associada à dimensão organizacional permite também apoiar a hipótese de que a introdução de novas atribuições cria uma estereotipação da função pastoral (segunda hipótese) e reforça a constatação de que essas novas atribuições promovem tensões no exercício da função pastoral (primeira hipótese). Os dados empíricos sustentam tais hipóteses, além de evidenciar novas tensões no exercício do pastorado que são específicas ao gênero feminino. A teoria dos campos de Bourdieu (2003) também contribuiu na compreensão das lutas pelo poder simbólico na relação entre o pastor e a comunidade, em que os membros disputam com o pastor e entre si parcelas desse poder através das alianças que são feitas para se obter apoio e adesão às ideias em troca de prestígio e atenção privilegiada por parte do líder.

Relativamente às tensões que envolvem os aspectos psicológicos, a pesquisa evidenciou que os pastores e os ministros religiosos encontram-se numa zona de perigo emocional quando estão a exercer a sua vocação. Lidar com o sofrimento humano, situações de carência, tragédias familiares, acrescidos dos desafios e complexidades que a crise de plausibilidade que a própria religião tem sofrido, e mais o encargo de ser guardião e defensor da doutrina bíblica, nada mais é do que um trabalho desgastante, desafiador e sobre-humano, que poderá levar ao esgotamento físico, mental e espiritual, e culminar no abandono da vocação (Weber, 2004; Berger, 1985; Silveira, 2005a; Nepomuceno, 2013; Silva, 2018). A fusão entre o religioso e o psicológico foi evidenciado na pesquisa e o pastor, enquanto cuidador, é revelado como um pastor-psicólogo. O PR1 apontou esse aspecto quando relatou que muitas vezes é procurado para atendimento religioso mas que, na verdade, são problemas de cunho psicológico. O aconselhamento pastoral enquanto instrumento para amenizar o sofrimento alheio, e que deve ser realizado por meio da orientação nos preceitos dos textos bíblicos, acaba sendo procurado por muitos como “*terapia barata*”. É sabido que o aconselhamento psicológico deve ser realizado por profissionais detentores dessa formação. Mas alguns religiosos acabam por fazê-lo, mesmo não possuindo tal formação (Oliveira, 2004). A análise das tensões que envolvem os aspectos psicológicos permite dar conta da hipótese quatro acerca da crise de identidade que os pastores estão a enfrentar no exercício da função. Conforme acima exposto, os líderes religiosos encontram-se numa zona de perigo emocional quando estão a exercer a sua vocação, tal afirmação encontra sustentação nos discursos dos entrevistados quando relataram sobre o quão difícil é lidar com a dor e o sofrimento humano (primeira hipótese).

E os indicadores apresentados no capítulo 4 reforçam tal afirmação, especialmente quando olhamos para os crescentes casos de suicídio de pastores.

Na perspectiva do gênero, a mulher pode acumular tensões no exercício do ministério pastoral que os homens não enfrentam, e essa é outra constatação que a pesquisa trouxe à tona. A divisão sexual do trabalho para homens e mulheres é estruturada tanto na esfera produtiva quanto doméstica, sendo esta última subordinada à primeira. Mas esta compreensão precisa considerar não só o fator econômico, mas o aspecto social e simbólico. Segundo Portugal (2006:440), “a divisão sexual do trabalho impõe-se aos indivíduos como parte de um conjunto de referências sociais no qual está prescrito o que é certo, natural e desejável. As identidades masculinas e femininas constroem-se em torno destas referências fundamentais”. Daí o entendimento de que o trabalho doméstico é da competência da mulher. Pressupõe-se que “desde que existam mulheres numa casa serão elas a realizá-lo”, porque são tarefas desempenhadas naturalmente por mulheres. Quando ela assume uma atividade remunerada, é natural que se responsabilizem por ambos. Acumular as responsabilidades do trabalho assalariado com as tarefas domésticas acaba por ser um tipo de “sobretalho”, representando uma sobrecarga tanto física quanto psicológica para a mulher. O fato de trabalhar fora e ser remunerada nem sempre implica em diminuição das responsabilidades domésticas (Portugal, 2006). Doar-se até não se ter mais, além de dedicar-se ao trabalho até sucumbir para ter a aprovação e o reconhecimento da comunidade e mostrar que é indispensável, são comportamentos que muitas líderes adotam como forma de se autoafirmarem e serem aceitas. Segundo Oliveira (2004), a sociedade contemporânea é marcada por uma ambivalência relativamente aos líderes religiosos, onde o cuidado e o descuido se fazem presente. Essas foram algumas das evidências que foram abordadas no discurso da PR3<sup>74</sup>, a única mulher da nossa amostra que, além de ter de assumir os dois papéis, claramente adotou posturas como as elencadas acima para “marcar” seu espaço e ter o reconhecimento social.

---

<sup>74</sup> Além de ter que trabalhar mais do que os outros para mostrar que é capaz de realizar as tarefas que são inerentes à função do pastor, de responsabilizar-se pelos trabalhos domésticos, há de se considerar o cuidado com a educação e acompanhamento escolar dos filhos (especialmente quando ainda são pequenos e em idade escolar). Em conversas informais com a PR3, esta confidenciou que seu marido, mesmo de nacionalidade portuguesa (tradicionalmente patricarcal e machista), assumiu parte das responsabilidades domésticas assim que reformou. Desde então, a PR3 não precisa mais se preocupar em cozinhar ou ir às compras no supermercado. Porém, no dia da sua folga, os dois unem esforços para cuidar da organização e limpeza da casa. Questões relativas a assédio moral e assédio sexual no contexto do trabalho não foram apontadas na entrevista, mas não deve ser desconsiderada a possível ocorrência em outros cenários.

A deficiência no processo formativo nos seminários e escolas de teologia também foi constatada na pesquisa, tema abordado de forma explícita por um dos entrevistados. Lidando com a formação e capacitação de vocacionados por mais de 10 anos, o PR4 destacou a importância de se investir mais profundamente no processo de formação para enfrentamento dos desafios na jornada pastoral, assim com a importância do colegiado, de programas de mentoria e de partilha, a importância do “caminhar com”.

O estudo sobre os mecanismos de suporte e cuidado permite verificar o conjunto de hipóteses elaboradas acerca da relação das redes sociais com o acesso ao suporte e cuidado. Em primeiro lugar, o suporte social promovido pelas redes sociais, ancorado no conceito da “teoria das redes” (Portugal, 2006) foi evidenciado nas entrevistas, concordando com a constatação de Kinman *et al.* (2011), e citado por Baptista (2014:71), “que o trabalho emocional estava positivamente associado ao tamanho da rede social, no entanto, não é a quantidade ou o tamanho das redes sociais que influenciam no bem-estar, mas a qualidade delas”. Os discursos dos entrevistados mostraram que as redes de íntimos são ativadas quando os pastores precisam desabafar e conversar com alguém, o que leva a crer que procuram formas de se proteger do desgaste da função pastoral, porém, permite validar a hipótese de que há limitações nos mecanismos de apoio (sexta hipótese), porque contam com uma rede de íntimos muito restrita, normalmente limitada aos familiares mais próximos, ou com alguns poucos amigos íntimos. E não encontram apoio da instituição para o enfrentamento de situações de crise. Foi o que o PR2 relatou quando questionei sobre como a Convenção Batista contribuiu para ajudá-lo no momento em que precisou ser afastado quando sofreu o último incidente: *“convenção... convenção é a gente... não existe isso.... Convenção?! Eu faço parte... eu conheço várias pessoas que estão com problemas, até piores do que o meu”*. A maioria desses que estão em situações de crise não recorre ao suporte psicológico ou psiquiátrico porque recorrer a esses profissionais pode revelar “fraqueza espiritual”. Evidencia também que dedicam-se ativamente nas atividades do ministério, que estão felizes por cumprirem com a missão, mas alguns encontravam-se cansados.

Em segundo lugar, a solidão, a falta de amizades significativas, de compreensão e suporte tanto dos membros quanto da instituição são fatores que promovem tensões no exercício do ministério, e reforçam a hipótese de que as estruturas funcionais das igrejas promovem certo isolamento dos líderes (terceira hipótese). “As projeções e expectativas

depositadas na figura do líder impedem que se mostre a personalidade dos mesmos, por meio de relações recíprocas e horizontais, o que contribui para que construam uma identidade relacionada ao dever ser” (Baptista, 2014:70). Em terceiro lugar, a hipótese que reforça a relação do sofrimento e pressão quanto às expectativas de serem pessoas modelo encontra base de sustentação empírica (quinta hipótese). Um exemplo clássico é a exigência de estar disponível o tempo todo e de estar em todos os lugares; de serem modelo e ter uma família perfeita; ou quando são alvos de controle disciplinar por parte da congregação (Santos, 2020; Silveira, 2005). O controle emocional de alguns entrevistados, típico daqueles que exercem tais posições, numa postura mais reservada, ou constrangidos pelo perfil da entrevistadora (por ser mulher), podem ter impedido que se mostrassem mais frágeis, estressados ou até doentes, pois caracterizaria um sinal de vulnerabilidade ou de pouca fé. Isso talvez esclareça a negação ou dificuldade de alguns durante a entrevista, principalmente dos homens, em mencionar alguma situação de estresse, tensão ou constrangimentos que haviam experimentado no ministério. Ao reforçarem a imagem sobre-humana, também conhecida como *Síndrome do Messias*, “estes líderes podem estar contribuindo para o pouco suporte social, pois se afastam em vez de se aproximarem, guardam seus problemas, em vez de os revelarem e com isso, intensificam o ciclo de expectativas – imagem aceitável – relações superficiais e falta de apoio” (Baptista, 2014:70; Oliveira, 2004)). A possibilidade de manifestar suas lutas e sofrimentos podem ser interpretadas como fracasso espiritual.

Por mais lamentável que seja, é evidente que no ministério pastoral há líderes que se encontram necessitados de acompanhamento e tratamento psíquico. Os indicadores que foram apresentados, assim como os relatos dos casos de suicídio de líderes religiosos mostraram que trata de um assunto muito complexo e que não deve ser discutido de maneira simplista, “sob o risco de ser considerado tacanho ou reducionista”, constata Valdeci Santos (2019:1), Reverendo da Igreja Presbiteriana do Brasil, ao afirmar que, “quando se trata do suicídio de pastores e pregadores do evangelho, então, a questão se torna bem mais inquietante. Geralmente o que se espera é que esses santos saibam onde encontrar esperança em situações que favorecem o desespero”. Por outro lado, deve-se ter em conta que o suicídio é uma forma de morte que geralmente é prenunciada. Kay Warren (2017), citada por Santos (2019:1), esposa do pastor Rick Warren e mãe do jovem Mateus Warren, que cometeu suicídio em abril de 2013, destaca que os Centros de

Prevenção à Vida estão sempre a alertar que, para cada suicídio consumado, são feitas, no mínimo, 25 tentativas. Por isso a importância de tratar o assunto com seriedade, porque alimentar o descaso só contribui para a incidência de novos casos.

Em seu estudo sobre o suicídio, Durkheim (2000) identificou que há grande evidência de que o índice de suicídio entre os cristãos protestantes é consideravelmente maior que entre os cristãos católicos e judeus. Tanto o catolicismo quanto o protestantismo proíbem o suicídio de forma muito clara. E, segundo Durkheim (2000:185), “a única diferença essencial entre o catolicismo e o protestantismo é que o segundo admite o livre exame em proporção bem mais ampla do que o primeiro”. Também é verdade que o catolicismo dispõe aos fieis um conjunto de regras de vida e fé já formatado, que exige uma submissão cega sem dar espaço para questionamentos, e que lhe permite controlar a conduta. “Todo um sistema hierárquico de autoridades é organizado, e com uma arte maravilhosa, para tornar a tradição imutável”. O catolicismo é contrário a qualquer variação ou flexibilização das suas crenças. O protestantismo, por outro ponto, dá espaço à livre interpretação, a novas formas de se construir uma crença. “A Bíblia é colocada em suas mãos e nenhuma interpretação lhe é imposta. A própria estrutura do culto reformado torna perceptível essa condição de individualismo religioso” (Durkheim, 2000:185-6).

Mas Durkheim explica que essa liberdade cada vez mais almejada pelos indivíduos acaba por desencadear uma “falência nas crenças tradicionais”. Quer dizer que, à medida que os anseios pela liberdade tornam-se completas, passa-se a um novo grau de necessidade, que, quando não satisfeito e atendido, provoca desorientação, desorganização e gera ansiedade. Ou seja, “quanto mais um grupo confessional deixa ao julgamento dos indivíduos, mais ele está ausente de sua vida, menos tem coesão e vitalidade” (Durkheim, 2000:188). Daí o autor concluir que “a superioridade do protestantismo do ponto de vista do suicídio provém do fato de ser ele uma Igreja menos fortemente integrada do que a Igreja católica” (*idem*, 2000:188). O judaísmo, por outro ponto, porque precisou fechar-se em si para proteger das intolerâncias de que tinha sido alvo, tornaram-se tão unidos, compactos e coerentes, a ponto de deixar evidente o sentimento de unidade. E isso justifica a atribuição de “fraca propensão dos judeus ao suicídio”, a despeito de ter sofrido todo tipo de perseguição (*ibidem*, 2000:189).

A análise dos mecanismos de suporte e cuidado aos pastores mostrou que estes devem ser considerados a partir de dois pontos: o que se pode fazer para prevenir; e

segundo, estando o líder em situação de crise, o que se pode fazer para tratar e ajudá-lo no enfrentamento e superação. A pesquisa demonstrou a importância da responsabilização não ser exclusiva ao pastor, mas requer esforços que devem ser promovidos pelas instituições, pela comunidade e até mesmo pelo Estado, numa ação conjunta, para que o líder seja assistido na busca por uma vida equilibrada e saudável. Também revelou, igualmente, os problemas decorrentes da falta de unidade para com a produção desses cuidados. No estudo de profissionais da psicologia que desenvolveram pesquisas e acompanham situações de crise dos líderes religiosos, foram apresentadas algumas recomendações sobre o cuidado e prevenção ao suicídio e, ao pastor, recomenda-se a decisão de não caminhar sozinho no ministério, mas esforçar-se no sentido de desenvolver parcerias durante a sua jornada; buscar mentorias que contribuam para o desenvolvimento de habilidades e aptidões que são inerentes e necessárias no ministério; assim como procurar ajuda logo que se perceba alterações de ordem emocional e/ou psíquica; além de realizar acompanhamento médico regular e de forma preventiva e ter hábitos alimentares saudáveis. Permitir ser cuidado e apoiado por outras pessoas faz dele um ser também humano capaz de se desvestir da posição religiosa e desvelar o humano (Oliveira, 2004; Campos, 2018; Estevam de Luiz, 2020).

No ambiente eclesial, ficam evidentes questões relativas às tensões e constrangimentos vividos pelos pastores quanto às formas de organização e gestão pelas igrejas das atividades laborais. A igreja, enquanto organização e organismo, tem um papel preponderante na promoção de suporte e auxílio para a superação de situações de crise, assim como na prevenção de possíveis transtornos psíquicos. A pesquisa revelou algumas mudanças positivas quanto à produção e promoção de informações no contexto das organizações, através da realização de palestras, simpósios, e conferências, e eventos como esses têm sido utilizados para quebrar o paradigma de que os líderes estão imunes à depressão e ao estresse. Promover esclarecimentos sobre essas questões dentro e para as comunidades é uma mais-valia para todos e necessária para uma mudança de mentalidade quanto ao papel da igreja e da comunidade em proporcionar um ambiente de “respeito, colaboração e fraternidade, onde até as discordâncias são vistas como atos de amor” (Fontes, 2019:1). Encontros periódicos de mútua observância, de cuidado e partilha entre os pastores podem ser pensados em conjunto, por instituições e pastores, no sentido de incluir no diálogo a reflexão teológica, mas aproveitando o espaço para incluir as demais

dimensões (pessoal, sociofamiliar e pastoral) a partir da dimensão da espiritualidade. Segundo os profissionais da psicologia pesquisados, estes recomendam usar esse tempo para integrar propostas de prevenção e tratamento para os líderes religiosos, procurando envolver a dimensão do cuidado de si mesmo, pela instituição e da própria comunidade. Pessoas cuidadas aprendem a cuidar (Oliveira, 2004; Baptista, 2014; Campos; 2018).

A produção de cuidado a partir do Estado, através de políticas sociais que envolvem a oferta de serviços, intervenções e programas de saúde pública mostrou-se deficiente e restritas quanto a esse tipo de demanda (Vieira *et al.*, 2011). As demandas jurídicas envolvendo instituições religiosas e pastores ressaltam a existência de uma lacuna na questão da responsabilidade do Estado enquanto guardião e promotor dos direitos sociais. Os estudos de Boaventura de Sousa Santos (1987:19) sobre o Estado-Providência português apresentam algumas similaridades quanto à ação, ou inação do Estado-Providência brasileiro, uma vez que este “não resolve e nem pretende resolver as contradições sociais”. Segundo este autor, quando os critérios de mobilização de recursos envolvem disputas políticas, os interesses a serem contemplados serão sempre dos grupos sociais que dão sustentação na produção dos recursos para a promoção de determinado serviço. Santos (1987:20) afirma que “sempre que essas políticas se traduzem em direitos, e dada a relativa “rigidez” destes, o Estado tentará flexibilizar esses direitos logo que diminua o peso político dos grupos sociais neles interessados”. Uma das estratégias de flexibilizar esses direitos consiste exatamente em “bloquear ou restringir o acesso a um dado direito social (por exemplo, o direito à saúde), restringindo os serviços que o tornam possível, deteriorando a qualidade das prestações ou, em casos mais extremos, não regulamentando as leis que criem direitos” (Santos, 1987:20). Ao julgar causas trabalhistas envolvendo pastores e igrejas e basear as decisões em pré-julgados dos anos 70 e 80, sem nem sequer considerar as mudanças políticas, econômicas e sociais desde então, é uma forma de restringir ou mesmo bloquear o acesso a um direito social, semelhantemente ao que acontece com os cuidadores informais no Brasil. Ao serem submetidos a uma situação de “informalidade”, os líderes religiosos, assim como os cuidadores informais, enfrentam constrangimentos por não conseguirem comprovar seu percurso formativo e nem obter uma certificação de profissionalização. Fica evidente que há aqui um risco centrado na experiência de viver novas formas de desigualdades e de exclusões sociais, como por exemplo, o risco do não cumprimento dos direitos sociais de saúde, a não garantia de

acesso a todos os tipos de cuidados que é de responsabilidade do Estado, porque não estão cobertos por leis que deveriam regulamentar e garantir tais direitos (Santos, 1987; Carapinheiro, 2006; Campos, 2018).

É chegado o tempo de pensar em caminhos e soluções que permitam contribuir para que a jornada do vocacionado seja mais prazerosa, equilibrada e duradoura em detrimento dessa realidade de tensões e constrangimentos. E a pesquisa permite chegar a algumas conclusões: em primeiro lugar, há um deslocamento das atribuições que são inerentes à função pastoral (Campos, 2012), e esse deslocamento exige que novos ajustes sejam feitos para conformar às realidades; segundo, antes da ordenação ao ministério pastoral, as instituições deveriam levar o candidato a uma avaliação médica profunda, considerando aspectos bio-psico-sociais, afinal, nem todos os líderes tiveram a oportunidade de obter cuidados antes de chegar ao ministério e alguns sintomas não se mostram tão evidentes até a pessoa envelhecer e/ou ser submetida às pressões ministeriais. Há casos em que certas medicações que são usadas para tratar certas doenças podem interferir na saúde mental e desencadear transtornos psíquicos (Campos, 2018; Santos, 2019). Finalmente, a crise de identidade no contexto dos líderes religiosos é real e evidencia o descaso do Estado em assumir sua responsabilidade social de legislar a favor da regulamentação dos direitos e obrigações tanto para os pastores quanto para as instituições religiosas (Santos, 1987). Não estou aqui a defender a profissionalização da função pastoral, até porque não é de interesse da própria categoria. As entrevistas comprovaram isso. Quando apresentei a proposição “vocação ou profissão” aos entrevistados, todos foram enfáticos em afirmar que o ministério pastoral não deve ser considerado profissão. Trata-se de vocação, de chamado de Deus ao cuidado de vidas. Por outro lado, a Sociologia nos permite olhar para a atividade pastoral como vocação e profissão, simultaneamente, e oferece oportunidade de discutir a compreensão da função pastoral à partir do desenvolvimento de uma Sociologia Pastoral.

Um caminho possível para minimizar as consequências das tensões e dos constrangimentos que têm sido reproduzidos no contexto das instituições religiosas seria a criação de um estatuto especial à categoria de líderes religiosos. A criação de um estatuto que estabeleça um conjunto de direitos e obrigações, tanto para as instituições quanto para os pastores, a fim de resguardar direitos essenciais, como o acesso a uma remuneração justa e compatível com as atribuições da função; acesso a um fundo de

garantia ou reserva para a aposentadoria/reforma (semelhante ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS, que os trabalhadores celetistas têm direito); acesso ao apoio financeiro para os pastores em situações de afastamento por licença médica nos tratamentos psiquiátricos e psicológicos. Resistir à armadilha da vitimização é uma postura que deve ser esperada dos pastores, mesmo diante das notícias trágicas envolvendo colegas de ministério. Diante das grandes transformações que a sociedade têm experimentado, especialmente no contexto religioso, a tentação de sentirem-se vítimas de injustiças, de descasos relacionais e desvalorizados profissionalmente pode acontecer, e muitos dos discursos nas mídias sociais sobre o assunto apontam para essa tendência. Posturas desse tipo não ajuda nesses momentos de confusão pelos últimos acontecimentos, porém, contribuem para a vulgarização, estereotipação dos pastores, além de alimentar a perda de plausibilidade da própria religião.

Enfim, esta pesquisa apresenta alguns aspectos que cobrem apenas a categoria básica dos desafios e riscos que o pastor está exposto no desenvolvimento de seu ministério. Permite concluir que há um longo caminho a percorrer no sentido de construir modelos de cuidado e apoio aos líderes religiosos que lhes ofereçam um potencial emancipatório para todos os intervenientes nas relações entre pastores-comunidades-Estado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Joana M. P. M. (2016). *Cuidar e ser cuidado*. Uma análise do cuidado cotidiano, permanente e de longa duração. Tese de Doutorado em Sociologia. Coimbra: FEUC.

ALVES, J. E.; BARROS, L. F. & CAVENAGHI, S. (2012). *A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia*. Intercâmbio – REVER, ano 12, nº 02, jul/dez.

ALVES, Rubem. (1982). *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Paulinas.

\_\_\_\_\_. (1988). *O enigma da religião*. 4ª Ed. Campinas: Papyrus. 175p.

ARAUJO, Amanda. (2020). *Cuidado com a Síndrome de Burnout*. Jornal O Povo, versão eletrônica, Edição de 24 de agosto de 2020. Disponível no endereço eletrônico: <https://mais.opovo.com.br/jornal/pop-empregos-e-carreiras/2020/08/24/cuidado-com-a-sindrome-de-burnout.html> . Acesso em 14/09/2020.

BAPTISTA, Fernanda S. (2014). *Vulnerabilidade ao stress e estratégias de enfrentamento de líderes religiosos cristãos*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru.

BARBOSA, F.; MACEDO, P.; SILVEIRA, R. (2011). *Depressão e suicídio*. Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), vol.14, nº1, Rio de Janeiro – jan/jun, p. 233-243.

BARRO, Antônio C. (2015). *Suicídio pastoral é tabu*. Faculdade Teológica Sul Americana. Disponível no endereço eletrônico <https://ftsa.edu.br/home/index.php/en/artigo/360-suicidio-pastoral-e-um-tabu?tmpl=component&print=1&layout=default> Acesso em 03/09/2020.

\_\_\_\_\_. (s/d). *Suicídio e o gemido dos pastores*. Faculdade Teológica Sul-americana. Disponível no endereço eletrônico <https://ftsa.edu.br/home/index.php/en/reflexao/547-suicidio-e-o-gemido-dos-pastores-2?tmpl=component&print=1&layout=default> Acesso em 03/09/2020.

BASSETTO, Bruno F. (2000). *Conceito de Filologia*. Revista Philologus, ano 4, nº 12, Rio de Janeiro. Disponível no endereço eletrônico [www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(12\)8-28.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(12)8-28.html) Acesso em 06/05/2020.

BAUDRILLARD, Jean. (1975). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70. Biblioteca 70.

BAUMAN, Zygmunt. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (2008). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

BERGER, Peter. L. (1985) *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. (2004). *A construção social da realidade. Um livro sobre a Sociologia do Conhecimento*. 2ª Edição. Lisboa: Dinalivro.

BITUN, R.; NETO, João C. S. (2012). *Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno neopentecostal no Brasil*. Estudos de Religião, v.26, n.42, Edição Especial. p. 63-82.

BLIN, J. –F. (1997). *Représentations, pratiques et identités professionnelles*, Paris: L’Harmattan.

BOFF, Leonardo (2005). *O cuidado essencial: princípio de um novo ethos*. Inclusão Social. Brasília, 1(1), p.28-35, out/mar.

\_\_\_\_\_. (2012). *Quem cuida do cuidador?* Revista Eletrônica Dom Total. Disponível no endereço eletrônico <https://domtotal.com/artigo/2709/30/04/quem-cuida-do-cuidador/> Acesso em 10/09/2020.

BOHN, Simone R. (2004). *Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral*. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. X, nº2, Outubro, 2004, p. 288-338.

BOURDIEU, Pierre. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_. (1985). *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand.

\_\_\_\_\_. (1996). *A economia dos bens simbólicos*. Campinas: Papyrus.

\_\_\_\_\_. (2003). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século.

\_\_\_\_\_. (2007). *A Distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk.

BRAKEMEIER, Gottfried (2007). *Possíveis contribuições da Teologia à Psicologia e Psiquiatria*. Canela: Corpo de Psicólogas e Psiquiatras Cristãos. Artigo e Notícias. Disponível no endereço eletrônico <https://cppc.org.br/noticias/possiveis-contribuicoes-da-teologia-a-psicologia-e-psiquiatria-por-gottfried-brakemeier.html> Acesso em 12/05/2020.

BRESCH, Jaqueline. (2019). *O líder cristão no desempenho da função de cuidador*. Revista Ensaio Teológicos. Vol. 05. Nº 2. Dez. p.124-139. ISSN 2447-4878.

BUHR, João Rainer. (2013). *Pastores também sofrem*. Paraná: FTB-PR, Via Teológica, vol. 14, n.27, junho/2013, p. 105-130.

\_\_\_\_\_. (2016). *Igrejas ou empresas? Uma breve reflexão sobre o sofrimento causado a pastores quando igrejas são tratadas como empresas*. Protestantismo em Revista: São Leopoldo, v.40, jan/abr, p.111-122.

\_\_\_\_\_. (2017). *O sofrimento do pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores ainda hoje*. Curitiba, Editora Esperança. ISBN 978-85-7839-196-6 (livro eletrônico).

BURGESS, Robert G. (1997). *A pesquisa de terreno. Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.

CAMPOS, Leonildo Silveira. (1987). *Destino pessoal e organização religiosa – um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo. Instituto Metodista de Ensino Superior.

\_\_\_\_\_. (1997). *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo. 2ª Edição.

\_\_\_\_\_. (1999). *A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa)*. In.: Lusotopie, nº6, p.355-367.

\_\_\_\_\_. (2002). *As mutações do campo religioso. Os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil*. Revista Caminhando, vol. 7, nº1[9]. p. 97-109.

\_\_\_\_\_. (2002a). *As mudanças no campo religioso brasileiro e seus reflexos na profissionalização do pastor protestante*. In.: *Teoria E Pesquisa*. 40/41. Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, jan-jul.

\_\_\_\_\_. (2008). *Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos*. REVER: Revista de Estudos da Religião. Setembro, p. 1-26. ISSN 1677-1222.

\_\_\_\_\_. (2012). *Clérigos em contexto de mudanças – uma visão sociológica do papel do pastor protestante brasileiro e dos desafios de sua formação em seminários teológicos no início do século XXI*.

CABRAL, Manuel. V. & BORGES, Vera. (2010). *Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquiteto*. In: *Profissão e Vocação. Ensaio sobre grupos profissionais*. Organizadores Ana Delicado, Vera Borges, Steffen Dix. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

CAMPOS, Luciana. (2018). *A dor invisível dos presbíteros*. Petrópolis: Vozes.

CARAPINHEIRO, Graça. (2006). *A saúde enquanto matéria política*. Coimbra: Pé de Página.

CARIA, Telmo. 2005. *Saber profissional: análise social das profissões em trabalho técnico-intelectual*. Coimbra: Almedina.

CARVALHO, Rosa B. S. (s/d). *A filologia e seu objeto. Diferentes perspectivas de estudo*. Revista Philologus, Ano 18, nº 52, Rio de Janeiro. Disponível no endereço eletrônico [www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(26\)03.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(26)03.htm) Acesso em 06/05/2020.

CARVALHO, Teresa. (2010). *Profissionalização na enfermagem: os discursos dominantes no contexto institucional*. In. *Profissão e vocação: ensaios sobre grupos profissionais*. orgs. Ana Delicado, Vera Borges e Steffen Dix. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

CAVALCANTE, João. (2015). *Como ovelhas que têm pastor: formação de líderes com coração pastoral*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Esperança. [livro eletrônico].

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. – CBB. Endereço eletrônico: [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=24](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24) (Acesso em 17/07/2019).

CENCINI, Amadeo. (2011). *A hora de Deus – A crise na fé cristã*. São Paulo: Paulus.

CLINEBELL, Howard J. (1998). *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal, Paulus.

CÓDIGO DE ÉTICA. (2019). Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. Aprovado pela Assembleia Geral em Natal.

COLLINS, Gary R. (2004). *Aconselhamento Cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova.

CONKLIN, H.C. (1968). “*Ethnography*”, in D. L. Sills (ed.), *International Encyclopaedia of the Social Sciences*, vol.5. Nova Iorque: Macmillan e The Free Press. Pp.172-8.

COSTA, Rosalina Pisco.(2011). *Ridendo Castigat Mores. A transcrição de entrevistas e a (re)construção social da realidade*. VIII Congresso Português de Sociologia. Área Temática: Teorias e Metodologias.

CUNHA, Magali N. (2016). *Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais*. Revista Famecos (Online), Porto Alegre, v.23, n.2, maio/agosto de 2016.

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, disponível para *download* no endereço eletrônico da Convenção Batista Brasileira e também pelo *link*: <http://www.convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/11902061303042019113240.pdf> (Acesso em 28/10/2020).

DELICADO, Ana *et al.* (orgs.). (2010). *Profissão e Vocação. Ensaios sobre grupos profissionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. ISBN: 978-972-671-261-9.

DOLGHIE, Wesley. (2018). *A Síndrome de Burnout nos pastores presbiterianos de São Paulo: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

DUBAR, C. (2000). *La Sociolisation. Construction des identités sociales et professionnelles*. Paris, Armand Colin Éditeurs.

DURKHEIM, Émile. (1977). *A divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2002). *As formas elementares da vida religiosa*. Oeiras: Celta.

\_\_\_\_\_. (2012). *A educação moral*. Petrópolis: Vozes.

EBERT, C.; SOBOLL, L. A. P. (2009). *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho*. Aletheia, nº30, jul/dez. p. 197-212, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Brasil.

ESTEVAM DE LUIZ, Rainerson Israel. *Cuidar dos que cuidam: uma análise pessoal, sócio-familiar e pastoral dos pastores batistas do estado do Rio de Janeiro*. Comunicação oral. Jornadas de Teologia Pastoral: CNBB/PUC-Rio. Live apresentada no dia 28 de agosto de 2020. Disponível na hiperligação <https://www.youtube.com/watch?v=cm0e7jzrbk4> (acesso em 03/09/2020 e 28/10/2020)

FERRAROTTI, Franco (1983). *Histoire et histoires de vie. La methode biographique en sciences sociales*. Paris, Librairie des Meridiens.

FILHO, Alencar Silveira. (2017). *O processo de diversificação denominacional do protestantismo brasileiro*. Revista Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v.5, nº 1. p. 187-202. ISSN 2358-3037.

FONTES, Breno Augusto S. M. (1999). *Capital Social e Terceiro Setor: sobre a estruturação das redes sociais e associações voluntárias*. Caderno CRH, Salvador, n. 30/31, p. 239-264, jan/dez.

FONTES, Filipe Costa. (2019). *Sobre o suicídio de pastores*. Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível no endereço eletrônico <https://ipb.org.br/informativo/sobre-o-suicidio-de-pastores-4352> .(Acesso em 05/10/2020).

FREIDSON, Eliot. (1986). *Professional Powers. A study of the institutionalization of formal knowledge*. Chicago, University of Chicago Press.

FRESTON, Paul. (1993). *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado: Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_. (1998). *Renascimento do Profissionalismo*. São Paulo, Edusp.

GIDDENS, Antony (2013). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 9ª Ed.

GOLEMAN, Daniel. (2013). *Foco. O motor oculto da excelência*. 8ª Edição. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.

GOMES, José O. (2015). *Pentecostalismo e relações de gênero: uma discussão convencional acerca do ministério feminino nas Assembleias de Deus brasileiras*. Mandrágora, v.21. n.21. p.135-152.

GONÇALVES, Alonso. (2010). *Pós-modernidade e identidade: uma leitura dos desafios pós-modernos ao campo religioso batista e suas dificuldades dialógicas*. EST – Escola Superior de Teologia. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v.21, jan/abr, p.43-51.

GRANOVETTER, Mark. (1973). *The strength of weak tie*. In.: *American Journal of Sociology*. Vol. 91,nº 3, p. 1360-1380.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo Demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro; p.1-215. ISSN 0104-3145.

JOURDAIN, A. & NAULIN, S. (2017). *A Teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos*. Sob a direção de François de Singly. Petrópolis: Editora Vozes, Coleção Sociologia: pontos de referência).

JÚNIOR, Nilson da Silva. (s/d). *Igreja Líquida: uma leitura da igreja moderna através do Neopentecostalismo*. Ciberteologia, Revista de Teologia & Cultura, ano VII, n.34. p.61-77.

KINMAN, G.; MCFALL, O.; RODRIGUEZ, J. (2011). *The Cost of Caring? Emotional Labour, wellbeing and the clergy*. Pastoral Psychology, v.60, n. 5. p. 671-680.

KÜÇÜKSÜLEYMANOĞLU, Rüyam. (2012). *Occupational Burnout levels of Turkish Imams*. Turkey: Faculty of Education.

KUNZ, Claiton André. (2017). *O legado de Armínio para o cristianismo*. Revista Batista Pioneira, vol. 16, nº 1 – junho. p.237-239. Disponível no endereço eletrônico: <file:///C:/Users/Business/Downloads/216-865-1-PB.pdf>

LACERDA, Everton A. P. (2019). *Suicídio de Pastores: uma análise dos fatores de risco que contribuem para a consumação do suicídio*. São Paulo: Pé de Lima.

LAHIRE, Bernard. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre, Artmed.

LEMAIRE, Jean-Georges. (1984). *La réalité informe, le mythe structure*. Dialogue – recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille. Nº 84, p.3-23.

LEMIEUX, Vincent. (2000). *À quoi sert les réseaux sociaux?* Québec. Les Éditions de l'IQRC.

LIN, Nan. (2001a). *Social Capital. A theory of social structure and action*. Cambridge, Cambridge University Press.

LIPOVETSKY, Gilles. (1983). *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água. Antropos.

LOPES, E. (et.al.) (2019). *Fundamentos da teologia pastoral*. 1ª Edição, São Paulo: Mundo Cristão. ISBN: 978-85-433-0379-6. [livro eletrônico].

LOPES, Noémia. (2001). *Recomposição profissional da enfermagem: estudo sociológico em contexto hospitalar*. Coimbra: Quarteto Editora.

LOTUFO, Neto F. (1997). *Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. Tese (Livre-docência em Psiquiatria). São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

MARIANO, Ricardo. (2003). *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais*. Civitas: Revista de Ciências Sociais, v.3, nº 1, jun.

\_\_\_\_\_. (2004). *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estudos Avançados 18 (52).

\_\_\_\_\_. (2008). *Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos*. REVER: Revista de Estudos da Religião, dez, p.68-95.

MARIZ, Cecilia L. (2012). *Pentecostalismo: mudança do significado de ter religião*. In: *A grande transformação do campo religioso brasileiro*. IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 400. Ano XII. 27/08/2012. ISSN 1981-8769.

MATOS, Alderi S. (s/d). *Breve História do Protestantismo no Brasil*. p. 1-26.

MELLO, Adriana G. S. e LIMA, Daniel B. (2016). *A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus*. Revista Coisas do Gênero, São Leopoldo, v. 2, n.1, jan-jul, p.119-134.

MENDES, A. M. B. e SILVA, Rogério R. (2006). *Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional*. Brasília: Psico-USF.

MENDONÇA, Antônio G. (1984). *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas.

\_\_\_\_\_. (1998). *Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão*. Estudos de Religião, revista semestral de estudos e pesquisas em religião, ano XII, n.15, dez.

\_\_\_\_\_. (2007). *Um caso de religião e cultura*. Revista USP, São Paulo, nº 74, jun/ago, p. 160-173.

\_\_\_\_\_. (2008). *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. Organização de Leonildo Silveira Campos. 2ª Ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

MENEZES, Renata. (2012). *Censo 2010, fotografia panorâmica da vida nacional*. p. 10-13. In.: *A grande transformação do campo religioso brasileiro*. IHU On-line: Revista do Instituto Unisinos. Nº 400, ano XII, 27/08/2012. ISSN 1981 8769.

MENGER, Pierre-Michel. (2005). *Retrato do artista enquanto trabalhador*. Metamorfoses do capitalismo. Lisboa: Roma Editora.

MEZZOMO, Frank A. (2008). *Nós e os outros: proselitismo e intolerância religiosa nas igrejas neopentecostais*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, vol. 5, Ano V, nº1, jan/fev/mar. ISSN: 1807-6971.

MILARDO, Robert (1988). "Families and Social Networks: Na Overview of Theory and Methodology", in Robert Milardo (ed). *Families and Social Networks*, Newbury Park, Sage.

MORAIS, M. F. A. (2008). *Stress, burnout, coping em padres responsáveis pela formação de seminaristas católicos*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

MOREIRA, Alberto da Silva. (2008). *O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea*. Revista Estudos de Religião, Ano XXII, nº 34, p.70-83, jan/jun.

NAKANO, Érika Feltrin M. (2017). *Burnout, discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em pastores e pastoras*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo). São Paulo: USP.

NEPOMUCENO, José M. P. (2013). *O pastor protestante brasileiro e a busca de legitimidade social*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

NORONHA, Cláudio Pereira. (2015). *Religião, redes sociais e capital social no Município de Rio Grande da Serra na Região do Grande ABC Paulista*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo.

NUNES, João Arriscado. (2007). *O habitus e a incorporação, ou os (des)encontros da sociologia e da biologia*. In: Pierre Bourdieu. *A teoria da prática e a construção da Sociologia em Portugal*. Orgs.: José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira. Porto: Edições Afrontamento. pp. 171-178.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT, *WorkPlace Stress: a collective Challenge*, disponível em [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed\\_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms\\_466547.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---safework/documents/publication/wcms_466547.pdf) Acesso em 14/09/2020.

OLIVEIRA, M.K. Roseli. (2004). *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia.

PAULA, Blanches. (2009). *Corpos enlutados: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto*. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Religião – Práxis Religiosa e Sociedade).

PEREIRA Dirlei A. et al. (2016). *O conceito de práxis e a formação docente como ciência da educação*. Revista de Ciências Humanas – Educação. v.17, nº29, p.31-45. dez.2016.

PICCINATO, R. (2019). (org.). *Coleção mente e vida moderna: cansaço mental e Síndrome de Burnout*. Coordenação de Viviane Campo. Bauru: Editora Alto Astral.

PIERUCCI, Antônio F. (1997). *Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 13, nº 37. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Max Weber na UnB, Brasília, 22-27 de setembro.

\_\_\_\_\_. (2004). *“Bye, Bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000*. Revista de Estudos Avançados 18(52), p. 17-28.

PINHEIRO, Jorge. (2019). *A doutrina na eleição: calvinismo, arminianismo e o equilíbrio da doutrina batista*. p. 40-49. Disponível no endereço eletrônico: <file:///C:/Users/Business/Downloads/103-1-384-1-10-20160630.pdf>

PORTES, Alejandro. (2000). *Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea*. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 33, p. 133-158.

PORTUGAL, Sílvia (2006). *Novas Famílias, Modos Antigos. As redes sociais na produção de bem-estar*. Coimbra, FEUC.

\_\_\_\_\_. (2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Oficina do CES, nº 271. 36p.

\_\_\_\_\_. (2014). *Famílias e Redes Sociais: ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra: Almedina.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. C. (2017). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grávida.

- REIS, Marcos Vinícius de F.; MANDUCA, Vinicius. (orgs). (2018). *O campo religioso brasileiro: uma análise a partir do Censo do IBGE*. p. 158-185. In.: *Expressões religiosas de um Brasil plural. Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial.
- RIBEIRO, Lidice M. P. (2007). *O protestantismo brasileiro: objeto em estudo*. Revista USP, São Paulo, nº 73, mar/mai, p. 117-129.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes. (1997). *Sociologia das Profissões*. Oeiras, Celta Editora.
- ROJAS, Enrique. (s/d). *O homem light. Uma vida sem valores*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- ROSA, Wanderley P. (2017). *Implantação do Protestantismo no Brasil: aspectos sociais e políticos. Parte I*. REFLEXUS – Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano X, nº 17.
- ROSADO, Maria José. (2001). *O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões*. In: Cadernos Pagu. Nº 16. Campinas: Unicamp. p.79-96.
- RUIVO, Fernando. (2000). *O estado labiríntico. O poder relacional entre poderes local e central em Portugal*. Porto, Afrontamento.
- SANCHES, Pierre. (2012). *Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas*. p. 5-7. In.: *A grande transformação do campo religioso brasileiro*. IHU On-line: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, nº 400, ano XII, 27/08/2020. ISSN 1981-8769.
- SANTOS, Ana Cristina de O. (2014). *Síndrome de Burnout e o Trabalho dos Pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil no Estado de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado em Administração. Belo Horizonte: Faculdade Novos Horizontes.
- SANTOS, Boaventura S. (1987). *O Estado, a Sociedade, as Políticas Sociais*. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº23. p. 13-74.
- SANTOS, Clara Cruz. (2011). *Profissões e identidades profissionais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SANTOS, O. (et.al.). (2018) *Psicodinâmica do trabalho e atividade pastoral*. Revista Trabalho (En)Cena, 3(3), pp.115-138.

SANTOS, Valdeci. (2019). *Quando um pastor comete suicídio...* Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível no endereço eletrônico <https://ipb.org.br/informativo/quando-um-pastor-comete-suicidio-4245?> (Acesso em 05/10/2020).

\_\_\_\_\_. (2020). *O que as mensagens sobre suicídio de pastores comunicam?* Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível no endereço eletrônico [https://www.ipb.org.br/index.php/informativo/o-que-as-mensagens-sobre-suicidio-de-pastores-comunicam-4353?fb\\_comment\\_id=3440927715925361\\_3441088342575965](https://www.ipb.org.br/index.php/informativo/o-que-as-mensagens-sobre-suicidio-de-pastores-comunicam-4353?fb_comment_id=3440927715925361_3441088342575965) Acesso em 04/10/2020.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. (2004). *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea*. São Paulo: ASTE.

SCHAEFFER, Francis A. (2016). Francis A. Schaeffer Institute of Church Leadership Development. *Statistics on Pastors: 2016 update*. Research on the happenings in pastors' personal and church lives. Disponível em [www.churchleadership.org](http://www.churchleadership.org)

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. (1998). *Medo e Fé: a transformação do medo na Poimênica*. São Leopoldo – RS: Escola Superior de Teologia. Tradução de Walter O. Schlupp.

SEIDL, Ernesto. (2012). *Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da igreja*. Porto Alegre: UFRS.

SENNETT, Richard (2013). *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro, Record.

SHERMAN, Daniel (s/d). *Pastor Burnout. The Silent Clergy Killer*. Disponível em <https://www.my-pastor.com/pastor-burnout.html> Acesso em 14/09/2020.

SILVA, Eber V. (2018). *A poimênica em Jesus como paradigma para uma nova abordagem da poimênica na teologia e a vida cristã*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.

SILVA, Manuel Carlos. (2007). *Classe social: condição objetiva, habitus e ação coletiva*. In: *Pierre Bourdieu. A teoria da prática e a construção da Sociologia em Portugal*. Orgs. José Madureira Pinto e Virgílio Borges Pereira. Porto: Edições Afrontamento. pp. 91-113.

SILVA, Renatho A. (2017). *O conceito de práxis em Marx*. Dissertação de Mestrado. Natal: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Filosofia: área de concentração em Ética.

SILVA, Ricardo Ferreira. (2018). *Burnout e suas ressonâncias em ministros religiosos: parâmetros para prevenção*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: Universidade Mackenzie.

SILVA, R.R. (2004). *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

SILVA, Rogério R. & HOLANDA, Adriano F. (2008). *A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes*. Campinas, Estudos de Psicologia. v.25(3), 375-383, jul-set.

SILVEIRA, José Roberto. (2005). *A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, São Bernardo do Campo, UMESP.

SILVEIRA, José Roberto. (2005a). *Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante*. Âncora, Revista Digital de Estudos em Religião, p.106-127.

SIMMEL, Georg. (1971a) [1903]. *The metropolis of modern life*. In: Levine, Donald (Ed.), *Georg Simmel: on individuality and social forms*. Chicago University Press. p. 324-339.

SOUSA, Maria Clara P. (s/d). *Aula 1: Aspectos Teóricos e Metodológicos*. Conceito, Objeto e Função da Filologia. Aspectos gerais da história da escrita. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SOUZA, Sócrates O. (org.). (2009). *Exame e Consagração ao Ministério Pastoral*. Documentos Batistas. Rio de Janeiro: Convicção.

\_\_\_\_\_. (org.). (2010). *Pacto e Comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro, Convicção.

TEIXEIRA, Faustino. (2012). *O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados*. p.14-17. In,; *A grande transformação do campo religioso brasileiro*. IHU On-line: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 400, ano XII, 27/08/2012. ISSN 1981-8769.

TOMITA, Luiza E. (2003). *A contribuição da Teologia feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso*, in: *Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Rede: Goiás, p.108-119.

\_\_\_\_\_. (2010). *A Teologia Feminista Libertadora: deslocamentos epistemológicos*. Comunicação apresentada na Conferência 'Fazendo Gênero 9'. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto.

VALENTE *et al.* (2018). *Esgotados e atarefados: o estress e a Síndrome de Burnout na vida dos pastores*. Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v.6, n.2. pp. 110-122.

VANESSA AZEVEDO *et al.* (2017). *Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios*. Revista de Enfermagem Referência, Série IV, nº 14, jul/ago/set.

VALE, Licio de Araujo. (2018). *E foram deixados para trás: uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio*. São Paulo: Edições Loyola. [Livro eletrônico]

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. (2011). *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular.

VIEIRA, Chrystiany *et al.* (2011). *Práticas do cuidador informal do idoso no domicílio*. Brasília. Revista Brasileira de Enfermagem, mai-jun, 64(3). p.570-579.

VILAÇA, Helena. (2006). *Da torre de Babel às terras prometidas*. Pluralismo religioso em Portugal. Porto: Edições Afrontamento.

\_\_\_\_\_. (2013). *Novas paisagens religiosas em Portugal: do centro às margens*. Didaskalia, XLIII, I.2. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 81-114.

\_\_\_\_\_. (2017). *A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação*. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número Temático – Processos sociais e questões sociológicas, pp.12-27. DOI: 10.21747/08723419/soctem2017a1.

VILAÇA, Helena; OSÓRIO, Maria. (2019). *Jovens urbanos e evangélicos: um estudo de caso em duas igrejas na cidade do Porto*. REVER. São Paulo, v.19. nº 3, set/dez.

ZWEIG, F. (1948). *Labour, life and poverty*. Londres: Gollancz.

WARREN, Kay. (2017). *Who pastors the pastor? Even ministers suffer from suicidal thoughts*. The Washington Post. 17/04/2017.

WEBER, Max. (1991). *Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia compreensiva*. Brasília, UnB.

\_\_\_\_\_. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (2005). *Três Tipos de Poder e outros Escritos*. Lisboa: Tribuna da História Edição de Livros e Revistas Lda.

\_\_\_\_\_. (2006). *Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

WELLMAN, Barry (1991). *Structural Analysis: from Method and Metaphor to Theory and Substance*, in Barry Wellman; S. D. Berkowitz (eds.), *Social Structures. A Network Approach*, Cambridge: Cambridge University Press.

WELLMAN, Barry; BERKOWITZ, S. D. (eds.). (1991). *Social Structures. A network approach*. Cambridge, Cambridge University Press.

WILLAIME, Jean-Paul. (1986). *Profession Pasteurs. Sociologie de la condition du clerc a fin du XX siecle*. Geneve, Labor & Fides.

\_\_\_\_\_. (1992). La précarité protestante – Sociologie du protestantisme contemporain, Geneve, Labor & Fides.

## SÍTIOS ELETRÔNICOS VISITADOS

Notícias On-line: <https://gustavonegreiros.com.br/2020/10/13/morre-advogado-e-pastor-wesley-roberto-de-carvalho> (Acesso em 21/10/2020).

MENTORIAL PASTORAL, <https://www.mentoriapastoral.com.br/> (acesso em 25/09/2020)

SEPAL - Servindo Líderes e Pastores. <https://sepal.org.br/> (acesso em 25/09/2020)

PASTORES JUNTOS, <http://www.pastoresjuntos.com/#/> (acesso em 25/09/2020)

PROJETO MENTORIA 360°, projeto de mentoria para pastores criado pelo Pastor Erik Mendonça. <https://instagram.com/erikmendoncaoficial?igshid=1he95bdfpa9d4> (acesso em 25/09/2020).

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> (acesso em 30/03/2020).

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO, <https://jurisprudencia.tst.jus.br/> (acesso em 24/05/2020)

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> Acesso em 23/10/2020, e <http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/caged-3/perguntas-frequentes/previdencia/> Acesso em 22/10/2020.

NOTÍCIAS ON-LINE, em <https://eco.sapo.pt/opiniao/a-infopandemia/> (acesso em 02/10/2020).

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA – CBB: [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=22](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22) (Acesso em 15/10/2020).

## **APÊNDICE A – GUIÃO DE ENTREVISTA**

O objetivo dessa investigação passa por perceber a comunidade eclesial de denominação batista, bem como a relação do pastor com a comunidade, seu percurso até sua chegada, passando por conhecer sua trajetória tanto acadêmica quanto ministerial, os desafios e dificuldades enfrentados na sua administração. A partir daí, perceber os possíveis constrangimentos que podem existir entre a vocação e função pastoral nos modelos de organização contemporâneo de algumas igrejas evangélicas

Neste sentido, é importante para a investigação recolher a visão dos pastores considerando dois contextos distintos de modelo de organização eclesial, uma comunidade com modelo tradicional e outra no modelo empresarial.

Os principais tópicos a serem abordados nas entrevistas serão as condições perante o trabalho, o retrato da vida acadêmica, trajetória da vida religiosa, as motivações, os desafios e dificuldades enfrentados, os aspectos psicológicos bem como os mecanismos de suporte e cuidado que estão disponíveis a eles.

### **Percurso**

- Família de origem
- Papel no seio familiar
- Retrato da vida acadêmica
  - Formação acadêmica principal. Fez seminário?
  - Percurso até chegar ao seminário
  - Alguém influenciou na decisão
  - Sente necessidade de ter mais formação acadêmica além das que já possui?
- Trajetória da vida religiosa
  - Ascendência/Descendência religiosa
  - Vida pastoral: vocação ou profissão? Qual a diferença?

### **As motivações**

- Vocação/Dom, chamado ou desejo?
- Fatores econômicos
- Razões familiares

- Por que escolheu uma igreja? Poderia ter escolhido carreira docente, por exemplo.

## **As condições perante o trabalho**

### **A comunidade**

- Tempo que pastoreia a comunidade
- Reação da assembleia e/ou membros com a sua chegada
- Presença no espaço público / formas de atuação e de influência
- Relação da comunidade com as instituições oficiais (associação de bairro, prefeitura, governo, ordem dos pastores, profissionais da saúde)
- Relações com outras comunidades (redes de parcerias)
- Papel dos voluntários. Quantos, em termos percentuais, efetivamente participam
- Imagem que a comunidade projeta de si mesma
  - Meios de difusão (boletim, jornais, rádio, TV, páginas internet, assessor de imprensa)
  - Estratégias de comunicação

### **Relação com a comunidade**

- Data de entrada
- Qual foi sua função inicial
- Motivação para a entrada
- Progressão no seio da comunidade
- Principais mudanças, desafios e obstáculos que a comunidade enfrenta hoje
- Origem e sentido dessas mudanças, desafios e obstáculos (societais, na natureza dos membros, questões internas, etc)
- Evolução e alterações nas respostas da comunidade aos desafios, mudanças e obstáculos
- Momentos mais marcantes positivos ou negativos da comunidade
- Mudanças sociais percebidas que tiveram lugar na instituição desde a inauguração/sua chegada.

### **Os desafios e dificuldades a enfrentar**

- Principais problemas que enfrenta/enfrentou no pastoreio

- Em algum momento sofreu estigmatização ou reação violenta/discriminatória por parte de alguém por causa da atividade que mantém
- Família e amigos apoiam sua atividade (se sim, qual a opinião. Se não, qual a razão de não apoiarem)
- Como a família lida com as pressões exercidas sobre elas própria, por ser família de pastor
- Como se concilia uma vida profissional com a vida pessoal/ familiar e da vida religiosa
- Áreas do pastorado que se considera mais competente.
- Áreas do pastorado que se considera menos competente

### **Os aspectos psicológicos**

- Como lida com a sua própria realidade (social, comunidade, com a modernidade)
- Como se sente e o que pensa de si próprio por ser pastor
- Sente-se subvalorizado pela comunidade e/ou por sua liderança
- Sente-se sobrecarregado de responsabilidades na função pastoral
- Como concilia fé e cultura (modernidade, pós modernidade)
- Como concilia o sagrado do profano (se é que tem essa distinção)
- Tem conhecimento dos mecanismos de suporte e cuidado que a Igreja, Convenção oferece.

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Instituição: \_\_\_\_\_

### Caracterização

➤ Idade: \_\_\_\_\_

➤ Sexo: \_\_\_\_\_

➤ Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

### Caracterização da família (se tem família alargada próxima ou não)

#### ➤ Estado Civil:

( ) Solteiro      ( ) Casado      ( ) Divorciado      ( ) Casado 2ª vez

( ) Viúvo      ( ) Separado      ( ) União de fato

#### ➤ Tem filhos(as):

( ) Não      ( ) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_

Se respondeu SIM à questão anterior, informar se estão em idade escolar e dependem financeiramente dos responsáveis. \_\_\_\_\_

➤ Qual a escolaridade do cônjuge? \_\_\_\_\_

➤ Sua esposa tem emprego? ( ) Sim ; ( ) Não

Se respondeu SIM à questão anterior, informar qual a atividade profissional do cônjuge:

\_\_\_\_\_

➤ Possui residência própria? ( ) Sim ; ( ) Não

➤ Possui veículo próprio? ( ) Sim ; ( ) Não

➤ Descreva a composição do agregado(s) familiar.

Ex.: Marido, esposa, filhos, pais.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - ANÁLISE DE PERFIL – PR1

### 1. Dados Sócio-demográficos

**Idade:** 45 anos

**Gênero:** Masculino

**Grau de Literacia:** Mestrado

**Caracterização da Família:** casado; 1 filha (24 anos, formada em Biologia e atualmente estudante de mestrado nos EUA)

**Escolaridade do cônjuge:** Analista de Sistemas; pós-graduada; atualmente desempregada

**Composição do agregado familiar:** marido, esposa e filha

**Não possuem residência própria**

**Possui veículo próprio**

### 2. Biografia Pessoal

Nascido em lar evangélico, seus pais eram membros da Igreja Batista. Graduado em Meteorologia pela UFRJ, foi bolsista da universidade e chegou a ganhar prêmio na sua área. Enquanto estudava Teologia no Seminário Batista, no Rio de Janeiro, foi aprovado em concurso público para o Ministério da Fazenda, em Brasília. Lá em Brasília, concluiu seus estudos pela Faculdade Teológica Batista e trabalhou no serviço público como meteorologista por determinado período. Seguiu no mestrado, na área de teologia prática, na mesma faculdade. Chegou a iniciar o curso de Biblioteconomia mas não concluiu a formação. Seus pais apoiavam a vida profissional no serviço público, mas respeitaram sua decisão pela vida ministerial.

A influência para o ministério surgiu a partir da amizade que cultivava com um pastor. Numa visita que ambos fizeram a um enfermo no hospital, o PR1 viu-se confrontado, em seu íntimo, a cerca de “para quem estava dedicando a sua vida”. Foi quando decidiu pedir demissão do serviço público para assumir o ministério de tempo integral. Tinha consciência de que seu chamado “era para trabalhar tempo integral”. Reconhece que, devido à sua formação acadêmica, poderia escolher a carreira docente. Porém, tinha certeza do chamado ao ministério pastoral. Viveu em Brasília por 20 anos. Trabalhou como líder de juventude; pastor auxiliar por 9 anos; depois pastor titular por 5 anos; e pastor adjunto de uma grande igreja, até que recebeu o convite para ser pastor da igreja atual. Ele e a esposa sentiram no coração que era a vontade de Deus e então aceitaram o desafio. Assumiu a atual igreja em novembro de 2014. Na época, a igreja contava com aproximadamente 600 membros. Já são quase cinco anos que pastoreia a comunidade.

O PR1 apresenta perfil dinâmico, proativo, enérgico, que é percebido na própria dinâmica da entrevista (tons de voz; empolgação; gestos e até a velocidade da fala). Mas faz questão de dizer que tem perfil “um pouco mais conservador”. Desde pequeno tem hábitos de leitura, chega a ler, em média 2 livros por semana. Pratica esportes de alta intensidade (apesar de, na época da entrevista, informar que já tinham 2 meses que estava em falta com a atividade). Possui dois cachorros, e os considera seus “terapeutas”.

Considera o ministério pastoral como vocação. Entende que profissão é aquilo que se faz para ganhar dinheiro e se sustentar; tem carga horária de trabalho estabelecido; e

normalmente é tido como forma de realização pessoal. Já o ministério pastoral não pode ser visto dessa forma. Não pode ser visto como uma forma de ganhar dinheiro. Tem também a questão da carga horária de trabalho, algo que na atividade do pastor não tem. “Eu também não tenho horário de trabalho... ministério não tem horário de trabalho. É chamado por Deus. E aí, se não for chamado... não aguenta. É muito simples: se não for chamado, não aguenta”. Reconhece que são tantos os desafios e os problemas que precisam enfrentar na atividade pastoral que não há dinheiro que recompense todo o empenho, dedicação e renúncias que são feitas ao longo da jornada. “Você tem que estar ligado com Deus. É chamado. É vocação. Não pode ser profissão. Se for profissão não vai dar certo!”.

### **3. A instituição**

É uma igreja antiga na cidade de Goiânia, já com mais de 70 anos de existência. Localizada na região central da cidade, possui um templo principal, com estrutura clássica, e espaço interno amplo e reformado. Possuem construções mais recentes na parte exterior do terreno, onde abrigam as salas de aula para a Escola Bíblica; sala de estudos; sala de oração; refeitório; sala de multimídia; biblioteca; espaço para reuniões de grupos de estudos e de apoio escolar; sala adaptada para trabalho com artistas; sala para o ministério de surdos/cegos (atualmente atendem cerca de 100 surdos, e é considerado, segundo o próprio entrevistado, um dos maiores ministérios de surdo/cegos do Brasil); além de outros espaços que ainda estavam em processo de reformulação para atender às várias demandas da comunidade. Promove trabalhos com crianças; jovens, idosos; além formação e capacitação de lideranças, não só pastorais, mas também para os ministérios que compõem a igreja. Esteve sem uma liderança pastoral por 1 ano. Durante esse período, enfrentou crise na sua identidade, na espiritualidade dos membros e forte impacto na própria estrutura ministerial. Enfrentou desafios financeiros, como reflexo da crise financeira que o Brasil enfrentou no ano de 2019. Essa situação de crise externa não levou a igreja ao decréscimo, porém esta “não cresceu como cresceria em outros tempos”.

Dos desafios que a igreja enfrentou desde a sua inauguração até os tempos atuais, estes perpassam pela perda de reconhecimento social e crescimento numérico. Desde a chegada do PR1, a igreja passou por processo de reconstrução da identidade, da espiritualidade, treinamento e capacitação dos líderes que permaneceram e desenvolvimento de novos líderes. Também passou por pequenas mudanças estruturais que “foram importantes nesse contexto de reconstrução [de identidade]”. Musicalmente é considerada uma igreja muito rica. Apresenta planejamento financeiro e orçamentário bem estabelecido (mensal e anual). Conta atualmente com 1133 membros e mais 140 congregados.

De acordo com o orçamento anual, as prioridades são assim definidas: desenvolvimento espiritual da igreja (+Bíblia +Oração +Adoração); cuidado emocional da igreja (prevenção de crises) e salvação de vidas (evangelismo e batismos). Já as prioridades patrimoniais são: segurança das instalações (portas de emergência, etc.) e reforma da Galeria (referindo ao templo principal, nos itens carpete, corrimão e cadeiras). Tem estabelecido como objetivo que cada membro da igreja participe de um programa de formação e serviço. A relação com outras instituições, políticos e com associações é descrita como “sempre de respeito”. Como “Batista, dá total separação entre a igreja e o Estado”. “Não permite que políticos assumam o púlpito ou falem qualquer coisa”. Em épocas de eleição, a comunidade é

informada sobre a proibição de políticos e de propaganda. Não há a prática de chamar os candidatos à frente para oração. O máximo que acontece é, caso o candidato deseje, receber uma oração do pastor no gabinete pastoral, não mais que isso. Sua relação com a Convenção Batista Goiana e a Convenção Batista Brasileira é no sentido de cooperação, “nunca de dependência ou interdependência”.

Em se tratando da forma com a comunidade projeta a si mesmo, na difusão e divulgação, possui Boletim informativo impresso (semanal), e usa o espaço da internet para transmissão de cultos. A divulgação de atividades extras acontece de forma eventual nas mídias (como quando ocorreu a transmissão num canal de televisão, a celebração do aniversário da igreja. Nesse dia, estava presente o prefeito da cidade). Não possui programa de rádio e nem de televisão. Segundo o entrevistado, parte por causa do custo e parte também por causa do público e uma questão mercadológica, que a mesma avalia. Ou seja, não considera o perfil da igreja como uma “igreja de massas”. Está em desenvolvimento a criação de uma rádio web; provavelmente uma TV web, além de uma central de *Podcast*, que deverão estar disponíveis até final do ano em questão.

#### **4. Relação Pastor e Comunidade**

O PR1 recebeu o convite para pastorear a comunidade quando ainda estava em Brasília, em 2014. Como já referido, a igreja estava há um ano sem pastor titular. Sua visibilidade pública estava afetada desde então e a autoestima dos membros refletia esse espírito. Em novembro de 2014, mudou com sua família para Goiânia e assumiu a congregação como pastor titular.

Considera que a receptividade e a acolhida da comunidade “foi muito boa”, até porque havia uma expectativa alta, “em todos os sentidos” com a chegada da nova liderança. Por sua formação teológica e por ter um perfil mais conservador, e ver que a igreja também compartilha do mesmo estilo, acredita que isso facilitou no processo de aceitação e de adaptação. “Se eu fosse aquele pastor... pra frente, todo moderninho, num sei o que e tal, tal, tal... talvez houvesse choque de realidade, mas não aconteceu. A gente se adaptou muito bem. Nós e a igreja”. Essa facilidade na adaptação da nova liderança com a comunidade e vice-versa, contribuiu, segundo o entrevistado, para que ambos crescessem juntos nesse tempo, e o que precisava ser feito logo de imediato aconteceu de forma tranquila, segundo relatou na entrevista. Atualmente, acredita que a igreja está bem. Que tudo está muito bom! Mas considera este o grande desafio: que está bom. “Mas não pode só ficar bom. É preciso avançar mais, e melhor”.

Especificamente sobre desafios e dificuldades como líder, como pastor, os principais problemas que reconhece enfrentar no pastoreio são: o pecado, pois acredita que o pecado desestabiliza a família, desestabiliza a pessoa; e questão da cultura, porque acredita que a cultura não deve sobrepor ao Evangelho. “Há coisas que nunca mudam: são os nossos princípios, os nossos fundamentos, nossa crença. A Bíblia é a palavra de Deus, Jesus Cristo é o nosso salvador (...) esse núcleo duro não muda. Todas as outras coisas mudam. E a gente precisa discernir o que que pode mudar e o que que não pode mudar”. Para ele, grande desafio dos tempos atuais é justamente encontrar um ponto de equilíbrio entre o fundamentalismo e conservadorismo extremista e o liberalismo absolutista. A liderança considera de extrema importância valorizar a história da igreja, conhecê-la, aprender com ela, mas procurar seguir em processo de constante crescimento. Por seu perfil

conservador, a igreja não deve abandonar sua história, mas seguir respeitando-a e trabalhando o futuro a partir daí. O desejo de encontrar o equilíbrio entre o passado e o futuro baseia-se no desejo de atender aos vários perfis de membros, que vai das crianças, jovens, adultos até aos idosos.

Desafios de ordem administrativa, geral, relacional, são considerados pelo entrevistado como “parte” dos desafios do ministério. “Faz parte de qualquer trabalho na prática, e do ministério ainda mais”. Afirma que nunca sentiu alguma estigmatização e resistência por parte da comunidade nem de nenhum grupo específico, mesmo quando precisou abrir e reconstruir ministérios que estavam fechados ou abrir novos para atender a demanda. Como as mudanças que precisavam ser efetivamente implementadas aconteceram de forma abrandada, não percebeu nenhuma situação como a que foi levantada pelo entrevistador.

Em relação à família, como esta lida com as pressões e possíveis cobranças, o entrevistado afirma que elas, esposa e filha, não sentiram essa pressão. Diz que sua filha foi uma adolescente normal, uma criança normal, fez sua formação acadêmica e atualmente faz mestrado numa universidade batista no exterior e que é e sempre foi ativa na igreja. Do ponto de vista da esposa, afirma que ambos compartilham o ministério, e que ela o acompanha em tudo. Ela diz que não é pastora, e sim esposa de pastor e que seu chamado é para ser esposa de pastor e não pastora. Essa questão é interessante pois o próprio entrevistado, antes de referir-se ao ministério da esposa, afirma que “na nossa igreja a gente não aceita pastora... a gente aceita ministras (...), mas pastora não”. Como casal, tomam os devidos cuidados que já são deles próprios, quanto às roupas que usam em determinados lugares, posturas em determinadas situações, deixando subentendido que o casal possui uma espécie de “código de conduta” particular. Desta feita, considera que não sentiram essa pressão e afirma que nas gerações passadas isso de facto acontecia. “Nas gerações passadas isso era assim ‘filho de pastor tinha que ser pastorzinho’” e “esposa de pastor era aquele modelo da mulher e tal, tal” diz em tom de ironia.

Relativamente às suas competências no pastoreio, quando se levantou a questão das áreas que se considera mais competentes, destacou “pregação, treinamento de líderes e oração” porque são seu “tripé”. Quanto aos pontos fracos, diz ser o aconselhamento. Alega que não acredita no aconselhamento como é feito, como se fosse uma substituição do psicólogo. “Muitas pessoas buscam aconselhamento pastoral como um psicólogo barato, que ele não vai pagar e... vai ter... fazer terapia. Eu não faço terapia. (...) Porquê? Porque eu não tenho a formação de psicólogo (...) eu tenho a formação espiritual, e posso ter discernimento dessas situações e assim dar conselhos bíblicos”. Sua estratégia para que situações como essa não aconteçam é não realizar mais do que 3 encontros no gabinete pastoral com uma mesma pessoa. Se perceber que o indivíduo precisa de acompanhamento, assim o faz. Diz ter uma lista de profissionais que conhece e outros que são membros da igreja para poder indicar caso alguém venha a precisar.

## **5. Aspectos Psicológicos**

Ao ser interpelado sobre como lida com a própria realidade, em termos de comunidade, na própria sociedade e como ele mesmo se vê como pastor (se é valorizado ou não; se se considera subvalorizado pela comunidade ou mesmo pela sociedade de um modo geral), faz a seguinte afirmação: “tem dois lados aí: um é que tem o estereótipo do pastor

neopentecostal da televisão que é o idiota que pede dinheiro! É.. aí quando as pessoas falam que é pastor eles associam a esse estereótipo”. Por outro lado, diz que as pessoas hoje em dia já conhecem bem esse tipo de perfil. Uma forma de mitigar essa situação, para ele, é trabalhar de forma a mostrar à sociedade que “há vida inteligente na igreja”. Destaca, também, que “tem uma diferença do pastor batista.. e.. desse estereótipo”, dos pastores neopentecostais ao qual faz referência. Afirma ter uma vida normal, faz compras, faz esportes, é conhecido no seu prédio como pastor e sente-se respeitado por todos com quem convive.

Quanto aos mecanismos de apoio e suporte em tempos difíceis, afirma que tem os seus “próprios mecanismos de apoio emocional e tudo o mais”. Entende que o ministério pastoral é difícil, que “é muito difícil” e chama de “profissão total”. “Eu num chega seis horas e deixo de ser pastor. Eu sou pastor 24 horas. São as profissões totais (...) o pastor é assim. Então eu não tenho necessariamente uma hora”. Também reconhece que tem muita pressão psicológica, tem questões emocionais envolvidas, mas que são parte dos desafios do ministério mesmo. “Claro que tem um peso emocional muito forte. Mu-i-to forte! Agora, a gente tem que aprender a lidar com isso”. Por outro lado, acredita que há uma diferença relativamente à questão espiritual, porque é carregada de uma carga emocional, mas que o pastor “tem que aprender a descontar de uma outra forma, que aí a gente tem que aprender”. Então faz referência aos seus dois animais de estimação, dois cachorros, que são como terapia para ele. Também faz da prática de esportes um apoio para ajudar nesse processo. Fala que tem um perfil de trabalho que é muito pessoal, mas que é favorável ao contexto do ministério. Porque gosta de trabalhar e se considera feliz por fazer o que faz. Em momentos de desafios pessoais, costuma recorrer aos amigos, como um grupo de colegiados, onde conversam e se abrem uns aos outros. São estes também pastores. Não faz terapia, nem recorre a grupos de apoio porque tem certas resistências e críticas acerca disso.

Relativamente a situações que podem desencadear um processo de desânimo e infelicidade na prática do pastoreio, faz menção a um tipo de perfil de pastor que é “cheio de mimimi” e que só gosta de “trabalhar 8 horas por dia”. Esse é, para ele, o tipo de pessoa que não deveria escolher o pastorado. “Acho que a gente tem que mudar é o funil de entrada”. Porque existem pastores que não estão felizes e não se vêem realizados na vida ministerial. Por outro lado, quando questionado sobre o que conduz uma pessoa a essa situação de infelicidade, destaca alguns aspectos: condição social, condição familiar, condição do trabalho em si. E conhecer o perfil do pastor é importante para que ele se ajuste à realidade da comunidade e do contexto onde esta se encontra inserida. Acredita que o líder precisa estar sempre evoluindo, e tem que “se manter crescendo”, porque é bíblico e também porque é uma forma de acompanhar as mudanças que são parte da evolução da sociedade contemporânea. “Por isso o pastor ele precisa crescer muito. Crescer muito, e desenvolver. Se ele pára de crescer... a igreja pára com ele. E aí vira problema. Porque o mundo continua mudando”.

Como conciliar fé e cultura? Como os pastores de igrejas tradicionais conseguirão sobreviver à modernidade? Dentro dessas questões, o PR1 acredita que sempre haverá público para o perfil mais tradicional. Por outro lado, reconhece que tais mudanças não podem ser ignoradas, nem mesmo por um pastor com perfil mais tradicional. O grande desafio, assim acredita, está em entender o processo de modernidade com base no

Evangelho, com base na compreensão da Bíblia e na conceituação de Deus, para assim, não seguir tendências que são contrárias à doutrina.

Outra questão levantada pelo PR1 é aquele pastor com perfil “ditatorial”. Para ele, esse já não encontrará mais espaço e nem público. “Hoje, o pastor, ele é líder... mas ele não pode ser ditador. E ele tem que trabalhar ouvindo conselhos, e se aconselhando e trabalhando... e essa é uma diferença marcante desse nosso tempo”. Reconhece que antigamente a palavra do pastor era definitiva, era lei e era respeitada, e o pastor era o guardião da doutrina e das sagradas escrituras. “Se eu tinha uma dúvida de Bíblia, eu perguntava pro pastor. Era que tinha a resposta era o pastor”. Hoje não mais. “Hoje, se eu tenho uma dúvida de Bíblia eu pergunto pro Google”.

Como conciliar fé e cultura, sagrado e profano, afirma que há coisas que nunca mudam. Não se considera existencialista, porque acredita numa vida futura. E acredita que se deve viver uma vida de santidade, procurando cada dia ser uma pessoa melhor, um crente melhor. Que são coisas que não devem mudar só porque as outras coisas mudaram. Reconhece que o Brasil está vivendo uma grande crise: crise profissional, crise financeira, crise ética e institucional. “A gente não confia nas instituições, a gente não confia no governo, não confia em nada”. Por outro lado, vê exatamente essa situação de crise como uma grande oportunidade para a igreja crescer e levar respostas à sociedade, promover um sentido de vida para as pessoas. “Então a igreja tem a resposta: se ela for dada de forma inteligente, bíblica e coerente”. É fazer com que a Bíblia tenha sentido para as pessoas. Levar as pessoas a entenderem este mundo à luz da Bíblia, para então compreender a pós-modernidade.

## APÊNDICE D – ANÁLISE DE PERFIL – PR2

### 1. Dados Sócio-demográficos

**Idade:** 47 anos

**Gênero:** Masculino

**Grau de Literacia:** Pós-Graduação

**Caracterização da Família:** casado; 2 filhas (10 e 12 anos)

**Escolaridade do cônjuge:** Enfermeira; pós-graduada; trabalha na rede municipal de saúde

**Composição do agregado familiar:** marido, esposa e filhas

**Possui residência própria**

**Possui veículo próprio**

### 2. Biografia Pessoal

Nascido em lar cristão, tanto o pai como a mãe eram crentes e membros da Igreja Batista. Converteu-se ao cristianismo protestante com 9 anos de idade e seu batismo aconteceu aos 10 anos. Aos 11 anos, seu pai faleceu num acidente de carro. A partir de então, precisou dedicar sua vida aos estudos e o trabalho para ajudar nas despesas da casa. Sempre foi muito envolvido nas atividades da igreja, inclusive nas de voluntariado, e não demorou muito para assumir cargos de lideranças dentro da denominação. Diz que a igreja batista é uma igreja que sempre estimula a participação no voluntariado e na liderança da comunidade, com possibilidades de assumir cargos, de crescer e desenvolver-se.

Quando adolescente, participou de uma organização chamada “Embaixadores do Rei”, depois de outra organização que trabalhava com adolescentes, que também chegou a presidir. Reconhece que sua preparação para a liderança iniciou quando esteve envolvido com essas organizações, e que foi ali, através dos treinamentos, que pôde aprender a compartilhar seu testemunho e a realizar ministrações. Durante a juventude, participou de dois congressos missionários. Viveu uma experiência interessante numa biblioteca flutuante, um navio que tinha uma biblioteca com “mais de cem mil volumes de livros, e dentro desses, dessa biblioteca (...) são mais de trezentas pessoas de todas as nacionalidades, e todos eles professam a fé cristã”. Esteve envolvido nesse impacto, em Rio Grande, Porto Alegre, por 30 dias. “Ali se deu realmente, assim... a confirmação do meu chamado”. Nessa época já trabalhava e cursava Gestão na faculdade.

Ao retornar às atividades acadêmicas e laborais, com 18 anos de idade, novamente esteve envolvido em congressos missionários. Foi através de um missionário que recebeu o convite para participar de um treinamento na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Aproveitou o período de férias para viver essa experiência. “Quando voltei de lá eu percebi que já não tinha mais sentido eu querer fazer um curso universitário”. Foi nesse treinamento que conheceu o teólogo Russell Shedd e, durante 15 dias que passou na companhia do professor e biblista, sentiu-se profundamente impactado com seu conhecimento da palavra de Deus. Ao retornar desse treinamento, decidiu trancar seu curso na faculdade; organizou as questões que precisavam organizar e depois seguiu para São Paulo para iniciar o seminário. Estudou na Faculdade Teológica de Perdizes, no interior de São Paulo, “por causa do professor Russell Shedd. Conheci ele nessa jornada; e tudo o que o Russell Shedd ia dar aula, eu estava lá. Era aluno ouvinte”. Durante o seminário,

participou de programas de estágios em igrejas da denominação batista; trabalhou na Junta de Mocidade Batista, em Campinas/SP, e em congressos de jovens. Afirma que os movimentos foram essenciais na confirmação do seu chamado ao pastoreio.

Após sete anos, concluiu o seminário, já com 25 anos. Foi consagrado ao ministério pastoral aos 26 anos, e teve a oportunidade de fazer parte da equipe pastoral de uma grande igreja da denominação, como pastor de jovens, por um ano. Nesse processo, teve oportunidade de conhecer o pastor Ed René Kivitz, que também tinha sido seu professor, e teve oportunidade de participar de várias das reuniões semanais que este promovia na sua igreja a outros pastores e líderes. Foi então que decidiu desligar-se da igreja que pastoreava e retornar para sua cidade, Goiânia. Mesmo recebendo influências de professores ao longo da sua jornada no seminário, reconhece que poderia ter escolhido o ambiente acadêmico como plano de vida. Até chegou a ministrar algumas aulas, mas afirma que na sua região de atuação, não seria possível ser um acadêmico e se sustentar financeiramente só com isso.

Ao chegar em Goiânia, fez uma pesquisa rápida pela região onde morava com sua mãe, e percebeu que grande parte as igrejas das redondezas tinham um perfil “muito antigo, muito burocrático, muito pesado, muito difícil”, e não tinha nenhuma que fosse da mesma denominação a que pertencia em São Paulo. Foi quando surgiu a ideia de desenvolver um trabalho de evangelismo. Juntamente com sua mãe, iniciaram uma reunião de oração na sua casa. Essa reunião de oração cresceu e, em dois meses, já contabilizavam cerca de 20 pessoas. O projeto de formar uma comunidade surgiu exatamente nessa época. Ou seja, dois anos após sua consagração ao ministério, o PR2 dava início ao processo de plantação de uma comunidade. Ao procurar um lugar para se estabelecerem, recebeu a concessão de um espaço numa escola pública para as reuniões, que aconteciam sempre aos domingos à tarde. A partir daí, deram início à organização da igreja e à confecção do estatuto social. Tinham, naquela época, cerca de 50 pessoas, que se reuniam regularmente e que passaram a integrar a comunidade.

O PR2 apresenta um perfil retraído, uma fala mais pausada, porém firme e consistente. Se considera tímido e não muito carismático. “Eu sou capaz de entrar num lugar mudo e sair calado. Eu sou capaz disso”. Afirma ser uma pessoa muito “certinha com as coisas” e procura manter disciplina e ritmo em sua rotina. É bastante articulado nas relações interpessoais, tendo apreço ao contato físico com as pessoas. Essa é uma característica que se percebe nos relatos que faz durante a entrevista. E é uma característica que se procurou transferir como referencial de identidade para a comunidade. Considera o ministério pastoral como vocação. E afirma isso com muita convicção na entrevista. “Quem quiser encarar isso como profissão... tá fadado a um fracasso muito grande”. Reconhece que é exatamente essa convicção que mostra a verdadeira relação que a pessoa tem com Deus. Isso retrata o “quanto que você aprendeu a amar a Deus, e o quanto que você compreende do amor de Deus na sua vida”. E, com base nessa afirmação, declara que é exatamente por isso que todos podem ser vocacionados. “Só depende de você compreender o tamanho do amor de Deus”.

### **3. A instituição**

Iniciou como uma reunião de oração na casa do PR2 e de sua mãe, em junho de 1999. Começou com uma família. Depois outras pessoas foram chegando, até que já somavam

20 pessoas, que se reuniam semanalmente para estudarem a Bíblia e compartilharem dos desafios cada um enfrentavam. Passaram a se reunir numa escola pública da região e, quando já contavam com aproximadamente 50 pessoas, deram início à organização formal da comunidade; na elaboração do estatuto social; definição da filosofia da igreja e da forma como ela seria gerida. A igreja foi formada com 54 membros fundadores, em abril de 2001.

Dentro das diretrizes que foram definidas, ficou estabelecido que a igreja buscava a evangelização por meio de relacionamentos, e que é através desses relacionamentos que as pessoas seriam levadas a terem um relacionamento com Deus. A filosofia da igreja ficou assim estabelecida “Pessoas precisam de Deus, e pessoas precisam de pessoas”. A partir dessa filosofia definiu-se a logo, que é o desenho de duas mãos, no sentido de mostrar que “são pessoas”, por isso o nome “Comunidade”, porque queriam ser uma igreja relacional.

A instituição é gerida por uma diretoria; tem um conselho ministerial; conselho fiscal, e regida por uma assembleia. Sua estrutura organizacional é composta pelo pastor presidente, dois vice-presidentes; uma primeira e uma segunda secretária; um primeiro e um segundo tesoureiro. Normalmente as igrejas batistas tradicionais realizam assembleias mensais. Neste caso específico, são duas assembleias anuais, uma no primeiro semestre e outra no segundo semestre, onde se apresentam os relatórios financeiros, e quando são deliberadas a agenda, o orçamento, os desafios da igreja, pelo período de um ano. A diretoria é constituída e eleita a cada dois anos. Só o tesoureiro que é o mesmo desde a fundação.

Esteve localizada em pelo menos quatro lugares diferentes até estabelecer-se em sede própria, construída através de recursos financeiros da própria comunidade. O terreno foi doado por um membro da comunidade. Levaram cinco anos para a aprovação do projeto e mais dois anos para a construção. Conta atualmente com cerca de 280 membros. Segundo relatou o PR2, já chegaram a ter 350 membros. “Mas infelizmente é... acontece essas situações... de pessoas que entram e querem uma outra visão, querem uma outra forma... e, ...a gente já tem um modelo, uma forma de gerir, de trabalhar e de ser igreja né...”.

A igreja é descrita como extremamente engajada socialmente. Trabalham com vários projetos sociais, com capacidade para atender cerca de 1500 famílias por ano; apoiam outras comunidades através da mentoria de pastores da região. Não tem a visão de plantação de igreja. Está ligada à Convenção Batista Goiana; à Convenção Batista Brasileira, e à Aliança Batista Mundial. Tem um viés muito missionário, para além do trabalho que já é feito com outras comunidades com treinamento, capacitação e reformas estruturais.

#### **4. Relação Pastor e Comunidade**

“Ela começou na sala de estar da minha mãe; depois foi para a Escola Sílvia Bueno; teve uma sede na T-63, foi alugada (...); foi pra S-1 (...) e veio pra cá, que é a quinta sede... sabe-se Deus até onde isso vai...”. A igreja se sustenta através dos dízimos e ofertas.

É uma igreja muito engajada e envolvida no ambiente político. Tudo começou quando o PR2, em 2010, ao tomar conhecimento de um episódio envolvendo líderes de uma comunidade em Brasília agradecendo uma oferta de um dinheiro de corrupção, sentiu-se profundamente agredido com aquela situação. Foi quando decidiu convidar a igreja a um tempo de oração contra a corrupção no Brasil. Pouco tempo depois, surgiu uma operação

promovida pelo Ministério Público para investigar e combater a corrupção. Nessa época, o PR2 providenciou uma visita à comunidade do então relator dessa operação, juntamente com sua equipe. “Quando eles vieram (...) eles falaram que foi a primeira igreja em Goiânia que ... é... deu total apoio à Operação Lava Jato. Eu era o único pastor evangélico reunido nessa reunião”. Toda a igreja esteve mobilizada para conseguir assinaturas para essa operação. Ao todo, a igreja conseguiu coletar duas mil assinaturas, e os membros da diretoria foram em Brasília levar o documento com as assinaturas.

Desde esse episódio, sua relação com as esferas do poder em Brasília tornaram-se mais estreitas e frequentes. Através da sua influência, foi instituído o “Dia da Família Cristã Goianiense”. Atualmente, tem parceira com um professor e também deputado federal, e juntos promovem, há sete anos, um casamento comunitário numa universidade. Também participa de todas as festividades e solenidades da instituição.

Há na comunidade, membros que estão ligados diretamente nas esferas da política brasileira. “Na época da eleição eu apresento esses irmãos. Se tiver outro candidato... que esteja ligado, assim, com a igreja, não que apareça de última hora (...), uma proximidade, né. Então... é.. esse é o nosso papel hoje, no sentido de que, nós temos uma atuação vibrante dentro desse processo”.

Em 2010, através da oferta de dois empresários que compraram um espaço de televisão, deram início às transmissões num canal de televisão, de ministrações: no canal “Promessas”, no canal “Fonte TV” e na “BAND”. Afirma que muitas pessoas tem chegado hoje na igreja através dessas mensagens teletransmitidas.

A igreja também possui um canal no YouTube, uma página no *FaceBook*, *Instagram*, no Google. Usa de boletins impressos semanalmente com a programação das atividades que irão decorrer ao longo da semana. “A igreja tem as redes sociais ativas e realmente, assim, pra abençoar vidas né. Pra colocar à disposição das pessoas a palavra de Deus”.

A comunidade estabeleceu três pilares, relativamente à sua filosofia: ser uma igreja fiel à palavra de Deus; ser uma igreja que lute pela preservação e pela interpretação coerente da Bíblia, com uma visão ortodoxa e bíblica; e ser uma igreja que zele e lute pela família cristã, pela família no modelo bíblico. Por ser considerada uma igreja relacional, tem como princípio basilar do ministério o relacionamento.

Dentro dos desafios que são reconhecidos pela liderança relativamente à comunidade, desde a sua fundação, destacou-se a frustrada tentativa de reuniões de grupos pequenos, de células para promover comunhão e crescimento. Segundo relatou, “a igreja sofreu muito nesse tipo de modelo”. Há cerca de 4 anos, decidiram que a igreja se moveria pelos ministérios, e todo o acompanhamento dos membros seria através do pastor aos líderes de ministérios, e os líderes de ministérios acompanhando os integrantes dos ministérios. A conclusão, desde que essa decisão foi tomada, é que isso fez com que a igreja tivesse mais solidez. “O fundamental é a liderança (...) é uma conversa franca com a liderança, aberta, sincera né”. Afirma que não conseguiria pastorear os atuais 280 membros sozinho. “Eu pastoreio pessoas que... me ajudam a pastorear essas outras pessoas e acompanhar as outras pessoas”.

Dos desafios que enfrenta no pastoreio, reconhece que o maior desafio atual é relativamente à questão doutrinária. “O nosso maior desafio atual é (...) que as pessoas não vão suportar mais a sã doutrina”. Aponta como outros desafios a ideia de um novo

modelo de família; um novo modelo de moral, um novo modelo de relacionamento; a ideologia de gênero; a ideia do casamento aberto; da homossexualidade; o adultério; a pornografia. “As pessoas estão querendo acreditar que existe uma liberdade fora da Bíblia”. Na sequência, apresenta sua inquietação e descontentamento com relação à “teologia da prosperidade”, porque acredita que ela promove uma ideia de “vida de faz-de-conta”, de que possuir bens e riquezas é resultado de uma fé vibrante.

Relativamente ao apoio da família no ministério, reforça que tem todo o apoio da família. Afirma que não sente nenhum tipo de pressão para ser o modelo de “uma família perfeita”, nem de igreja perfeita. “Eu sou o primeiro a chegar lá e falo ‘eu sou o mais pecador de todos aqui’, porque eu vou pregar uma coisa que provavelmente eu não estou vivendo, mas é o desafio da gente viver junto”. É costume em suas mensagens à comunidade, promover a desconstrução de mitos relativos a “igrejas perfeitas”; “famílias perfeitas”, de “vida perfeita”; de que “aqui a gente vai ser feliz (...) então, é... eu prego mui-to, muito aberto nisso”. Mas sabe que esse tipo de posicionamento contribuiu para que muitas pessoas abandonassem a igreja porque discordavam de suas mensagens.

## **5. Aspectos Psicológicos**

O aspecto psicológico para esse entrevistado apresenta uma particularidade em relação às outras entrevistas. Quinze dias antes do dia marcado para a realização da entrevista, o PR2 foi vítima de uma tentativa de assalto próximo à sua residência e acabou por ser agredido fisicamente. Teve algumas escoriações pela face, além de fraturas nos dentes. Por conta desse episódio, e considerando seu historial de doenças psicológicas, ele foi afastado das suas atividades pastorais, decisão esta tomada pela própria diretoria da igreja. A entrevista aconteceu dentro desse período de afastamento. Quando a temática dos aspectos psicológicos foi levantada, a entrevistadora apresentou a opção de não se falar no assunto, caso preferisse, deixando-o à vontade quanto ao que gostaria ou não de expor. A entrevista seguiu uma certa normalidade, apesar do entrevistado apresentar uma fala mais letárgica, e, em alguns momentos, tons mais nostálgicos. Mas tudo isso não apresentou prejuízos significativos para o desenvolvimento da entrevista.

Apesar de reconhecer os desafios que a contemporaneidade tem promovido na sua atividade pastoral, afirma que se sente plenamente realizado, porque tudo o que tinha planejado quando tinha os seus 20 anos de idade, hoje já estão concretizados. Tem uma família, tem o ministério, vive “uma vida tranquila, razoavelmente tranquila”. Não apontou especificamente áreas do pastorado que se considera mais competente e nem menos competente. Fez apenas uma análise da sua jornada: “Porque uma igreja que começa com duas pessoas e, e ela consegue avançar ao longo do tempo... é... sempre realizando batismo, sempre fazendo acompanhamentos né... sempre tendo pessoas novas; é, uma igreja que consegue manter as suas atividades, praticamente hoje, de segunda a segunda, essa igreja tem atividade. Então... é uma igreja que é... tem uma liderança coesa né”.

Por outro lado, reconhece que a questão da violência é um problema muito sério no Brasil. Ele próprio já viveu outras duas situações de agressão: uma vez em Campinas/ SP e outra em Goiânia. “Então... passei por esses gatilhos, é... de episódios mu-i-to negativos, mu-i-to ruins”. O primeiro episódio acabou por desencadear um processo de síndrome do pânico. Pouco tempo depois, sofreu um mal súbito, que resultou num TCE (trauma crânio encefálico). Esteve internado, foi acompanhado por um especialista e precisou fazer uso

de medicações por um determinado tempo. Por conta do último episódio, precisou retomar com o uso de medicamentos para depressão e síndrome do pânico.

Ao ser convidado a olhar para a sua própria realidade, enquanto pastor, e como se sente e o que pensa de si próprio enquanto pastor, num contexto social e cultural com rápidas transformações, respondeu assim: “É um desafio, viu, irmã. Um desafio muito grande”. Num outro momento da entrevista, faz a seguinte analogia: “hoje o referencial de pastor é um pastor consumista; é um pastor ganancioso; é um pastor de aparência e de fantasia, de sucesso. Eu, eu, eu não sigo isso. Eu sigo o Cristo Servo. Então, a gente ser fiel a isso é um grande desafio. (...) porque essas pessoas estão na televisão, estão em tudo quanto é lugar. Só pregando essas, essas coisas que... não dão certo, não são reais, não são verdadeiras”.

Sobre como conciliar vida pessoal, trabalho, família, lazer, cuidados com a saúde, tempo de devoção, estudos e desenvolvimento pessoal, reconhece ser um grande desafio, apesar de se considerar “muito certinho com as coisas”. Costuma acordar sempre às cinco horas da manhã para começar a realizar todas as coisas que precisam ser feitas. E normalmente acaba suas atividades por volta das dez e meia da noite. Afirmar ser “uma questão de disciplina, muita disciplina”. Então, dentro desse planejamento, procura cultivar bons momentos com a família, no cuidado com as filhas, nos atendimentos pastorais, enfim, procura encaixar tudo dentro dos horários, com organização, para assim cumprir com os compromissos. “Num é cem por cento também não”. Faz caminhadas matinais; faz *check-ups* anuais, e conta com dois amigos mais chegados para conversar, orar e manter “a vida emocional mais, mais inteira”. “Mas sempre, sempre tá em débito es/ essas três áreas aí, sempre vai ficar em débito. A família sempre vai ter um débito emocional.... a saúde também, e, e a vida emocional, sempre vai ter um... um débito. Num vai ter crédito aí não”.... Desabafa!

Quanto aos mecanismos de suporte em tempos difíceis, se tem pessoas próximas para conversar, afirma que tem uma boa equipe, apesar de não ser muita gente, mas reconhece que são boas. Procura fazer seu acompanhamento com os profissionais que já sabem do seu historial (psicólogo, psiquiatra, neurologista e cardiologista); leva à sério os *check-ups*; e as amizades que cultiva na jornada ministerial. “Não sou super-homem e estou sujeito a, a sit/ a esse tipo de situação. Quando eu percebo que já estou entrando em processo de alterações... emocionais... aí, eu já procuro”.

Ainda relativamente aos mecanismos de apoio que a igreja oferece, ou mesmo a própria convenção das igrejas batistas, especialmente nesse momento de seu afastamento, faz menção a um texto bíblico: “Salmos 23. O Senhor é o meu pastor e nada... me faltará”. Reconhece que desde que perdeu seu pai, aos 11 anos, precisou encarar a vida de outra forma e foi quando aprendeu que “Deus é quem nos guarda e quem nos sustenta... e a gente não pode terceirizar isso. A gente tem que ser responsável por todas as coisas. (...) a gente tem que aprender a ter a nossa reserva financeira; a gente tem que aprender a (...) num depender só única e exclusivamente do Senhor”. Quanto ao afeto e apoio emocional nesse momento de afastamento, afirma que o que ele gerou na igreja tem retornado a ele através de demonstrações que a própria comunidade tem dispensado a ele e sua família, com visitas, ligações telefônicas, e apoios diversos. Quanto à convenção, desabafa que “convenção.... Convenção é a gente... não existe isso... convenção? Eu faço parte... eu conheço várias, que estão com problemas, até piores... do que o meu”.

Como conciliar fé, cultura, modernidade; sagrado e profano? “Pra mim a vida é sagrada... abri os olhos, pra mim já é um milagre”. Faz menção a situações do dia-a-dia, coisas simples que lhe aconteceu para reforçar que a vida é sagrada, que tudo é sagrado. O seu desejo, enquanto pastor, enquanto cristão, é ser pleno em tudo o que faz, na demonstração do amor de Deus às pessoas. “Pra mim essa é a experiência do Cristo”.

## APÊNDICE E – ANÁLISE DE PERFIL – PR3

### 1. Dados Sócio-demográficos

**Idade:** 64 anos

**Gênero:** feminino

**Grau de Literacia:** pós-graduação

**Caracterização da Família:** marido, 2 filhos (ambos já são casados) e 1 neta (1 ano)

**Escolaridade do cônjuge:** superior completo

**Composição do agregado familiar:** marido (aposentado)

**Possui residência própria**

**Possui veículo próprio**

### 2. Biografia Pessoal

Nascida em lar “muito estabelecido”, é a terceira de quatro filhos. Os pais sempre se deram muito bem e tinham um casamento bem sólido. A mãe sempre fez questão de afirmar que eram “católicos, apostólicos romanos”. Desde pequena era levada à igreja e participou de todas as formações que a instituição estabelecia como sacramento. Conheceu seu marido com 15 anos. Foi seu primeiro namorado. Estão casados há 44 anos. Tem um casal de filhos, já adultos e independentes, e uma neta.

Quando jovem, sempre gostou muito de números. Era “muito prática e bastante enérgica, muito meticulosa nas coisas”. Fez licenciatura plena em matemática, em São Paulo, e foi funcionária pública concursada, pelo estado. Atuou como professora de física também. Nessa época, chegou a iniciar uma pós-graduação em desenho geométrico, mas não concluiu. Mudou de São Paulo para Curitiba, e acabou por perder seu vínculo com o serviço público. De Curitiba foi para o Rio de Janeiro, onde mora até hoje.

Diz que foi no Rio de Janeiro que teve “um encontro verdadeiro com Deus”. Sempre se considerou muito religiosa, “muito católica, rezadeira de terço” e participante ativa das missas na igreja. Relata que estava numa fase muito ruim de sua vida, “um período bastante estressante”, trabalhando sete dias na semana, e até 20 horas por dia. Foi quando recebeu o convite para ir num chá, numa associação conhecida mundialmente, ADHONEP – Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno – e lá ouviu o testemunho de uma pessoa que afirmou ter tido um encontro com Jesus. Naquele momento percebeu que era aquilo que ela queria para sua vida.

Reconhece que não era uma pessoa que gostava de ler, mas a partir desse ‘encontro’, passou a ter um contato muito grande com a Bíblia, “como um livro que... de regra, de prática e fé. E eu... ali aprendi a ter uma fé num Deus vivo que fala comigo sempre”. Afirma que ouviu um texto bíblico, um versículo inteiro, como se alguém estivesse a dizê-lo ao pé do ouvido. “Foi o primeiro versículo que eu guardei no coração, de cor mesmo, assim, com todo o entendimento possível, sabendo que Deus... ahh, tinha me chamado pra um, pra um novo tempo”.

Relata que, depois dessa experiência, as coisas na sua vida continuaram as mesmas, mas que ela é quem tinha mudado. Todo o estresse da casa, com filhos, com as lojas, tudo estava como antes, mas ela estava diferente. Aprendeu a conviver com aquilo, a ter mais

equilíbrio e mais calma. Pouco tempo antes de participar desse encontro, tinha quebrado três dentes numa crise nervosa, tamanho o estresse que vivia. A pessoa que a convidou era esposa de um pastor da igreja batista.

Passou a frequentar a igreja dessa amiga e esposa de pastor e ali teve oportunidade de aprender mais sobre a Bíblia. Elas se reuniam regularmente para um tempo de estudo e oração. “Ali eu aprendi muito; ela foi uma discipuladora muito, muito perseverante (...) e eu fui aprendendo com ela... diariamente”.

Ainda por um tempo, manteve as atividades profissionais, como proprietária de duas lojas de rebuçados, bombons, brinquedos e objetos para colecionadores. Só que, como comerciante, começou a ter um embate entre as coisas que acreditava serem corretas e aquilo que era prática comum no mercado, e que muitas vezes era forçada a fazer para “se dar bem”. Então percebeu que “não estava conseguindo compactuar com isso (...) vendi as minhas lojas e fui fazer o seminário”. Buscou o seminário com o intuito de aprender um pouco mais sobre a Bíblia. E foi, a partir daí, que desenvolveu o hábito de ler toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, todos os anos. Faz isso há 20 anos.

Durante todo o período do seminário, frequentou uma igreja batista. Sempre “ouvira... ahh, Deus falando que, o tanto que eu... que eu tinha que fazer para o reino”. Afirma que recebeu seu chamado nessa época, e quando concluiu o seminário, começou a dar aulas na escola dominical.

Ao ser interpelada sobre o fato de ter a hipótese de escolher dar aulas numa faculdade, ou no seminário, reconheceu que, por ter participado ativamente na igreja católica desde pequena, tinha muito claro a questão da autoridade espiritual. “Eu fui batizada, fiz crisma... é, casei na igreja católica... as coisas eram assim... muito visíveis que eu tinha que estar debaixo de uma autoridade espiritual, embora eu não entendesse naquela época. Mas, assim que eu, que eu conheci a palavra, eu sabia que eu tinha que precisa/, que precisaria estar debaixo de uma autoridade espiritual”.

Enquanto ainda frequentava a mesma igreja da sua amiga, teve oportunidade de conhecer o pastor da igreja atual. Chegou a ministrar uma palavra numa reunião de oração, quando percebeu que já era tempo de mudar de ‘casa’. Participou de uma celebração nessa igreja e, quando ouviu a mensagem que o pastor ministrou, entendeu que era ali que deveria ficar. “...foi uma palavra assim, muito forte que ele mesmo no domingo deu, dizendo que ele queria a... uma igreja relevante, ... e que se alguém estivesse disponível, disposto a, a fazer parte... eu só, senti aquilo como se fosse um convite de Deus pra mim. E eu vim. Conversei com o meu outro pastor... e me desvinculei da outra igreja e pa/, comecei a participar dessa”.

Iniciou suas atividades na atual igreja como auxiliar de professora da Escola Bíblica. Foi nessa época que resolveu fazer uma pós-graduação em Educação Religiosa no Seminário Batista do Sul. Trabalhou também na secretaria, na comissão administrativa, na organização de documentos e atas da instituição. Realizava estudos bíblicos com mulheres, individualmente ou em grupos, até o momento em que foi consagrada Ministra de Discipulado. Foi líder de grupos pequenos (as células) e, por último, foi consagrada “Pastora de Rede”. Função que exerce até hoje. Sua dedicação ao pastoreio é bastante intensa, até mais do que supostamente “deveria”, mas acaba por ser assim porque gosta muito do que faz. Faz parte do *Staff* da igreja, juntamente com outros cinco pastores de rede, e todos ligados diretamente ao pastor presidente.

A PR3 apresenta perfil bem dinâmico, enérgico e proativo. São claramente percebidos na dinâmica da entrevista e nas respostas às interpelações da entrevistadora. Faz sempre apontamentos das suas evoluções na instituição, procurando considerar numericamente cada avanço, ano a ano, bem como suas contribuições para a expansão da igreja como um todo. Afirma não ser muito “moderninha”. Se cobra muito naquilo que é dado a realizar, o que acaba por ser mais um peso. “Eu me sinto sobrecarregada (...) tarefa mandada pra mim é tarefa feita. Então fico bastante preocupada com isso. A cobrança é grande”. Faz atividade física regularmente (pelo menos duas vezes na semana), tem seu tempo de estudos e meditação bastante regrado, e é algo que faz porque deseja fazer. Há cerca de seis meses, iniciou na prática de medicina alternativa para ajudar a amenizar as tensões do exercício pastoral. Conta com o apoio incondicional do seu marido em tudo o que faz, e tem a filha, que é médica, como um grande apoio também em momentos de desafios e crises.

Considera o ministério pastoral como vocação e afirma com muita convicção que gostaria de não ter de depender financeiramente para fazê-lo. “Eu queria fazer como desde o início, voluntariamente vir e fazer aquilo que me dava o maior prazer, que era cuidar das pessoas, e não ter nenhuma responsabilidade maior”.

### **3. A instituição**

É uma igreja relativamente jovem, cerca de 20 anos de existência, e com uma liderança também jovem. Iniciou sua atividade através do investimento de um missionário norte-americano que idealizou a implantação de uma igreja batista num dos bairros mais novos da cidade do Rio de Janeiro. As reuniões aconteciam numa sala de aula de uma escola pública, depois na sala de um hotel, até adquirir sua primeira sede, uma casa, no mesmo bairro. A rápida expansão numérica acabou por forçar a aquisição de um novo espaço, um terreno com aproximadamente 10 mil metros quadrados, no mesmo bairro, porém num local mais residencial. Tem seu templo principal instalado numa estrutura de lona em forma de tenda (material similar ao de circos) com capacidade para aproximadamente 5000 pessoas sentadas por culto. São realizados duas celebrações principais aos domingos e uma às quartas-feiras, além de celebrações mais específicas ao longo da semana (culto jovem, terceira idade, adolescentes, de mulheres, de homens, etc.). O terreno também comporta um edifício administrativo, com os vários departamentos e salas de apoio às atividades que são disponibilizadas e realizadas na e para a comunidade; um restaurante, uma livraria, uma sala de oração e um amplo estacionamento.

Desde 2011 adota o modelo de crescimento e expansão através do discipulado e dos grupos pequenos, que são chamados de células. A estrutura de organização e acompanhamento das células é desempenhado pelos pastores de rede, pastores de distrito e supervisores que são levantados dentro da própria igreja. Esta visão de expansão inclui a plantação de igrejas filhas nas cidades marginais à capital do estado, e para além dela. Conta atualmente com mais de 12 mil membros na igreja sede, 14 igrejas filhas em cidades como Belo Horizonte, Vitória, Brasília, e as demais espalhadas pelo estado do Rio de Janeiro; e duas fora do Brasil: Vancouver e Orlando. É “uma empresa, a igreja é uma empresa, ainda mais hoje, (...) muito mais de 100 funcionários registrados”. A formação dos pastores de rede passa pela própria estrutura das redes, numa escalada ministerial, e

complementada pelo estudo formal no seminário (não obrigatório, mas implicitamente considerado necessário), sempre com a aprovação prévia do pastor presidente.

É gerida pelo pastor titular como presidente da igreja; uma diretoria e um conselho ministerial, e regida por uma assembleia. A estrutura organizacional é composta pelo pastor presidente; primeiro e segundo vice-presidentes; uma primeira e uma segunda secretária; um primeiro e um segundo tesoureiro; um conselho administrativo formado por membros da comunidade, e um conselho fiscal responsável pelo exame de contas. Também conta com uma estrutura administrativa à parte para gerir toda a estrutura operacional, desde a compra de insumos, recursos humanos; obras; canal de televisão, e assim por diante.

Está ligada à Convenção Batista Fluminense e à Convenção Batista Brasileira; Junta de Missões Nacionais e Junta de Missões Mundiais, com quem mantém estreita relação porque desde sempre investe no envio e manutenção de missionários por todo o mundo. A igreja possui um canal de televisão com transmissão em rede nacional, em parceria com a REDE TV; também possui um canal no YouTube, uma página na internet, no *FaceBook*, *Instagram*. As redes sociais são muito ativas e uma grande ferramenta de divulgação e disseminação das mensagens e da programação e eventos que são ofertados semanalmente.

É descrita como “muito bem visada na mídia” porque tem no seu rol de membros pessoas muito influentes nas várias esferas do poder e com ligações diretas junto à presidência da república. Tem uma ação social bastante relevante, não só na comunidade local, mas em todo o Estado do Rio de Janeiro, especialmente porque muitas das atividades são realizadas pelas células, de todas as igrejas filhas, e contam com o apoio da igreja central. Possui um centro de tratamento intensivo voltado às famílias da comunidade com oferta de atendimentos diversos, como psicólogos, psiquiatras, clínicos gerais, nutricionistas, aconselhamento jurídico e financeiro, além de cursos de formação pré-vestibular e de inglês, e práticas desportivas. Dentre as atividades que são desenvolvidas na comunidade, incluem atividades com a terceira idade, creches, asilos, trabalho com dependentes químicos e recolocação profissional de membros de comunidades carentes. Tem um ministério específico para motociclistas.

Sua participação musical é bem conhecida nas principais rádios da cidade, além de contar com um coral com mais de 50 vozes, e um grupo de teatro bastante dinâmico. Possui uma estrutura bem organizada para as atividades com crianças e jovens, desde os primeiros anos de vida até a adolescência, e também com a comunidade jovem, quem vai desde celebrações de cultos, festivais, acampamentos, retiros espirituais, jornadas bíblicas e reuniões em espaços públicos ao ar livre. O pastor presidente tem grande influência no meio político devido a sua proximidade com as autoridades, como governador, prefeito e com o próprio presidente da República. Há também vereadores, deputados e senadores que tem acesso a ele e à própria igreja e que frequentam as celebrações comunitárias. Sua relação com outras comunidades é de cooperação e independência. Também promove mensalmente uma reunião para pastores de outras denominações onde compartilham parte da visão que tem desenvolvido ao longo dos últimos anos. É uma forma de apoiar outras comunidades que desejam aderir ao modelo de discipulado apostólico e de expansão.

#### **4. Relação Pastor e Comunidade**

A PR3 chegou quando a igreja ainda era pequena, foi o membro número 133. Iniciou sua atividade como professora auxiliar da escola bíblica; depois foi secretária por um bom tempo; ministra de discipulado; líder de célula; e por último Pastora de Rede. Reporta-se diretamente ao pastor presidente, a quem presta contas de todas as atividades que desenvolve em reuniões que acontecem semanalmente, de forma individual e também com os outros cinco pastores de rede.

Seu crescimento ministerial foi rápido e com grande visibilidade. Afirma que “a igreja batista, como um todo, não vê muito bem a mulher como pastora” e que a instituição conta com um grupo razoável de pastores que “fizeram concílio” pela Associação Batista, mas que nenhuma mulher teve a oportunidade de o fazer. “Nem eu so/, eu que fui a primeira mulher aqui a ser consagrada pastora... pelo, pela igreja. Então, e sou consagrada mas não, não, não passei pelo concílio”. Tinha o reconhecimento dos membros pelo trabalho pastoral mesmo antes de ser consagrada.

De início enfrentou grandes desafios para ser chamada de pastora. “De início, foi assim, bastante difícil porque a, as pessoas... a, tinham assim uma grande dificuldade de chamar a gente de pastora (...). Hoje tá, está bem natural. Às vezes ela (referindo-se a outras mulheres que desempenham atividades de liderança dentro da estrutura das redes) nem é consagrada pastora, uma, uma mulher aqui, e já, e... e já estão chamando. Por, pelo fato de estar pastoreando no sentido real da palavra, que é cuidar da vida, ela já tem...já já chamam de pastora... já tem o reconhecimento”. E finaliza afirmando que “hoje, nós somos seis pastores de rede, e... por enquanto só eu como mulher né. Sou a única mulher nesse, nesse meio aí... dos pastores... já todos eles são... de conf/, fe/, passaram por, pelo concílio”. Por outro lado, muitas vezes é procurada por esses mesmos parceiros de ministério para “desabafarem” suas angústias, pois sabem que serão ouvidos por ela. “Mesmo que eu não falar nada, vou orar... e eles sabem que pelo menos eles puderam... é... tirar o peso daquilo que estava no coração podendo falar comigo. Acho que esta parte eu tenho certeza que todos os pastores aqui me vêem como a, como um porto seguro pra poder falar alguma coisa”. Apesar de ter o reconhecimento social pelo trabalho que desenvolve, o fato de não ter o marido junto no ministério, já provocou vários embates com pessoas que não quiseram estar debaixo de sua “proteção espiritual”. “Por achar que, se eu num, num sei cuidar da minha família, (...) por eu ser só mulher, sem o marido junto. E... isso às vezes atrapalha”.

Especificamente sobre os desafios e dificuldades como líder, o principal problema que reconhece enfrentar, enquanto comunidade, é a questão da homossexualidade entre os jovens. “Difícil até de se falar porque... ah... parece-me que, quando a gente fala, nós estamos querendo combater o homossexualismo e... tanto de homem como de mulher. Mas, nós temos abraçado muito essas pessoas. Temos tido especificamente reuniões a respeito disso pra pais... ajudarem seus filhos nesse sentido”. E conclui que, aos poucos, a própria sociedade tem superado esse tipo de dificuldade.

Relativamente ao apoio da família no ministério, afirma que eles apoiam em tudo o que ela faz, mas que sentem falta porque ela dedica muito do seu tempo ao ministério. “Às vezes eu tenho que me policiar, porque, de... às vezes eu chego aqui sete e meia da manhã e quando é onze horas da noite eu ainda estou aqui, né. Quando eu vejo, já passou, já fiz

tudo, não fui em casa almoçar, tal”. Nos últimos tempos, tem aprendido a dizer “não” de vez em quando, porque sente-se desgastada emocional e fisicamente.

## **5. Aspectos Psicológicos**

Relativamente aos aspectos psicológicos, afirma sentir-se sobrecarregada, porque há muita cobrança para cumprir as metas que são estabelecidas pela liderança, e tem dias que ela própria se vê necessitada de um ombro pra se apoiar. Em situações como essa, procura conversar com as suas discípulas, porque tem assuntos que não consegue falar com o pastor presidente, que é o seu discipulador, e seu ‘chefe’. “Reclamar da minha, da minha posição aqui pro meu chefe, entre aspas, que seria o meu pastor, fica mais difícil, né. Então, porque na verdade, às vezes é coisa que, que ele mesmo falou eu, pra eu part/ compartilhar com ele fica um pouco mais difícil”. Sabe que não é o ideal, mas encara isso como uma oportunidade de ensinar a elas que o líder também é passível de fraquezas, e que “ninguém aqui é super-mulher, nem mulher maravilha. A gente também se adocece”. Ter adotado essa postura passou a ser um mecanismo de proteção, porque reconhece que já foi “mais prejudicada nesse sentido”. “Porque é muita pressão, dor de cabeça, essas coisas. E eu tenho melhorado bastante”. Também procurou na medicina alternativa desenvolver o equilíbrio, e pratica reflexoterapia há seis meses, o que tem ajudado muito nesse processo. O apoio do marido em todas as horas também é fundamental, ainda que ele não a acompanhe na igreja. “Meu marido me ajuda muito. Ainda que ele não venha aqui. Já em casa ele me ajuda muito. E, e ele percebe, nitidamente, quando eu estou bem e... quando eu não estou bem ele tenta me dar apoio”.

Agora, quando tem o desejo muito forte de conversar com alguém e que não tenha nenhuma ligação com a igreja, procura por uma irmã, uma missionária bastante conceituada no meio evangélico, com quem mantém uma amizade de longa data. “Só pode ser com ela sabe, pra... que não é ninguém da, do convívio, pra que num distorça algumas coisas, eu ainda faço com ela”. Sabe que é alguém que sempre pode contar para compartilhar e desabafar. E por fim, conta com a amizade da sua filha, que também é a sua médica, numa parceria que desenvolveram há alguns anos, de se encontrarem semanalmente para conversar e compartilhar dos desafios.

Como conciliar fé, cultura, modernidade; sagrado e profano, afirma que a Bíblia é a sua base. “O sagrado e o profano pra mim é bastante nítido. Já teve época em que eu achava que poderia ser assim... ‘ah, as coisas podem ser amenizadas’. Mas hoje eu vejo que não”. Sempre que conversa com alguém sobre temas polêmicos ou mais contemporâneos, procura colocar o que verdadeiramente é bíblico. “O que for algo que até a Bíblia deixa... ahh, dúvidas, eu não, não vou debater. Mas o que é ‘pau, pau; pedra é pedra’, eu creio que se a Bíblia falou, ela é verdadeiramente”. Sobre a modernidade, acredita que tem ajudado muito a realizar muitas coisas, mas também atrapalhado muito. Um exemplo é a própria tecnologia, que permite a comunicação com muitas pessoas ao mesmo tempo e em várias partes do mundo, mas ocupa uma boa parte do nosso tempo que poderia ser para produzir coisas mais relevantes. E conclui que “a modernidade ajuda, mas a gente tem que aprender que, a... as coisas de Deus, não mudam. Elas são eternas, né”.

## APÊNDICE F – ANÁLISE DE PERFIL – PR4

### 1. Dados Sócio-demográficos

**Idade:** 59 anos

**Gênero:** Masculino

**Grau de Literacia:** Mestrado em Teologia

**Caracterização da Família:** casado; 3 filhos (todos formados e casados); 4 netos

**Escolaridade do cônjuge:** professora, aposentada

**Composição do agregado familiar:** marido, esposa

**Possuem residência própria**

**Possui veículo próprio**

### 2. Biografia Pessoal

De família muito grande e tradicional do interior do Estado de Minas Gerais, seus pais eram católicos, assim como quase toda a família. Mas foi através de um tio bem distante, formado em medicina dentária, que teve seus primeiros contatos com a religião evangélica e com a igreja batista. Quando ainda era criança, esse tio pediu permissão aos seus pais para levar ele e seus irmãos mais velhos à uma igreja próxima. Depois seus pais mudaram de lá e esse tio saiu de cena. Foi só com dezessete anos que procurou uma igreja, sozinho, e começou a frequentar e se envolver. “Eu fui meio sozinho (...) esse tio que me levava à igreja quando criança, já saiu de cenário há muito tempo”.

Começou a frequentar a igreja sozinho, a participar das atividades e, então, tomou a decisão de se envolver completamente. “Dois anos depois de batizado, eu senti esse chamado e fui conversar com o meu pastor, pra poder receber orientações de como fazer”, porque era muito novo na época. Afirma que foi o primeiro de toda a sua família nesse cenário de vocacionado. Por não ter dois anos de batismo, precisou da intervenção do seu pastor para iniciar no seminário. Quanto terminou o ensino médio (secundário), foi estudar no Seminário Batista do Sul, no Rio de Janeiro. Estudou lá de 1980 à 1983, quando concluiu o bacharel, e emendou direto com o mestrado em Teologia. Afirma que foi aí que começou seu “envolvimento com a denominação”.

Ainda no Rio de Janeiro, trabalhou na Junta de Missões Nacionais assim que terminou o seminário, ainda fazendo o mestrado. Durante nove anos, passou por vários departamentos dessa organização. Depois seguiu para Minas Gerais e foi pastorear uma igreja numa cidade próxima de onde seus pais moravam. Ficou lá por cinco anos, até se transferir para a cidade de Goiânia. Em Goiânia, trabalhou na Convenção Batista Goiana por cinco anos.

Após esses quase 20 anos de experiência, decidiu tirar um período sabático, de seis meses, fora do país. Quando retornou, foi trabalhar na Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, e lá permaneceu por 10 anos. Conta que nesse período, muitos outros projetos aconteceram aí. Durante esse período, foi membro da igreja que pastoreia atualmente. “Portanto, ovelha... do pastor que me antecedeu”. De vez em quando, era convidado pelo pastor para pregar na igreja.

O PR4 apresenta perfil bastante dinâmico. Ele próprio se descreve como “mais objetivo”, “mais administrativo”, “mais didático”. Em outros momentos, diz ser “meio professor”, e reconhece que é “mais seco” e “mais razão”. Durante todo o desenvolvimento da entrevista, todos esses adjetivos puderam ser percebidos pela entrevistadora.

Quando foi abordada a temática da vocação e profissão, deixa evidente seu perfil didático, ao responder assim: “ah, teríamos que definir outra vez essas duas palavras, eu não tenho (...) crise com esses conceitos. Se você perguntar ‘essa é a sua profissão?’... é... bom, dependendo de como define a palavra profissão, eu diria ‘sim, essa é a minha profissão’. Mas se você perguntar ‘essa é a sua vocação?’, sim, esta é a minha vocação. Eu não tenho esta crise”. E continua sua explicação considerando que, se se definir “‘vocação’ como algo ministerial, e definir ‘profissão’ como algo que você trabalha para receber seu salário, então, eu diria ‘definitivamente a vocação’”.

Entende que o homem de Deus, o vocacionado, vive com um percentual muito baixo de busca pelo ganho financeiro, pela recompensa terrena. E que, quando se considera o salário, a busca pela recompensa financeira, o vocacionado tende sempre a considerar o ministério pastoral como vocação. E reforça essa afirmação, ao falar de si próprio, “porque eu quero é sentir que estou obedecendo a Deus, que eu estou cumprindo o meu sentido de vida, é, pra o que eu fui, eu vim a este mundo”. Reconhece que sua percepção é “muito próximo do que sente um bom professor, um bom policial, um bom, é, bombeiro, um bom médico. Uma boa mãe”. Tem a ver com o sentimento de ‘ter nascido para isso’. E a questão do salário, da recompensa financeira, considera ser algo secundário, de menor importância.

### **3. A instituição**

Fundada em 1949, na época com 52 membros, conta atualmente com 15 pastores, duas congregações filhas, que, juntas, somam 1468 membros ativos. A instituição analisada tem, atualmente, 701 membros. Tem Sistema Congregacional de Governo, e sua estrutura organizacional é formada pela assembleia geral, diretoria e presidência. Tem uma diretoria estatutária, corpo de diáconos um colegiado de pastores, e a prestação de contas é feita à Assembleia Geral da igreja.

A Diretoria é formada pelo pastor presidente; primeiro e segundo vice-presidente; primeira e segunda secretária; primeiro e segundo tesoureiro; um conselho administrativo e um conselho fiscal. Cooperar com a Associação Batista Paraibana Petropolitana; Convenção Batista Fluminense e a Convenção Batista Brasileira.

É uma igreja muito reconhecida na cidade, por ser uma igreja tradicional e também considerada uma igreja séria pela comunidade. Sua membresia é composta por “muitas pessoas, é... muito respeitadas na cidade. São membros da igreja: advogados, médicos dentistas, professores, empresários”. Possui uma folha de serviços significativa na comunidade, e por isso, conta com o carinho e respeito da comunidade e das outras igrejas da região. Reconhece que poderiam contribuir de uma forma mais efetiva e ampla em alguns setores da comunidade, porque está muito aberta a isso, mas entende que já atende bem. É uma igreja bem relacionada com os órgãos municipais, com a própria denominação e até com as outras igrejas da cidade. “Pelo menos eu sinto, que ela é tratada pelas outras

igrejas como se fosse uma espécie de igreja-mãe, né, é... muito, muito respeitada, tratada com muito carinho pelas outras igrejas; pela própria comunidade”.

E, apesar de ser uma igreja tradicional, é bastante atualizada. Está envolvida com as principais redes sociais, como *Instagram*, *FaceBook*, possui lista de transmissões pelo *WhatsApp*, e tem uma página na internet onde promove a divulgação dos eventos e das programações semanais. Ou seja, “aquilo que os membros é, manipulam, a igreja utiliza, né”. O Boletim informativo da igreja também já está em formato digital há sete anos. Não mais em formato impresso.

Esteve sem liderança pastoral de 2008 até 2010, devido ao falecimento do líder, até que o PR4 assumiu as funções da comunidade. É descrita como uma igreja amadurecida, que não vive de “altos e baixos” frequentes. Mesmo no período em que o país enfrentou uma grande crise financeira, a instituição manteve-se numa linha contínua de crescimento. Há alguns anos, enfrentou uma luta patrimonial bastante significativa, porque precisou adaptar sua estrutura física, até então antiga e desatualizada, às normas de segurança que os órgãos de controle e fiscalização exigiram. “Tivemos que criar um novo acesso; instalar um elevador (...) isso mexeu com, com a igreja”. Mas também tiveram grandes vitórias, e uma delas tem a ver com o crescimento continuado no número de membros. É descrita como uma igreja bastante relacional, muito calorosa e madura.

#### **4. Relação Pastor e Comunidade**

Nos 10 anos que ele foi diretor da Ordem dos Pastores Batistas, o atual pastor presidente era membro da comunidade, “portanto, ovelha”. Tinham uma relação muito amistosa, de carinho e respeito. De vez em quando, o PR4 era convidado para ministrar uma palavra à comunidade. O então pastor presidente faleceu em 2008. Dois anos depois, o PR4 assumiu o lugar dele. O processo de adaptação acabou por acontecer de uma forma bastante natural. “Não teve, assim, nenhuma grande necessidade de adaptação. Porque eu já era, já era, de algum modo já era da igreja, parte da igreja, e... então, quando eu fui convidado foi, mais ou menos, um processo meio natural”.

Mas, apesar desse processo “natural”, é sabido que toda mudança requer ajuste, mesmo que pequeno. E isso aconteceu. “Eu imagino que, toda vez que troca o pastor de uma igreja, acontecem... muitas... é, mudanças, por conta do estilo de cada um”. O pastor que o antecedeu era reconhecido por seu perfil acolhedor, carismático, piedoso. Era um homem bastante relacional, “mais coração”, “muito mais... mãe”. Já o PR4 tem um perfil mais objetivo, mais administrativo e didático. Se diz mais seco nas relações e mais racional nas decisões. “Mas isso, a igreja muito ma-du-ra, ela soube separar coisa de coisa e, então, não tivemos maiores dificuldades não, e... estamos já, comple/ vai completar... 10 anos já”. Em outro momento da entrevista acrescenta: “mudou o pastor, mudou o estilo”.

Especificamente sobre os pontos positivos e negativos na liderança, desde a sua chegada na comunidade, relata a crise financeira que o Brasil enfrentou nos últimos anos e que teve impacto direto na questão orçamentária da igreja; e também a luta patrimonial que vivenciaram para se adequarem às normas de segurança exigidas pelos órgãos responsáveis. Todas as decisões principais da comunidade são tomadas em colegiado, com base na democracia. Os relatórios são aprovados em assembleias, que acontecem mensalmente.

Diz não ter qualquer trauma ou qualquer dificuldade a relatar relativamente à sua atividade pastoral e familiar com a comunidade. Seus três filhos, todos casados, têm relação direta com pastores e familiares de pastores. Inclusive seu filho é pastor de uma das congregações da igreja. E diz que a igreja oferece mais do que ele mesmo imagina ser necessário.

Relativamente às suas competências no pastoreio, das áreas que considera mais desafiadora e as que se vê mais competente, destacou que o fato de ser “meio professor, didático, e lidar com a igreja como professor”, esforça-se para que todos cresçam, amadureçam, que “se tornem... melhores crentes, melhores cidadãos, melhores pessoas, melhores seres humanos; melhores pais; melhores filhos”. Então vê isso como o ponto melhor e positivo na sua liderança. O ponto “mais negativo” seria o fato de ser mais “seco” e não ser aquele tipo de líder que está sempre na casa das pessoas, tomando cafezinho, porque não tem esse estilo. “Então pode ser que eu não atenda essa parte mais, talvez do capricho, né... do do aconchego, né. Então... a, essa parte eu não, não consigo atender, imagino, perfeitamente”.

## **5. Aspectos Psicológicos**

Ao ser interpelado sobre como lida com a própria realidade, como pastor, na sociedade (se é valorizado ou não), afirma sentir-se bem, sentir-se pleno. Mas reconhece que enfrenta lutas e desafios, assim como qualquer profissional. Também sabe que tem lutas que são próprias do ministério, mas, por ter sido chamado por Deus para ser pastor, trata com certa naturalidade. “A semana passada eu tive que fazer quatro sepultamentos... então, e você diria, ‘poxa, isso é uma carga pesada, né’, e você sai dali e vai visitar um bebê que nasceu”. Não é fácil e nem tão simples essas questões. Por outro lado, sabe que isso tem a ver com treinamento, com experiência. “Com a experiência você vai lidando talvez um pouco melhor com, com essas situações que são, assim, tão conf/, confrontam você, né”.

Sobre conciliar fé e cultura, responde com muita franqueza que “não poderia chamar isso muito de conciliação, não”. Por ter sua própria fé, sua crença em Deus e na Bíblia como sendo a palavra de Deus, afirma que tudo o que não encontra abrigo nas suas convicções e “que não vem ao encontro desta fé, desses estatutos, desta palavra”, ele questiona. Ao invés de conciliar, sua postura é de diálogo. E reforça seu posicionamento ao dizer que “se um aspecto cultural vem de encontro ao que eu creio, então o aspecto cultural que precisa se ajustar. Então eu não tenho essa crise. Eu não vivo tentando conciliar. Eu vivo tentando dialogar. Agora conciliar não. A cultura, a, precisa ser ajustada a, ao meu conceito de fé, e não o contrário”. Parece arrogante? O PR4 diz que é convicção. “Eu sei no que estou crendo, e não tenho nada pra negociar não”.

Quanto ao sagrado e profano, se se enquadram nessa compreensão, diz acreditar que são conceitos mais usados na academia, porque para ele, pelo menos na sua vivência, no seu dia-a-dia, não faz esse tipo de separação. Acredita na “rotina do corpo, o respirar, o trabalhar”; dá o nome de “a dimensão do esforço”, porque é temporal e terreno, e onde muitos chamam de “não sagrado”. A parte do devocional, que envolve oração, Bíblia, igreja, também compreende como algo temporal e terreno, e chama de “a dimensão da devoção”. E, por último, considera uma terceira dimensão, que ele chama de “a dimensão do milagre, que é os céus vindo à terra”. Então, acredita que seu propósito de vida envolve essas três dimensões, de saber conciliar o esforço, a devoção e o milagre com o dia-a-dia.

“Eu quero lib/, lidar bem com a minha fé, o meu, o meu coração que crê, que teme, e quero ser um bom profissional, fazer as coisas bem-feitas; servir as pessoas que estão... ah, caminhando comigo nesse momento histórico”.

Quanto aos mecanismos de suporte e cuidado em tempos difíceis, a quem recorre quando se percebe necessitado de apoio? Inicia sua fala sugerindo à entrevistadora algo que tem ligação direta com a própria pesquisa. E faz afirmações bastante reveladoras. “Se eu pudesse... sugerir pra você aprofundar suas pesquisas, eu sugeriria este/ você dar uma atenção especial neste ponto. Este é, na minha leitura, lidando com pastores há tantos anos, o maior... o maior é, espaço de crise. Os pastores estão isolados. Então, eu consigo, eu tenho um colegiado de pastores, me reúno semanalmente com eles. Eu tenho um estilo co-le-gi-a-do de, de trabalhar e servir. Então, se eu vou produzir um texto, eu peço, eu compartilho o *link* do, do *Google Docs* pra várias pessoas pra eles ajudarem a construir a várias mãos. Então, este estilo colegiado, é, diria entre aspas, salva a minha pátria. Mas, infelizmente, os pastores estão muito sozinhos. Sozinhos nas decisões. Sozinhos na, nas lutas emocionais. Sozinhos nas questões financeiras. Sozinhos na, na liderança. Então, ah... esse é uma, essa é uma crise que os vocacionados estão enfrentando hoje, não só no Brasil, mas eu imagino que esse é um problema do nosso tempo. Ahh.. nós nunca estivemos tão interligados... a, acho que a humanidade nunca esteve tão interligada como está hoje, graças aos recursos, é, tecnológicos, especialmente a internet. Mas, talvez, nunca estivemos também tão isolados...”.

No seu caso em específico, afirma ser muito metódico. Então tira folga regularmente; tira férias do trabalho ministerial. Inclusive, na época da entrevista, já estava a preparar para o segundo sabático da sua carreira, no próximo ano, quando já caminha para mais vinte anos de ministério. “É, eu estou com gente muito enferma no hospital, mas mês que vem eu vou tirar férias. Eu consigo separar um pouco. Eu não, eu não mato as minhas férias porque tem membros da igreja sofrendo no hospital. Então, é... isso, um pouco é treinamento, um pouco é a graça de Deus, não é? E, e você tem que tocar”. Também diz ter uma rotina de devoção. Faz exercícios regularmente; cuida da alimentação. “Eu não teria o que apontar como dificuldade na questão, é, de, de rotina pessoal, de devoção pessoal, e... então, isso eu consigo harmonizar bem. Eu sei que é uma luta para muitos colegas meus. Eles sofrem muito com isso. Mas, n/, gra/, por uma felicidade muito grande, eu não tenho essa dificuldade”.

Ao revisitar o motivo da celebração do dia “7 de setembro” para o povo brasileiro, o Dia da Independência, onde tudo começou com um grito do imperador “independência ou morte”, o PR4 faz uma analogia com a realidade dos vocacionados, afirmando que, neste caso dos vocacionados, “Independência é morte”. E considera que “ou a gente ensina os vocacionados a interagirem, (...) ou a gente ensina os, os homens de Deus a ‘andarem com’, ou essa situação vai se agravar ainda mais. Tem, temos que ensinar os vocacionados a desenvolver um estilo de colegiado”.

Quando apresentado a temática da expansão do neopentecostalismo como um possível fator que contribui para o aumento dessa crise entre os vocacionados, o PR4 afirma que, não necessariamente, o pentecostalismo ou neopentecostalismo em si, “mas a multiplicação de igrejas”. Hoje, no Brasil, praticamente “você tem igreja em toda esquina. A multiplicação de igrejas tá fazendo um ?impacto? na forma como as pessoas lidam com a igreja. É um coisa que lembra um supermercado (...) as pessoas trocam de igreja com uma facilidade... e com uma frequência diferentes de como er/ ... do passado. Aquele conceito

de fi-de-li-da-de, é, foi, sofreu uma mutação”. E conclui que ele, já com quase 60 anos de idade e 36 anos de vida ministerial, enfrenta essas questões, digamos assim, um pouco assustado com tudo isso, “imagine os jovens pastores, com uma experiência menor ainda. Deve ser mais pesado para eles lidarem com isso, né”.

Sobre a questão da tecnologia, da modernidade, acredita que, com os recursos tecnológicos que temos hoje, as agendas pessoais “se tornaram mais estressadas”. Passamos a ter menos tempo, pois “estamos todos saturados de conteúdo”. Isso faz com que sintamos “menos, ou menor necessidade de estar com o outro”. Pelo fato de estarmos saciados de informações, de recursos, não nos sobra tempo para querer conversar com as pessoas.

Finaliza sua conversa com a entrevistadora reforçando sua recomendação. “Se puder, como disse e sugeri, investigue esse assunto do, do isolamento do dos vocacionados, porque aí tem. Hoje você escuta falar, por exemplo,... com uma frequência maior do que do passado, de suicídio”.

E conclui trazendo a temática da capacitação como uma forma de mitigar esses efeitos. Considera que o avanço da crise envolvendo os vocacionados, que “uma boa parte disso é falta de capacitação. Então, essa é outra crise que nós vivemos. O pastor, ele... ele precisa ser prefeito, professor, pai, mãe, empresário... é... político, é... marqueteiro. Ele tem, ele tem que ser... um monte de coisa, ele não tem capacitação (...). Então, a capacitação do vocacionado é outro ponto que vale a pena investir”.